Ataliba Nogueira

António Conselheiro e Canudos

atlas

ANTÓNIO CONSELHEIRO
E
CANUDOS





EDITORA ATLAS S.A.
Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)
Tel.: (011) 221-9144 (PABX)
01203-904 São Paulo (SP)

ATALIBA NOGUEIRA

ANTÓNIO CONSELHEIRO E CANUDOS

Revisão histórica

A obra manuscrita de
António Conselheiro e que pertenceu a
Euclides da Cunha

Terceira Edição

acrescida de cartas e capítulo sobre
a economia na vida dos canudenses

EDIÇÃO COMEMORATIVA

Centenário de Canudos
(1897 - 1997)

SÃO PAULO
EDITORA ATLAS S.A. - 1997

© 1997 by EDITORA ATLAS S.A.

Rua Conselheiro Nébias, 1384 (Campos Elísios)
01203-904 - São Paulo (SP)
Tel.: (011) 221-9144 (PABX)

As duas primeiras edições deste livro foram publicadas pela Editora Nacional. O livro pertencia à Coleção Brasiliana sob o nº 355.

ISBN 85-224-1665-6

Impresso no Brasil/*Printed in Brazil*

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme Decreto nº 1.825, de 20 de dezembro de 1907.

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS - É proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação dos direitos de autor (Lei nº 5.988/73) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Capa: Roberto de Castro Polisel

Composição: Lino-Jato S/C Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nogueira, José Carlos de Ataliba

António Conselheiro e Canudos : revisão histórica / Ataliba Nogueira - 3. ed. - São Paulo : Atlas, 1997.

"A obra manuscrita de António Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha acrescida de cartas e apêndice sobre a economia na vida dos canudenses."

Edição comemorativa - Centenário de Canudos (1897-1997)

ISBN 85-224-1665-6

1. Brasil - História - Guerra de Canudos, 1896-1997 2. Conselheiro, António, 1828-1897 3. Cunha, Euclides da, 1866-1909. I. Título

97-0670 CDD-981.0521

Índices para catálogo sistemático:

1. Campanha de Canudos : Brasil : História 981.0521
2. Canudos : Guerra : Brasil : História 981.0521
3. Guerra de Canudos : Brasil : História 981.0521
4. Rebelião de Canudos : Brasil : História 981.0521

ÍNDICE

Sobre este livro, 7
Uma notícia sobre o autor, um paulista importante, 9
Cartas ao Autor a propósito da obra, 11

I

INTRODUÇÃO, 17

II

AUTENTICIDADE, AUTORIA E CONTEÚDO DA OBRA, 35

III

PRÉDICAS E DISCURSOS DE ANTÓNIO CONSELHEIRO, 63

Parte Primeira, 63
As dores de Maria, 65
Parte Segunda, 113
Os Dez Mandamentos da lei de Deus, 115
Parte Terceira, 155
Textos extraídos da Sagrada Escritura, 157
Parte Quarta, 169
Prédicas de circunstância e discursos, 171

IV

A ECONOMIA NA VIDA DOS CANUDENSES, 199

Principais obras de Ataliba Nogueira, 217

SOBRE ESTE LIVRO

Este livro apresenta, de forma inédita, parte substancial da obra escrita por António Vicente Mendes Maciel, o António Conselheiro. Traz a transcrição de um volume de prédicas escritas pelo Conselheiro, que foi encontrado a 5 de outubro de 1897 pelo médico da expedição militar que derrotou Canudos. Esse volume foi oferecido a Afrânio Peixoto, que o passou a Euclides da Cunha, na esperança de vê-lo lido e avaliado pelo autor de "Os Sertões". A obra andou desaparecida desde então, vindo a ser localizada novamente num "sebo", muitos anos depois, pelo presidente da Academia Paulista de Letras, poeta Aristeu Seixas. Foi Seixas quem emprestou o manuscrito ao meu avô, que já estava estudando os acontecimentos de Canudos, para que ele o analisasse. Depois de fotografado e analisado o manuscrito foi devolvido ao poeta, vindo a se perder novamente, com o seu falecimento. Existe um segundo volume de manuscritos do Conselheiro, com textos diferentes, que meu avô chegou a examinar. Ele foi localizado em 1972, pelos familiares do senador baiano Aloísio de Carvalho e oferecido ao historiador baiano José Calasans, que provavelmente ainda o mantém em seu poder.

Antes de publicados na forma de livro, os estudos do meu avô foram apresentados por ele em conferência feita em 1973 no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Foram publicadas duas edições deste livro, já que logo depois da publicação da primeira surgiram novos dados, que permitiram, inclusive, que meu avô preparasse o anexo sobre a economia da região de Canudos, expressiva contribuição para a compreensão adequada da situação da região na época dos acontecimentos. Em particular, seu trabalho demonstrou que a região tinha na criação de cabras uma importante fonte de renda e que a exportação das peles de cabra ao exterior sugeria um grau razoavelmente elevado de organização da sociedade local, ao contrário do que sempre se acreditou.

Tudo indica que meu avô escolheu como linha diretriz de sua pesquisa histórica resgatar vultos pouco conhecidos ou mesmo difamados injustamente na nossa história. Foi assim com o livro "Um inventor brasileiro", em que relata os esforços do paraibano Francisco João de Azevedo que inventou a máquina de escrever, apresentando-a na Exposição Nacional no Rio de Janeiro em 1861. É também o caso de António Conselheiro, objeto deste livro.

Não apenas na época de Canudos, mas ao longo das décadas seguintes, António Conselheiro era tido como um fanático ignorante e revoltoso, uma verdadeira ameaça à estabilidade do governo. A pesquisa apresentada neste livro, no entanto, mostra um António Conselheiro piedoso, líder natural de um povo abandonado pelas autoridades e que se organiza de maneira convincente para garantir sua própria subsistência. Mostra o Conselheiro religioso e conhecedor dos ensinamentos religiosos, uma pessoa de inegável nível cultural, como se nota pela qualidade da sua caligrafia. Um Conselheiro muito diferente daquele pintado por pessoas que não o conheceram

bem, mas a quem um líder religioso numa vila fora de circulação poderia representar uma ameaça.

Esta edição do livro procura preservar as características básicas do trabalho do meu avô: o texto, as cópias do manuscrito, as preciosas notas explicativas e a correspondência que ele recebeu de amigos muito especiais: Américo Jacobina Lacombe, presidente do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e diretor da Coleção Brasiliana, da Companhia Editora Nacional; Pedro Calmon, um dos maiores historiadores brasileiros e Luis Vianna Filho, filho do governador da Bahia na ocasião da campanha de Canudos e ele mesmo governador do Estado na década de 70.

Está sendo publicada exatamente 100 anos depois da campanha de Canudos, como uma comemoração do evento e como uma homenagem ao meu avô, que se dedicou com tanta paixão a conhecer a verdade sobre António Conselheiro. Estamos assistindo a uma série de iniciativas para resgatar a idéia de Canudos neste seu centenário, incluindo a revisão das versões oficiais, inclusive com o inédito reconhecimento pelo Exército, de que houve um massacre dos prisioneiros e indefesos* Está planejada a implantação do Parque de Canudos, no local onde as ruínas da igreja Nova, construída por António Conselheiro, estão expostas por causa do esvaziamento do açude de Cocorobó.

* Jornal *O Estado S. Paulo*, 4 de agosto de 1996.

UMA NOTÍCIA SOBRE O AUTOR, UM PAULISTA IMPORTANTE

O autor deste livro era meu avô, um paulista que muito contribuiu para a formação da nossa gente. José Carlos de Ataliba Nogueira nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, a 29 de maio de 1901, filho da primeira família a se instalar na região.[1] Sua antepassada Angela Isabel Nogueira do Prado, filha do madeirense Tomé Rodrigues Nogueira do Ó, que chegou ao Brasil antes de 1710 e de Maria Leme do Prado, descendente dos pioneiros João do Prado e Pedro Leme, chegados a São Paulo ainda no século XVI, casou-se com o português Domingos Teixeira Vilela em 1732 e foi se instalar em Campinas, ainda em 1774, depois de residir em Baependi, Carrancas e Aiuruoca.

Meu avô era neto do Barão de Ataliba Nogueira, campineiro ilustre que fundou e dirigiu a Companhia Mogiana de Estradas de Ferro e possuiu extensas terras na região de Campinas. Seus outros antepassados tiveram estreita ligação com a história e a evolução da cidade de São Paulo, e entre eles estão Amador Bueno da Veiga,[2] Anhangüera, Pedro Taques, Jerônimo da Veiga, Cunha Gago, Fernão Dias Paes, Antonio Bicudo e João Ramalho. Suas origens remontam às trinta famílias tradicionais da fundação de São Paulo.[3]

Meu avô cursou a Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e a Faculdade de Filosofia de São Bento, agregada à Universidade de Louvain, Bélgica e atualmente integrada na Pontifície Universidade Católica de São Paulo. Atuou como advogado por mais de 40 anos na praça de São Paulo e teve intensa ligação com sua profissão, tanto na formação de novos profissionais como professor da Faculdade de Direito, como na qualidade de Conselheiro do Instituto dos Advogados de São Paulo e da Academia Paulista de Direito. Foi Professor catedrático de Direito Constitucional e, mais tarde, quando da reformulação do curso de Direito, de Teoria Geral do Estado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde lecionou durante 34 anos, aposentando-se em 1971.

Orador inflamado, sempre voltado ao interesse das coisas de São Paulo, foi deputado à Assembléia Nacional Constituinte de 1946 e exerceu o mandato de deputado federal por São Paulo na primeira legislatura. Foi delegado do Brasil junto à Assembléia Geral das Nações Unidas e exerceu o cargo de secretário de Governo,

---

1. Pupo, Celso Maria de Mello – Campinas, seu berço e juventude, Academia Campinense de Letras,1969.
2. Leite, Aureliano – O cabo-mor dos paulistas na guerra com os Emboabas, Martins, 1942.
3. Dados pesquisados e coletados em Leme, Luiz Gonzaga da Silva – Genealogia Paulistana, Duprat & Co., 1903-5.

da Educação e da Justiça do governo do Estado de São Paulo, em diferentes oportunidades. Foi um dos fundadores e dos grandes incentivadores da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Desde 1915 colaborou na imprensa, ocupando cargos de jornalista, redator, colaborador e diretor de vários jornais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Foi fundador da Revista de Direito Público e diretor da Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo.

Conferencista requisitado, freqüentemente convidado para falar sobre assuntos técnicos jurídicos e históricos, publicou mais de 30 obras e foi membro dos Institutos Históricos e Geográficos Brasileiro, de São Paulo, Bahia, Sergipe e Paraíba. Foi membro da Academia Paulista de Letras (1960) e da Academia Campinense de Letras.

Meu avô sempre teve relação estreita com a hierarquia da Igreja, tanto na pessoa do bispo de Campinas, D. João Nery, que o educou, como no relacionamento duradouro e fraterno com o cardeal arcebispo de São Paulo, D. Carlos Carmelo de Vasconcellos Motta e com seu sucessor na arquidiocese de São Paulo, D. Agnelo Rossi. Sua atuação como parlamentar, professor e profissional sempre foi pautada pela defesa dos valores básicos da família e do caráter. A pesquisa do assunto referente a António Conselheiro teve início justamente por causa do seu interesse pela história e pela evolução da religiosidade do povo brasileiro. Foi agraciado pelo Papa com o título de grande oficial comendador com placa da Ordem do Santo Sepulcro. Entre outras condecorações, recebeu a Cruz de Mérito de Primeira Classe da Ordem Militar de Malta e os títulos de oficial da Ordem das Palmas Acadêmicas da República Francesa e de Comendador da Ordem de Leopoldo II do Reino da Bélgica.

Suas obras receberam diversos prêmios, entre os quais se destacam o Prêmio Jabuti e o da Academia Brasileira de Letras pela publicação do seu livro "António Conselheiro e Canudos". Seu livro de pesquisa histórica "Um inventor brasileiro", que relata os esforços do paraibano Francisco João de Azevedo que inventou a máquina de escrever, recebeu prêmio do governo do Estado.

Teve, do seu casamento com minha avó Alexandra Marcondes dos Santos, dois filhos e cinco filhas: José Carlos Junior e Geraldo Ataliba, Lóia, Tida, Toty, Ignez e Maria do Carmo. Foi o apoio decidido e generoso da família que possibilitou esta reedição do "António Conselheiro e Canudos", a melhor homenagem que poderíamos fazer ao Ataliba, no ano do centenário dos acontecimentos de Canudos.

José Ernesto Lima Gonçalves
São Paulo, janeiro de 1997

Rio de Janeiro, 30 de setembro de 1974.

Mestre Ataliba,

Agradeço-lhe muito a afetuosa remessa de seu António Conselheiro e Canudos. Formidável. Com a sua introdução lúcida e sábia aos escritos do monge, v. lhe refunde a imagem. A respeito dele, há duas épocas: antes e depois do livro de Ataliba Nogueira. Quantos têm estudado o homem e o episódio, são agora forçados a rever a idéia feita sobre o episódio e o homem. António Conselheiro ressurge afinal da condição miseranda para o plano respeitável a que v. o levantou. Pretendo dizer isso mesmo, em apreciação oportuna. Dou-lhe parabéns efusivos pela publicação. Nela imprimiu o selo do talento, que lhe distingue as obras, a mais disso, jovem, na elegância moça da prosa. Assim continue, para a alegria do companheiro, que o admira desde os bancos acadêmicos. (Agradeço-lhe também a recordação carinhosa.)

Pedro Calmon

Bahia, 13 de dezembro de 1974

Meu caro Ataliba Nogueira,

Estou acabando de ler o trabalho sobre o António Conselheiro, que teve a bondade de me enviar. Li-o de um trago, pois o assunto, pelo menos para mim, é desses que prendem do começo ao fim, principalmente quando comentado por pena de mestre, como é o seu caso.

Realmente Canudos foi o fruto do pavor do Arlindo Leoni, que durante toda a vida se fez notado pelo medo excessivo de várias cousas, inclusive do mar.Tanto que meu Pai, para puni-lo por causa de Canudos, o transferiu para uma Comarca do Sul do Estado, apenas acessível por mar, o que fez que ele deixasse a magistratura. Mas, quanto se pagou caro pelo erro inicial. Você reabilita o pobre Conselheiro,. dando-lhe a medida exata.

Você talvez saiba que as relações de meu Pai com o sogro do Euclides não eram as melhores, justamente por causa de problemas surgidos com Canudos. Aliás, quase todo o arquivo de meu Pai sobre Canudos perdeu-se em Cachoeira, em casa do Aristides Milton, por ocasião de uma enchente do Paraguaçu.

Meus parabéns e meus agradecimentos. Continue a bater no assunto, que é muito rico. E disponha do seu admirador e amigo ex corde,

Luiz Vianna Filho

Será a imagem de António Conselheiro fiel à realidade brasileira? Não deveríamos ver nele senão um desequilibrado ignorante, de palavras cáusticas, ou semelhante a um profeta de má capa, um provocador pernicioso? "Os sertões" de Euclides operam semelhante redução. Canudos torna-se assim o lugar onde se vive certa loucura coletiva que era preciso destruir por uma cirurgia militar violenta para dar fim a uma erupção que não se podia medir onde iria parar. Ora, pelo próprio valor do grande Euclides, essa é a visão que a história, tal e qual é ensinada entre nós, espalha.

Portanto, não teria chegado a hora de ir à fonte das fontes, e de se perguntar se a evocação euclidiana corresponde em tudo à realidade? Foi o que em primeiro lugar, entre nós, fez Ataliba Nogueira, inclinando-se sobre manuscritos pouco estudados habitualmente pelos nossos historiadores, que se limitam, sem mais, a ceder ao encanto indiscutível de "Os sertões", e não se preocupam de modo nenhum em proceder a uma crítica, no entanto, necessária. Sob o título *António Conselheiro e Canudos: revisão histórica*, Ataliba Nogueira publicou um estudo que merece a atenção de todos aqueles que se interessam por esse episódio, cuja importância é tal que Pedro Calmon escreveu que, a propósito da figura de António Conselheiro, "há duas épocas: antes e depois de Ataliba Nogueira". Fundamentando-se em documentos manuscritos incontestáveis, o autor refaz a figura do herói que fascinou Vargas Llosa. Ele restabelece a sua "inteireza moral, intelectual e física".

Aprende-se assim que o combate de ontem era o de hoje.

Aquilo que António Conselheiro combatia soa familiar aos nossos ouvidos: avidez fiscal, recusa de qualquer participação no nível dos lucros, propriedade privada abusiva e privilegiada. Dignidade da pessoa, justiça, liberdade, eram objeto de sistemática violação. Semelhante contexto encontrava, não um fanático semilouco, mas um homem que apelava para Deus, para Cristo, para o Evangelho, um pregador corajoso que devolvia a esperança que todos ao seu redor (homens e Natureza) pareciam recusar. Do estudo de Ataliba Nogueira sobressai, sem sombra de dúvida, que António Conselheiro não era senão o protagonista da luta necessária "contra as injustiças sociais e políticas".

Pe. Paul-Eugène Charbonneau, C.S.C. - 1984

Em 31 de outubro de 1973, o sócio J. C. de Ataliba Nogueira apresentou, ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, uma comunicação sensacional. Estava em seu poder um manuscrito de António Conselheiro, contendo uma série de prédicas por ele proferidas. Através desse documento seria possível uma análise do pensamento do misterioso chefe da povoação de Canudos. A propósito, o orador fez uma síntese do triste episódio de nossa história, chegando a conclusões bem diversas dos conceitos correntes.

É esse documento fundamental que constitui o núcleo do estudo divulgado (pela) coleção "Brasiliana" em 1974. Eis o pensamento autêntico, religioso, filosófico e político de António Conselheiro. Há outros documentos de valor que, sem tardança, deverão ser trazidos à coleção.

O professor Ataliba Nogueira deixou-se impressionar, como não poderia deixar de acontecer, com o depoimento tardio da figura central da grande tragédia. Jurista consumado e patriota sincero, sentiu que era imprescindível oferecer, ao mundo culto do país, esse texto.

É certo que o assunto deve ser submetido a amplo debate, iniciado, aliás, na própria sessão do Instituto em que se apresentou a comunicação. A distância do tempo já nos permite estudo mais sereno, capaz de levar-nos a uma compreensão ampla de um fenômeno que marcou tão profundamente a alma do País.

Fui testemunha da febre de curiosidade e de angústia pela busca da verdade

Eis aí uma obra sem a qual não é mais admissível dizer algo de plausível sobre o drama de Canudos e sua figura central, causando-me espécie o silêncio que tem descido sobre este livro, que, no dizer do insigne historiador Américo Jacobine Lacombe, representa uma contribuição fundamental para a revisão dos estereótipos que têm impedido a apreciação isenta da Guerra de Canudos.

Nesse livro, Ataliba Nogueira publica, pela primeira vez, a obra manuscrita de António Conselheiro, a qual pertenceu a Euclides da Cunha, precedendo-a de um estudo introdutivo, no qual, além de oferecer argumentos convincentes contra a tese da insânia e do fanatismo religioso e político atribuídos ao construtor de Belo Monte, analisa as suas prédicas. Com a competência, que todos lhe conhecemos no tocante à doutrina da Igreja Católica, declara o mestre paulista que esses escritos de devoção, embora de forma claudicante, não conflitam com as prédicas ortodoxas. Trata-se, concluiu Ataliba, de uma manifestação singela de fé, que "não há de agradar aos céticos e agnósticos".

Miguel Reale

(Publicado no *O Estado de S. Paulo* de 14 de dezembro de 1996)

I

INTRODUÇÃO

Sobem lentamente as águas na região de Cocorobó, na Bahia. Aos poucos vão inundando Canudos que, assim submersa, ficará apenas na história do Brasil.

A feliz e infeliz Belo Monte, uma das maiores cidades baianas no fim do século dezenove, não figura mais nos mapas. Com o seu fundador, Antônio Conselheiro, jaz no fundo da grande represa. Diríamos que é mais um açude, este agora enorme, com que ele brinda à sua gente.

Se é apenas a história que há de recordar Antônio Vicente Mendes Maciel, importa imergir naquelas águas todas as falsidades e distorções espalhadas, sem o menor espírito crítico, durante um século. A sua figura e a de todos os canudenses aparecerão em plena autenticidade, como realmente foram, purificadas naquelas águas lustrais, de todas as deformações propaladas pelos partidos políticos, pela meia-ciência, pelos propósitos inconfessáveis, pela forma literária imaginosa e sacrificadora da verdade. Reconhecemos que houve muita inconsciência em tudo isto. Mas as águas hão de tragar todas as desfigurações e fazer emergir a verdade para o juízo sereno dos pósteros.

O grande Rui, sentindo a injustiça, escreveu a primeira parte de um discurso para ser pronunciado no Senado, logo após a terminação da guerra de Canudos. Esboçou, longamente, a parte final. Não sabemos porque não terminou a sua redação nem porque o não proferiu. Deixou-o, porém, bem guardado entre os seus papéis. Seria um dos pontos máximos da sua eloqüência parlamentar e judiciária. Na verdade, andava ele afastado do Senado e em luta política com os seus colegas.

Transcrevemos aqui um dos trechos da sua oração, justamente quando afirma que os canudenses mortos ali estão olhando os senadores, das galerias, do anfiteatro, por detrás de suas próprias poltronas.

"Esse dever me fala ao espírito com a severidade dos deveres sagrados, que, preteridos pelos fracos, se guardam para a hora da conta, debruçando-se implacáveis à cabeceira dos agonizantes. Àqueles, por quem eu não pude, vivos, requerer o *habeas corpus*, isto é, a justiça, obrigam-me, mortos, a impetrá-lo de Deus para a

minha consciência, do país para o seu governo, do mundo civilizado para a nossa terra, porque a nossa terra, o nosso governo, a nossa consciência estão comprometidos: a nossa terra seria indigna da civilização contemporânea, o nosso governo indigno do país, e a minha consciência indigna da presença de Deus, se esses meus clientes não tivessem um advogado. Nunca este recinto conteve auditório igual. Os mortos pululam por entre os vivos: inclinam-se daquelas galerias, apinham-se em torno deste anfiteatro, encostam-se às nossas cadeiras, não se vêem, mas se ouvem, se sentem, como que se palpam. Vêm das caatingas do norte, dos campos devastados da guerra, das ruínas lavradas pelo fogo, dos destroços do petróleo e da dinamite; são desarmados, mulheres e crianças; mostram no colo o sulco da gravatá sinistra; mutilados, eviscerados, carbonizados, estão dizendo: Falai por nós, voz da Bahia, voz da justiça, voz da verdade. Falai por nós, legisladores brasileiros, que falais por vossas almas, por vossos filhos. Temei a expiação, com que Deus pune o egoísmo insensível à causa dos mortos. As iniqüidades que bradam nos céus recaem sobre a terra indiferente em chuva de iniqüidades. Separai a vossa sorte da sorte dos maus, ou a maldade será soberana, empestará o solo, e por mais de uma geração desencadeará sobre o povo o flagelo dos crimes que nos exterminam. Felizes os nossos companheiros, que morreram arrostando os leões; nós acabamos às garras das hienas. Somos as vítimas da boa-fé, a hecatombe da carniça."[1]

Ainda duas afirmações de Rui: "raça talhada para competir com as mais fortes da terra" e, apontando para o poder público, salienta os "caprichos de suprimir pela força a vontade do país".[2]

Claro é que temos de nos voltar para *Os Sertões*, obra-prima de Euclides da Cunha e da nossa literatura.

Embora com as marcas acentuadas do seu século e do seu meio, persiste a admiração pelo fino lavor literário, pela linguagem, pelo desenvolvimento do assunto, pela revelação de cultura.

Mas, não é só.

Deve-se a *Os Sertões* o merecido relevo dado à campanha de Canudos. Foi a sua obra que suscitou o estudo constante e dedicado da guerra e de outros fatos a ela ligados.

Mesmo os que se limitaram a repetir ou meramente comentar as afirmações de Euclides, tanto aqui quanto no estrangeiro, alimentaram vivo o assunto principal da sua obra. Alguns outros, muito poucos, foram além, ao penetrarem em investigações propiciadoras do conhecimento de novos fatos.

1. Rui Barbosa, *Terminação da Guerra de Canudos* (discurso não pronunciado), in *Obras Completas*. Rio, Ministério da Educação, vol. 24 (1897), tomo I, p. 301.
2. Idem, p. 303.

CRÍTICA A *OS SERTÕES*

Quando recebeu as provas do seu livro, Euclides foi a Campinas a fim de submetê-lo à crítica de Coelho Neto, àquele tempo lente de literatura no Ginásio Culto à Ciência. Aliás, o preciosismo vocabular e algo do seu estilo revelam a influência de Coelho Neto. Relata este último as peripécias das duas primeiras visitas, diríamos melhor do ensaio das visitas, que foram frustradas, a segunda das quais pela timidez de Euclides.[3]

Afinal, no dia seguinte, na residência do notável orador campineiro César Bierrenbach, amigo de ambos, Coelho Neto ouviu a leitura *d'Os Sertões,* das oito da noite às três horas da madrugada. Leram-nos, alternadamente, o próprio Euclides e César Bierrenbach.

A tudo assistiu o cientista campineiro José de Campos Novais.[4]

Este último foi, aliás, dos primeiros críticos da obra, crítica construtiva, apontando erros e lacunas, do mesmo passo que lhe não regateia elogios os mais rasgados.[5]

Decorridos três quartos de século da guerra de Canudos, já é possível o juízo histórico a respeito dos fatos e das pessoas nela envolvidas. Ou melhor, só agora se poderá fazer o histórico daquele acontecimento que abalou a opinião pública e as próprias instituições políticas. Para dar-lhe relevo, porém, é preciso que surja novo Euclides.

Impõe-se a revisão cabal dos fatos e das pessoas. Pesquisa paciente e longa. Urge investigação integral e profunda.[6]

Para os referidos estudos, o maior achado foi a obra manuscrita de autoria de António Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha.

Este ano, ao prefaciar excelente trabalho do escritor cearense Caio Porfírio Carneiro, adiantei a síntese do meu pensamento a respeito de António Conselheiro, que é o centro de toda a história de Canudos.[7]

---

3. Coelho Neto, *Livro de Prata.* S. Paulo, Livraria Liberdade, 1928, pp. 191 a 266. J. R. Amaral Lapa, *Coelho Neto em Campinas - 1901 a 1904,* in *Revista de História* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de S. Paulo, nº 43.
4. José de Campos Novais, *Campanha de Canudos por Euclides da Cunha,* in *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes,* Campinas, 1903, 31 de janeiro, ano II, pp. 45 a 55.
5. Idem, Ibidem.
6. Sobre certas fontes de Euclides, apareceu notável, recente e volumoso trabalho de Walnice Nogueira Galvão, *No calor da hora.* Estudo sobre a representação jornalística da guerra de Canudos - 4ª expedição. Tese de livre-doçência, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo (policopiado), 1972, vols. I, II e III. Cf. também a sua tese de doutoramento: Walnice Nogueira Galvão, *As formas do falso.* Estudo sobre a ambigüidade no *Grande sertão: veredas.* São Paulo, Editora Perspectiva, 1972.
7. *Uma luz no sertão.* São Paulo, Clube do Livro ed., 1973, p. 8.

RECAPITULAÇÃO HISTÓRICA

Antes da análise externa e interna desta obra inédita de António Conselheiro, convém fazer a súmula da sua vida. Para tanto, vou servir-me de Euclides e de outras fontes.

Nasce António Vicente Mendes Maciel na vila de Quixeramobim, província do Ceará, em 1828.

Lutas de sua família com outra eram fatos do passado, não atingiram sequer o seu pai, comerciante remediado e honrado, proprietário de algumas casas, na vila.

Coloca-o o pai na escola do professor Manuel António Ferreira Nobre. Estuda aí português, francês e latim.[8]

Quando contava vinte e sete anos, falece-lhe o pai. Requer em juízo o inventário dos seus bens, cujo acervo foi absorvido pelas dívidas. Como caixeiro que é do estabelecimento, assume a sua direção e toma conta das irmãs. Era órfão de mãe desde os seis anos de idade.

Em petição do próprio punho requer no inventário e obtém a anuência dos credores para a dilação do pagamento das dívidas, dando-lhes garantia hipotecária.

A 7 de janeiro de 1857, às 20 horas, contrai casamento na matriz de Santo Antônio de Quixeramobim.[9]

Neste mesmo ano liquida a casa comercial e passa a lecionar português, aritmética e geografia numa fazenda vizinha.

Tenta melhor sorte em Tamboril, depois em Campo Grande. Aqui é de novo caixeiro, mas, passado algum tempo, o dono fecha a casa de comércio e ele se vê outra vez desempregado.

Diz Euclides da Cunha que foi escrivão de paz e solicitador.[10] Na verdade milita no foro em Campo Grande e Ipu, principalmente em Ipu, como advogado provisionado.

Neste importante município de Ipu, sua mulher foge com João da Mata, furriel da força pública da província.

Daí por diante, muda inteiramente a vida de António Vicente Mendes Maciel.

---

8. Abelardo F. Montenegro, *António Conselheiro*, Fortaleza, Ceará, 1954, p. 11. Foram seus condiscípulos o major Eufrásio Nogueira, mais tarde delegado de polícia de Quixeramobim; João Brígido, historiador e jornalista cearense; um tal Tinoco também fora seu colega, segundo Gustavo Barroso.
9. Abelardo F. Montenegro, *op. cit.*, p. 12.
10. *Os Sertões*. Rio, Liv. F. Alves, 1945, 18ª ed., p. 161.

Desde que liquidara a casa comercial, foi ascendendo a profissões mais elevadas: escrivão, solicitador, advogado.

Desfeito, porém, o lar de modo tão oprobrioso, sua vida desdobra-se em duas fases. A primeira é a de instabilidade nos serviços a que se dedica e na contínua mudança de residência e de profissão, em numerosos municípios do centro e do sul da província. É até vendedor ambulante.

Tais circunstâncias tornam verossímil a suposição de que passou a procurar, por toda parte, a mulher e seu sedutor para vingar-se exemplarmente, tal o ódio aos traidores da sua confiança e maculadores do seu lar.

Não há outra explicação para a sua vida andeja. Sua presença é notada em muitos pontos do Ceará. Tudo, porém, em vão. Não os encontrou nunca.

Diz Euclides da Cunha que se passaram dez anos sem notícias suas.[11]

O certo é que ele precisa ganhar a vida de modo estável. É quando em certa localidade de Pernambuco se propõe erguer os muros e construir o cemitério.

Principia agora a segunda fase após aquele doloroso transe. Igual atividade desempenha em outros povoados. Comprovada a sua competência, passa a construir cemitérios, capelas e igrejas, com grande êxito. Euclides diz que suas igrejas são "sempre elegantes". É o adjetivo elogioso que emprega mais de uma vez.[12] Com relação à do Bom Jesus, diz "belíssima igreja que lá está".[13]

Euclides acrescenta que ele também construía açudes.[14]

Mister assim contínuo e em contato com o povo religioso, a pouco e pouco vai influindo em seu ânimo, até fazê-lo voltar à fé primitiva, a de sua formação espiritual.

Ao reabraçar o cristianismo, é exigência o perdão aos que lhe haviam feito tanto mal. Perdoa-os e esquece para sempre o passado.

Lentamente se vai engrossando o número dos que o auxiliam na construção de cemitérios e igrejas. Acompanham-no de arraial a arraial e de povoação a povoação.

Imbui-se de tal forma da nova concepção de vida, que executa aquela engenharia com alto espírito religioso. Sua aparência exemplar é de penitente, notada por todos que o têm na maior consideração. Não alimenta afeições humanas incompatíveis com a sua vida de peregrino, mas é estimado por quantos lêem a sinceridade em todos os seus atos.

Por tal forma a sua personalidade desperta a atenção geral que, confiantes, muitas pessoas lhe fazem confidências. Dele se aproximam para pedir-lhe conselho e as suas palavras lhes servem de lenitivo.

---

11. *Os Sertões*, pp. 161 e 162.
12. P. 168, 173.
13. P. 177. "Bom Jesus" arraial fundado pelo Conselheiro, chama-se hoje Crisópolis.
14. P. 226.

Passa a sofrer a desgraça alheia. Aos que guardam o ódio e a sede de vingança em seus corações, António Maciel, que tudo perdoara e tudo esquecera, com a maior sinceridade lhes desperta o espírito cristão e junto com o desgraçado recita as orações populares do *Pai nosso* e *Ave Maria*.

Acolhe com carinho principalmente as vítimas da politicagem infrene, do fisco voraz e das arbitrariedades policiais. Quantos, para tranqüilidade de espírito, enxergando as virtudes daquele homem, lhe pedem para ficar em sua companhia, trabalhando naquelas obras pias, em que se ganhava a vida de modo honesto. Passam a acompanhá-lo espontaneamente.

Personalidades baianas, durante a guerra, reuniram-se em Comitê Patriótico para proteger mulheres e crianças sem arrimo. Em seu *Relatório* consignam haverem encontrado em Queimadas e Alagoinhas, como frangalhos humanos, mulheres "de boas famílias".[15] "Em sua grande parte pertencem estas mulheres, assim como as crianças, a famílias de boa condição... Muitas delas traziam consigo somas de dinheiro e objetos de valor".[16] Referem o nome de "uma senhora de boa família do Rio Grande do Sul, para onde deseja regressar".[17]

Gente de todas as condições sociais acolhe-se ao grupo do Conselheiro. Basta ser de vida honrada.

De novo é notada a presença de António Vicente Mendes Maciel em muitos municípios, já agora acompanhado de numeroso grupo de auxiliares na construção de cemitérios e igrejas. Considerável o número de povoações em que não há sacerdote e de paróquias sem o pároco. Ele dirige as orações que o povo sempre costuma fazer às tardes. E suas prédicas são de grande fruto.

Aqui ou ali há oposição por parte de certos sacerdotes e de políticos, principalmente dos padres políticos. Ao contrário da maioria, estes não compreendem o benefício material e espiritual que traz ao povo a ação desse asceta, exemplo de virtude e operosidade.

Surgem daí os primeiros conflitos. E na sua raiz não reside apenas a incompreensão do ministério tão benéfico, mas também a inveja, o ciúme e a maldade.

É o caso da vila de Itapicuru de Cima, na província da Bahia, registrado até na célebre folhinha Laemmert, do Rio de Janeiro, em 1877.

António Vicente Mendes Maciel é preso ali e remetido para a capital. Acusam-no de assassino da mãe e da mulher. Até a cidade do Salvador sofre agressão de policiais e a imprensa açula o povo que o maltrata pelas ruas por onde é conduzido. Remetem-no preso para o Ceará, com ofício do chefe de polícia.

---

15. *Relatório do comitê patriótico* constituído na cidade do Salvador, in *Comércio de São Paulo*, da capital paulista, 23 e 27 de dezembro de 1897.
16. Idem, 24 de dezembro de 1897.
17. Idem, 25 de dezembro de 1897.

Resulta da averiguação que as acusações são fantasiosas: sua mãe morrera quando contava seis anos de idade; sua mulher está viva no Ceará. Dá-se o regresso à Bahia. Continua a percorrer os sertões seguro dos seus atos e amado do povo, do mesmo modo que o fizera em Pernambuco e Sergipe.

OS DESGRAÇADOS BUSCAM MENDES MACIEL

Vive a consolar, dar conselhos e orientar as miseráveis populações abandonadas e perseguidas pelo fisco e pelas autoridades. A maioria dos que se lhe chegam e lhe contam a sua revolta é de pequenos proprietários esbulhados do que era seu.

A rapacidade fiscal fundada, por antífrase, no *direito* do fisco. A exação com todo rigor. Não pretende parte nos lucros, mas tudo. Somente por ficção histórica e legal se pode falar em direito de propriedade privada, máxime a territorial. Com tal procedimento é também liquidado o trabalho, passa a haver falta de trabalho.

Aos exatores rapaces da fazenda pública se há de acrescentar a rapinagem e avidez de chefetes locais ou de soldados da polícia.

Vai-se assim o sossego do povo e é maculada a honra das pessoas. Tudo em detrimento da dignidade, da justiça, da liberdade, por vezes sem os violadores saírem da legalidade, como se o direito fosse só o editado pelo Estado ou outra pessoa pública. Legalidade e justiça não têm muitos pontos em comum.

António Maciel também reza com o povo e faz-lhe prédicas. Mas, as orações têm a sua hora e as prédicas o seu dia. Trabalho, todos os dias.

Não faz milagres nem os seus entusiastas admiradores lhe atribuem a prática de qualquer milagre. Não usurpa funções sacerdotais, nem de médicos, nem de farmacêuticos. Não é curandeiro. Não lhe chamam Bom Jesus. Não se inculca enviado de Deus. Não é profeta. Apenas prega a doutrina dos evangelhos e a da tradição da igreja católica romana. É pregador leigo como muitos outros da história da Igreja e como hoje é até recomendado pela Igreja.

Colocando-se ao lado do povo pobre e necessitado, espoliado e oprimido, António Conselheiro levanta contra si certas autoridades civis e religiosas. Na linguagem de Euclides da Cunha, "eclipsando autoridades locais, o penitente errante e humilde monopolizava o mando".[18]

Recebendo queixas de diversos padres, o arcebispo primaz da Bahia, d. Luís Antônio dos Santos, aos 16 de fevereiro de 1882, expede circular ao clero para que não tolere as prédicas do Conselheiro e evite a sua ação entre o povo.

18. P.169.

Das autoridades civis, principalmente o delegado de polícia de Itapicuru, em 1886, dirige longo ofício ao presidente da província.

No ano seguinte, 1887, de novo o arcebispo da Bahia pede providências ao presidente.

Como ninguém lhe apontasse a prática de fatos criminosos, o presidente da província toma a iniciativa de oficiar ao ministro do império, solicitando-lhe a internação de António Vicente Mendes Maciel no hospício de alienados do Rio de Janeiro. Mas o ministro não serviu de instrumento à perseguição e responde-lhe apenas que não há vaga.

PROPÕE-SE FUNDAR UMA CIDADE

Após a Proclamação da República, desgostoso, pois era monarquista, o Conselheiro prefere recolher-se a local tranqüilo em que lograsse a paz, atendendo também a que já é bem numeroso o grupo de pessoas que o acompanham na construção de cemitérios e igrejas. Não só os trabalhadores, como as suas famílias.

Escolhe para isto Canudos, antiga fazenda de criação, às margens do rio Vaza-Barris, abandonada completamente, sem viva alma. Além da sede, havia umas poucas casas.

Não busca a encosta, onde está a casa "grande" em ruínas; nem o píncaro a "cavaleiro dos assaltos". Não cogita de futura defesa. Procura o sítio para trabalho. A preferência é pelo vale do rio. O Vaza-Barris tem ali cem metros de largura. No estio, quando o leito é seco, há facilidade para as cacimbas.

Isto foi em 1893.

Instala ali o seu povo, centenas de pessoas. Constroem as suas casas, simples,

ser relegados, como foram, ou apenas trasladados nas partes que atacam o chefe e sua gente.

Diz Euclides que "o arraial crescia vertiginosamente, coalhando as colinas".[20] O barão de Jeremoabo, fazendeiro por aqueles lados, refere que alguns lugares da Bahia e "até de Sergipe ficaram desabitados, tal a aluvião de famílias que subiam para os Canudos".

César Zama, ilustre médico, famoso e culto escritor, deputado federal baiano, combativo, em 1899 escreve libelo virulento contra os que destruíram Canudos e, além de o destruírem, caluniaram o seu povo e o seu chefe.

"A guerra de Canudos - afirma César Zama - foi o requinte de perversidade humana... A justiça estadual não se ocupava dos habitantes daquele arraial. Contra eles não se havia instaurado processo algum. Nos cartórios do Estado nenhum deles tinha o seu nome no rol dos culpados.

"Nada de extraordinário se passava com António Conselheiro e aqueles que o acompanhavam.

"Ninguém ignora que gênero de vida levavam os canudenses: plantavam, colhiam, criavam, edificavam e rezavam.

"Rudes, ignorantes, fanáticos talvez pelo seu chefe, que reputavam santo, não se preocupavam absolutamente de política.

"António Conselheiro porém confessava-se monarquista. Era seu direito, direito sagrado, que ninguém poderia contestar num regime republicano democrático. Não há ato algum por sua parte ou dos seus que fizesse ao menos presumir que ele tentasse contra o governo da República."[21]

Mais adiante prossegue César Zama, no referido libelo publicado com pseudônimo:

"Era mais que anormal o que se passava na Bahia: uma população de mais de *vinte mil almas* defendia - *unguibus et rostris* - o seu direito de vida e propriedade."[22]

"O governo da União não se deu ao trabalho de inquirir de coisa alguma, esquecendo até o que devia à humanidade e às luzes do século."[23]

"Monstruoso atentado que a posteridade registrará como o mais negro borrão da nossa história."[24]

---

20. P. 184.
21. Wolsey, *Libelo republicano acompanhado de comentários sobre a campanha de Canudos*. Bahia, 1899, Tipografia do Diário da Bahia, pp. 22 a 24.
22. Idem, p. 29.
23. Idem, ibidem.
24. Idem, ibidem.

Ainda mais adiante, escreve César Zamba que se conseguiu "exterminar em um país, que tem pago a peso de ouro a imigração européia, uma povoação de cinco mil e duzentas casas habitadas por brasileiros que se *entregavam à indústria* agrícola e pastoril".[25]

"Canudos era a povoação mais numerosa talvez da Bahia, depois da capital.

"Pelo número das casas contadas depois do assalto e arrasamento, não será exagerado dizer-se – são palavras de Cézar Zama – que o número dos seus habitantes atingia a quase *vinte e cinco mil almas*.

"Nesse vasto recinto de sertanejos ignorantes e rudes não havia uma só casa de mulher pública. Em nosso clima e com os nossos costumes é fato quase inacreditável. Havia ali escola 'pública' e tal ou qual policiamento. Os delitos correcionais António Conselheiro os punia lá a seu modo. Os crimes graves ele os entregava às autoridades da comarca."[26] Comarca de Monte Santo.

"O característico da gente de Canudos (dizem os oficiais e soldados) era não tocar no alheio; matavam os adversários, apossavam-se das armas e munições que encontravam; mas dinheiro, jóias ou quaisquer outros objetos de valor ficavam com o morto.[27]

"Também não perseguiam os vencidos além da área que consideravam propriedade sua.

"Aquela povoação proporcionava ao Estado *pingue fonte de receita do imposto de exportação* sobre peles."[28]

Seria conveniente transcrever na íntegra a página 55, mas não é necessário.

César Zama não aceita a versão de que António Conselheiro fosse "desequilibrado, fanático".

"Nós o temos na conta de um crente, cujo espírito vivia em um sonho perene entre os labores da terra e as esperanças do céu: trabalhava, orava e predicava."[29]

Aquela gente havia encontrado a reparação ao seu passado sofredor: roubadas as suas propriedades, expulsos das suas terras pelo fisco, pelos policiais desalmados, pelas autoridades ou seus agentes arbitrários e maus, pelos políticos sem sentimentos humanos. Vítimas da brutalidade e do egoísmo encontraram a terra de Canaã, guiados pelo seu chefe, cuja palavra até então fora sempre um bom conselho.

---

25. Idem, p. 52.
26. Idem, p. 53
27. H. Duque-Estrada de Macedo Soares, *A guerra de Canudos*. Rio, 1959, Biblioteca do Exército, 2ª edição, Introdução do general Jonas Correia, p. 26 *in fine*.
28. Wolsey, *Libelo republicano acompanhado de comentários sobre a campanha de Canudos*. Bahia. 1899, Tipografia do Diário da Bahia, p. 54.
29. Idem, p. 57.

ABUSOS DOS PODEROSOS

Escreve o grande jornalista meu contemporâneo e antigo governador de Alagoas, Costa Rego: "Os abusos de autoridade se repetiam tão freqüentemente e foram de tal sorte estes abusos, que os sertanejos, por fim, temiam mais a polícia do que os bandidos."[30]

"A desconfiança da autoridade – escreve Pedro Calmon – que só aparecia para oprimir, com a polícia; para depredar, as correrias de mandões e bandoleiros; com o funcionário municipal para cobrar o imposto..."[31]

Ainda o mesmo grande historiador: "O Estado (da Bahia) aspirava à paz pública para desenvolver as suas poderosas forças econômicas. E, se não a gozou plenamente, por largo tempo, isso foi devido aos conflitos políticos, pessoais, partidários que, por longos anos, tiraram à sua vida administrativa fulgor e eficiência."[32]

E temiam os chefes políticos dos partidos em luta sórdida, inclusive quando sacerdotes.

Estava recolhendo dados a este respeito, quando leio na bibliografia do insigne Silvio Romero referência ao seu opúsculo *O Vampiro do Vaza-Barris,* 1895. O título e a data me convenceram de que se tratava de António Conselheiro e de Canudos. Era a época em que se cobria de insultos o Conselheiro. E Canudos demora numa longa curva do Vaza-Barris.

Verifiquei, porém, não se tratar de António Conselheiro, mas do vigário Olympio Campos, deputado federal por um dos partidos em luta (1895) e chefe da zona sergipana do Vaza-Barris. Silvio Romero alcunhara-o "Vampiro do Vaza-Barris", rio que também banha o Sergipe.

Um dos fatos narrados por Silvio Romero elucida bem a situação: "O agente do correio da Itabaianinha telegrafou pedindo garantias às autoridades federais. O alferes enviado para lá, ao chegar, comunicou aos seus superiores, narrando que o padre político já se havia retirado acompanhado de grande número de criminosos, depois de ter subtraído os livros da intendência (municipalidade), arrombado as portas e ter feito outros desatinos. A vila está em completo abandono". Acrescenta Silvio Romero que "as famílias viviam em sobressalto e as propriedades em perigo".[33]

---

30. Apud Funchal Garcia, *Do litoral ao sertão.* Rio, Biblioteca do Exército, ed. 1965, p. 134.
31. Pedro Calmon, *História do Brasil.* Rio, Liv. José Olympio, ed., 1963, 2ª edição, vol. VI, p. 2055, *in fine.*
32. Pedro Calmon, História da Bahia, 2ª edição. São Paulo, 1928, Melhoramentos, p. 189.
33. Silvio Romero, *O Vampiro do Vaza-Barris – Intermezzo* jornalístico em resposta ao vigário Olympio Campos – Complemento ao opúsculo "A verdade sobre o caso de Sergipe". Rio, Cia. Impressora, 1895. Consegui ler o exemplar que pertenceu ao autor e que me foi cedido por sua neta, a romancista Beatriz Sílvio Romero Porchat, residente em São Paulo.

Por esse mesmo ano de 1895, o governador do Estado da Bahia, Dr. Joaquim Manuel Rodrigues de Lima, entende-se com o arcebispo metropolitano para enviarem a Canudos o padre frei João Evangelista de Monte Marciano, missionário capuchinho italiano, com "a missão de fazer o Conselheiro tornar com a sua gente ao grêmio da Igreja e obediência às leis e autoridades do país".[34]

Permanecem em Canudos, de 13 a 21 de maio de 1895, frei Marciano e outro capuchinho, seu companheiro. Hospedam-se na casa que ali possui o vigário de Cumbe.

Logo no momento da apresentação, mostra-se desatinado o emissário, pois fala sem rebuço no seu objetivo e até que vai "aconselhar o povo a dispersar-se". Mesmo assim António Conselheiro facilita tudo para a pregação das missões. Reúne o povo em praça pública e todos os dias com ele assiste à missa, a outros atos e aos sermões.

Em seu longo relatório, faccioso e injusto, frei Marciano fornece-nos, entretanto, dados interessantes para restabelecermos a verdade.

Assim, ainda no começo, diz que ensinou àquela gente que "a Igreja condena as revoltas",[35] quando se sabe que não é esta a doutrina da Igreja. E quando sabiam os canudenses que a revolta republicana era recente, datava apenas de um lustro.

Refere os *vivas* que davam "à Santíssima Trindade, ao Bom Jesus, ao divino Espírito Santo e ao *António Conselheiro*". Não é verdadeira, portanto, a afirmação de que os canudenses chamavam *Bom Jesus* o seu chefe.[36]

Menciona frei Marciano: "Quanto a deveres e práticas religiosas, António Conselheiro não se arroga *nenhuma função sacerdotal.* "[37] "O velho vigário de Cumbe ali aparecia de quinze em quinze dias" informação que colho em Euclides da Cunha, que continua: "dizendo missa nas igrejas diante do próprio Conselheiro, que lhe permitia casar e batizar, obstando apenas os sermões".[38]

As missões foram pregadas a mais de seis mil pessoas (e em maior parte de gente de fora).[39]

---

34. Aristides Milton, *A campanha de Canudos*. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio, *Revista trimensal do Instituto,* 1902, tomo 63, parte II, p. 19.
35. Frei João Evangelista de Monte Marciano, *Relatório apresentado ao arcebispo da Bahia sobre António Conselheiro e seu séquito no arraial dos Canudos*. Bahia, 1895, Tipografia do *Correio de Notícias,* p. 4, coluna 2.
36. Op. cit., pp. 5 e 6 Euclides da Cunha, *Os Sertões,* cit., p. 187, 213, 221, 237 e 269. Verifique se a obra manuscrita do Conselheiro, p. 239, 314, 327, 537, 539, 540, 545, 546, 548, 551, 552; Alvim Martins Horcades, *Descrição de uma viagem a Canudos*. Bahia, 1899, lit. Tourinho, *apud* Gustavo Barroso, *O Cruzeiro,* 10-9-1955, p. 33.
37. Monte Marciano, *Relatório, cit.*, p.5.
38. Euclides da Cunha, *Canudos e inéditos*. Diário de uma expedição. São Paulo, 1967, Edições Melhoramentos, p. 79.
39. Monte Marciano, op. cit., p. 6.

Interrupções breves de alguns da assistência mostram que havia pessoas inteligentes e aptas a criticar com *procedência* a doutrina do frade.[40]

Houve sete dias de missão, sendo verdadeira provocação os temas desenvolvidos por frei Marciano, nos últimos dias, principalmente a propaganda do governo republicano e o dever de obediência às autoridades estaduais. Da parte dos canudenses muitos se irritam e exasperado também fica o pregador, dando por finda abruptamente a missão.[41] Em seu referido relatório usa expressões injuriosas contra eles.[42]

Teria obtido bom resultado, se a missão fosse apenas espiritual e as suas palavras de missionário moldadas nas do santo fundador da sua ordem, o humilde e doce São Francisco de Assis. É político num sentido e pouco político noutro. Erra redondamente na escolha dos temas finais e apresenta-se inflexível e sem amor, do primeiro ao último dia.

INÍCIO DA GUERRA DE CANUDOS

Tudo havia de desanuviar-se e Canudos terminaria bem, integrando-se um dia na vida do Estado, por obra do tempo, se não fosse a atitude leviana de certa pessoa.

Aqui e nesta pessoa é que encontramos o ponto crucial e o princípio dos males tremendos sobrevindos a Canudos, ao Exército Nacional, ao Estado da Bahia e ao Brasil.

Tudo, toda essa tragédia nacional é originada de "incidente desvalioso", como o qualifica Euclides da Cunha.[43]

Narremos os fatos.

Entre as primeiras edificações solidamente levantadas em Canudos e cobertas de telhas estava a igreja, obra de experimentado arquiteto em tais construções, António Conselheiro.

Com o rápido e considerável aumento da população já não abriga o grande número de fiéis que para ali afluem. No outro extremo da praça constrói-se novo templo, assim descrito por Euclides da Cunha: "Era retangular e vasto e pesado. As paredes-mestres espessas recordavam muralhas de reduto. Durante muito tempo

40. Idem, p. 6.
41. Idem, p. 7.
42. Idem, pp. 7 e 8.
43. Euclides da Cunha, *Os Sertões*, cit., p. 224.

teria esta feição anômala, antes que as duas torres muito altas, com ousadias de um *gótico* rude e imperfeito, o transfigurassem."[44] "Delineara-a o próprio Conselheiro. Velho arquiteto de igrejas, requintara no monumento que lhe cerraria a carreira."[45] A seguir, moteja da obra.

Encomenda toda a madeira para o telhado da igreja na cidade de Juazeiro, na Bahia, como o fizera de outra feita, em que fora despachada pelo rio de São Francisco abaixo, até Jacaré. Este local dista cem quilômetros de Juazeiro. Ali o Conselheiro espera a madeira, carregada daí até o arraial à cabeça dos canudenses.

Quanto a esta nova compra, espalha-se o boato de que o Conselheiro iria pessoalmente escolher a madeira.

"E como sucede com quase todos os boatos, este se foi avolumando de momento a momento, de modo que, dentro em pouco, a notícia se tinha transformado numa ameaça tremenda."[46]

"António Conselheiro iria invadir a cidade, ordenaria o saque geral ao comércio. Em seguida, tiraria vingança cabal do juiz de direito da comarca em virtude de fatos anteriores, acontecidos em outra comarca."

Na verdade o que havia era o seguinte: ao saber que, embora paga não era despachada a madeira por falta de quem a transportasse, o Conselheiro mandara avisar que iria buscá-la com a sua gente. Esta versão é mais plausível, mas também dava azo aos mesmos boatos tenebrosos.

Diz Aristides Milton que o coronel João Evangelista Pereira de Melo, comprador da madeira para Canudos e "outros cidadãos qualificados de Juazeiro não acreditavam nos boatos, que por toda parte circulavam".[47]

O certo é que o Dr. Arlindo Leoni, jovem juiz de direito de Juazeiro, precipitada e levianamente telegrafa ao governador da Bahia, a 29 de outubro de 1896, requisitando "enérgicas providências".

Agindo com prudência, o governador Luís Viana responde muito bem que "não podia mover força induzido por simples boatos".

Poucos dias depois, novo telegrama do Dr. Arlindo Leoni (4 de novembro), afirmando que "os bandidos" saíram de Canudos na véspera, em número de mil homens. "Pedro Serafim, que fora esperar os canudenses, nega intenções perversas, limitando-se à condução das tábuas". E termina o juiz: "Desânimo domina a população, apreensiva da possibilidade de invasão, antes da chegada de força".

44. Op. cit., p. 197.
45. Ibidem.
46. Aristides Milton, *A campanha de Canudos*, cit., p. 32.
47. Op. cit., p. 33.

Salienta Aristides Milton: "Das próprias palavras do telegrama se vê que o coronel João Evangelista parecia estar com a verdade, quando contestava o propósito sinistro, geralmente atribuído ao Conselheiro."[48]

Mas o governador estava longe e tinha o dever de acreditar no segundo telegrama da autoridade judiciária. Nem sabia que o juiz era faccioso, arrebatado e agia por medo infundado.

É enviada a força de cem praças do Exército, sob o comando do tenente Pires Ferreira, mas com a ordem de *ir ao encontro* dos canudenses, "a fim de evitar que eles invadissem a cidade". O comandante deveria proceder de acordo com o juiz de direito da comarca.[49] Tudo isso deturpa o que havia de ser feito e é o primeiro erro grave.

A 19 de novembro de 1896 a força acampa no arraial de Uauá, a 114 quilômetros de Canudos.

Tinham certeza de que a gente de Canudos vinha chegando àquele povoado, pois o Conselheiro, quando comunicou que iria buscar a madeira, *marcou a data da partida.*

Narra o próprio Euclides da Cunha que na madrugada de 21 se desenha no extremo da várzea o agrupamento dos canudenses. Um coro longínquo se faz ouvir, cantando os Kyries "em toada vagarosa, rezando. Parecia uma procissão de penitência... *chegavam com o dia e anunciavam-se de longe".*[50]

"Mas não tinham, ao primeiro lance de vistas, aparências guerreiras. Guiavam-nos símbolos de paz: a bandeira do Divino e, ladeando-a nos braços fortes de um crente possante, grande cruz da madeira, alta com um cruzeiro."[51]

Mais adiante: "alguns, como nas romarias piedosas, tinham às cabeças as pedras dos caminhos, e desfiavam rosários de coco".[52] "Eram muitos."

"A multidão aproximou-se, tudo o indica, até beirar a linha de sentinelas avançadas. E despertou-as."[53]

Toda esta descrição é d'*Os sertões*. Omitimos a passagem em que Euclides afirma que os *combatentes* de Canudos "se perdiam", ou melhor, se escondiam "no grosso dos fiéis". Omitimos também que as guardas avançadas do exército nacional, "extremunhando, surpresos, dispararam à toa as carabinas". Tais passagens são inverossímeis, são afirmações que não convencem.

---

48. Op. cit., p. 34.
49. Op. cit., p. 35.
50. *Euclides da Cunha,* Os sertões, cit., p. 232.
51. Idem, ibidem.
52. Idem, ibidem.
53. Idem, *in fine.*

Então eles que marcaram data para vir buscar a madeira; eles que vinham em procissão, rezando o rosário e cantando hinos religiosos, que chegavam já com a luz do sol, quando podiam escolher a noite, que não traziam armamento militar, mas, segundo Euclides, eram "combatentes armados de velhas espingardas, de chuços de vaqueiros, de foices e varapaus"[54] (tão inverossímil que se supôs serem bem armados pelos monarquistas!); que sabiam da chegada da força militar e tinham espiões em Uauá consoante o mesmo Euclides[55] – é possível que constituíssem força atacante, força que tomava a ofensiva?

Na verdade, as sentinelas avançadas, nervosas e apavoradas, foram afoitas e imprudentes ao atirar sem qualquer averiguação e sem ordem do comando. Estava longe ainda a procissão.

A resposta está no resultado:

"Os matutos conjuntos à roda dos símbolos sacrossantos, no largo (da vila), começaram de ser fuzilados em massa". Afirmação de Euclides, que continua: "Baquearam em grande número: e tornou-se-lhes a luta desigual a despeito da vantagem numérica. Batidos pelas armas de repetição, opunham *um disparo* de clavinote e cem tiros de Comblain."[56] E continua longa a descrição do grande estilista e ex-militar a mostrar, com vocabulário específico, o manejo moroso das armas grosseiras dos canudenses.[57]

Alude especialmente aos chuços, foices, facas, pedaços de paus e ferrão em riste, como armas da maioria.

E voltaram para Canudos, distante dali... quilômetros! Perderam mais de cento e cinqüenta companheiros mortos, fora os feridos, ao passo que o exército teve apenas dez mortos e dezesseis feridos.

Euclides acrescenta que também a força expedicionária fugiu, a marchas forçadas para Juazeiro: comandante e setenta homens válidos.[58]

PRUDENTE AÇÃO DO GOVERNADOR LUÍS VIANNA

A este melancólico final da primeira expedição refere-se mais tarde o governador Luís Vianna, procurando obstar a formação de novas forças. Eis as suas palavras, em cartas vazadas nos mesmos termos e dirigidas, respectivamente, ao Presidente da República e ao Ministro da Guerra: "Nova expedição projetada era

54. Op. cit., p. 232.
55. Op. cit., p. 231.
56. Op. cit., p. 233.
57. Op. cit., p. 233, *in fine*, e 234.
58. Op. cit., p. 235.

inteiramente desnecessária e talvez mais perigosa à ordem pública e ao bem-estar da zona que acudia do que o próprio António Conselheiro. Basta dizer a V. Exa. que a força que combateu em Uauá – ao partir daí, saqueou todo o povoado, havendo soldados que chegaram a Juazeiro com um e mais contos de réis e não contentes com isto incendiaram o povoado."[59]

Narra e comenta Aristides Milton: "Antes de se retirar, contudo, a força pusera fogo ao arraial, o que não se compadece, aliás, com a razão e a justiça. Porquanto, nem Uauá era habitado pela gente do Conselheiro, que ali estava apenas de pousada, nem que o fosse – nada acrescentava o brilho da diligência tamanho descomedimento, que até poderia prejudicar interesses de outros brasileiros, alheios inteiramente ao conflito. Nos tempos que correm, no estado atual da civilização, e perante os princípios do direito das gentes moderno, tais excessos não podem ser justificados, sobretudo tratando-se de guerra civil."[60]

OS MAL-INFORMADOS E APAIXONADOS

No Rio de Janeiro e dali para todo o Brasil, os jornais excitavam os republicanos com a notícia de que "os fanáticos do Conselheiro, com armamento modernissimo e abundante munição, comandados pelo conde d'Eu, pretendiam restaurar a monarquia"![61]

Não obstante este suposto "perigo", mesmo assim, se digladiavam as várias facções dos partidos republicanos. E o Conselheiro é que era o responsável pelo risco que corria a República!

Em plena guerra de Canudos, em conferência realizada na noite de 24 de maio de 1897, no Politeama Bahiano, Rui Barbosa não admite que o movimento seja pela restauração da monarquia. "Essa insimulação estólida, que encarnava em António Maciel as reivindicações do monarquismo, nunca se deu sequer ao trabalho de autorizar com a mais tênue sombra de prova o libelo, cuja ferocidade se cevou em chamas e sangue. Ninguém logrou, até hoje, precisar o mais leve indício de mescla restauradora nos sucessos de Canudos."[62]

---

59. Carta do governador Luís Vianna ao Presidente da República, Manuel Vitorino, e ao Ministro da Guerra general Dionísio Cerqueira, in Luís Viana Filho, *À margem d'Os Sertões*. Bahia, Livraria Progresso ed., 1960, p. 25.
60. Aristides Milton, *A campanha de Canudos*, cit, p. 35 e 36.
61. Walnice Nogueira Galvão, *No calor da hora*. Estudo sobre a representação jornalística na Guerra de Canudos. São Paulo, 1972, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, vols. I, II e III.
62. Rui Barbosa, *Obras completas*. Rio, 1952, Ministério da Educação, vol. 24, tomo I (1897). *Conferência proferida na Bahia* em 24 de maio de 1897, p. 68.

Passada a borrasca, o mesmo Rui arrepende-se de não haver impetrado *habeas corpus* em favor dos canudenses.[63]

Carlos de Laet exarou claramente o seu juízo: "Um grupo de sertanejos maltratados e espezinhados pela incúria do governo, acendeu no sertão baiano os da resistência à mão armada. Espalhou-se então que escasso milhar de revoltosos constituía legião inumerável de sebastianistas, sob a chefia do conde d'Eu! Gentil de Castro, no dizer desses infames caluniadores, para lá teria enviado dinheiro, bombas, artilharia e até oficiais aguerridos..."[64]

O que realmente houve foi a rumorosa dissidência no partido republicano, em quase todos os Estados. De lado a lado, em cada Estado, grandes nomes da propaganda da República se combatiam com virulência, recorrendo a todos os meios de luta. Eram republicanos contra republicanos, os que mais agitavam. Homens de cultura política pouco comum e de notável valor pessoal. Mas, apaixonados. "Dos círculos partidários dos Estados estendiam o fermento de revolta ou de defesa à política federal."

CONCLUSÕES

Chegamos às conclusões seguintes:

1. O que levou a gente do sertão a congregar-se em torno de António Conselheiro foram as injustiças sociais e políticas. Ou como disse Euclides: "A multidão aclamava-o representante natural de suas aspirações mais altas."[65]

2. O que originou o choque armado entre forças do exército e os canudenses foi a leviandade do juiz de direito Arlindo Leoni.

3. As sentinelas avançadas, em Uauá, atiraram sem razão, só movidas de pavor.

4. O que acendeu o facho da guerra e levou-a ao vulto que tomou foram as lutas partidárias entre os republicanos.

5. Os canudenses, sob a chefia de António Conselheiro, usaram do sagrado direito de legítima defesa de suas pessoas e bens.

Para o estudo que estamos fazendo não é necessário historiar e analisar as outras três expedições militares contra Canudos.

---

63. Rui Barbosa, *Obras completas*. Rio, 1952, vol. 24, tomo I (1897). Apêndice: *Terminação da guerra de Canudos* (Discurso não pronunciado), p. 301. Olímpio de Souza Andrade, *História e interpretação de Os Sertões*. São Paulo, Edart. 1966, 3ª ed., p. 144.
64. Ataliba Nogueira, "Centenário de Carlos de Laet". Rio, *Revista da Academia Brasileira de Letras*, vol. 74, p. 73.
65. *Os Sertões*, cit., p. 168.

II

AUTENTICIDADE, AUTORIA E CONTEÚDO DA OBRA

Passamos agora a comentar a obra manuscrita de António Conselheiro, e que pertenceu a Euclides da Cunha.

A obra é genuína, como podemos ler na página que precede à folha de rosto:

"No dia 5 de outubro de 1897, em que as tropas legais sob o comando do general Artur Oscar de Andrade Guimarães se assenhorearam vitoriosa e decisivamente do arraial de Canudos, dando busca no lugar denominado Santuário, em que morou o célebre António Conselheiro, foi este livro encontrado em uma velha caixa de madeira, por mim, que me achava como médico em comissão do governo estadual e que fiz parte da junta de peritos que no dia 6 exumou e reconheceu a identidade do cadáver do grande fanático.

"Submetido ao testemunho de muitos conselheiristas, este livro foi reconhecido ser o mesmo que, em vida, acompanhava nos últimos dias a António Maciel, o 'Conselheiro'. Bahia, março de 1898, João Pondé."[66]

Sem data, vem escrito, ainda antes da folha de rosto: "Este livro foi-me oferecido pelo meu amigo e companheiro de estudos João de Souza Pondé, que no 6º ano médico partiu para Canudos como cirurgião da expedição militar Artur Oscar (1897).

"Passo-o a Euclides da Cunha, na esperança de lhe informar alguma nota dos seus miríficos 'Sertões'. Afrânio Peixoto."

Afrânio ofereceu-o ao já consagrado autor d'*Os Sertões* poucos meses antes da morte de Euclides. Estava este às voltas com a nomeação para o Ginásio Pedro II

66. O Dr. João de Sousa Pondé (1874-1934), pertencente a uma das antigas e ilustres famílias da Bahia, nasceu na vila de Itapicuru de Cima, onde, ainda criança, beijou a mão de António Conselheiro. Ocupou elevados cargos. Foi professor da Faculdade de Medicina da Bahia. Deixou, além de outros, os seguintes filhos: professor Lafayette de Azevedo Pondé, da Faculdade de Direito e reitor da Universidade Federal da Bahia, ex-secretário de Estado e ex-presidente do Tribunal de Contas; professor Adriano de Azevedo Pondé, da Faculdade de Medicina e da Academia Baiana de Letras; Dr. João Pondé Filho, da Saúde Pública; general de divisão Francisco de Paula e Azevedo Pondé; vice-almirante Jaime de Azevedo Pondé e Regina Pondé Falcão, casada com o Dr. Pedro de Cerqueira Falcão, clínico em São Paulo. – O desembargador João Pondé Sobrinho, presidente do Tribunal de Justiça da Bahia.

e, certamente, remoendo o seu caso familiar. É provável que nem tenha lido sequer a primeira página do manuscrito, que apareceu num "sebo", muitos anos depois, sendo adquirido pelo poeta Aristeu Seixas, ilustre presidente da Academia Paulista de Letras.

O volume é encadernado, conta 628 páginas, numeradas e sem margem. Cada página com 14 linhas. Tinta preta, letra bela e sempre igual. Formato 10 x 14.

Diz a folha de rosto:

"A presente obra mandou subscrever
o peregrino

António Vicente Mendes Maciel
no povoado do

Belo Monte, província da Bahia
em 12 de janeiro de 1897."

A expressão "mandou subscrever" é característica da sua profunda humildade. Mas a caligrafia do texto e a assinatura são suas, as mesmas que se podem ver em duas cartas emolduradas e suspensas da parede, no Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. O texto destas cartas tem sido reproduzido alhures por alguns autores.

A obra manuscrita é autêntica e do punho do Conselheiro.

Por ocasião do inventário, em 1972, dos bens do meu saudoso amigo e colega, senador Aloísio de Carvalho, professor da Faculdade de Direito da Bahia, apareceu entre os livros da sua biblioteca outra obra manuscrita de António Vicente Mendes Maciel. Aspectos externo e interno idênticos. Mas as prédicas são outras.

A família fez doação da obra ao ilustre historiador José Calasans. Quanto ao manuscrito que pertenceu a Euclides da Cunha, é ele dividido em quatro partes:

PARTE PRIMEIRA

Tempestades que se levantam no coração de Maria.

Mistérios de Maria (na vida de Jesus) até página 223.

São 29 mistérios, cada qual objeto de uma prédica, dividida em três pontos cada uma. Evidentemente é a súmula para desenvolver em público.

PARTE SEGUNDA

Exposição sobre os dez mandamentos da lei de Deus. Até a página 424.

1º mandamento — 224
2º mandamento — 250
3º mandamento — 271

4º mandamento — 293
5º mandamento — 319
6º mandamento — 343
7º mandamento — 363
8º mandamento — 381
9º mandamento — 404
10º mandamento — 416
Advertência final — 425

PARTE TERCEIRA

Textos seletos (extraídos dos evangelhos). — 427 a 485.

PARTE QUARTA

Assuntos esparsos

486 — Sobre a cruz.
509 — Sobre a missa.
517 — Sobre a confissão.
529 — Sobre as maravilhas de Jesus.
531 — Construção e edificação do templo de Salomão.
537 — Sobre o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio, padroeiro de Belo Monte. Construída por ele. Seu Santo.
560 — Sobre a República.
Ler 567 e seguinte: Pedro III.
Ler 615, 618 e seguintes: Isabel.
624 — Despedida.

Façamos o índice da parte primeira:

1. Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do mistério da anunciação.

2. Sentimento de Maria por causa da pobreza em que se achava, por ocasião do nascimento de seu divino Filho.

3. Dor de Maria na circuncisão de seu Filho.

4. Humilhação de Maria no mistério da apresentação.

5. Dor de Maria na profecia de Simeão.

6. Dor de Maria por ocasião de sua fugida para o Egito.

7. Dor de Maria na morte dos inocentes.

8. Desolação de Maria durante o seu desterro do Egito.
9. Aflição de Maria na sua volta do Egito.
10. Dor de Maria na perda de seu Filho no Templo.
11. Sentimento de Maria na morte de seus pais.
12. Dor de Maria durante a vida particular de Jesus em Nazaré.
13. Sentimento de Maria quando seu Filho se retirou para o deserto.
14. Dor de Maria por causa das injúrias proferidas contra seu Filho.
15. Dor de Maria por ocasião da permissão que Jesus lhe pediu para suportar a morte.
16. Dor de Maria na prisão de seu Filho.
17. Dor de Maria na flagelação de seu Filho.
18. Dor de Maria quando seu Filho foi apresentado por Pilatos ao povo.
19. Dor de Maria encontrando seu Filho com a cruz aos ombros.
20. Dor de Maria na agonia de Jesus.
21. Dor de Maria quando os soldados repartiram entre si os vestidos de seu filho.
22. Compaixão de Maria na sede de seu Filho pregado na cruz.
23. Dor de Maria na agonia de Jesus.
24. Dor de Maria quando seu Filho lhe falou da cruz.
25. Martírio de Maria na morte de seu Filho.
26. Dor de Maria quando o lado de seu Filho foi aberto com uma lança.
27. Dor de Maria no descimento da Cruz e funeral do cadáver de seu Filho.
28. Dor da Senhora em sua soledade.
29. Maria, rainha dos mártires.

Euclides da Cunha descreve a indumentária de António Conselheiro, que nunca vestiu batina, mas usava túnica azul e amparava-se num bordão.

Recorda ainda Euclides que ele carregava às costas, quando em viagem, "um surrão de couro em que trazia papel, pena e tinta, a *Missão abreviada e as Horas marianas*".[67]

O ilustre historiador José Calasans ouviu de Pedrão, um dos principais auxiliares de António Vicente Mendes Maciel na administração de Belo Monte, que "o Conselheiro escrevia muito". E que escrevia bem é indiscutível, segundo testemunhos referidos pelo mesmo professor Calasans, de pessoas que compulsaram autos no foro do interior cearense, onde deixou "escritos registrados que o promotor de Tamboril e outros apreciaram".[68]

---

67. Euclides da Cunha, *Os Sertões*, cit., p. 164.
68. José Calasans, *O ciclo folclórico do Bom Jesus*, cit., p. 28.

PERFIL TRAÇADO POR EUCLIDES DA CUNHA

Antes de nos abeirarmos do juízo expendido pelo autor d'*Os Sertões* a respeito da oratória de António Vicente Mendes Maciel, vamos transcrever o retrato que nos deixou de tão marcante personalidade o notável estilista:

"António Conselheiro há vinte e dois anos, desde 1874, era famoso em todo o interior do norte e mesmo nas cidades do litoral até onde chegavam, entretecidos de exageros e quase lendários, os episódios mais interessantes da sua vida romanesca; dia a dia ampliara o domínio sobre as gentes sertanejas; vinha de uma peregrinação incomparável, de um quarto de século, por todos os recantos do sertão, onde deixara como enormes marcas, demarcando-lhes a passagem, as torres de dezenas de igrejas que construíra, fundara o arraial de Bom Jesus, quase uma cidade; de Chorrochó à Vila do Conde, de Itapicuru a Jeremoabo, não havia uma só vila ou lugarejo obscuro em que não contasse adeptos fervorosos, e não lhe devesse a reconstrução de um cemitério, a posse de um templo ou a dádiva providencial de um açude; insurgira-se desde muito, atrevidamente, contra a nova ordem política e pisara, impune, sobre as cinas dos editais das câmaras de cidades que invadira; destroçara completamente, em 1893, forte diligência policial, em Masseté, e fizera voltar outra, de 80 praças de linha, que seguira até Serrinha; em 1894, fora, no congresso estadual da Bahia, assunto de calorosa discussão na qual, impugnando a proposta de um deputado, chamando a atenção dos poderes públicos para a "parte dos sertões perturbada pelo indivíduo António Conselheiro", outros eleitos do povo, e entre eles um sacerdote, apresentaram-no como benemérito do qual os conselhos se modelavam pela ortodoxia cristã mais rígida; fizera voltar, abortícia, em 1895, a missão apostólica planeada pelo arcebispado baiano, e no relatório alarmante a propósito escrito por frei João Evangelista, afirmava o missionário a existência, em Canudos – excluídas as mulheres, as crianças, os velhos e os enfermos – de mil homens, mil homens *robustos* e destemerosos "armados até os dentes"; por fim, sabia-se que ele imperava sobre extensa zona dificultando o acesso à cidade em que se entocara, porque a dedicação dos seus sequazes era incondicional, e fora do círculo dos fiéis que o rodeavam havia, em toda a parte, a cumplicidade obrigatória dos que o temiam."[69]

Não me furtei à necessidade de sublinhar, no texto aqui trasladado, a menção de homens *robustos*. Foi esta mais uma benemerência do Conselheiro, a de dar a possibilidade de se alimentarem bem e viverem em paz os esfaimados nordestinos vítimas do fisco, das autoridades e dos soldados da polícia. E salientei isto porque, no geral, só aludem os escritores aos espectros humanos do término da guerra de um ano, sem explicar que não puderam trabalhar em todo este tempo, pouco se alimentavam e expenderam toda a energia na luta.

---

69. Euclides da Cunha, *Os Sertões*, cit., pp. 225 e 226; Carlos Dante de Morais, *Euclides da Cunha, homem trágico*, in *Revista Brasileira*. Rio, 1958. Academia Brasileira de Letras, ano IX, nº 21, pp. 162 e 166. Diz que "a interpretação de Euclides quanto à pessoa e à obra do evangelizador é cheia de contradições". Chega a assimilar Euclides e o Conselheiro, p. 178.

Compare, quem quiser, esta página de Euclides com outras d'*Os Sertões*.

Saliente-se, igualmente, que não menciona traço algum de política partidária. O Conselheiro não se serviu nunca dessa política, nem mesmo para beneficiar o povo (por isto é justamente o oposto da figura do padre Cícero, que foi eminente político no Ceará).[70]

CRÍTICA DE EUCLIDES ÀS PRÉDICAS

Quanto à oratória de António Vicente Mendes Maciel, Euclides da Cunha informa que teve em mãos alguns "pobres papéis" achados em casa de Canudos, depois de terminada a guerra. Tais papéis "registravam as prédicas de António Conselheiro; e, lendo-as, põe-se de manifesto quanto eram elas afinal inócuas, refletindo o turvamento intelectual de um infeliz. Porque o que nelas vibra em todas as linhas, é a mesma religiosidade difusa e incongruente, bem pouca significação política permitindo emprestar-se às tendências messiânicas expostas. O rebelado arremetia com a ordem constituída porque se lhe afigurava iminente o reino de delícias prometido".[71]

As fontes que o levam a esta crítica das prédicas do Conselheiro são "pobres papéis, em que a ortografia bárbara corria parelha com os mais ingênuos absurdos e a escrita irregular e feia parecia fotografar o pensamento torturado, eles resumiam a psicologia da luta".[72]

E também transcreve versos em quadrinhas, como se foram inspirados nas doutrinas do Conselheiro, mas que revelam a pena de escritores das capitais, que assim deturparam o pensamento claro do chefe do povo, para apresentar novidade aos curiosos. A começar da referência a Dom Sebastião, rei de Portugal, nome que o sertanejo jamais conheceu. E a terminar em palavras eruditas, alheias ao seu vocabulário.

Tais são as fontes de que se serve o grande Euclides.

A única explicação é a verdade: o autor d'*Os sertões* não conheceu nenhum manuscrito de António Conselheiro e muito menos a obra que passamos a analisar. Este livro pertenceu à sua biblioteca, mas a dádiva de Afrânio Peixoto[73] lhe foi feita nos últimos tormentosos meses de vida, em que toda a sua atenção estava voltada para o concurso no Ginásio Pedro II, a sua posterior e difícil nomeação para a cátedra e, ainda, preocupado com o drama familiar.

---

70. Caio Porfírio Carneiro, *Uma luz no sertão*. São Paulo, Clube do Livro, 1973, p. 110.
71. *Os sertões*, cit., p. 206.
72. *Os sertões*, cit., p. 206.
73. Carta de Afrânio Peixoto a Aristeo Seixas, datada de 20-1-1945.

FONTES E FORMA DAS PRÉDICAS

Se passarmos agora às fontes das pregações e discurso do Conselheiro, não é exato que os dois livros mencionados por Euclides como inseparáveis do orador e conduzidos no surrão de couro que levava às costas por toda parte[74] fossem o manancial da sua oratória.

Fizemos o confronto entre tais obras e o manuscrito do Conselheiro.

As *Horas Marianas* reúnem grande número de preces e outros atos de piedade. É devocionário. Nada mais.[75]

A *Missão abreviada* poderia fornecer-lhe uns poucos elementos, mas distribui as matérias de modo diferente e as desenvolve de outra maneira.[76]

Era corrente àquele tempo outra obra, *Práticas mandamentais,* cujo conteúdo é análogo às prédicas do Conselheiro, mas de arranjo e redação diferentes.[77]

Na *Missão abreviada,* diz o seu autor na "Advertência": "Em qualquer povoação deve haver um missionário (deixem-me assim dizer); este deve ser um sacerdote de bom exemplo e na falta dele qualquer homem ou mulher que saiba ler bem e duma vida exemplar...

"Enquanto o povo não acaba de chegar - prossegue a "Advertência" - vão se fazendo as visitas ao Santíssimo Sacramento e à Nossa Senhora..."

António Conselheiro, portanto, não usurpava funções que só cabiam ao clero. Seguia o ensino da "Advertência" acima transcrita, em livro de numerosas edições e aprovado pelo cardeal patriarca de Lisboa, pelo arcebispo primaz de Braga, pelo cardeal bispo do Porto e pelo bispo conde de Coimbra. Estava bem amparado, num tempo em que o apostolado dos leigos não havia cobrado a extensão que tem hoje.

---

74. *Os Sertões, cit.*, p. 164.
75. J. I. Roquete, *Novas horas marianas* ou ofício menor da SS. Virgem Maria Nossa Senhora e novo devocionário mui completo de orações e exercícios de Piedade. Paris-Lisboa, G. Aillaud & Cia. (1885).
76. Padre José Manuel Gonçalves Couto, *Missão abreviada e Apêndice.* Livro de grande utilidade para todas as pessoas e especialmente destinado para fazer a oração pública nas povoações. Porto, Livraria Popular Portuense, 15ª ed., 1900. A edição do Conselheiro era anterior.
77. Padre frei Manuel da Madre de Deus, *Práticas mandamentais* ou reflexões morais sobre os mandamentos da lei de Deus e os abusos que lhe são opostos, seguidas de outras práticas e missões sobre as principais festividades do ano e sobre outras matérias muito importantes para uso dos reverendos párocos, capelães, pregadores e para todas as pessoas que se quiserem aproveitar da sua leitura, pois vão compostas num estilo acomodado à capacidade de todos. Porto. Em casa de Cruz Coutinho editor, 3ª edição, 1871.

Para se aquilatar da genuinidade da doutrina das suas prédicas, o melhor é lê-las uma a uma. Absolutamente ortodoxas. São elas instrutivas e persuasivas.

Não são perfeitas. A forma por vezes claudicante; vários erros de linguagem despontam aqui e ali. É contudo escritor que transmite o seu pensamento, eleva o leitor, incute-lhe sentimentos bons e sentimentos religiosos. É piedoso.

Por certo não hão de agradar aos céticos e agnósticos. Quem não tem fé e é pleno de preconceitos só pode ler com enfado a obra manuscrita do Conselheiro e mesmo tresler até as passagens mais claras de quanto deixou escrito.

Mas também é exato que nela não hão de encontrar nenhuma das tolices ou crendices ou infantilidades que se lhe atribuem, baseados em simples "papeluchos de algum ouvinte ignorante".

É pena que Euclides haja dito que circundavam o Conselheiro "os erros de dois mil anos". Com isso não fazia outra coisa que exarar o seu juízo a respeito do cristianismo.[78]

AS CIÊNCIAS N'*OS SERTÕES*

Aliás, *Os Sertões* foram concebidos e escritos à luz de conclusões recentes e fugaces de uma pseudociência do século XIX. Os postulados desta "ciência" improvisada não resistiram à crítica do século XX. Geologia, biologia, botânica, geografia, meteorologia, sociologia, antropologia, etnologia, psicologia, psiquiatria, ciências médicas, história, criminologia, justiça social e outros ramos do saber viram a renovação completa dos seus postulados, neste século, com o desmentido de quanto afirmavam. O avanço científico, no nosso século, foi surpreendente e desmedido.[79]

A própria cultura militar de Euclides parece ignorar a guerrilha, conhecida entre nós desde os tempos dos holandeses. E isto não obstante o vocábulo figurar n'*Os Sertões*.[80]

---

78. *Os Sertões*, cit., p. 163.
79. João Etienne Filho, *Euclides da Cunha*. Rio, 1961, coleção *Nossos clássicos*, nº 54, apresentação, pp. 7 e 13, *in fine*.
80. Umberto Peregrino, *Euclides da Cunha e outros estudos*. Rio, 1968. Gráfica Record, principalmente o cap. II: *Os Sertões como história militar*, pp. 29 a 81. Cf. p. 77.
- Euclides estabelece estreita analogia entre os canudenses e os rebeldes da Vendéia, ao tempo da Revolução Francesa. Mas, àqueles brasileiros denomina-os fanáticos, bandidos etc.; aos franceses, "heróis intangíveis" porque uns e outros atacavam o exército e desapareciam no matagal. Euclides da Cunha, "A nossa Vendéia", in *Canudos e inéditos*. São Paulo, 1967. Edições Melhoramentos, p. 49.

Desde as primeiras críticas a *Os Sertões*, já se nota o conflito da "ciência nova" com a "ciência velha".[81]

Além disto, é freqüente o vezo, então como hoje, de para tudo e para todos buscar-se o símile estrangeiro. Àquele tempo havia o fanatismo pela Europa; hoje, o cenário estrangeiro ampliou-se. Para qualquer fato da História do Brasil ia-se buscar antecedente europeu e o símile para o pretendido cotejo. As pessoas eram imediatamente submetidas às medidas de lá. Obrigatório leito de Procusto! Nota-se, sem dificuldade, n'*Os Sertões*, que o seu culto autor procurara antes de tudo estudar os livros europeus cuja ciência pudesse aplicar ao caso de Canudos, do Conselheiro e demais vítimas da prepotência do meio social e político.

Vê-se nitidamente que buscou sempre encaixar protagonistas, atos e acontecimentos nos moldes apresentados nos livros europeus. A preocupação constante é o símile. E até o vocabulário estranho é algumas vezes repetido.

Em virtude dessa verdadeira montagem da personalidade do Conselheiro, que aliás Euclides já encontrara em outros – nas cátedras universitárias, nos jornais, revistas e até em documentos policiais – é que nos foi legada a figura do fanático, com a seqüela de dados "científicos" e descrição de situações, sintomas e manifestações "mórbidas". Afinal, insano e de doença hereditária, como não podia deixar de ser!

São as teorias dos médicos Henry Maudsley e Cesare Lombroso.

Impressionam, pois se valem do aparato científico do último quartel do século XIX.

No campo do direito penal, tiveram o mérito de arredar fórmulas e construções abstratas. Não há criminosos, mas perturbadores da ordem social portadores de taras.

Prescrevem o estudo da etiologia do delito, descobrindo-lhe as causas antropológicas (fisiológicas e psicológicas): hereditariedade, doenças, hábitos; e as causas sociais: ambiente, venenos sociais, conexão do crime com a miséria, com a organização econômica.

Preconizam largo programa, abrangendo desde a eugenia e a higiene até inteligente política educacional.

---

81. José de Campos Novais, *"Os Sertões* – Campanha de Canudos" – por Euclides da Cunha, in *Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes*. Campinas, 1903, ano II, nº 1 – 31 de janeiro – pp. 45 a 55; Aroldo de Azevedo, catedrático da Universidade de São Paulo, *"Os Sertões e a geografia"*, in Boletim Paulista de Geografia S. Paulo, 1950, nº 5, pp. 23 a 44. Rui Facó, *Cangaceiros e fanáticos*. Rio, Editora Civilização Brasileira, 1963, pp. 75 a 122; Jorge Bertolaso Stella. "Antônio Conselheiro, o místico de *Os Sertões*, in *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. S. Paulo, 1970, vol. 57, pp. 91 a 102; general João Pereira, *Notas à margem de um grande livro*. Contribuição para o estudo de *Os Sertões*. Rio, 2ª ed., 1954.

Com tais considerações, bebidas no realismo da vida, quando a escola clássica de direito penal jazia em pura abstração, a nova escola abriu as portas das prisões a muitos delinqüentes, fazendo-os recolher a hospitais e manicômios. Muitas vezes fez o psiquiatra e os especialistas substituírem o juiz, e demonstrou que este necessitava dos conhecimentos técnicos daqueles. E assim outras conseqüências lógicas e acertadas dos novos princípios.[82]

A escola positiva do direito penal, entretanto, exorbitou. Da pura experimentação passou à filosofia, construindo metafísica absurda. O exagero do fenomenismo materialista arrastou-a a erros os mais grosseiros e deploráveis. Afirmou que os criminosos e os gênios são doentes.

A generalização é o erro capital da doutrina, cujos primeiros expositores foram Lombroso, na Itália, e Maudsley, na Inglaterra. Verificada em grande número de casos a relação de necessidade, de causalidade entre patologia e delito, sentiram-se autorizados a generalizar, afirmando que a massa dos criminosos não é nem psicológica nem estruturalmente idêntica à massa dos homens socialmente honestos. A verificação assinada, embora freqüente, não deixa de ser excepcional, porque são anomalias. Averiguaram numerosos casos em que o comportamento anormal é determinado por anomalias estruturais ou funcionais. Depois, cometeram a maior violação das regras fundamentais do método positivo, pois erigiram em norma geral o caso particular e não souberam enxergar na vida humana os equivalentes físico-químicos ou biológicos, como também não souberam colher, na sua realidade, o fato psicológico.[83]

No congresso de direito penal, realizado em Genebra, em 1896, foi rejeitada quase unanimemente a teoria lombrosiana, que é idêntica à de Maudsley.

Considerando agora a degolação do cadáver de António Conselheiro e o transporte da sua cabeça para a Faculdade de Medicina da Bahia, vemos, pois, que o fato não passou de pura selvageria, apenas amparada por preconceito pseudocientífico.

Nina Rodrigues, ao proceder ao exame do seu crânio, não tem diante de si um homem vivo, real, completo. Concebia o homem como mecanismo, mas a realidade é que o homem não é mecanismo. No caso, o que analisa, é apenas parte dum cadáver.

Mas, é honesto. Ao cabo do minucioso exame, segundo os cânones da escola positiva, conclui assim: "O crânio de António Conselheiro não apresenta nenhuma anomalia que denunciasse traços de degenerescência".[84]

---

82. Ataliba Nogueira, *Medidas de segurança.* São Paulo, 1937. Saraiva & Cia. ed., p. 79.
83. Ataliba Nogueira, *Medidas de segurança,* cit., p. 36.
84. Nina Rodrigues, "A loucura das multidões", in *As coletividades anormais.* Rio, Civilização Brasileira, 1939, prefácio e notas de Artur Ramos, p. 131.

"É pois crânio normal".[85]

É lamentável que, a seguir, enveredasse por fatos sociais, estranhos à sua tarefa.[86]

Os trabalhos do professor da Faculdade de Medicina da Bahia são anteriores a *Os sertões*. Surge, entretanto, a grande obra de Euclides e, até hoje, raro foi aquele que conseguiu subtrair-se à influência de Euclides na exposição dos fatos e na sua análise antropológica. Para eles o Conselheiro e a sua gente constituem casos patológicos.[87]

---

85. Idem, p. 133. – "A cabeça foi separada, sendo-me o crânio oferecido pelo médico-chefe da expedição, major dr. Miranda Curio", ibidem. – Passou a "figurar" aos curiosos no laboratório de medicina legal da Bahia, até que o incêndio da Faculdade de Medicina, no início deste século, pôs fim à profanação dessa parte do cadáver de António Conselheiro.

86. A par de várias inverdades, pode ler-se entretanto, na referida obra: "O atestado da sua atividade (do Conselheiro) está escrito ao vivo... nos *inúmeros* cemitérios, capelas e igrejas que edificou" (p. 59).
"São todos acordes em confessar que na população que o seguia jamais consentiu ou patrocinou desmandos ou atentados contra a propriedade ou contra pessoas" (p. 60).
"António Conselheiro deixou a vila de Bom Jesus quase por ele edificada" e foi para "Canudos, reduto de difícil acesso e que em curto prazo António Conselheiro havia transformado de estância deserta e abandonada em vila florescente e *rica*" (p. 62).

87. *História do Exército Brasileiro* – perfil militar de um povo. Brasília e Rio, 1972, edição do Estado-Maior do Exército, v. 2, pp. 707 a 732; Octacílio de Carvalho Lopes, "*Os Sertões* – diagnose e denúncias", in *Revista da Academia Paulista de Letras*. São Paulo, 1967, nº 70, pp. 15 a 34; José Maria Belo, *História da República*, 1889-1954. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 6ª ed., 1969, pp. 146 a 153; José Calasans, *No tempo de António Conselheiro*. Bahia, Livraria Progresso ed., 1960, p. 47; Maria Isaura Pereira de Queiroz, *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo, Dominus Editora, 1965, pp. 203 a 219; Paulo Dantas, *Quem foi António Conselheiro?* Roteiro histórico e biográfico. São Paulo, 1966, Empresa Gráfica Carioca; Dante de Melo, *A verdade sobre Os Sertões* – análise reivindicatória da campanha de Canudos. Rio, 1958, Biblioteca do Exército; Dante de Melo, *Recolocando a verdade* – tréplica para-histórica. Rio, 1961, Biblioteca do Exército editora; Graham Cunningham e Robert Gallimgad Botine, A *Brazilian Mystic being the Life and Miracles of Antonio Conselheiro*. Londres, 1920, Steinemann; Antônio Barreto do Amaral, *Prudente de Morais*. São Paulo, Instituto Histórico e Geográfico, 1971, pp. 287 a 306; Ralph della Cava, "Brazilian Messianism and National Institutions: a Reappraisal of Canudos and Joaseiro". *The Hispanic American Historical Review*. Durham, Duke University, 1968, VIII, v. 48, nº 3, pp. 402 e 420; Mozart Monteiro, "Como se vem completando o que falta em *Os Sertões* sobre a campanha de Canudos", in *O Jornal*. Rio, 14 de janeiro de 1962; Cândido Mota Filho, "A força telúrica de Euclides da Cunha", in *Revista da Academia Paulista de Letras*. São Paulo, 1943, ano IV, nº 21, p 35; Múcio Leão, "Canudos", in *Jornal do Brasil*. Rio, 11 de março de 1939; José Aleixo Irmão, *Euclides da Cunha e o socialismo*. São José do Rio Pardo, Casa Euclidiana, 1960; Afonso Arinos, *Obra completa*. Organizada sob a direção de Afrânio Coutinho. Nota editorial por Afrânio Coutinho; *O sertanejo Afonso Arinos* por Afonso Arinos de Melo Franco. Rio, 1969, Instituto Nacional do Livro. Sob pseudônimo - Olívio Barros - Afonso Arinos publicou *Os jagunços* (São Paulo, 1898), romance referente à guerra de Canudos e incluído nesta *Obras Completas*. E numerosos artigos no *Comércio de São Paulo* (1897).

AS PRÉDICAS

Já nos referimos à divisão da sua obra em quatro partes e fizemos o índice dos assuntos tratados.

Para se formar juízo a respeito da sua oratória importa ler a íntegra dos seus trabalhos. Não basta saltear ou fazer "leitura dinâmica".

Vamos apresentar, porém, pequenos trechos, que corroboram quanto escrevemos em sua biografia.

Sobre a proibição de matar. Na prédica sobre o 5º mandamento, depois de falar da bondade de Cristo para com os seus inimigos e de ensinar o perdão e condenar a vingança, diz: "Não se deve proteger o assassino, que deve expiar o seu crime na cadeia para não sair dela, para servir de exemplo àqueles que o queiram imitar. Para que foi constituída a lei se não para garantir o direito do homem? Aquele porém que não quer sofrer injúrias por Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo exemplo deve imitar, então recorra à lei para punir aquele que lhe *(sic)* injuriou, porque só assim evitará de tirar a existência do próximo e arrancar tantas lágrimas de uma família".[88]

Ao comentar o 2º mandamento da lei de Deus, penetra no campo do direito e analisa o juramento e o depoimento das testemunhas em juízo: "...ao passo que é horroroso o procedimento daquele que nada sabendo da causa, nem de vista, nem de ouvir dizer, presta juramento falso, movido por respeito humano, por paga ou por qualquer consideração. Também é admissível o juramento por ouvir dizer; mas é preciso que a testemunha declare o nome da pessoa que referiu o caso em questão, de modo que penetre a fonte original da causa para ter o vosso depoimento valor em direito. Mas, se o vosso depoimento não for nestes princípios, de modo que esteja no véu da incerteza, dizendo simplesmente – eu sei por ouvir dizer que se deu o caso em questão – não declarando o nome da pessoa, nem minuciosamente o que tiver ocorrido sobre o objeto do juramento, não vale o vosso depoimento". E continua a expor a doutrina.[89]

Principia por estas considerações a sua prédica sobre o 7º mandamento: "Que ofensa terrível comete neste preceito aquele que furta qualquer coisa do próximo. Se a criatura considerasse na gravíssima responsabilidade de semelhante dano, nunca o havia de cometer. Se o primeiro passo dado pelo ladrão na carreira do crime fosse logo rigorosamente punido, a ponto de não sair da cadeia, não haviam de se ver tantas desgraças. Fujam deste pecado que é enorme. Para maior luz e inteligência deste sétimo mandamento vejam o que diz Santo Agostinho: que se não perdoa o

88. Obra manuscrita do Conselheiro, pp. 325 e 326.
89. Op. cit., pp. 251 e 55.

pecado sem se restituir o furto. Antes deve pedir (no caso de achar-vos sem meios de subsistência para vós e a vossa família) do que tirar a mínima coisa do próximo. Nosso Senhor Jesus Cristo diz no evangelho: Dá a todos que te pedirem (Luc., cap. 6, v. 30)". E prossegue António Conselheiro em muitas considerações de alto valor moral e prático.[90]

Sobre o 9º mandamento: "Quem se não quiser achar afligido de pensamentos desonestos, tenha os olhos castos e faça concerto com eles de não olhar o que lhe não é lícito desejar".[91]

Sobre a cruz: No discurso sobre a cruz, além de belíssimas e comoventes afirmações de cristão piedoso, o peregrino (como se denomina o conselheiro) recorda o sinal da cruz por todos os lados para o qual se volta o fiel e termina com a missa: "Estas bênçãos se vêem lançar os papas, cardeais, bispos e todas mais pessoas constituídas em dignidade eclesiástica, no fim da missa e mais cerimônias da Igreja".[92]

É com o maior respeito que alude ao sacerdote e às autoridades da religião. E aos atos litúrgicos.

Eis sobre a missa: "Se bem soubera um cristão o que lucra em assistir e ouvir missa todos os dias, deixaria os maiores negócios deste mundo para não lhe faltar tão grande bem espiritual".[93]

Sobre a confissão: "Não há coisa mais útil ao cristão nem indispensável para comungar dignamente, do que descer à sua consciência e escrutar com saudável severidade os seus tristes esconderijos".[94]

Nas prédicas e discursos do Conselheiro ou nas fontes lídimas que se referiram ao seu ensino, não se encontra a mínima alusão ao fim do mundo no expirar daquele século. Nem referência ao último ano do século, ligado ao algarismo nove que também impressionaria o Conselheiro. Tudo foi invento de escritores ávidos de sensacionalismo. Não há pavor do futuro para o homem de fé.[95]

---

90. Op. cit., 363 e 55.
91. Op. cit., 425. Com ausência de qualquer espírito crítico é que Euclides escreveu o que está n'*Os Sertões*, p. 192. E sem qualquer fonte histórica. Ele mesmo transcreve o doc. de página 174, em que se lê o contrário: "pregando ao povo doutrinas supersticiosas e uma *moral excessivamente rígida*". Cf. as suas prédicas sobre o 4º (família), 6º e 9º mandamentos da lei de Deus. Cf. César Zama (Wolsey), *Libelo republicano*, cit., pp. 22 a 24, 53; Nina Rodrigues, *A loucura das multidões*, cit., p. 60; cf. ainda muitos outros testemunhos.
92. Op. cit., p. 500.
93. Op. cit., p. 509.
94. Op. cit., p. 517.
95. Euclides da Cunha, *Os Sertões*, cit., p. 192; José Calasans e Abelardo F. Montenegro, nas obras citadas, passim.

FANÁTICO RELIGIOSO

Quem lhe conhece a vida e quem ler a sua obra não poderá repetir nunca a balela de que foi religioso fanático.

Humilde, penitente, operoso, piedoso, é apenas homem de fé.

Sua fé é esclarecida e sólida. E procura viver a sua fé. Espalha a boa doutrina e esforça-se para que outros a vivam sinceramente.

Nenhum fanatismo.

Na cerimônia do término da igreja de Santo Antônio, construída pelo Conselheiro com ajuda das esmolas e da mão-de-obra da boa gente de Belo Monte, de princípio ao fim só se refere a Nosso Senhor Jesus Cristo, aos textos bíblicos sobre a casa de Deus, desde a tenda levantada por Moisés até o templo de Salomão.

Poderia referir-se só e tão-somente ao santo do seu nome, ao seu protetor e orago da igreja e faria muito bem. Toma entretanto todo tempo do discurso com a instrução sobre a Casa de Deus.

Se da outra parte, da parte dos que o seguiam, havia fanáticos, o fanatismo era em relação à sua pessoa. Isto é a coisa mais comum, pois ele era chefe. O grande chefe suscita sempre, em todas as épocas e em todos os lugares, fanatismo em torno da sua pessoa. Tal fanatismo, porém, não é religioso.

Não é verdade que lhe atribuíam poderes sobrenaturais ou a prática de milagres. Onde há prova em contrário? A uniformidade com que repetem as afirmações enganadoras, embora venham de longa data, não dispensa a prova. É o mesmo que mostrar repetidas estampas da mesma chapa.[96]

Os seus nunca consideraram prodígio, maravilha divina, o armamento e abundância de munição que incrementaram a guerrilha. É que sabiam perfeitamente que provinham das expedições militares malogradas. O governo confessou o fato sinceramente.

Os canudenses tomaram ou silenciaram muitas peças de artilharia. E não no fizeram como ato de fanatismo. É que o canhão é poderosíssima arma de longe. Uma vez que o inimigo possa aproximar-se dele, já de perto é a mais fraca de todas. Precisa de defesa principalmente por parte da infantaria.

O guerrilheiro esconde-se na caatinga e procura aproximar-se do canhão pelos lados. Quando sabe que está a coberto do seu fogo, caça a sua guarnição em ataque frontal e de surpresa. Apodera-se do canhão.

---

96. Há somente prova "negativa", consoante o que nos fornece Euclides: "Terminamos o longo interrogatório inquirindo acerca dos milagres do Conselheiro. Não os conhece, não os viu nunca, nunca ouviu dizer que ele fazia milagres. E ao replicar um dos circunstantes que aquele declarava que o 'jagunço' morto em combate ressuscitaria – negou ainda". Euclides da Cunha, *Canudos e inéditos*. Diário de uma expedição etc. São Paulo, Edições Melhoramentos, 1967, p. 80.

FANÁTICO POLÍTICO

O tema da restauração da monarquia foi afastado desde o final da quarta expedição. Aliás, já referimos neste mesmo trabalho a opinião de homens de grande projeção social e política, negando qualquer ligação entre Canudos e a monarquia. Revidando ao exército com as armas que o próprio exército largava no campo da luta; não tendo chefes militares para o comando de guerra, faziam guerrilha, sob a direção de António Conselheiro e de seus auxiliares de categoria. Mostrou-se ele comandante inteligente, decidido e vitorioso quase até o final. Em sua chefia confiavam todos – homens, mulheres e crianças – pois este conjunto sólido é uma das características da guerrilha.

A convicção pessoal do Conselheiro era pela monarquia e incutiu-a no seu povo. Não por fanatismo, pois no tempo da monarquia também foi perseguido e preso injustamente.

Fanatismo havia da parte dos expedicionários, cujos chefes provinham do Rio de Janeiro, certos de que se tratava de movimento monárquico como assoalhavam a imprensa, os parlamentares, outros políticos e o próprio governo federal. Em combate davam "vivas" à república, provocando os canudenses a revidar com outros "vivas", mas à monarquia. Era luta de republicanos contra monarquistas, sem dúvida. Não era, porém, peleja pela monarquia. Defendiam com as guerrilhas somente as suas pessoas e bens.

Classificar-se de paranóicos os que assim pensavam é atribuir epíteto igual a diversos grandes brasileiros fiéis ao Império decaído, os quais nas capitais e no interior trabalhavam pela sua restauração.

Tão esclarecido quanto estes era António Conselheiro. E com idéias próprias. Leia-se com atenção o único discurso político constante do volume das suas prédicas, cujo título é precisamente – *Sobre a república.*[97]

Embora estando viva a princesa Isabel, a quem não regateia elogios, diz ele que deve governar Dom Pedro III, filho da princesa.[98] Fora dele, ao que sabemos, nenhum outro partidário do antigo regime aceitava tal sucessão, não rigorosamente hereditária e contra a Constituição do Império.

O erro do Conselheiro é ser partidário do direito divino dos reis, doutrina condenada pela Igreja, desde o seu aparecimento, mas, contudo, aceita pela maioria dos monárquicos do Brasil. Tirante isto, podia perfeitamente continuar a pretender para a sua pátria a antiga forma de governo.

Mais errado que ele era frei João Evangelista de Monte Marciano, em seu relatório já referido e comentado por mim, neste trabalho.

---

97. Obra manuscrita do Conselheiro, pp. 560 a 623.
98. Op. cit., pp. 568, 619 a 623.

Não podia afirmar o missionário que toda a Igreja aceitava prazerosamente a República, e o católico, como tal, não devia ser pela monarquia. À religião são indiferentes as formas de governo e as formas de Estado. E, por isto mesmo, os católicos são livres na sua opção.

O mais interessante, porém, é recordar como a República surge hostilizando não só a Igreja, mas ainda a religião. Não subscrevemos as afirmações do Conselheiro, mas ele tinha razão ao aludir ao casamento civil. O primeiro código penal da República define como crime do celebrante a realização do casamento religioso antes do civil e prescreve-lhe penalidade. Tal preceito era ofensivo da consciência católica da liberdade espiritual. É verdade que a Constituição de 1891 tacitamente o revogou ao separar a Igreja do Estado, mas o dispositivo constitucional custou a ser praticado em todo o Brasil.

Pretendeu a República impor outras medidas igualmente ofensivas dos sentimentos religiosos do nosso povo, como, por exemplo, a dos bens de mão-morta e a proscrição da Companhia de Jesus. Só não o conseguiu graças aos positivistas do governo e da constituinte, aliados a representantes católicos.

O próprio arcebispo eleito da Bahia, ao tempo da Proclamação da República, o ínclito d. Antônio de Macedo Costa, foi o redator do protesto do episcopado nacional apresentado ao governo provisório.

Nasceu facciosa a República. Daí, não se poder acoimar de fanático o Conselheiro porque contra ela argüía razões de ordem religiosa. Para criticá-lo é preciso desconhecer o alcance destes e de outros fatos históricos. Agia ele com firmeza, pisando chão conhecido e dentro das suas convicções, da mesma maneira que os seus adversários estavam no seu direito de defender e praticar princípios opostos.

Se o modo de apresentar as suas convicções políticas foi em fraseado inadequado, critique-se-lhe a linguagem, não o seu ideal. Menos ainda o direito de agir com liberdade, como haviam feito os republicanos históricos, em pleno Império.

Havemos de repetir que a guerra de Canudos não foi por questão da monarquia, como já vimos.

Para divergir do Conselheiro não é preciso tachá-lo de fanático. Bastaria recordar-lhe o quanto sofreu a Igreja no Império, sob o regime da união entre a Igreja e Estado, com bispos processados e condenados, com bispos e todo o clero reduzidos a funcionários públicos, dependentes do ministério do império; com a proibição das bulas papais poderem ser lidas nos templos e, pior ainda, serem executadas sem o *placet* do governo.

ADMIRAÇÃO PELO HOMEM E PELA OBRA

Respeitemos as convicções do Conselheiro e reconheçamos-lhe a inteireza moral, intelectual e física. Nem insano, nem fanático.

Homem excepcional, sim; embora extremamente simples. Amante do seu povo, para cujo serviço sofreu muito e para cujo bem e progresso foi chefe e condutor.

A sua obra manuscrita, que pela primeira vez se imprime, revela-nos o seu estofo moral e intelectual.

Trouxe tal luz sobre a sua personalidade que, depois da leitura, somos arrastados a compulsar de novo não só *Os sertões* mas ainda os escritos de quantos a ele se referiram a fim de se separarem as afirmações errôneas das verdadeiras. Esta sua obra vem aguçar o espírito crítico dos amigos da verdade.

As suas prédicas e o único discurso político que nos deixou, neste manuscrito, dão-nos notícia, ou melhor, documentam muito do que se passava dentro em Canudos.

Já tendo fundado o arraial do Bom Jesus, "quase uma cidade",[99] criou no fim da vida Canudos, denominando-a Belo Monte.

O monte em que demorava a cidade por ele erguida era encantador em seu tempo, não pela obra da natureza, mas porque pulsavam ali corações de bem mais de vinte mil pessoas, fruindo as delícias de vida honesta, pacata e operosa. Sobretudo podiam rezar diariamente e diariamente trabalhar.

Mas não os deixaram viver assim e ao cabo de quatro anos felizes, no quinto, a destruição completa.

•

António Conselheiro, alto,[100] magro, idoso, de cabelos e barba respeitáveis, metido na sua túnica de zuarte, amparado no bordão, porte grave e impressionante, voz clara e palavra eloqüente, lembrava um daqueles veneráveis patriarcas do Antigo Testamento. Falava com autoridade e pregava boa doutrina.

•

Em qualquer outra parte do mundo seria perpetuado o seu nome como benemérito.

Foi ele grande, sem dúvida.

Temos a convicção de que o brilhante e inconfundível Euclides, que no início da sua obra máxima afirma ter sido crime a guerra contra Canudos e, na derradeira linha do livro, acrescenta haver sido loucura da nacionalidade – temos a convicção, repetimos, de que hoje o reescreveria para fazer justiça àquele que, com bastante exatidão, biografou a página 226 – e somente aí – do seu monumental *Os sertões*.[101-102]

Em algumas das suas crônicas, publicadas semanalmente na *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, Machado de Assis referiu-se por mais de uma vez a António Conselheiro e a Canudos.[103]

"Crede-me, esse Conselheiro, que está em Canudos com os seus dois mil homens, não é o que dizem telegramas e papéis públicos." Crônica de 22 de julho de 1894, v. 2º, p. 135.

Segue-se o que imaginava a respeito do chefe e sua gente: só fantasia, pois não tinha para informá-lo senão "os papéis oficiais e os telegramas". Mas, não acreditava no que estes diziam: "Vá a gente crer nos jornais que lê" – v. 3, p. 328.

"António Conselheiro é o homem do dia." Crônica de 6 de dezembro de 1896, v. 3º, p. 347.

"Um homem que só com uma palavra de fé e a quietação das autoridades congrega em torno de si três mil homens armados, é alguém." Crônica de 6 de dezembro de 1896, v. 3º, p. 348.

A seguir vêm comentários despropositados devidos à justificada falta de informações.

"Dizem as notícias que não se pode destruir tal gente com menos de seis mil homens de tropa. Talvez mais..." Ponha-se atenção na data: Crônica de 6 de dezembro de 1896, v. 3º, p. 349.

---

101. Ao rematar o seu penetrante juízo crítico sobre a obra-prima de Euclides, afirma Afrânio Coutinho: *"E como tal, como obra de arte literária, e não de ciência ou história, é que persistirá"*. "Os Sertões, obra de ficção", in *Euclides da Cunha, Obra completa*. Organizada sob a direção de Afrânio Coutinho. Rio, 1966, Comp. José Aguilar editora, v. II, p. 62.
102. A respeito de Canudos, neste século XX; da construção durante quinze anos do grande açude de Cocorobó; do despovoamento obrigatório para a seqüente barragem e inundação das águas do Vaza-Barris e seus afluentes, cf. o interessante livro do escritor canudense (entusiasta da sua terra) Eldon Dantas Canário, *Canudos*. Prefácio do professor Estácio de Lima, da Academia de Letras da Bahia, Salvador, 1967, Cimape Editora.
103. Machado de Assis, *A Semana* Rio, W. M. Jackson Inc., editores, 1937, três volumes – de 24 de abril de 1892 a 28 de fevereiro de 1897

A rua do Ouvidor "é o alçapão dos governos. Pela sua estreiteza é a murmuração condensada, é o viveiro dos boatos, e mais mal faz um boato que dez artigos de fundo". Crônica de 6 de dezembro de 1896, v. 3º, p. 353.

"A rua do Ouvidor, se não tem notícias, cai nos boatos." v. 3º, p. 331, *in fine*.

Aliás, toda a vida política do Brasil inteiro àquele tempo estava concentrada na rua do Ouvidor, onde algumas dezenas de oficiais florianistas promoviam diariamente manifestações ruidosas e mantinham o fogo sagrado da "república em perigo", fiéis assim à denominada carta-testamento de Floriano Peixoto.

Não se conteve o ínclito Machado de Assis e saiu da sua serenidade habitual: "Protesto contra a perseguição que se está fazendo à gente de António Conselheiro... De António Conselheiro ignoramos..., se escreveu algum livro, nem sequer se sabe escrever. Não se lhe conhecem discursos. Diz-se que tem consigo milhares de fanáticos... Se na última batalha é certo haverem morrido novecentos deles e o resto não se despega de tal apóstolo, é que algum vínculo moral e fortíssimo os prende até a morte. Que vínculo é esse?" Crônica de 31 de janeiro de 1897, v. 3º, pp. 400 e 401.

"O correspondente da *Gazeta de Notícias* (jornal em que Machado de Assis escrevia as suas crônicas *Semanais*) mandou ontem notícias telegráficas, cheias de interesse, que toda gente leu... *Não se funda em testemunhas de vista, mas de oitiva;* deu-se honesta pressa em mandar as novas para cá, tão minuciosas e graves, que chamaram naturalmente a opinião pública. Outras folhas também as deram; mas serão todas verdadeiras? Eis a questão. O número de sequazes do Conselheiro sobe já a dez mil, não contando os lavradores e comerciantes que o ajudam com gêneros e dinheiros."

"Dado que tudo seja exato, não basta para conhecer uma doutrina. Diz-se que é um místico, mas é tão fácil supô-lo que não adianta nada dizê-lo.

NENHUM JORNAL MANDOU NINGUÉM AOS CANUDOS. Um repórter paciente e sagaz, meio fotógrafo ou desenhista, para trazer as feições do Conselheiro e dos principais subchefes, *podia ir ao Centro da seita* nova e colher a verdade inteira sobre ela. Seria proeza americana. Seria empresa quase igual à remoção do Bendegó, que devemos aos esforços e direção de um patrício tenaz... Que vínculo é esse, repito, que prende tão fortemente os fanáticos ao Conselheiro?... Não vos fieis no telegrama da *Gazeta*...". Crônica de 31 de janeiro de 1897, v. 3º, pp. 402 e 403.

"Depois, se há crentes verdadeiros, é que acreditam em alguma coisa... Não trato, porém, de conselheiristas ou não conselheiristas; trato do conselheirismo, e por causa dele é que protesto e torno a protestar contra a perseguição que se está fazendo à seita... Enfim, deve exercer fascinação grande para incutir a sua doutrina em uns e *a esperança da riqueza em outros*." Crônica de 31 de janeiro de 1897, v. 3º, p. 404.

"Esta é a celebridade. Outra prova é o eco de Nova York e de Londres onde o nome de António Conselheiro fez baixar os nossos fundos. O efeito é triste, mas vê se tu, leitor sem fanatismo, vê se és capaz de fazer baixar o menor dos nossos títulos." Crônica de 14 de fevereiro de 1897. v. 3º, p. 411.

"Um dia, anos depois de extinta a seita e a gente dos Canudos, Coelho Neto, contador de coisas do sertão, talvez nos dê algum quadro daquela vida, fazendo-se cronista imaginoso e magnífico deste episódio que não tem nada fim-de-século." Crônica de 14 de fevereiro de 1897, v. 3º, p. 412.

Euclides da Cunha é que seguiu a sugestão de Machado de Assis e bem tarde deu à estampa *Os Sertões*. Fez-se "cronista imaginoso" e não repórter.

Deveria impressionar-se com as reservas manifestadas por Machado de Assis nas suas *Semanais*, cujo espírito arguto e sagaz fez pôr de lado as reportagens e afirmar que não podia ser aquilo que se dizia nem o Conselheiro nem a sua gente. Além disto, o brilhante autor das crônicas escrevia ao lado da bulhenta rua do Ouvidor, onde estuava todo o fanatismo dos florianistas. Por último, reclamava pela ausência de reportagem colhida no centro de Canudos.

Euclides, além do mais, nem refere os fatos aludidos por Rui Barbosa, na conferência do Salvador, nem os fatos numerosos referidos por César Zama. Eram os maiores políticos baianos no momento e adversários inconciliáveis.

Data de 28 de fevereiro de 1897 a última crônica de Machado de Assis, antes, pois, da morte do coronel Moreira César. Cessa a sua colaboração na *Gazeta de Notícias*.

Há documentos inaproveitados até hoje no arquivo do Dr. Luís Vianna, presidente da Bahia ao tempo da guerra; – arquivo das secretarias de Estado da Bahia (de 1894 a 1896), especialmente a da Fazenda e Tesouro, para averiguar o *quantum* da exportação de peles de cabra e carneiro de Canudos para a Europa: aliás o secretário da Fazenda do Dr. Luís Viana reorganizou os serviços da receita do Estado, entre os quais o arquivo (cf. *Cons. Theofilo Borges Falcão. Vita et opera*. Publicação para comemorar o centenário do nascimento do zeloso secretário baiano. São Paulo, edição de Edgard de Cerqueira Falcão, Rev. dos Tribunais, 1971); – arquivo do arcebispado da Bahia; – *Anais* do congresso legislativo da Bahia (1892 a 1897); – arquivo do barão de Jeremoabo além dos referidos pelo seu neto, Dr. João da Costa Pinto Dantas Júnior, na biografia do seu avô; biografia de outras personalidades baianas; – no Tesouro do Estado (receita obtida com a exportação de peles) e na alfândega e associação comercial. Assim como se conhece o nome do correspondente comercial do Conselheiro, em Juazeiro, também se há de obter o da cidade do Salvador, dentre os exportadores de couro.

Pelo livro do tombo das igrejas matrizes, talvez se possam localizar templos construídos pelo Conselheiro, a fim de serem apreciados arquitetonicamente pelos competentes. Principalmente a do Cumbe (hoje Euclides da Cunha) e a do Bom

Jesus (hoje Crisópolis). Lamentavelmente as duas de Canudos foram destruídas pelo bombardeio e suas ruínas jazem hoje no fundo do grande açude de Cocorobó.

Não fosse a guerra, isto é, a agressão, Canudos, fundada pelo Conselheiro com o nome de Belo Monte em 1893, a pouco e pouco se integraria na vida do Estado. Já havia intercâmbio de mercadorias e até exportação de peles. Nem era possível manter-se sempre à margem uma população de quase vinte e cinco mil almas. – Quanto à sua integração na arquidiocese, já o velho pároco de Cumbe, a cuja circunscrição pertencia Canudos, tinha aqui residência e vinha cada quinze dias. Certamente viria a ser criada a paróquia. O novo arcebispo, sem dúvida, faria a visita pastoral. Mencionamos o relatório do desastrado frei João Evangelista de Monte Marciano; pois dele consta que assistiram às missões cerca de seis mil pessoas, "a maioria de fora de Canudos". Com cautelas de segurança, perfeitamente justificáveis, havia, portanto, franquia de acesso a pessoas estranhas.

Convém salientar, em relação a frei Monte Marciano, que foi grande erro a sua indicação para tarefa tão delicada e por outro motivo além dos invocados anteriormente.

É que o frade capuchinho conhecia mal o nosso povo e pior ainda os nossos políticos, pois havia chegado ao Brasil em 1892, menos portanto de três anos antes da missão a ele confiada. Além disto, era jovem sem experiência.

Quando aqui se arraigou e tomou conhecimento dos fatos e penetrou na psicologia da nossa gente, então, sim, desenvolveu ação religiosa de grande proveito, durante quarenta e nove anos, tanto na Bahia quanto em Pernambuco, Alagoas e Sergipe. Parece até que nele influiu a ação de António Conselheiro, pois, nas missões, tratava do bem espiritual e ainda "de cemitérios, açudes, casa paroquial etc." (frei Modesto Resende de Taubaté, OMC e frei Fidelis Mota de Primerio, OMC, *Os missionários capuchinhos no Brasil.* Esboço histórico prefaciado pelo Dr. Afonso de E. Taunay, da Academia Brasileira. São Paulo, Convento da Imaculada Conceição (1930), p. 455. O companheiro de frei Marciano, frei Caetano de Leo, chegou ao Brasil em julho de 1894! (op. cit., p. 456).

ANTÓNIO VICENTE MENDES MACIEL

PRÉDICAS

aos canudenses

e

um discurso sobre a República

Belo Monte
província da Bahia
12 de janeiro de 1897

1

Tenho estado que se celebrarão
no Convento de Maria hon
ocazião do Mysterio da Ad
mirayão.

Sirvo-me desta mandado dous
exemplares.

Antonio Vicente Mendes Maciel
No convento do
Rio de Janeiro Provincia da
Bahia em 15 de janeiro de
1827

A presente obra
mandou subscrever
o peregrino
António Vicente Mendes Maciel

No povoado de
Belo Monte
província da Bahia
em 12 de janeiro de
1897

No dia 5 de Outubro de 1897, em que os Rapazes legais do 2º comandado do general Oscar de Andrade Guimarães assumiu o governo do Estado e decretou o fuzilamento do Arraial de Canudos, tendo lugar na loja denominada Lanchonete em que morava o célebre dentista Bonfadini, foi retirado este encontrado, em uma mala caída na rua deserta, por mim, que me achava como medico em comissão do governo estadual e que fiz parte da junta de peritos que no dia 6 reconheceu e reconheceu a identidade do cadáver do grande fanático —
Sobre este livro os testemunhos de muitas conselheiristas, este livro foi reconhecido ser o mesmo que pertenceu a Antonio Conselheiro — Manuel — Conselheiro —

Bahia, março de 1898

José Rodrigues

No dia 5 de outubro de 1897, em que as tropas legais sob o comando do general Artur Oscar de Andrade Guimarães assenhorearam-se vitoriosa e decisivamente do arraial de Canudos, dando busca no lugar denominado Santuário em que morou o célebre António Conselheiro, foi este livro encontrado, em uma velha caixa de madeira, por mim, que me achava como médico em comissão do governo estadual e que fiz parte da junta de peritos que no dia 6 exumou e reconheceu a identidade do cadáver do grande fanático.

Submetido ao testemunho de muitos conselheiristas, este livro foi reconhecido ser o mesmo que, em vida, acompanhava nos últimos dias a António Maciel – Conselheiro –

Bahia, março de 1898

João Pondé

Este livro foi-me oferecido pelo meu amigo e companheiro de estudos João de Sousa Pondé, que no 6º ano médico partiu para Canudos como cirurgião da expedição militar Artur Oscar (1897).

Passo-o a Euclides da Cunha na esperança de lhe informar alguma nota dos seus mirificos "Sertões".

A. Peixoto

III

PRÉDICAS E DISCURSOS DE ANTÓNIO CONSELHEIRO

Transcrição do manuscrito original

PARTE PRIMEIRA

1

Tempestades que se levantam no Coração de Maria por ocasião do mistério da Anunciação*

Primeiro ponto

3 - Recolhida em sua casa e dando a cada ocupação o tempo conveniente, era o tempo da oração a que a Senhora se entregava de modo admiravelmente exemplar. Era ali que com fervor extraordinário dirigia suas súplicas ao Deus de seus pais a fim de abreviar a vinda do Justo. E é quando de repente vê diante de si o em-
4 - baixador celeste mandado da parte do Senhor e a anunciar-lhe que ela estava destinada a ser Mãe deste mesmo Justo, por cuja vinda tanto suspirava. Maria perturba-se, não duvidando do poder de Deus, mas temendo ver diante de si um jovem com semelhante embaixada. Por ente as agitações em que luta o seu coração, diria consigo mesma: Não passo de obscura filha de Israel: donde, pois, pode vir merecimentos
5 - para tão alto destino? deverei crer na realidade desta embaixada ou alguma ilusão veio assaltar a paz do meu espírito, o repouso de minha alma? - Meu Deus, meu Deus, acrescentaria a Senhora, em tudo e por tudo sede a minha luz.

Segundo ponto

Estando Maria nesta perturbação, o Anjo a tranqüiliza, dizendo respeitosamente que não temesse pois Deus a escolhia para sua Mãe. Mas a Senhora

* Os números ao lado do texto correspondem, com ligeira diferença, à numeração das páginas do original manuscrito. A omissão de alguns números é do manuscrito, fielmente copiado.

6 - tendo só em mente a conservação da preciosa jóia de sua virgindade, responde: como poderá isso assim acontecer se eu sou virgem e Virgem quero permanecer? Oh! como a incomparável Maria nos dá neste passo uma lição sublime! perturba-se à vista do enviado celeste, este a tranqüiliza e lhe explica o mistério dizendo que será Mãe do Messias, sem deixar de ser a flor das Virgens, pois Deus, que é a mesma santidade, é quem vinha nela encarnar.

7 - Admiremos pois em Maria tanto temor nesta saudação, tanta prudência na resposta e tanta cautela no zelo da sua virgindade.

Terceiro ponto

Exposto, como vemos, aos olhos de nossa consideração o comportamento de nossa Mãe Santíssima, convencidos das agitações por que passou o seu coração neste mistério, perguntemo-nos a nós mesmos que temos feito para corresponder ao seu amor?

8 - Ah! não sejamos mais ingratos, meditemos no muito que devemos à Senhora; contemplemos que, se neste bem como nos outros mistérios jubilosos aquele sublime Coração perturba-se pelo modo por que eles se operam, confunde-se por se ter na conta de insignificante serva do Senhor, e sente por ver que o seu Deus não pode redimir o gênero humano sem passar
9 - pelas maiores humilhações: contraímos com isto grande dívida para com a Senhora, vendo o modo por que vai cooperando para a nossa redenção.

2

Sentimento de Maria por causa da pobreza em que se achava, por ocasião do nascimento de seu Divino Filho.

Primeiro ponto

Completo o tempo predito pelos justos da antiga aliança, nasce de Maria o justo dos justos; e a

10 - Senhora, alegrando-se por ver e adorar o seu Deus que quis ser seu Filho, como Mãe extremosa não deixa de sentir o desamparo em que nasce. Com efeito, que mãe, mesmo a mais abandonada da fortuna, deixaria de magoar-se dando à luz um filho em tão desprezível lugar? Maria, a melhor das mães, dá à luz de modo todo miraculoso: o mais gentil dos filhos dos homens entre brutos e na mais completa pobreza, porquanto o seu leito é tosca palhoça, a mantilha em que é en-
11 - volvido são pobres paninhos, a noite que o cerca é tenebrosa e medonha e o palácio em que nasce seria verdadeiramente desprezado pelo mais vil habitante da terra. Assim, pois, vemos que, se no nascimento de Jesus, Maria tem motivo para alegrar-se, o desamparo em que nasce causa-lhe um sentimento tão vivo que lhe arranca lágrimas.

Segundo ponto

Transportemo-nos em espírito ao albergue de
12 - Belém, e se bem que alegres pelo nascimento do Salvador, não percamos contudo de vista o fim que aí também nos faz chegar. Sim: vemos a Divina Maria tão pobre, aquecendo em seu peito o fogo a tremer de frio, o rico na extrema indigência, a luz como que eclipsada, o Senhor da Glória revestido de carne humana, chorando na terra os pecados dos homens. Ah! se tanto
13 - consola ver a Deus feito menino, muito nos deve enternecer o que já está sofrendo por nós causando ao mesmo tempo grande sentimento vermos nossa querida Mãe, que meditando profundamente nas traças da Divina Onipotência, amargura-se de ver um desamparo sem exemplo.

Consolemos, portanto, a Maria, ofereçamo-lhe o nosso coração, a fim de nele morar com Jesus, de hoje para sempre.

Terceiro ponto

É porém necessário advertirmos que para um
14 - hóspede tão santo, santa deve ser a morada que lhe

destinamos. E certamente esta para ser o palácio de Deus deve estar limpa das manchas do pecado: sendo que assim tomando dos braços de Maria o doce Jesus, muita consolação lhe damos. Mas, se ela descobrir em nós fezes de culpas, dará gemidos; vendo antecipados algozes de seu Filho, preferirá morrer do que ver injuriar-se deste modo Deus de toda santidade, poden-
15 - do mesmo dizer por entre lágrimas: Deixai, deixai meu Filho aqui neste albergue: deixai-o, porque as palhas lhes são mais brandas que as dobras dos vossos criminosos corações, deixai de mostrar uma falsa ternura vendo-o neste estado, porquanto o bafejar dos brutos irracionais o afaga mais que os protestos de um amor hipócrita: Eu o tenho acomodado sobre o meu peito, o meu coração é a sua morada e José ben-
16 - dito vela sobre nós ambos. Ah! Senhora bendita! longe de nós dar-vos este desgosto, causar-vos tão pungente dor...

E, se no peito ímpio acomodar-se, tanta maldade, nos nossos corações, Mãe Santíssima, arrependidos e purificados, recolhei-vos com Jesus e José Santíssimo.

3

Dor de Maria na circuncisão de seu Filho.

Primeiro ponto

Na Lei antiga se mandava aos pais circuncidar
17 - seus filhos oito dias depois de nascidos, e esta cerimônia era dolorosa porque o menino que a recebeu sofria uma ferida, da qual naturalmente saía sangue. Ao cumprir esta lei nossa carinhosa Mãe humildemente se sujeita, entregando o seu doce Jesus; e enquanto o ministro faz seu dever, o mimoso Filho para ela estende os bracinhos, querendo consolar-se nas complacências que tem para com esta alma bendita: ao
18 - mesmo passo que como cordeirinho dá balidos tão tocantes, que penetram o sagrado coração da grande Senhora. Oh! como enternece ver o Filho neste estado, como é do-

loroso ver a Mãe chorar! Aproximemo-nos deste quadro repassado de ternura e de instrução para nós.

Segundo ponto

Se a circuncisão foi instituída como sinal dis-
19 - tintivo do povo de Deus, Jesus, que é o mesmo Deus, de modo algum estava sujeito a esta lei; mas voluntariamente se submetendo ao seu cumprimento, nos instrui com o exemplo, antes de o fazer com a palavra.
Ele é o legislador supremo e assim venceria a sua carreira sobre a terra sofrendo por nosso amor. Maria meditando profundamente nestas verdades se sujeita em tudo à vontade de Deus; e nas mais perfeita resig-
20 - nação, encara tranqüila o que sofre esta inocente vítima em seus braços colocada. Maria procura afagar a Jesus, e por entre estes mútuos transportes de ternura, as lágrimas do Filho se confundem com as da Mãe.

É preciso, meu querido Filho, o diria ela, é preciso cumprir-se a lei de cuja execução vós mesmo me dais o exemplo.

E se me vês assim chorar, é esta a linguagem
21 - da natureza, de mãos dadas com um fortíssimo amor, que me faz já estar sentido em vista do vosso sangue derramado.

Terceiro ponto

Espiritualmente presente a esta cena de ternura, é necessário dar expansão aos afetos de nossa alma, é preciso chorar com Jesus que chora por nós, sentir com Maria que geme ensinando-nos quanto é sensível ver tão linda flor matizada de sangue ainda no alvorecer de sua preciosa vida. Outra vez digo: que chore-
22 - mos com Jesus e com Maria, ou antes: choremos os crimes, que têm sido causa de tantas lágrimas. A nossa vida para ser verdadeiramente vida, deve ser animada por aquela que é a vida por essência. E para que o nosso coração goze do celeste orvalho da graça, é preciso que pelas mãos de Maria receba uma gota do Sangue Divino, que purifica as nossas almas. Sim, mi-
23 - nha carinhosa Mãe, fazei-nos esta caridade por muito que nos consideramos indignos de a merecer.

4

Humilhação de Maria no mistério da apresentação.

Primeiro ponto

Contemplemos enternecidos o procedimento de nossa Mãe Santíssima, dirigindo-se ao Templo para nele oferecer o Senhor do mesmo Templo. O motivo desta jornada não era certamente outro que o cumprimento da Lei do Deus de seus pais, quando mandava que quarenta dias depois ao nascimento do filho, seus pais o levasse ao Templo, onde era resgatado com ofertas que faziam. Era quando então a Mãe se purificava. Admiremos, pois, neste passo, a exemplar humilhação de Maria em ocultar o prodigioso nascimento de seu Filho e a sua inviolável pureza, pois não hesita confundir-se com as outras mulheres, por saber ser esta a vontade de seu Jesus. Mas notemos ainda que, se é exemplar a humilhação da Senhora neste mistério, não devemos esquecer-nos o que ela sente, vendo seu Filho e seu verdadeiro Deus confundido na estimação pública com o mais pobre dentre os filhos do seu povo.

Segundo ponto

Só Maria é quem pode avaliar, de preferência, a grandeza do objeto que leva em seus braços, quero dizer, a santidade de seu Filho. Ela bem vê que milhões de mundos são insuficientes para o resgate legal: entretanto um par de rolas é a oferta por nossa Mãe destinada para o cumprimento da Lei. Ali estas inocentes avezinhas são oferecidas, e a verdadeira rola, Maria Imaculada, ora ao Senhor com um fervor admirável: Ali Maria interiormente absorta une-se com o seu Jesus em perfeita oblação ao Eterno Padre. Admiremos, pois, o comportamento da Santíssima Virgem neste mistério, contemplemos o que se passa no íntimo de seu coração maternal; meditemos como ela sente a extrema pobreza daquele que é a grande riqueza dos céus e da terra; e depois de assim refletirmos, tratemos de fazer ao Filho e à Mãe a oferta de nosso coração.

Terceiro ponto

É preciso, porém, notarmos que, se a Santís-
28 - sima Senhora se oferece naquela ocasião juntamente com seu Filho, com este procedimento dá-nos a grande lição de nos oferecermos a Deus sem reserva e sem dilação. Sem reserva porque, sendo a nossa alma e o nosso corpo obra de Deus, ao Senhor os devemos consagrar: sem reserva ainda porque, se Deus pelo nosso amor se fez homem, de modo algum envergonhar-nos de dar testemunho dela entre os mesmos homens.
29 - O nosso oferecimento deve ser sem demora, pois vemos como se vão cumprindo para nosso bem os grandes mistérios da Redenção. E se Maria tem complacência em cooperar para esta prodigiosa empresa, para a Senhora lancemos nossas vistas, obedecendo-lhe em tudo, assim como ela obedece à vontade do Onipotente.

5

Dor de Maria na profecia de Simeão.

Primeiro ponto

30 - Na mesma ocasião em que a Santíssima Virgem apresentou seu Filho no Templo, o santo velho Simeão tomando-o em seu braços pronunciou um terno cântico em honra ao Senhor; e voltando-se depois para Maria predisse-lhe que as contradições por que havia de passar aquele menino motivaria ser o seu coração traspassado por uma espada de dor. Esta profecia que em seu tempo devia ter inteiro comple-
31 - mento, desde já principia a ferir aquele piedoso coração. Maria colhe das palavras do piedoso ancião que a encarnação do seu Filho havia de ser infrutífera para muitos de entre o seu mesmo povo; e esta consideração faz-lhe derramar lágrimas. Ah! quem não se enternecerá contemplando a Senhora neste mistério! quem não se compadecerá dela vendo este quadro doloroso! quem à vista dela desconhecerá que a

mão do Onipotente vai descarregar sobre a inocência o castigo, que devia ser a partilha do culpado? Meditando assim neste passo, que não é possível que nossos corações sejam indiferentes ao que sofre a nossa carinhosa Mãe.

Segundo ponto

A obra da Redenção humana foi uma empresa toda de caridade e de misericórdia, e a santíssima Senhora dela tinha perfeito conhecimento, vendo o Criador feito criatura incluso nos tenros espaços do divino infante, que tinha em seu braços. Por contradições por que passou na cidade de Belém, solar de seus antepassados, ao desamparo em que Jesus nasceu, e mui especialmente das inspirações celestes, que sempre lhe assistiram, sabia a Senhora que esta empresa seria para seu Filho e para ela motivo de humilhações e de dores a toda prova. Maria via nos Livros Santos o que havia de suceder a seu Filho; e assim se previne para este acontecimento, bem certa de que teria de ser a mais abatida entre todas as mulheres, porque seu querido Filho seria o mais humilhado entre todos os homens. Ah! que reflexões para o coração, de uma tal Mãe? Como esta ocasião derrama lágrimas, vendo um futuro triste dos sucessos passados e presentes! como filhos de Maria não percamos ocasião de mostrar-lhes o nosso amor; e vendo-a assim tão sentida e magoada, tratemos de a consolar com a reforma da nossa vida.

Terceiro ponto

Para efetuarmos esta reforma não devemos perder tempo e mesmo ocasião; porque, se nestes preciosos momentos, em que a graça nos bate à porta, formos indóceis aos seus influxos e ao pranto de Maria, sucederá que se verifique sermos do número daqueles, para quem o Salvador será alvo de contradição, as lágrimas que a Senhora derramou pelas desgraças dos filhos de seu povo serão extensivas a deplorar a nossa voluntária infelicidade. Com efeito: assim como somos o preço do sangue de Jesus, também somos o preço das lágrimas de Maria; e que

devemos fazer para ser-nos proveitoso o sangue do filho e o pranto da Mãe? Ah! o sacrifício ainda está distante e já Maria o vai sentindo; ainda as blasfêmias não atroam o ar, e já a Senhora as sofre: ainda a nefanda
37 - conjuração não se urde e já Maria a encara: ainda o ferro cruel não se aguça e ela já sente a sua ponta perfurante: ainda a vítima descansa em seu braços e já a grande Virgem chora. Consolemos, portanto, a nossa Mãe amorosa, obrando de modo que sejamos do número dos predestinados.

6

Dor de Maria por ocasião de sua fugida para o Egito.

Primeiro ponto

38 - Como se divulgasse a notícia do nascimento do menino Jesus pelos prodígios que o acompanharam e pela visita que a ele fizeram uns potentados do Oriente, e como o rei Herodes tornasse o maligno intento de o matar: o anjo do Senhor avisa o santo patriarca José que pressurosamente tomasse o menino e sua Mãe e fugisse para o Egito. Contemplemos neste mistério co-
39 - mo ficou o coração de nossa carinhosa Mãe, quando seu esposo castíssimo lhe dá tão triste notícia. A Senhora ouvindo José assim falar fica mui triste, não só pelos incômodos por que iam passar, como pelo empenho que havia de ser morto o seu querido Filho. Vendo Jesus ainda tão tenro, tão inocente e tão amável e contemplando a maldade de Herodes, a Senhora não pôde conter as lágrimas. Fujamos, dizia ela, fujamos de
40 - tão cego furor, salvemos Jesus custe o que custar. É, pois, deste modo que Maria, dócil à voz de Deus, abandona-se completamente às suas disposições, à sua santíssima vontade.

Segundo ponto

Contemplemos que além da pobreza da sagrada Família, era mui distante e mui corrompido o país destinado ao seu desterro e, para ali chegar, não só era

preciso passar por terras pouco habitadas, como por
41 - grande desertos, não só deviam viajar por entre
populações mais ou menos obedientes às leis, como por
entre ladrões e malfeitores. Mas todas estas considerações
não desanimam nossa querida Mãe; porque via bem o
perigo em que Jesus estava e que por isso mesmo era
preciso subtraí-lo das mãos da tirania, ainda quando ela
sofresse muitos grandes incômodos e passasse pelos
42 - maiores perigos. Entretanto vemos que não empreendem
aquela prolongada e penosa viagem sem correr pelas
faces da Senhora copiosas lágrimas. E, se cumprindo
um dever da natureza, Maria chora por deixar a sua
pátria, por se separar de seus parentes, incon-
testavelmente mais forçoso o motivo do seu pranto pelo
que dizia respeito a seu mimoso Filho, pois tinha de o
ver durante a jornada sofrer as inclemências do
43 - ar e das estações, quando tinha de o ver acompanhar
com o choro o balido dos cordeirinhos espalhados aqui
e ali pelos prados. Ah! quanto devemos a Maria pela
sua caridade, quanto pelo seu prodigioso afeto para
conosco! Dela, pois, devemos aprender a fazer a
vontade de Deus, ainda sofrendo os maiores incômodos.

Terceiro ponto

Para que a ternura neste mistério domine os
44 - nossos corações, é necessário seguirmos em espírito
a sagrada família. Pobre dos bens da terra, aqui não
se apresentam faustosas grandezas do mundo, quando
vemos o santíssimo José acomodar do modo que pôde
a sagrada Mãe e o divino Filho sobre uma vil
cavalgadura. Pobreza na comida, pobreza no vestido,
pobreza no deserto, pobreza na cidade, pobreza de
dia, pobreza de noite, eis como vemos as cria-
turas mais santas que viram os séculos. A todas es-
45 - tas circunstâncias, porém, a santíssima Virgem não
prestava maior atenção, absorta, como estava, naquele
divino Infante, que, colocando em seus braços, não
poucas vezes enchia as penhas com o som de seu choro
e o eco dos seus gemidos. Que coração, pois, não se
comoverá neste mistério? Maria chora, porque Jesus
está chorando, e vendo nossa Mãe e o Filho neste
estado, deixaremos de sentir? Ah! Longe de nós tão bár-
46 - bara cegueira! Acompanhemos a sagrada Família, fugindo

do mundo, porque Maria foge; porque Maria geme; chorando porque Maria chora; a nossa felicidade está nas mãos da Senhora; tratemos portanto de a consolar em seus padecimentos, vivendo como ela nos ensina.

7

Dor de Maria na morte dos inocentes.

Primeiro ponto

As empresas dolorosas sempre trazem consigo
47 - os sinais que caracterizam o sentimento e a tristeza, a qual, se por alguns momentos parece deixar o coração padecente, é para reaparecer com maior pena e dor. Assim vemos que Maria escondida nas terras do Egito podia sentir algum lenitivo, porquanto já se via livre do furor do rei da Judéia. Mas bem depressa se oferece à Senhora um acontecimento tão
48 - triste que lhe faz sangrar o coração. Herodes vendo-se iludido pelos potentados do Oriente, fez nos meninos de Belém e seus contornos a mais horrível carnificina, a fim de ver se entre eles caía vítima o dulcíssimo Jesus. Cumpriu-se verdadeiramente o que em épocas passadas proferia o santo profeta Jeremias, quando disse: Em Roma se ouviu um clamor, um choro e um grande lamento: vem a ser Raquel chorando seus filhos, sem admitir consolação pela falta deles. Muito mais terna
49 - que Raquel, muito mais caridosa que ela, a santíssima Virgem, sabendo no Egito a crueldade de Herodes contra os inocentes, concebeu com isto uma dor tão grande, que lhe fez arrancar agudíssimos gemidos e derramar abundantes lágrimas.

Segundo ponto

Ainda que seja impossível formar uma idéia completa da pena que a Senhora sofreu neste passo, po-
50 - demos contudo fazer alguma reflexão sobre ela; porque, se ao profeta pareceu que Raquel ressurgiu do túmulo para chorar a morte de seus inocentes filhos, não julgando suficiente o pranto dos vivos; terrível foi a dor de

Maria na morte dos meninos de Belém. O seu coração é reservatório de uma caridade tão desusada, que só cede à de Deus, e por isso podemos dizer sem temer errar que a dor excedeu a que sentiram essas desoladas mães,
51 - realizando assim aquela pena, de que a de Raquel foi apenas figura. E se a Virgem santíssima não viu com os próprios olhos este quadro tristíssimo, nos braços tinha o querido Filho, contra quem particularmente versava o furor de Herodes. Que suspiros tão pungentes! que lágrimas tão copiosas derramaria a Senhora refletindo em tão triste acontecimento? Ah! tenhamos compaixão do que ela sofre, não nos separemos dos seus pés, para desta
52 - sorte nos serem proveitosas as suas mágoas.

Terceiro ponto

Para consolarmos a Maria devemos refletir como ela emprega as potências de sua alma nesta lamentável cena. Quantas vezes se recordaria da sanha dos soldados, da dos mais, e do choro dos meninos? Como via nisto a ira do rei contra seu Filho? Como refletiria amargurada em disposição tão ímpia, que causou tal de-
53 - solação nos filhos do seu povo? Como quanto desejo empregaria, se lhe fosse possível, os meios tendentes a evitar tão grande desgraça? Tendo a Jesus acomodado sobre o peito meditava a diligência que empregariam as aflitas mães para ocultar seus filhos: lançando as vistas sobre o objeto do seu coração se lhe representaram os inocentes despedaçados, o sangue a correr e as mães
54 - a desmaiar pela veemência da dor. Oh! cena horrível! dizia a Senhora: que Mãe haverá no mundo indiferente à tua fereza? Tristes filhos da minha nação, à tormenta das irmãs minhas! deste penoso desterro, eu uno as minhas lágrimas com as vossas lágrimas, os meus suspiros com os vossos suspiros: assim possam os nossos prantos cooperar para o arrependimento desse coração empedernido, donde saiu tão abominável decre-
55 - to. É desta maneira que nossa Mãe se nos apresenta à consideração; e é deste modo que nos ensina a praticar a caridade. Sejamos portanto dóceis ao seu amor, seguindo diligentemente os seus passos.

8

Desolação de Maria durante o seu desterro do Egito.

Primeiro ponto

A santíssima Virgem durante o seu desterro no Egito não poucas vezes derramava lágrimas pelo que via
56 - diante de seus olhos e pela distância de sua querida Sião. E nisto mesmo a Senhora nos ensina a desprezar o Mundo e suspirar pela pátria Celeste, nossa verdadeira morada. Sigamos portanto o exemplo de Maria, imitemos sua resignação e levantando para o céu o nosso coração, por entre suspiros exclamamos: Quando te verei, pátria querida? Quando na companhia dos bem-
57 - aventurados cantarei os louvores do Senhor? Ah! fazei minha querida Mãe que eu tenha esta felicidade, apesar de não merecer.

Segundo ponto

E com efeito a desolação oprimiu a santíssima Virgem, vendo a superstição do Egito, e pela ausência em que estava da pátria. No culto que aquele povo rendia às falsas divindades, Maria via as traças de satanás e, na cegueira dessa gente, as duras cadeias com que os
58 - trazia manietados; em profunda meditação sobre tanta miséria, a Senhora via claramente nos egípcios as trevas da vida com as da morte, pressurosas de uma desgraça sem fim. Filho meu, dizia a Virgem santíssima, tende pena deste povo! Abri-lhe os olhos da inteligência para conhecer-vos e da vontade para obrar, de modo que seus corações, até agora assento e morada do demônio, se tornem em templos vossos, e a infinidade
59 - de crimes, com os quais corrompem a terra, seja expiada por gemidos de contrição e sincero arrependimento. Assim, o coração de Maria se derrama diante do seu Jesus pelo bem de um povo que não conhecia o verdadeiro Deus.

Terceiro ponto

Quando uma alma tem verdadeiro amor ao seu Deus, todo o seu prazer é estar na sua presença: e, posto que o Senhor esteja em toda parte, e por isso no seu
60 - coração, só fica contudo satisfeita quando o contempla, quando o adora no lugar para isto designado; e se estes edificantes sentimentos são comuns a todos os servos de Deus, a Rainha dos Anjos e dos santos as tinha em grau tão perfeito que era um dos motivos de sua pena não estar na Judéia para adorar o Deus de seus pais dentro da casa santa, dentro daquele mesmo Templo em que seu querido Filho foi apresentado ao Eter-
61 - no Padre. Neste procedimento da Senhora não descobrimos outra cousa senão uma lição importantíssima, que muito nos diz respeito; porque, se neste mundo, que é o nosso desterro, podemos adorar a Deus, podemos contemplar seus atributos, estes piedosos sentimentos nascem de um coração peregrino que deve ardentemente suspirar pela pátria bendita. É isto, pois,
62 - que nossa carinhosa Mãe nos ensina e é por conseguinte o que devemos praticar.

9

Aflição de Maria na sua volta do Egito.

Primeiro ponto

Eram já passados sete anos que a sagrada Família estava no Egito, quando o Santo patriarca José recebeu aviso do céu por ministério de um anjo, que tomasse o menino e a sua Mãe e voltasse para a Judéia, visto como já eram mortos os que procuraram tirar-lhe
63 - a vida. Posto que a Senhora se alegrasse com esta notícia, vendo o termo do seu desterro, este prazer, contudo, estava de envolto com o sentimento e pena das fadigas, porque seu Filho querido e José santíssimo iam passar em uma viagem tão penosa, sendo que a idade de Jesus era ainda tenra e a de José talvez bastante adiantada para os rigores do caminho. Assim, pois, a

Santíssima Virgem se nos apresenta à nossa considera-
64 - ção, ensinando-nos a viver para Deus, para nós, e para os nossos semelhantes, mui principalmente para aqueles de quem por dever de justiça temos obrigação de cuidar no seu bem-estar e na sua própria segurança.

Segundo ponto

Se Maria era pobre dos bens da terra enquanto habitava na Judéia, mais pobre voltou da terra do Egito: acrescendo que o desterro e as privações eram tan-
65 - tas, que acrisolaram ainda mais as virtudes desta alma benditíssima. Ela apressa-se em cumprir a ordem do céu, não se aflige pelo que tinha de sofrer na sua volta: o que, porém, sente e a penaliza, é não poder abrigar seu mimoso Filho dos incômodos pelos quais tinha de o ver passar. Já de marcha para o seu país, quantas vezes se banha em lágrimas por ver o menino Jesus, lavado
66 - de suor e oprimido de cansaço? Quanto a debilidade de José a fez chorar! Nestas ocasiões Maria se recorda quem é Jesus e quanta gratidão a S. José; e por entre estas ternas considerações, dizia consigo: O meu coração, Filho dulcíssimo, o meu coração se comove pelo que vos vê sofrer nesta terra bárbara; quisera prover-vos de tudo quanto vos fosse necessário a fim de vos tratar, senão como mereceis, ao menos como eu
67 - desejo. Vós, porém, Senhor, quisestes escolher para Mãe uma criatura tão pobre, que só tem desejos de vos servir e sentimento de não poder remediar vossas privações.

Terceiro ponto

Ainda que o anjo tivesse assegurado à sagrada Família que já não existiam os que quiseram matar a Jesus, contudo a Senhora teme ir para o seu antigo so-
68 - lar, pois sabia que o filho de Herodes governava Jerusalém em lugar de seu pai. E o anjo aparecendo de novo a José, disse-lhe que fosse habitar na cidade de Nazaré, cumprindo-se assim o oráculo do profeta quando declarou que Jesus seria chamado Nazareno. Aqui vemos a santíssima Virgem ensinar-nos que

enquanto vivermos neste mundo devemos temer as ciladas dos nossos inimigos, não por desconfiarmos da Providência Divina, mas por precaução não nos abandonando ao letargo, confiando temerariamente na bondade de Deus, sem fazermos de nossa parte para merecer. É isto, com efeito, o que devemos aprender de Maria unindo de tal modo a nossa vontade com a de Deus, que em nossas ações o Senhor seja glorificado; e que nas dúvidas e perplexidades não haja de nossa parte precipitação, pois sabemos que sem a luz de Deus nada podemos obrar com segurança e utilidade.

10

Dor de Maria na perda de seu Filho no Templo.

Primeiro ponto

Subindo a sagrada Família, segundo o costume, de Nazaré a Jerusalém por ocasião da solenidade da Páscoa, quando voltaram para casa deram pela falta de Jesus, na idade já então de doze anos. Grande foi a dor que Maria sentiu na perda de seu Filho! Cheia de humildade a si mesma se acusaria de talvez não ter tido para com ele todo o cuidado, achando insuficiente o que tivera de envolto com o pensamento de ver Jesus com as pessoas conhecidas, que como ela habitavam em Nazaré. Ocupada nestas reflexões, dá expansão à sua pena; as lágrimas correm-lhe pelas faces e suspirando procura sem descanso a Jesus, pelos caminhos e ruas de Jerusalém. Contempla, alma cristã, neste procedimento da Senhora; admira aquele desvelo exemplar que só cede à providencial vontade de Deus quando quer obrar um mistério. Façamos, portanto, como nossa Mãe nos ensina, procurando a Deus com todo o empenho e diligência.

Segundo ponto

Para fazermos uma idéia mais perfeita do sentimento da Senhora neste mistério, contemplemos a união íntima destes dois santíssimos corações, que

mutuamente se têm consolado nos mistérios que já temos contemplado. E com efeito: no nascimento, na circuncisão, na apresentação e mui principalmente na fugida para o Egito, vemos a Mãe com o Filho nos braços apertando-o no peito sagrado e modificando-se deste modo as penas causadas pelos incômodos sucessivos. Aqui, porém, a sagrada Maria sente o coração bater-
74 - lhe no peito de pura dor por não saber onde estava o seu mimoso Filho. Aumentando-se-lhe a saudade ao mesmo tempo que se prolongava a ausência de Jesus, aos que encontrava perguntava com mais ternura e saudade que a esposa dos cantares: viste por ventura o meu querido Filho? Viste a verdadeira alegria do meu coração? É pois desta maneira que a Senhora se porta nesta importante passagem da sua vida santíssima.

Terceiro ponto

75 - Maria Santíssima, que nunca perdeu a Deus por culpa alguma, procurando-o agora tão lagrimosa, confunde a nossa fala de amor, visto como tendo-o perdido pelo pecado não tratamos de o procurar pela penitência! Tendo-nos dela separado pelo desamor, o não ter buscado por meio da dor e das lágrimas. Ah! Jesus diz à sua Mãe, quando ela o achou no Templo, que tinha
76 - obrigação de se ocupar nos negócios de seu Eterno Pai; e que negócio mais importante podemos nós ter que o de nossa salvação? Diamante sem brilho, ouro sem beleza, assim é o nosso coração separado de Deus: e ainda queremos viver em trevas, sendo que a culpa separa de nós a verdadeira luz? Sigamos o exemplo de Maria, procuremos a Deus; enquanto é tempo e por en-
77 - tre suspiros façamos companhia à Senhora. E se ela chora a perda de Jesus, sendo ela inocente, choremos termos perdido a ambos pelo pecado.

11

Sentimento de Maria na morte de seus pais.

Primeiro ponto

Não há e nem pode haver exemplo de um filho amar tanto a seus pais como Maria amava S.

Joaquim e S. Ana; assim como não é possível haver progenitores que tenham tido filha tão santa como eles
78 - tiveram a nossa querida Mãe. Entretanto, chegando a hora de saírem aquelas ditosas almas deste desterro, Maria, sua querida filha, lhes assiste em seus últimos momentos, acolhendo seus saudáveis conselhos e recebendo sua santa bênção. É, porém, necessário lembrar-nos que a natureza tem seus direitos, os quais reforçados pelos laços do mais abrasado amor, penetram o sagrado coração da bendita Filha, porque ia ficar pri-
79 - vada de seus queridos pais, sendo que, enquanto eles estavam bons, Maria zelava o seu bem-estar; quando sucessivamente adoeceram, a santíssima Virgem redobra os seus cuidados. E bem certa como estava que era da vontade de Deus levá-los desta vida, encara resignada este passamento, sem contudo deixar de derramar lágrimas de pena e de saudade, as quais oferece a Deus, cuja providência humildemente adora.

Segundo ponto

80 - Distosos foram com efeito os esposos Joaquim e Ana em morrerem nos braços de tão santa filha, ditosos, porque esta filha seria Mãe do próprio Deus. Ah! quando nossa santíssima Mãe se aproximava de S. Ana, quando tomando entre as suas as mãos de sua Mãe, as encheu de ternos ósculos, quando as apertava sobre seu
81 - peito; quem se atreverá a negar que as lágrimas da Mãe se misturavam com as da filha? A bendita Ana, lançando seus olhares para Maria e apertando-a nos braços, dizia: filha querida, filha do meu coração! A tua vida sempre tem sido a alegria do meu coração, a alegria da minha existência e o consolo da minha velhice; tu choras minha querida Maria porque em breve não me verás mais neste Mundo? Mas que grande prazer tenho
82 - de morrer nos teus braços e entregar minha alma ao Senhor. Em vista destes ternos colóquios responderia a bendita filha de Ana? Minha Mãe, Mãe do meu coração, quanto vos devo! destes-me uma educação tão exemplar, alegrastes-me a vida com as delícias do vosso amor, fortalecestes-me o coração com ferventes preces;
83 - Mãe da minha alma, quanto vos devo! Eis aqui, pois como suporta Maria a morte de sua mãe, de cuja dedicação foi igualmente participante o seu venturoso pai.

Terceiro ponto

Aprendendo da santíssima Virgem, tenhamos para com os nossos pais verdadeiro amor, respeito e dedicação. Durante a sua vida devemos sempre considerar-nos verdadeiramente submissos aos seus mandados, res-
84 - peitando-os sem fingimento, e interessando-nos por todo bem que lhes disser respeito. E quando a enfermidade os assaltar, devemos redobrar o nosso desvelo, assim como encarar resignados o seu pensamento: porquanto Deus, que é o nosso Eterno Pai, providencia sobre eles de modo a recompensar suas virtudes. Se a natureza nos fizer chorar, choremos porque não é crime, visto como nossa Mãe santíssima também chorou. Mas se a sua
85 - resignação foi exemplar, imitemo-la nesta virtude conformando-nos com a vontade do Senhor, sem servir de embaraço à nossa resignação a lembrança da grande distância que há entre as nossas virtudes e as de Maria, quando podemos orar por suas almas, a fim de gozarem logo da presença de Deus.

12

Dor de Maria durante a vida particular de Jesus em Nazaré.

Primeiro ponto

86 - A sagrada Família vivia em Nazaré e Jesus estava à sua obediência. Mas esta dependência que nas outras mãos causa alegria, em Maria motiva uma dor profunda, visto como sabia perfeitamente quem era aquele que se dignou de ser seu Filho. Se por um lado se alegrava de ver o seu querido Jesus, satisfeito de estar em sua companhia exercendo os ofícios mais insignifican-
87 - tes, por outro lado não podia deixar de ter pena, vendo tão abatida aquela soberana majestade, diante da qual se prostram os anjos e os homens e de quem tremem os demônios. Quantos atos de verdadeira humildade não faria a Senhora diante deste Deus de amor, quanto lhe custava a necessidade de mandar sobre seu Filho?

É assim que Maria se porta para com Jesus, em sua vida particular.

Segundo ponto

88 - É verdade incontestável que a Senhora foi a criatura mais enriquecida de dons e a mais divinamente ilustrada que saiu das mãos de Deus, pois gozou de prerrogativas excepcionais na ordem da natureza e da graça, sendo que deste modo, ocupando-se com Jesus em amorosos colóquios, não deixava de magoar-se por ver que tantas humilhações haviam de ser infrutíferas para
89 - grande parte do seu povo. A formosura divina e humana de Jesus, o seu doce coração, a sua pontual obediência para com ela, davam motivo a abrasar-se-lhe o coração no seu amor e sentir por isso mesmo a ingratidão dos homens. Meu Filho, dizia a Senhora, baixastes das supremas alturas a este mundo, ah! como poderei deixar de sentir a vossa vida de privações, sujeito às vossas próprias criaturas? Bem sei, meu Deus, que o
90 - plano do resgate da triste descendência de Eva exige de vós este viver indigente: Bendita, pois, seja a vossa caridade e misericórdia sem limite.

Terceiro ponto

Vendo o exemplo da Senhora, meditando na pena que lhe domina o coração, não nos esqueçamos de que sem a virtude da obediência não podemos agradá-la, assim como que motivo algum nos dispensa de pra-
91 - ticar esta virtude, sabendo ser ela tão amada de Deus que por nosso amor se fez Filho de Maria. Pelo seu lado a grande Senhora nos instrui com suas ações a nos ocuparmos de Deus, pensarmos em Deus, a suspirarmos por Deus. Para mandar em Jesus, Maria o faz com pena e dor, pois sabe que seu Filho é o seu Criador: Para obedecer a Jesus a santíssima Virgem o executa com alegria por dar a Deus a honra devida, desabafan-
92 - do desta sorte o seu coração penalizado por ver tanta humilhação no Ser Supremo. Ó Virgem admirável! Ó terna Mãe dos pecadores! consegui-nos de vosso querido Jesus um espírito reto, um coração humilde e ardentemente inflamado no seu amor: pede ao nosso amado Salvador que sejamos dóceis à sua divina graça, para em tudo darmos a ela a honra e glória que merece e a vós respeito, veneração e consolo.

13

Sentimento de Maria quando seu Filho se retirou para o deserto.

Primeiro ponto

Aproximando-se o tempo de o nosso divino Salvador dar princípio à sua pregação e retirar-se ao deserto para ali se exercitar em aspérrimas penitências, a Santíssima Virgem dispunha-se para receber a dor desta separação. E com efeito: esta carinhosa Mãe só estava consolada quando tinha diante dos olhos o seu querido Filho do qual o seu coração era morada e em quem a sua alma admiravelmente se comprazia. Chegado, porém, aquele tempo destinado aos maiores trabalhos para aquele Santíssimo Redentor, retira-se a fazer penitência. E de que modo podemos contemplar o estado triste em que ficou a mais terna de todas as mães? Daqueles olhos benditos correm abundantes lágrimas porque esta separação lhe é amarga, porque não pode, sem se fazer a si mesma grande violência, separar-se do amado Filho. Entretanto notamos que se o sentimento da Senhora é grande, também é a sua resignação com a vontade de Deus, a quem ama mais que à sua própria vida.

Segundo ponto

Antes porém de testemunhar a desolação da senhora neste passo contemplemos o procedimento do mais obediente de todos os filhos. O doce Jesus tendo de dar princípio à sua pregação, antes de retirar-se ao deserto para ali se exercitar em aspérrimas penitências, tinha de declarar à querida Mãe o seu desígnio e era mister obter o seu consentimento: lançando as vistas para Maria, e meditando na sua partida, teria o cuidado de ocultar a comoção do seu coração e as próprias lágrimas para não penalizar antes da hora aquela Santíssima criatura. Mas enfim era preciso declará-lo, era necessário dar-lhe parte de sua disposição. Nestes momentos, pois, em que Jesus se aproxima de sua Mãe

para falar-lhe, como estaria aquele coração filial? Maria o recebe com um respeito e amor desconhecido no mundo e ouve silenciosa a notícia da partida e o motivo dela. Minha querida Mãe, dizia Jesus, vós sabeis
98 - que vim à terra cumprir uma missão: o tempo é chegado e eu devo preparar-me com penitências para ela. Consenti, pois, que para este fim eu me retire ao deserto. Ouvindo Maria estas palavras, lavou-se em lágrimas e, dando o seu consentimento, suas expressões eram interrompidas com soluços e suspiros.

Terceiro ponto

É piamente crível que Maria Santíssima desejaria acompanhar e estar com seu Filho no deserto, para ali o servir, ou então fornecer-lhe de casa alguns
99 - provimentos, mas nem de um nem de outro modo convinha que assim fosse: primeiro porque era uma penitência descomunal, e Maria, se a testemunhasse, muito mais sentiria: segundo porque, versando a penitência em uma abstinência completa de alimentos, terrível abalo teria o coração da Senhora, se visse o seu Filho passar quarenta dias e quarenta noites sem tomar ali-
100 - mento algum. Desta sorte meditando no amor de Jesus para com Maria, e na pena e saudade da Mãe para com seu Filho, aprendemos de ambos a cumprir a vontade de Deus, obedecendo aos seus mandamentos: aprendamos de Maria a sacrificar para maior glória do Senhor o que tivermos de mais estimável do mundo. Se nascemos para ser felizes e se para o conseguimento desta
101 - felicidade torna-se necessário o sofrimento, a tudo nos devemos sujeitar, contanto que se cumpra em nós as disposições do Senhor nosso Deus.

14

Dor de Maria por causa das injúrias proferidas contra seu Filho.

Primeiro ponto

Para podermos fazer alguma idéia do sentimento que a Senhora teve por motivo das injúrias que os

judeus vomitaram contra seu Divino Filho é necessário subirmos gradualmente na contemplação do amor com que Deus enriqueceu o coração materno, para então refletirmos no sentimento que o assalta, quando vê sofrer o objeto de suas entranhas. Assim, pois, vemos que se os encômios dirigidos a seu filho alegram necessariamente o coração de sua Mãe, injúrias e vitupérios proferidos contra ele afligem o coração daquela que lhe deu o ser. Se, porém, este sentimento penetra o coração de qualquer mãe, ainda quando circunstâncias poderosas possam modificá-lo em nossa Mãe Santíssima, não podemos achar motivos senão para o aumento de sua dor; visto que não houve e nem é possível haver um coração materno mais doce, mais carinhoso e mais desvelado que o da Santíssima Virgem.

Segundo Ponto

Um outro motivo mais forte aumenta o amor de Maria, o de ser ela, não mãe ordinária, porém, Mãe do seu próprio Deus. Daqui, pois, se vê que é mui grande a pena da Senhora, vendo o querido Filho injuriado por aqueles mesmos para quem fora mandado. Ah! quem não tem compaixão de Maria vendo-a chorar, em vista dos insultos feitos a seu Filho. Filho que é o mesmo Deus! Ó Virgem Sagrada! Quanto não sofre o vosso coração! Como ela se constrange vendo o procedimento dos filhos do vosso povo! É justamente uma vida de dor a vossa preciosa vida, é uma vida martirizada; porque nem de dia nem de noite deixais de sofrer amarguras. Nós, porém, Senhora, estamos ainda tão imperfeitos que repugnamos sofrer contradição qualquer, vendo-vos tão inocente e tão lagrimosa. Ah! Mãe Santíssima, consegui de Jesus que aprendamos a imitar-vos em todas as contradições da vida.

Terceiro ponto

Maria vendo Jesus injuriado tem sentimento; mas esta dor se torna ainda mais intensa por saber que os homens se propõem agradecer ao Deus de amor com a mais requintada e abominável ingratidão: E com efeito: Jesus estendeu seus braços dia e noite para seu querido povo, mas este o contradiz: Jesus deseja

recolher em seu coração gente tão privilegiada, mas esta o afronta: Jesus visita, e é rejeitado: Ele ama e é desprezado: faz benefícios e recebe ingratidão: diz ser enviado de Deus e o têm por ministro de satanás, ensina o caminho do céu e o não atendem: cura enfermos
108 - e é injuriado: lança fora os demônios e dizem que está possesso: sendo certíssimo que com esta aglomeração de pecados, o coração de Maria sofre amargamente. Acompanhemos, portanto, a Senhora em suas penas e longe de meditar vinganças, lembrando-nos de que só Deus reserva para si o vingar-se de seus inimigos, por meio
109 - da punição do crime: lembremo-nos ainda de que Maria nunca se queixou de ser tão maltratada na pessoa de seu querido Filho, antes sempre teve um coração cheio de compaixão para com aqueles mesmos cuja impiedade lhe tem causado tantas amarguras.

15

Dor de Maria por ocasião da permissão que Jesus lhe pediu para suportar a morte.

Primeiro ponto

Contemplamos sucessivamente nas penas por
110 - que passou nossa Mãe Santíssima na vida laboriosa de seu divino Filho nosso Redentor; cabe-nos por sua vez meditar no seu consentimento a fim de Jesus se entregar aos verdugos, cujo furor contra o Senhor não podiam dissimular. E com efeito o Salvador vendo que se aproximava a hora do sacrifício, lembra-se ser
111 - necessário notificá-lo à sua carinhosa Mãe, a quem tanto devia e cujo coração lhe era tão agradável. Mas posto que o Senhor conhecesse naquela bendita criatura a vontade mais firme nas disposições de Deus, via bem, contudo, que era sua Mãe que muito o amava, e que por isso mesmo a natureza havia de sentir um grande abalo, dando-lhe notícia do que sobre ele ia cumprir-
112 - se o que estava escrito nas divinas Escrituras. Era, entretanto, forçoso que Maria soubesse o que a Jesus se aguardava; mas, antes do Salvador pedir-lhe o seu

consentimento, ele mesmo chora pelo que bem depressa sua Mãe ia sentir.

Segundo ponto

Falando Jesus à terna Mãe, pedindo-lhe permissão para o grande sacrifício no qual ele mesmo havia de
113 - ser o sacerdote e a vítima, ouvindo Maria as palavras do querido Filho, dos seus olhos arrebentaram duas torrentes de lágrimas. Ah! que triste situação para uma tal Mãe! Ela quer responder ao seu amado Filho e não pode fazer porque os suspiros lhe embargam as palavras, e o Filho chora porque a Mãe está em pranto. Entretanto os lamentos da Mãe, que comovem o coração
114 - do Filho, fazem realçar os merecimentos daquela grande alma: o que constitui uma dívida eterna para o gênero humano, extensiva a todas as idades. E nós, que fazemos parte dos filhos de Eva, tratemos de consolar a Maria, chorando por nossos crimes, que foram causa destas contradições. Assim devedores à Senhora, tratemos de a consolar, desarmando a justiça eterna e interpondo o valimento desta grande Virgem, a fim de nos ser
115 - proveitosa a laboriosa carreira do Filho e os lagrimosos suspiros da Mãe.

Terceiro ponto

É preciso, porém, que Maria consinta, é preciso que a Santíssima Virgem dê o seu consentimento, é enfim de absoluta necessidade à Senhora declarar que convém no sacrifício. Antes, porém, de assim o manifestar, faria a Jesus uma súplica dizendo: Se é possível,
116 - meu Filho, diria Maria, dispensai-me de dar o meu consentimento; mas não se faça a minha, senão a vossa vontade. Aqui vemos em Maria a voz da natureza e a voz da graça: aquela, fraca, quer rejeitar o que esta exige; a qual, grandemente forte, anima àquela, a fim de em comum acordo cooperarem para a grande felicidade. E assim contemplemos a Santíssima Virgem, pra-
117 - ticando uma ação heróica, um ato que só um esforço do céu faria executá-la. Admiremos a caridade de nossa Mãe Santíssima, enterneçamo-nos de a ver chorar e tratemos de fazer-lhe companhia em suas mágoas.

16

Dor de Maria na prisão de seu Filho.

Primeiro ponto

Chegando à Santíssima Virgem a notícia da prisão de Jesus, uma forte e penetrante dor assalta seu coração: Lançando um golpe de reflexão sobre o querido
118 - Filho, meditando na sua humanidade Santíssima, na sua doce infância, nos trabalhos que sofreu, nas fadigas, nos seus benefícios, na sua caridade, no amor para com o seu povo, e vendo agora que é esta mesma gente quem o prende, a Senhora lamenta tanta cegueira nos homens, e chorando amargamente bem podia dizer: Jesus
119 - do meu coração, vossa triste e desolada Mãe necessita de um esforço do céu para poder encarar este lamentável acontecimento. Deus Eterno! as prisões destinadas a malfeitores apertam agora os pulsos da mesma inocência e a vossa soberana grandeza não desarma e abate o furor de corações raivosos, só embriagados de prazer por verem manietada a vítima, a quem vão cobrir de opróbrios, e de cujo sangue mostraram tanta
120 - sede! Ah! Senhor, bendita seja a vossa misericórdia para com os pecadores.

Segundo ponto

O pecado da ingratidão para com o divino Redentor é tão grande que no mesmo tempo que as prisões lhe apertam os pulsos, aquele lhe oprime o coração. E se Maria não é manietada com seu Filho, sentindo sua alma aqueles maus tratos, tolera por isso mesmo a dor motivada por uma ingratidão revestida de
121 - circunstâncias as mais agravantes: porquanto sendo o benfeitor o próprio Deus, zelador admirável do bem do seu povo, e vendo que este povo despreza quem lhe fora mandado, esquecendo os seus inefáveis benefícios. Maria sente amargamente este procedimento, e chora por ver que nem ao menos deste crime há arrependimento. Façamos nós outros companhia a tão carinhosa Mãe; conhecendo que ela derrama lágrimas

122 - por ver o delito dos judeus contra seu Filho, Maria igualmente chora em vista da ingratidão dos cristãos, visto como, tendo recebido mais graças que o antigo povo, mais que estes praticam crimes tão ofensivos a Deus e tão detestados da Senhora.

Terceiro ponto

Se a prisão do Senhor é um crime enorme pelos motivos expostos, ela ainda se torna sobremodo revol-
123 - tante encarada como plano, meditado e executado por um discípulo. Como é doloroso contemplar o que Judas praticou! como é doloroso ao coração de Maria ver um discípulo de seu Filho traindo-o pelo interesse de trinta dinheiros: Pasmem os céus e a terra se cubra de confusão! E com efeito bem claramente podemos ver neste quadro duas vistas bem prepostas entre si: de um lado temos o Cordeiro Divino que se deixa manietar para
124 - com as suas prisões nos libertar das cadeias com que tenhamos sido oprimidos: de outro lado o discípulo traidor todo em alvoroço para colher o preço por que vendeu seu mestre e benfeitor. Maria a terna Mãe de Jesus o sente amargamente; e nós a devemos consolar chorando com ela, e pedirmos-lhe nos consiga de Deus o perdão de nossos pecados.

17

Dor de Maria na flagelação de seu Filho.

Primeiro ponto

125 - Pilatos, apesar de ter reconhecido a inocência de

e os gemidos tão penetrantes que abalariam os corações mais indiferentes. Nos filhos de Israel, porém, não se nota esta comoção bem própria da mesma natureza humana: nesses corações não entra a ternura nem a compaixão, e nem ao menos se satisfazem com aqueles açoites!
127 - Quem, pois, não pasma à vista de tão horrível crime? Quem não sente, quem não toma parte do tormento da santa Mãe? Ah! Virgem Sagrada! Já que não posso impedir a crueldade dos judeus, quero ao menos acompanhar-vos em vossas amarguras.

Segundo ponto

A sagrada Virgem vendo no seu Jesus uma ví-
128 - tima destinada ao sacrifício, conhecendo que este sacrifício tinha de ser o mais doloroso, contemplando a sua absoluta necessidade para bem do gênero humano, e sabendo perfeitamente que esta era a vontade do Eterno Padre, se conforma e se resigna com as disposições do céu. É, porém, verdade ser impossível a natureza humana sofrer sem sucumbir a tão cruéis amar-
129 - gores, e a Senhora assim penando, o Senhor trata de a fortalecer elevando ao alto aquele coração santíssimo. Ela declara ao seu Deus que está disposta a tudo sofrer, mas pede que o Senhor auxilie a sua natureza para semelhante golpe, que fortaleça o seu coração, pois sabe que, se não for socorrida com um esforço sobrenatural, morrerá de pura dor. Eis aqui, pois, como nossa carinhosa Mãe se nos apresenta à consideração, eis
130 - como devemos contemplar este passo triste e doloroso.

Terceiro ponto

Admirando o heróico e esforçado quanto aflito e magoado coração de Maria, nós a devemos amar e a devemos seguir para merecermos sua proteção. Sim: nós a devemos amar porque é Mãe inocente padecendo pelo nosso amor, Mãe admiravelmente caridosa cooperando
131 - a satisfazer a enorme dívida que só o sangue de seu Filho a podia pagar. Nós a devemos seguir porque sendo Jesus nosso modelo diante de seu Pai, Maria é nosso exemplar diante de seu Filho querido. Esta consideração nos faz convencer de que, se Deus é servido que sua mimosa filha padeça tanto, ela por isso mesmo fica constituída

nossa verdadeira mestra, a fim de por suas ações
132 - regularmos as nossas, reconhecendo assim que o sofrimento é o único meio de nos aproximar de Deus; que este Mundo deve ser orvalhado com as nossas lágrimas, visto como temos ofendido ao Senhor e causado aflição a Maria. Compreendamos, portanto, o plano da Providência Divina e, agradecendo ter-nos dado na Senhora um perfeito modelo de virtudes, tratemos de
133 - seguir os seus passos para sermos ditosos.

18

Dor de Maria quando seu Filho foi apresentado por Pilatos ao povo.

Primeiro ponto

A paixão do nosso adorável Jesus, no que diz respeito aos tormentos de que foi vítima, foi excessivamente dolorosa e Deus assim consentindo para redenção dos homens, deu liberdade a satanás para inventar as mais esquisitas torturas contra seu amado Filho. E com efeito: Pilatos tendo mandado açoutar a Jesus, o apresenta todo ensangüentado ao povo, proferindo estas palavras:
134 - Eis aqui o homem. Ah! que lamentável espetáculo se apresenta o Senhor! que pena para o coração de Maria, que abalo em sua alma, que suspiros tão pungentes! O seu Deus neste estado, aquele a quem os anjos servem reverentes! Triste e aflita Mãe! como sofre o vosso coração! Senhora, muito é o que vos devemos, grande é a dívida que contraímos para convosco. Seja para sempre louvada vossa caridade para com
135 - os pecadores.

Segundo ponto

Pilatos esperava que aquela multidão, vendo Jesus lavado no próprio sangue, ficasse satisfeita, sua cólera se aplacasse, e a compaixão se apoderando de
136 - seus corações, deixasse de lhe pedir a morte do inocente. Enganou-se, porém, o presidente da Judéia, porquanto o povo levantou vozes e continuou a pedir a morte do justo; o qual em perfeito silêncio servia de

verdadeiro espetáculo entre o céu e a terra. Na contemplação destes opróbrios a Grande Senhora conserva o coração repassado de amargura; posto que nada dis-
137 - sesse e em cousa alguma se queixasse de tão grande crueza a sua alma, contudo, estava padecendo cruelmente. Meu Deus, dizia a Virgem Santíssima, consentis que vosso Filho padeça às mãos da tirania! Consentis que o meu Jesus seja considerado opróbrio por este povo! Meus Deus, faça-se a vossa vontade, contanto que o sangue de meu amado Filho, tão injustamente derramado, seja o remédio dos filhos de Eva.

Terceiro ponto

Naqueles amargos momentos, bem podia vir
138 - mais de uma legião de anjos e exterminar com Jerusalém e os seus perversos habitantes: era, porém, necessário cumprirem-se as Divinas Escrituras; era preciso que os espíritos celestes perdessem por assim dizer a ação sem poderem tomar a defesa de seu Deus e nosso Criador. Mas, quanto pesa diante da divina justiça a culpa do homem! quantas lágrimas arranca este mons-
139 - tro do coração de Maria! Em seus suspiros ela nos fala, para nós lança seus braços pedindo-nos consolo no que está padecendo. E seremos nós tão ingratos para com uma Mãe tão carinhosa, que não atendamos o seu clamor, nem façamos o que nos pede? Não seja este o nosso proceder, tratemos de a consolar, reformando a nossa vida; choremos o ter pecado, porque o pecado deu motivo às angústias desta Mãe de misericórdia.

19

140 - **Dor de Maria encontrando seu Filho com a Cruz aos ombros.**

Primeiro ponto

Lavrada a ímpia sentença de morte contra o divino Jesus, logo lhe puseram aos ombros uma pesadíssima cruz, para nela ser pregado no monte Calvário, e assim o fizeram caminhar para aquele lugar. Não tinha, entretanto, o Salvador transposto a porta judiciária, quando lhe sai ao encontro sua amável Mãe a qual,

141 - tendo recebido a triste notícia vinha pressurosa ver o adorado Filho. Este encontro sangra o coração de Maria e o de Jesus; porque, como o amor era mui forte entre ambos, mui doloroso foi verem-se mutuamente aqueles dois inocentes; e posto que a mesma pena embaraçasse a Senhora de falar, contudo a linguagem do coração era enternecedora. Querido Filho, dizia a Vir-
142 - gem dolorosa, vós conheceis o estado do meu coração, e sabeis que nem ao menos posso falar-vos, pois a dor cresce à medida que se aproxima a hora! Eu gemo, e praza a Deus que meus suspiros pudessem mitigar vossas amarguras.

Segundo ponto

E certamente: a cena que se apresenta à nossa consideração comove os corações mais empedernidos. De
143 - um lado Jesus e Maria silenciosos, de outro lado o povo amotinado, sedento do sangue divino: de um lado dois inocentes gemendo, de outro a plebe desenfreada, sem o menor sentimento de piedade; daqui a Mãe e Filho só falam dentro do coração; dali, o povo dando vozes, impaciente para que Jesus seja levado ao lugar de suplício. Deus Eterno! Como assim permitis os tormentos naquele coração maternal? Ah! Senhor! um coração
144 - tão puro tão santo, tão manso e tão caridoso, está sofrendo neste momento tantas cruezas. Qual é, pois, o vosso desígnio nas aflições desta benditíssima criatura? Como se pode considerar o amor que tendes à vossa querida Filha, com o que ela está padecendo? Bem sabemos, ó Criador Supremo, o plano da vossa providência: Maria é nossa co-redentora; e isto basta para convencer-nos de que ela tem de ser a mais atribulada de todas
145 - as mães, porque Jesus, seu Filho, vai ser o mais humilhado de todos os homens.

Terceiro ponto

Espiritualmente presentes a este espetáculo consultemo-nos a nós mesmos, indagando o que se passa no íntimo dos nossos corações. Seremos por ventura outros tantos Judas para trair o Filho e afligir a Mãe? Desejaremos fazer parte do proceder desta gente pérfida

146 - ou antes o amor é que nos domina e nos faz aqui chegar? Os nossos corações, responderemos, não tomam parte em semelhante maldade; antes desejamos que as domine, que nossos olhos derramem lágrimas, como fizeram aquelas pias matronas quando viram Jesus tão maltratado. Mas é preciso lembrarmos que para estas reflexões serem aceitas devemos nos recordar do que o Senhor disse àquelas mulheres que lamentavam
147 - nas praças de Jerusalém: não choreis por mim, chorai por vós e por vossos filhos. E certamente quem desconhecerá ser o pecado a causa destes tormentos? Quem deixará de confessar que as nossas culpas arrancam do coração de Maria tantos suspiros e de seus olhos tantas lágrimas? Choremos, portanto, as dores da Senhora, ou melhor: choremos os nossos pecados e os pecados dos nossos filhos.

20

148 - **Dor de Maria na agonia de Jesus.**

Primeiro ponto

Os filhos de Israel conduziram o Salvador ao monte Gólgota, onde o crucificaram na mesma Cruz que ele levara aos ombros e sua Mãe dolorosa seguia seus passos sanguinolentos, vendo ali pregar no madeiro o adorável Jesus. Que grande diferença entre o procedimento desta e o da primeira mãe? Em Eva sobressai a
149 - curiosidade e desobediência a Deus; em Maria o amor e obediência a levam ao pé da cruz e onde está a vontade do Senhor. Eva olhava cheia de criminosa complacência para o fruto proibido; Maria olha amargurada para o fruto abençoado, pendente da verdadeira árvore da vida: foi proibido à primeira mãe tocar naquele fruto; desta Mãe aprendemos, não só tocar como recolher ao cora-
150 - ção o preciosíssimo fruto Jesus: Eva finalmente comendo desse fruto proibido desgraçou-se a si e a todos nós; Maria, a inocente Maria, está pagando com acerbas dores a desobediência daquela mãe criminosa.

Assim, pois, devemos contemplar a grande Senhora ao pé da cruz, em que seu Filho foi crucificado.

Segundo ponto

A natureza humana se confunde considerando o
151 - heroísmo da Senhora acompanhando a Jesus, e assistindo ao seu sacrifício, e é este um dos motivos mais firmes da nossa crença sobre a providência divina em relação a Maria: porquanto sendo esta criatura tão amada de Deus, por que motivo permitiria que ela seguisse seu amado Jesus? Com que utilidade estaria Maria sofrendo em sua alma ardores provenientes das aberturas dos cravos e das chagas que seu Filho tem
152 - no corpo? Para que fim tanto chorar? Oh! como a sua resignação corrobora a nossa fé? Como a sua paciência nos enternece e comove? Como brilha a grandeza de Maria, quanto os esforços celestes lhe fortalecem o coração para sofrer, a alma para penar, os olhos para chorar, a natureza para padecer? Como aqueles gemidos de Mãe penetram as supremas alturas e chegam ao trono de Deus? Bendito seja Jesus em seu sacrifício,
153 - Bendita seja Maria em suas dores.

Terceiro ponto

Quando à força de marteladas os cravos iam penetrando as mãos e pés do Salvador, as dores que ele sofria se unificavam com as da Virgem Mãe, a qual só não sucumbe porque do céu vinha o esforço necessário. O seu coração, como a cera junto ao fogo, se derrete de pura dor, a qual causando estragos no interior pôs
154 - sinais visíveis e seu traços naquele rosto santíssimo completamente desfigurado. Assim, pois, vemos esta santíssima Mãe junto à cruz de seu filho convidando-nos a ver aquele benditíssimo fruto de seu coração. Olhai e vede, diria a Senhora em espírito, o mais gentil dos filhos dos homens a que estado se vê reduzido? Como manso cordeiro, não abre a boca para queixar-se e com
155 - os braços abertos receber-nos, dando-nos o ósculo de amor e de paz. Oh! bendita seja para sempre a misericórdia de Jesus e a caridade de Maria.

21

Dor de Maria quando os soldados repartiram entre si os vestidos de seu Filho.

Primeiro ponto

As agonias de nossa Mãe santíssima ao pé da cruz sucedem umas às outras e como os acontecimentos são rápidos, acontece que a dor se torna lenta e cruel.

156 - Assim, pois, vemos que, enquanto Maria contempla o querido Filho suspenso no madeiro da cruz, os soldados repartiam entre si as vestes de Jesus, cumprindo-se deste modo o que está escrito nos salmos relativamente ao Salvador: Repartiram entre si as minhas vestiduras e sobre a minha túnica lançaram sortes. Ó triste e amargurada Mãe! não é esta a túnica tecida por vossas mãos? Como

157 - encarais, Senhora, tanta fereza nesta gente, tanto desamparo em Jesus? Muito mais heróico é o vosso esforço que o de Jacó vendo a túnica do seu José: uma fera péssima, disse ele, devorou o seu filho! Mas ali! Jacó viu só a túnica, porém vós não só vedes a túnica como a própria vítima. Jacó tinha muitos filhos, vós só tendes este único, que é o nosso Deus.

Segundo ponto

158 - É mui necessário considerarmos que nenhum dos sucessos da vida de Jesus é destituído de instrução; e assim tudo que vemos na sua Paixão diz respeito à nossa felicidade: sendo que para Jesus passar este mar tempestuoso não devia estar com a sua túnica, mas sim dela despido. Mas quem será o herdeiro desta preciosidade? Nós estávamos sem a vista preciosa da graça e o

159 - Senhor nos cobriu com a sua túnica para nos abrigar do frio da culpa. Desta sorte vê-se que enquanto aqueles homens exercitam contra o Salvador tanta crueza, Jesus lhe dá o delicioso mel pelo amargo fel; ampara os que o abandonam, faz bem a quem lhe está causando tanto mal, e está pregado no madeiro para os não punir. Entretanto, eles acrescentam maldade sobre maldade: no que bem claramente dão a conhecer serem

160 - merecedores daquela imprecação contra si mesmos proferida no pretório de Pilatos: O seu sangue caia sobre nós e sobre nossos filhos.

Terceiro ponto

Era, porém, bem natural que Maria fosse a única herdeira dos vestimentos de seu Filho. Mas a túnica do Salvador era destinada a cobrir quem estava sem a veste da graça e como desta graça a Senhora sempre esteve
161 - cheia, outros necessariamente deviam possuí-la como armadura contra satanás, acrescendo ainda que Jesus tendo-nos de escolher por filho, desde já principia a exercer conosco as liberalidades de pai. Porém temos nós recebido dignamente e assim conservado a vista da divina graça? ou a temos trocado pelo vil interesse das cousas da terra? se a crueza dos soldados magoaram tanto o coração de Maria naquela ação cruel que prati-
162 - caram, continuará a flagelá-lo o cristão que em todo terreno for indiferente à perda da luz divina, e nem se doer do que a Senhora padece, e com seu procedimento fará pior do que aqueles homens no monte Calvário; porque eles não sabiam que Jesus era Deus e que a Mãe de Deus era aquela aflita criatura que ali estava. Consideremos, portanto, estas verdades; e se nos acharmos despi-
163 - dos da graça, peçamos a Maria que nos cubra com ela, conhecendo que, o que ali lhe servia de amargura, aqui tornar-se-á objeto de especial consolação.

22

Compaixão de Maria na sede de seu Filho pregado na Cruz.

Primeiro ponto

Jesus pendente da Cruz teve sede e os soldados deram-lhe a beber amargo fel. A grande Virgem, vendo
164 - o Salvador em tão grande secura sofrer maior dor e considerando tanta maldade naquela gente, dele teve

pena e compaixão; porque aquele caridoso coração deseja que todos os homens participem dos frutos da Redenção. Mas Jesus, posto que estivesse ardendo naturalmente em sede pelo muito sangue derramado, dá-nos a conhecer, contudo, que a principal sede que tinha era
165 - a da salvação dos filhos de Adão; e a Santíssima Maria, sentido o ardor da primeira, partilhava com seu Filho igualmente a sede ou o desejo da nossa redenção, desempenhando ali ao pé da cruz os altos destinos de co-redentora do gênero humano. Assim, pois, vemos que a Senhora, encarando a ingratidão dos filhos de seu povo contra o dulcíssimo Jesus, torna-se por seus tor-
166 - mentos a resignação as complacências do céu e o assombro do mundo.

Segundo ponto

O Divino Jesus sentia bem as amarguras do coração de sua querida Mãe, e Maria por sua parte não podendo falar-lhe porque os momentos eram de padecer em silêncio, não deixando de mostrar os maternais afetos de sua alma, unificados com a mais acerba dor do amado Filho, diria ao Senhor: Eu sei perfeitamente
167 - que estais padecendo sede devoradora, privado de vosso sangue, exausto de forças, farto de ânsias, suspenso entre o céu e a terra na maior calma do dia. Ah! se me fosse permitido refrigerar-vos! Se fosse concedido a esta triste criatura mitigar vosso tormento, meu Filho e meu Deus! Mas já que está determinado que eu devo ser a Mãe mais acabrunhada de dor que viram os séculos,
168 - já que finalmente esta é a vontade de vosso Pai, seja o Senhor servido conduzir-me por este mar de tormentos padecendo convosco para desta sorte se cumprirem as divinas escrituras.

Terceiro ponto

Por entre tão grande padecer, em que vemos nossa Santíssima Mãe, é de absoluta necessidade que consolemos, pois esta consolação é exigida pela nossa
169 - consciência e pela nossa própria utilidade. E com efeito: a consciência nos diz que Maria padecendo tanto pelo nosso amor, deve ser por nós consolada, fazendo-lhe companhia ao pé da cruz, sendo este dever uniformizado

com um interesse todo vital para nós; porquanto o Filho de Maria, nosso Salvador, estando pregado no madeiro, vítima de uma sede devoradora, motivada por cruéis tratamentos, produção do mais ranco-
170 - roso ódio, abre a boca, já quase lívida, e diz que se abrasava em sede pela salvação dos homens; e a Senhora, que o acompanhava como a seu verdadeiro modelo, sente a mesma sede pelo nosso bem, e como seu Jesus bem nos pode dizer. A minha caridade para convosco excede à crueza exercitada contra meu Filho e contra mim. Desapiedadamente lhe ministrais o fel por bebida, e caridosamente ele se vos quer dar a si mesmo,
171 - que é a verdadeira água da vida. Desta sorte, pois vê-se que a cruel sede do Filho e as amarguras da Mãe revertem-se em nossa ventura e felicidade.

23

Dor de Maria na agonia de Jesus.

Primeiro ponto

Aquelas ânsias cruéis, aqueles errantes volver de olhos, aquelas copiosas gotas de suor, correndo do di-
172 - vino pálido semblante, davam a conhecer que não tardava o termo da laboriosa e atormentada vida do Homem Deus; e Maria o segue sofrendo n'alma, como se ela mesma estivesse padecendo no corpo as mesmas torturas. Mas quando o Salvador dá sinais de que a morte não estava distante, é justo contemplarmos a situação dolorosa desta aflita Mãe, em cujo semblante se vêem estampados os traços da acerba dor de que o coração é
173 - vítima. Com efeito: se os cabelos de Jesus estão ensopados de sangue, os de Maria, caídos ao acaso, estão repassados de suor frio: se os olhos de Jesus estão como eclipsados pela morte próxima, os de Maria estão enfraquecidos à força de chorar: se o rosto de Jesus está cadavérico, o de Maria está pálido e desfigurado: se a alma do Salvador está lívida, a da Senhora não está
174 - menos: se o corpo de Jesus está pregado na cruz, o de Maria está muito enfraquecido: se o coração do Senhor

luta no seu interior, o mesmo acontece com o da Senhora, podendo-se crer com evidência que o Filho e a Mãe se confundem em um mesmo martírio.

Segundo ponto

Contemplando a Santíssima Mãe tão intimamente unida ao Filho neste cruel martírio, não pode
175 - o nosso coração deixar de comover-se, sabendo que assim estão penando por nosso amor. E na verdade como podemos conter o pranto à vista deste grande sacrifício? Como podemos considerá-lo sem compaixão, meditá-lo sem dor e a ele assistir sem penalizar-se? Maria à nossa vista derramando lágrimas e nós junto a Maria sem dor! Maria inocente padecendo por nós, e nós junto a Ma-
176 - ria indiferentes! a Senhora pedindo-nos consolo, e nós sem a consolarmos! Ah! consideremos que aquelas lágrimas tão copiosamente derramadas, ao mesmo tempo que são o antídoto dos pecadores contritos, servirão de ruína para os impenitentes; e o Onipotente, se permite que Maria sofra tanto, virá o tempo em que o fruto des-
177 - tas penas exigirá de nós estreitas contas. Consideremos bem esta verdade e aproveitemos, enquanto é tempo.

Terceiro ponto

Mas posto que o doer-nos do que Maria padece lhe agrada, contudo é ainda necessário que, compreendendo bem a sua vontade, tratemos de suspender-lhe o pranto. Nós em espírito estamos vendo Maria chorar, estamos ouvindo os seus suspiros e seu gemidos naquela lamentável secura: demos, portanto, expansão à ter-
178 - nura do nosso coração, deixando-nos dominar de um ardente amor, assim como de uma sincera compaixão. O espetáculo executado no escabroso monte Calvário é a prova mais convincente da misericórdia do Senhor; e o martírio de Maria, ao mesmo tempo que pode abatê-la, eleva-a sobre todas as criaturas, tornando-se nos-
179 - sa advogada, tocando e comovendo o Rei Supremo. Não percamos tempo, enxuguemos as lágrimas da Senhora, protestemos-lhe o nosso amor e a nossa eterna gratidão, emendando o procedimento errado, apartando-nos do caminho pestilento, e considerando que a nossa vida está morta para o mundo. Sim,

carinhosa Mãe, fazei que diante do vosso Filho consigamos o preço de tão cruéis dores, imitando vossas virtudes.

24

180 - Dor de Maria quando seu Filho lhe falou da Cruz.

Primeiro ponto

O piedoso Jesus, lançando suas vistas moribundas para sua Mãe querida posta ao pé da cruz, usa destas palavras: Mulher, eis aí teu filho. E a Senhora, ouvindo tão ternas expressões, compreendeu que seu Jesus ia morrer. Até há pouco a Mãe e o Filho se tinham conservado em perfeito silêncio, porque nem Jesus se
181 - queixava à sua Mãe dos tormentos que sofria, nem a Senhora lhe dirigia palavra para o consolar, e isto não só porque a crueldade dos judeus lhe tirava a ocasião de o fazer, como porque as horas eram de padecer sem trocar entre si uma só expressão. Agora, porém, Jesus é quem fala à Virgem Mãe num sentido todo cheio de amor e de compaixão, dando-lhe assim a prova mais
182 - completa do seu afeto, e Maria, ouvindo seu Filho, não desconhece que estas eram as únicas palavras que da cruz lhe endereçaria, visto como a morte já principiava a desfigurar aquele rosto divino.

Segundo ponto

Acompanhando nossa carinhosa Mãe nestas aflições e fiéis testemunhos de tão lamentável cena, contemplemos como as palavras de Jesus inflamaram o
183 - amor de Maria e motivaram o aumento do seu tormento. A Senhora vê que a seu Filho, apesar de já quase morto, faz esforço para significar-lhe que não a queria deixar abandonada, que ia dar-lhe um filho na pessoa de João, a fim de que zelasse pelo seu bem-estar, como se fosse ele próprio: Maria ouve estas palavras e o amor cresce no

coração, o qual sente igualmente o rigor da dor pela suma compaixão que lhe fazia a ter na vista
184 - de seu Filho a fereza dos soldados e mui particularmente a ingratidão do seu povo. É bem verdade, porém, que nunca a Senhora mereceu tanto diante de Deus como naquelas tristíssimas horas; mas não é menos certo que os padecimentos têm-na tornado a mais aflita das mães.

Terceiro ponto

Nesta suprema disposição do Salvador ficou Maria na pessoa do discípulo amado constituída ver-
185 - dadeira Mãe segundo a divina vontade. Mas se esta vontade do Senhor muito consola a Virgem Santíssima, ela sente e sentirá porque muitos desprezaram o sangue inocente, tornando assim sem fruto tanto padecer de seu Filho Jesus; o que, com efeito, sangra-lhe de novo o coração e aviva-lhe a dor. Contemplando, pois, estas verdades, devemos doer-nos do que nossa Mãe sofre
186 - para não cairmos na mais detestável ingratidão da qual nos pode vir a eterna infelicidade. Consolemos a Maria, protestemos-lhe o nosso amor e a mais firme disposição da nossa parte para merecermos o fruto da Redenção. Esta é, pois, a nossa vontade, ó Mãe Santíssima! porque muito devemos temer dos nossos propósitos, a vós recorremos, a vós suplicamos: ajudai-nos,
187 - Senhora, a doer-nos das vossas amarguras, chorando convosco os tormentos do divino Redentor.

25

Martírio de Maria na morte de seu Filho.

Primeiro ponto

Envolto com um grande brado Jesus rende o espírito na cruz e enquanto o céu e a terra manifestam grande sentimento, fiel testemunha da morte de seu Filho, do tortuoso sentimento de toda a natureza, sofre
188 - dores de morte sem contudo poder morrer: no que se

verifica um dos maiores prodígios por Deus obrado; pois sendo aquele piedoso coração o mais acessível à dor, e tendo tantos motivos para esta crescer, Maria sobrevive a seu Jesus com uma constância e esforço admiráveis. A natureza humana, menos dura que as pedras, mais que estas devia sentir a morte do Salvador: contudo, os rochedos mostram o seu sentimento e os homens não
189 - choram! Oh! quem não vê aqui a dureza, filha do pecado! quem não conhece que a culpa daquela gente obcecou-lhe o coração para não conhecer e amar a seu Deus? Justo é, pois, que nós, temendo a mesma infelicidade, nos apressemos a reformar a nossa vida, enquanto é tempo.

Segundo ponto

Se a compaixão nos é recomendada em todo tempo, se mesmo a nossa própria consciência a reclama,
190 - por certo que não é possível haver um motivo mais justo para sermos por ela dominados, do que vermos o triste e lamentável estado em que então está nossa Santíssima Mãe. E com efeito: nos tormentos que sofre, acresce a privação do Filho querido, porque este já não suspira, já não vive, já finalmente é cadáver. Ó formosura dos céus e alegria da terra! Dizia a Senhora
191 - em seu coração, quão anuviado tendes este corpo sagrado? Onde está o meu Deus, aquela beleza que tanto excedia dos filhos dos homens? não ouço o vosso falar, nem me alegra mais a vossa adorável presença; pois só vejo o verdadeiro despojo da mais afrontosa morte que viram os séculos. Ah! pudesse eu acompanhar-vos a suportar convosco a morte! Como viverei vendo morta a minha verdadeira vida! Meus Deus, meus Deus, faça-
192 - se em tudo a vossa vontade.

Terceiro ponto

Com o coração repassado de pena, com os olhos rasos de lágrimas, com a palidez da dor estampada no semblante, assim vemos a puríssima Senhora e assim nos está convidando a termos dela compaixão. Diz o texto sagrado que Jeremias chorou amargamente a destruição de Jerusalém e a desgraça do seu povo. Mais que aquele

profeta, a Santíssima Virgem chora a morte de seu Filho. E se ela não fosse um perfeito exemplar em todas as virtudes, bem podia levantar o ponto e queixar-se do seu povo pela enorme crueldade exercida contra o seu verdadeiro Salvador. Ah! Santíssima Mãe de misericórdia! não permitais que fique infrutífera para mim uma morte tão afrontosa e nem que contra mim venham as cruéis dores que estais padecendo: Volvei antes estes tristes e lacrimosos olhos pedindo ao doce Jesus que tenha compaixão dos pobres pecadores.

26

Dor de Maria quando o lado de seu Filho foi aberto com uma lança.

Primeiro ponto

Por muito grande que fosse o furor dos judeus contra Jesus Cristo, era de crer que este modificasse com a morte do Salvador. Mas ainda não contentes de o atormentar na vida, o fizeram depois dela, abrindo-lhe o lado com uma lança, donde saiu sangue e água. Porém, se Jesus não sentiu esta cruel lança, sentiu-a sua Mãe querida, cujo piedoso coração sofreu o golpe a que o Filho não podia ser mais sensível. Ó magoada Senhora, que só sobreviveis a Jesus para continuar a padecer! Coração tristíssimo! vê-se agora de maneira bem evidente a realização da profecia de Simeão: espada despiedada, que estrago não estais causando nesta alma benditíssima! Ah! inaudita dureza, horrível impiedade! o povo esquece-se das necessidades mais vitais da existência para ter o prazer de maltratar e acabar com a vida da verdadeira vida! Céus! Quem suspende vossos raios? terra! como suportas tantos crimes nesta horrível tragédia?! por que não absorves esta gente ímpia? Mas ah! o nosso resgate impede o castigo, justamente merecido, e Deus depois da Redenção não será indiferente ao que se passa na terra entre Jesus e Maria.

Segundo ponto

O desfiguramento estampado nas faces da Senhora é a prova mais clara da dor que lhe maltrata o coração: este, porém, ainda tem esforço para resistir à acerbidade dos padecimentos e perdoar a gravidade da
198 – ofensa, e os anjos, que passivamente viram matar seu Criador, observam, comovidos, as penas de sua soberana. E nós que em espírito temos assistido a esta morte afrontosa, a este penar sem segundo; nós que assim vimos chegar o soldado e rasgar o peito de Jesus, por que não rasgamos o nosso com uma verdadeira contrição? por que não choramos com Maria? por que não gememos com ela a morte do nosso Redentor? ou melhor,
199 – por que não deploramos os nossos crimes? Se Deus consentiu este tortuoso acontecimento, se permitiu tão grande delito na terra, é porque só tinha em mente a nossa redenção. Mas por esta mesma razão, grande e muito restrita conta nos pedirá de uma morte tão atroz: Reformemos, portanto, a nossa vida, para que a justiça divina nos não surpreenda impenitentes.

Terceiro ponto

200 – A impenitência de um cristão é mais ofensiva a Jesus que a lançada do lado; e mais dolorosa para Maria que a sua pena por aquela ação execranda. Pois se a Redenção é obra da caridade e da misericórdia do Filho e se esta virtude é a única recomendada de preferência a todas as outras, claro é que, sem haver emenda, transtornamos o plano da benéfica Providência,
201 – inutilizamos a morte do Salvador, desprezamos as dores da Senhora e, ao mesmo tempo que moralmente falando, atormentamos o Filho, arrancamos do coração da Mãe pungentes suspiros e de seus olhos mui amargas lágrimas: sendo impossível haver mais ardente caridade, visto como não se pode descobrir mais duro sofrer e mais cruel pena por nosso amor. Tratemos, pois, de mostrar por obras que queremos ser salvos e que
202 – venha este sangue vertido do lado sagrado, unificados com os divinos sacramentos, para lavar-nos da culpa e restituir-nos a amizade de Jesus e de Maria.

27

Dor de Maria no descimento da Cruz e funeral do cadáver de seu Filho.

Primeiro ponto

Depois de conseguida a licença de Pilatos, os piedosos discípulos despregaram da cruz o corpo do
203 - Senhor, depositando-o em seguida nos braços de sua Mãe, e a grande Senhora aperta sobre o coração aquele sagrado cadáver todo ensangüentado; deixando em seus vestidos as relíquias desse sangue adorável, do qual uma só gota bastava para a redenção de milhares de mundos. Aí, pois, tendes, Senhora, esta mirra preciosíssima, este ramalhete divino, ao qual muito desejáveis abraçar antes de a campa sepulcral ocultá-lo de vossos
204 - olhos. Ah! como a Santíssima Virgem contemplaria amargurada aquele corpo pálido e desfigurado? Filho do meu coração, diria a Senhora, bendita seja a vossa imensa caridade para com os homens: Eu lhes perdôo as dores que me têm causado, e desejo que se aproveitem deste precioso sangue por eles mesmos derramado: porque é sangue de misericórdia e não de vingança.

Segundo ponto

205 - É, porém, tempo de Maria consentir tirar-se-lhe o santo corpo dos braços para se pôr em ordem o funeral. O seu ânimo, porém, não se abate com tão furiosa tempestade, e se por um lado o coração está como que derretendo-se pela veemência da dor, no mais íntimo de suas obras Deus acastela um valor sobrenatural, por donde se vê quanto a Senhora se empenha em fortalecer esta prodigiosa criatura. Ela própria determina o
206 - funeral, ela mesma dá as disposições necessárias; e enquanto o triste acompanhamento prossegue e enquanto os discípulos caminham lavados em lágrimas, Maria excita a admiração dos amigos de seu Filho, porque ainda que pelo semblante se descobrem as amarguras de sua alma, o passo contudo é tão firme como a sua

resignação com a vontade do Criador. Ó mulher admi-
207 – rável! Bendito seja o vosso valoroso espírito, bendito o vosso heróico coração, bendita a vossa exemplar conformidade.

Terceiro ponto

Acompanhando em espírito a Santíssima Virgem fazendo parte deste tristíssimo funeral, tomando lição das mágoas da Senhora, eu não deixo de a nós mesmos prever um futuro infausto pelo que diz respeito à nossa salvação, senão tomarmos parte nesta infini-
208 – dade de suspiros e nesta abundância de lágrimas. Estas se derramam ao pé da cruz, estas se espalham e correm durante a viagem e, orvalhando o santo cadáver, ensopam por assim dizer o sepulcro do Senhor. E as lágrimas, por que não correm dos nossos olhos criminosos? Quem nos embaraça de chorar, vendo Maria lamentando a horrorosa separação que vai ter do próprio cadáver de seu Filho? Aproveitemo-nos de tanto penar, não desprezemos tanto padecer pelo nosso amor. Con-
209 – sideremos que se o pecado é que motivou este mais que todos lamentável sucesso, contra o pecado devemos levantar-nos, chorando o mal que temos feito e pedindo à nossa terra Mãe que nos recolha em seu coração, unificando-nos com o de Jesus na sepultura.

28

Dor da Senhora em sua soledade.

Primeiro ponto

Sepultado o sagrado corpo de Jesus, e retirando-
210 – se Maria para casa, ali solta pungentes gemidos porque já não via o seu adorado Filho. Semelhante à triste e solitária rola, cujo filhinho caiu vítima nas garras do milhafre, assim Maria geme partindo-se-lhe o coração de saudade. Deste modo a Soberana Virgem permanece em um estado capaz de abalar os corações mais

empedernidos e, do modo que a dor o permita, emprega
211 - as potências d'alma naquele acontecimento que entristeceu toda a natureza. E com efeito: sua memória apresenta-lhe bem ao vivo as qualidades daquele divino Filho: sua infância graciosa, sua mocidade, suas fadigas, seus trabalhos, seus mistérios, sua vida, sua morte, tudo isto, aumentando-lhe a dor, forma rigoroso e cruel martírio pelo qual está passando.

Segundo ponto

Maria medita no fim para que seu Filho veio a
212 - este mundo; lembra-se de que só a caridade o fez tomar carne humana, lembra-se que abrindo os tesouros do seu coração curava toda qualidade de enfermidade, confundindo-se com as turbas para lhes ensinar o verdadeiro caminho, acolhendo os maiores pecadores que arrependidos o procuravam. A Senhora medita nas grandes fadigas de seu Filho, no seu muito suar em procura
213 - da ovelha perdida, nas angústias do horto para nos ensinar a orar, naquela inalterável paciência para nos servir de norma, naquele padecer sem se queixar, para que o imitássemos, naquela completa submissão ao Padre, a fim de que fosse também completa e perfeita a nossa submissão, e naquela morte afrontosa para pagar pelos nossos pecados. Oh! quantos motivos para consolarmos Jesus! Quão forte razão para consolarmos a Maria!

Terceiro ponto

214 - Se a dor da Senhora está em proporção com o amor que ela tem por seu Filho, e sendo este amor inefável, nas mesmas circunstâncias está o seu penar, o qual a oprime na sua soledade, a atormenta e martiriza de modo descomunal. Ninguém como ela conhecia quanto aquele Filho merecia ser amado, como Maria sentiu a
215 - ingratidão dos homens. Não há, portanto, dor que iguale a esta dor, e a Senhora lança para nós suas vistas lagrimosas, pedindo-nos que dela tenhamos compaixão. Ao menos vós, diz Maria, que sois meus filhos, tende de mim piedade. Como Mãe tinha o direito de o mandar, mas prefiro pedir-vos, para que os vossos corações se comovam e sintam comigo a morte do meu

Jesus. Ah! privada daquele querido Filho, para
216 - quem estenderei as minhas mãos, senão para aqueles a quem ele me entregou antes de expirar na cruz? Tende portanto compaixão de mim, tende piedade do coração da mais aflita das mães.

29

Maria, Rainha dos Mártires.

Primeiro ponto

A Santa Igreja mui justamente dá à Virgem bendita o título de Rainha dos Mártires, pois a Senhora com efeito o foi não só pela crueza dos tormentos, como
217 - pelo seu longo padecer. Os outros mártires eram atormentados, mas o seu sofrer não se prolongava tanto, visto como os tiranos os mandavam logo executar, recebendo assim a coroa do martírio. Não deste modo a Virgem sagrada, pois desde o nascimento do seu Filho que ela padece; padece porque o viu nascer em desamparo; padece porque o
218 - viu derramar sangue na circuncisão; padece na profecia de Simeão, na fugida para o Egito, na mortandade dos inocentes, na perda de Jesus no Templo; padece em todos os seus trabalhos, fadigas e contradições; o que lhe serve como de preparativo para as grandes dores por que havia de passar na paixão e morte de Jesus: sendo desta maneira uma vida verdadeiramente martirizada, porquanto uma dor só cedia, para dar lugar a outra dor, e todas formando o seu rigoroso martírio.

Segundo ponto

219 - Maria é Rainha dos Mártires porque é mãe do Rei dos mártires, cuja grandeza é infinita, cujo poder é sobre todo o poder, do qual, entretanto, se abateu tornando-se homem, porém sem deixar de ser Deus e Deus sem deixar de ser homem, assim fazendo para

tomar sobre si o castigo merecido pelos nossos pecados. E como estes eram em grande número, sobremaneira enormes, foi necessário que os padecimentos fossem tam-
220 – bém enormes a fim de vantajosamente inutilizar os raios da justiça divina. Mas como a Santíssima Virgem, sua verdadeira Mãe, conhecia sua grandeza e agora, vendo-o tão aviltado pelos homens, a ponto de ser uma chaga viva desde a cabeça até os pés, claro é que a Senhora sofreu nos tormentos do Filho o que jamais criatura alguma tem padecido: pois além de Jesus fazer
221 – parte do seu coração, era demais o seu mesmo Criador revestido da natureza de servo para com a sua morte libertar os infelizes escravos do pecado.

Terceiro ponto

Maria é Rainha dos Mártires, porque os horríveis padecimentos que sofria tinham como circunstância agravante serem algozes de seu Filho os de seu mesmo povo, que, apesar de depositário das promessas divinas, não só conheceu o Salvador prometido, como, de-
222 – mais, o contradisse e caluniou, chegando o seu ódio a tal excesso que, livre e espontaneamente, declarou no pretório de Pilatos pouco se lhe dar que o sangue tão ardentemente por eles desejado a derramar viesse sobre eles e sobre seus filhos. A grande Virgem lamenta esta cegueira e geme por ver os tesouros do céu calcados aos pés pelos pecadores: o que certamente a constitui a mais dolorosa das mães, a mais atribulada das már-
223 – tires. Assim o confessamos, Senhora, e sem a menor dúvida cremos que vosso coração sofreu um martírio tão prolongado como a vossa mesma vida, crueldade que excede a compreensão humana e tão ingratamente correspondida, que o espírito pasma vendo a cegueira dos filhos de Israel, a quem imitam os falsos cristãos.

PARTE SEGUNDA

Os dez mandamentos da lei de Deus

1º Mandamento

Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o máximo e o primeiro mandamento (Mat., cap. 22, v. 38).

Assim respondeu o Divino Mestre a um dos doutores da lei, estando ele ensinando no Templo. A maior parte dos homens não observa este preceito, cuja verdade não necessita de prova, e para fazê-la mais
225 - patente basta o que se observa acerca de semelhante objeto. Mas ah! que ingratidão daqueles que assim procedem! Até quando viverão eles na tibieza e indiferentismo, na observância do preceito divino? Abraão, tendo um filho único, Isaac, mandando Deus que o sacrificasse, por obedecer a Deus cujo amor excedia ao do filho, o pôs em execução: ao que Deus acudiu mandando-lhe o
226 - anjo suspender o golpe por ter mostrado a sua fé, amor e nos dar exemplo. Deus em todos os seus benefícios, diz o Cardeal Hugo, tem Jesus em reserva, até que chegou o tempo da graça; Ele o enviou para dar o último golpe e ferir de amor os corações dos homens. Na antiga lei podia o homem duvidar se Deus o amava com ternura; mas depois de o ter visto derramar o seu sangue num suplício e morrer, como podemos duvidar
227 - se nos ama com toda ternura do seu coração? Oh! homem, diz São João Crisóstomo, por que motivo és tão avarento e dás o teu amor com tanta reserva a este Deus que se há dado até sem partilha? Também a Santa Igreja exclama no transporte da sua admiração: Oh! maravilhosa condescendência de vossa ternura! Oh! rasgo incompatível de caridade! Para resgatar o es-
228 - cravo entregastes o Filho! Oh! Deus infinito! Como pudestes usar conosco de ternura tão amável! Quem poderá jamais compreender o excesso desse amor, pelo qual para resgatar o escravo quisestes dar vosso Filho Unigênito? Deus nos deu seu próprio Filho e por que motivo? Unicamente por amor. Pilatos por um temor mundano entregou Jesus aos judeus. Mas o Eterno Pai deu-nos seu filho pelo amor que nos tem. Santo
229 - Tomás diz: que, entre os dons, o amor é o primeiro. Quando se nos dá qualquer cousa, o primeiro dom que

recebemos é o amor que o dador nos ofereceu no objeto que dá, porque, segundo a reflexão do doutor angélico, a única razão de toda dádiva gratuita é o amor: quando a dádiva tem um motivo diverso do amor, cessa de ser verdadeira dádiva. Ora o dom que o Eterno Pai nos fez de seu Filho foi verdadeiro dom inteiramente gratuito e sem merecimento algum da nossa parte; é por
230 - isso que se diz que a Encarnação do verbo teve lugar pela operação do Espírito Santo, isto é, unicamente pelo amor, como se exprime o mesmo doutor. Ide, dizia o profeta Isaías, ide publicar por toda parte as invenções do amor do nosso Deus para se fazer amor dos homens. E que invenções não achou o amor de Jesus para se fazer amor de nós? Sobre a cruz Ele quis abrir-nos em suas sagradas chagas tantas fontes de
231 - graças que para as receber basta pedi-las com confiança; e não contente com isso Ele quis dar-se todo a nós no Santíssimo Sacramento. Jesus Cristo anunciou que logo que fosse elevado sobre a cruz, atrairia por seus merecimentos, por seu exemplo e por força de seu amor o afeto de todas as almas, segundo o comentário de Cornélio a Lapide. São Pedro Damião escreve o mesmo:
232 - apenas o Senhor foi suspenso na cruz, atraiu tudo a si por laços de amor. Quem, pois, acrescenta Cornélio, não amará a Jesus que morre por nosso amor? Vede, ó almas resgatadas, nos diz a Igreja, vede o vosso Redentor sobre esta cruz, onde tudo nele respira o amor e vos convida a amá-lo; com a cabeça inclinada para nos dar o beijo da paz, os braços abertos para nos abraçar
233 - e o coração aberto para nos amar. Oh! Bom Jesus, que fazendo tantos prodígios de amor, não pode ainda ganhar os nossos corações? Como, depois de nos haver amado tanto, não chegou ainda a fazer-se amar por nós? Ah! se todos os homens pensassem no amor que Jesus Cristo nos testemunhou morrendo por nós, quem deixaria de amá-lo? As chagas de Jesus, diz São Boaventura, são todas chagas de amor; são setas, são chamas
234 - que ferem os corações mais duros e abrasam as almas mais frias. E que belas chamas de caridade não tem Ele abrasado um tão grande número de almas especialmente pelos sofrimentos que Ele quis suportar na sua morte a fim de nos mostrar a imensidade do seu amor para conosco? Oh! quantos corações felizes nas chagas de Jesus, como em fornalhas ardentes, se tem desta sorte

penetrado do fogo do seu amor, que não recusa-
235 - rão consagrar-lhe nem os bens, nem a vida, nem eles mesmos todos inteiros; vencendo com generoso valor todas as dificuldades que encontravam na observância da divina lei, por amor deste Senhor que, sendo Deus, quis sofrer tanto por seu amor! Tal é também o conselho que nos dá o Apóstolo, não somente para não desfalecermos, mas ainda para corrermos com ligeireza no caminho do céu. É por isso que, nos transportes do seu
236 - amor, Santo Agostinho, de pé em presença de Jesus coberto de chagas e pregado na cruz, fazia esta terna oração: Gravai, dizia ele, ó meu amabilíssimo Salvador! Gravai no meu coração todas as vossas chagas, a fim de que nelas eu leia sempre a vossa dor e o vosso amor. Sim, assim seja para que tendo diante dos olhos a grande dor que tendes sofrido por mim, eu sofra em paz to-
237 - das as penas que me acontecerem e que à vista do amor que me tendes mostrado na cruz eu não ame nem possa amar outra cousa mais que a vós. Como poderíamos jamais esperar perdão, se Jesus por meio do seu sangue e sua morte não houvesse satisfeito por nós à Divina Justiça? Ah! meu Jesus, se vós não houvésseis achado este meio de nos obter o perdão, quem teria jamais po-
238 - dido achá-lo? Davi tinha razão de exclamar: Publicai, ó bem-aventurados, os segredos que o amor de nosso Deus tem achado para nos salvar. As Chagas de Jesus são as ditosas origens donde podemos receber todas as graças, se as buscarmos com fé. E uma fonte sairá da casa do Senhor e ela inundará a torrente onde não cresciam senão espinhos. A morte de Jesus é precisamente, diz Isaías, esta fonte prometida que inundou
239 - nossas almas nas águas da graça e que por sua virtude poderosa há convertido os espinhos do pecado em flores e frutos de vida eterna. Quanto somos devedores ao Bom Jesus, que voluntariamente se ofereceu por nossos pecados a seu Eterno Pai, livrando-nos assim das penas eternas e, vendo que já estava escrita a sentença dada contra nós por causa dos nossos pecados, que fez o amável Redentor? Expiou por sua morte a pena que merecíamos: e apagando com seu sangue a
240 - ata da nossa condenação, para que a Divina Justiça não tivesse mais a exigir de nós a satisfação de que lhe éramos devedores: Ele próprio a uniu à cruz em que

morreu. Para cativar o nosso afeto, ele quis dar-nos as mais extraordinárias provas de amor. Oh! prodígio, ó excesso de amor, digno somente de uma bondade in-
241 - finita. Ah! que maior amor podia Deus mostrar-nos depois de condenar à morte seu Filho inocente para salvar miseráveis pecadores como nós? Se o Eterno Pai fosse vítima de sofrimentos, que pena teria experimentado quando se viu de alguma sorte obrigado pela justiça a condenar este Filho a quem ama tanto como a si mesmo, a morrer de morte tão cruel e ignominiosa? Ele quis que expirasse no meio de tormentas e de ago-
242 - nias, diz Isaías: Imaginai, pois, que vendo o Padre Eterno com seu Filho morto nos braços, dizendo-nos: Homens, este é meu Filho bem-amado em quem tenho posto todas as minhas complacências. Eis aqui o estado a que eu o quis ver reduzido por causa de vossas iniqüidades. Eis aqui de que modo o condenei à Cruz, mergulhado em aflições, abandonado de mim mesmo
243 - que o amo tão ternamente. Tenho feito tudo isto para obter o vosso amor. Há cristãos que correspondem tão ingratamente aos benefícios de Deus; os fatos demostraram que eles vivem como cegos. Como podem ter confiança na divina misericórdia, vivendo no pecado? Não devem terminar em semelhante carreira, a mais triste que é impossível imaginar a compreensão humana! Sim, ainda querem viver em trevas, sendo que o pecado
244 - vos separa da verdadeira luz? A vontade de Deus é que todos se salvem, que ninguém se perca. Mas é necessário que, compreendendo bem a sua divina vontade, tratem de deixar o pecado. São Lucas afirma que Jesus Cristo nos alcançou mais bem por sua morte do que o demônio nos fez mal pelo pecado de Adão. É isto que diz claramente o Apóstolo aos romanos: Non sicut delictum, ita et donum... Ubi autem abundavit delictum, superabundavit gratia (Rom., V. 15 e 20).
245 - Não foi tão grande o pecado como o benefício; onde abundou o pecado superabundou a graça. O cardeal Hugo exprime assim estas palavras: a graça de Jesus Cristo pode mais que o pecado. Não há comparação, diz o Apóstolo, entre o pecado do homem e o benefício que Deus nos fez dando-nos a Jesus Cristo. Grande foi o pecado de Adão, mas bem maior foi a graça que
246 - Jesus Cristo nos mereceu por sua paixão. Eu vim ao mundo, diz claramente o Salvador, para que os homens

mortos pelo pecado recebam por mim não somente a vida da graça, mas uma vida mais abundante do que a que tinham perdido pelo pecado. É por isto que a Santa Igreja, nos transportes da sua alegria, chama feliz a culpa que nos mereceu termos um Redentor.

247 - Santo Tomás diz: que Jesus Cristo quis sofrer uma dor bem grande, que fosse capaz de satisfazer por todas as penas que mereciam temporalmente todos os pecados de todos os homens. E São Boaventura exprime assim estas palavras: Se pois, ó meu Jesus, vós que sois Deus Todo-poderoso, sois também meu Salvador, como posso eu temer o condenar-me? Se quanto ao passado vos tenho ofendido, eu me arrependo de todo o coração. De hoje em diante quero servir-vos, obedecer-vos

248 - e amar-vos. Espero firmemente que vós, ó meu Redentor, que tanto tendes feito e sofrido por minha salvação, não me recusareis algumas das graças que me sejam necessárias para me salvar. À vista destas verdades, como pode temer a condenação eterna aquele que abandona o pecado. Demonstrada como se acha

249 - a realidade desta proposição, é evidente que aqueles que vivem no pecado devem abandoná-lo. Deus usará de sua infinita bondade e misericórdia para com eles, visto como deseja que ninguém se perca.

250 - *2º Mandamento*

É uma ofensa que comete neste preceito aquele que fizer qualquer jura, invocando o santo nome de Deus em vão. Deveis, pois, evitar de fazer juras, no caso que ninguém dê crédito às vossas palavras. O juramento é admissível para descobrimento da verdade, mas deve ser de modo que não aumente, nem diminua cousa alguma sobre o caso que fez objeto do juramento. Se,

251 - porém, ele se acha revestido de muitas circunstâncias que é impossível trazer tudo impresso na memória, convém que tome nota de tudo, decorando bem para quando fordes prestar o vosso depoimento não cair em alguma contradição. Mas não obstante semelhante cautela, se cair em alguma falta não é motivo para perturbar o vosso espírito, porque Deus não quer o impossível. Ao passo que é horroroso o procedimento da-

252 - quele que nada sabendo da causa, nem de vista, nem

de ouvir dizer, presta juramento falso, movido por respeito humano, por paga ou por qualquer consideração. Também é admissível o juramento por ouvir dizer; mas é preciso que a testemunha declare o nome da pessoa que referiu o caso em questão, de modo que penetre a fonte original da causa, para ter o vosso depoimento o valor em direito. Mas, se o vosso depoimento não
253 - for nestes princípios, de modo que esteja no véu da incerteza, dizendo simplesmente - eu sei por ouvir dizer que se deu o caso em questão - não declarando o nome da pessoa, nem minuciosamente o que tiver ocorrido sobre o objeto do juramento, não vale o vosso depoimento. É pecado mortal deixar de dar o juramento, sabendo a verdade, por remisso ou malícia. Razão por que se admite em direito que se possa obrigar a
254 - testemunha por justiça a dar o seu juramento para se saber a verdade das partes e a decisão dos pleitos. Não vos deveis conduzir por aquele que vos vem descarregar o golpe para ferir a vossa consciência, que tanto deve ter em mira. Considerem profundamente que tal homem é semelhante ao carrasco quando fazia sua vítima. Penetrem-se, pois, vivamente desta verdade, resistindo àquele que vos convida para prestar um juramento falso. Considerem, ainda, que se tal ho-
255 - mem tivesse a menor sombra de religião, certamente não vos convidaria para cometerdes uma ofensa gravíssima contra a lei divina. O horror que inspira o vosso procedimento, deixando-vos vencer pela ameaça, para cometerdes um juramento falso que ocasiona o dano, que sois responsável por ele. Que importa atrair sobre vós essa odiosidade ou perseguição? Se vos achardes
256 - penetrado de reconhecimento pelos benefícios que tendes recebido deles, é justo que deveis satisfazê-lo, menos com sacrifício da vossa consciência; conservando-vos numa atitude invencível acerca deste objeto de tanta transcedência para o homem que verdadeiramente teme a Deus. Há cristãos desmoralizados para jurar tudo quanto lhes pedem! E quem há de pagar tantos prejuízos que quase sempre se segue desses
257 - juramentos falsos? Essas testemunhas, pois, além do grande pecado que cometem, ficam responsáveis por todos os tratos, despesas e danos que se seguirem de seus juramentos falsos. Parece ser esquecimento da morte que ocasiona tanta desgraça. É mais útil que não

vos esqueçais que haveis de temer: porque não há cousa mais importante para livrar os homens de ofen-
258 - der a Deus do que a repetida lembrança da morte. E diz Santo Agostinho: que esta lembrança há de ser de todos os dias, para que estejam os homens aparelhados para quando Deus os chamar a dar contas de suas vidas. Porque é certo que satanás, acérrimo inimigo do gênero humano, conhecendo que o melhor meio para fazer pecar os homens é o esquecimento da morte, tratou logo de tirar a lembrança dela a Adão e Eva no
259 - Paraíso quando lhes disse: Nequaquam morte moriemini, e deste modo os fez cair na culpa. Corrobora-se melhor esta verdade pelo que diz o Espírito Santo: Lembra-te dos teus novíssimos e nunca pecarás. Memorare novissima tua et non peccabis (Eccl. 17, v.4). E à vista de tão grande autoridade vejam agora de quanta importância é a toda criatura racional o trazer sempre presente esta lembrança para evitar a ocasião
260 - de pecar. Da consideração da eternidade se valeu Davi, quando disse: que tanto meditou na eternidade, lhe ficou tão impressa na alma, que muito mais que antes se deu ao serviço de Deus, a caminho do espírito. Corrobora-se melhor esta verdade pelo que diz o Espírito Santo por Salomão: que todo homem caminha para casa de sua eternidade: vel homo in domum aeternitate sua (Eccl., 12, v. 5). A história refere
261 - o fato de uma fé tão firme praticada nos primeiros séculos do cristianismo pelos soldados do imperador Juliano que jamais se apagará da memória da posteridade. Mandando-lhes o imperador que eles adorassem os ídolos, desobedeceram porque tinham o verdadeiro sentimento de religião, que só a Deus se deve adorar, o verdadeiro Rei que reina nos mais altos céus. Movidos de zelo religioso, que tanto caracterizava nos seus
262 - corações, desobedeciam ao monarca porque sabiam verdadeiramente que era uma ofensa gravíssima que cometiam contra Deus, se adorassem os ídolos. Quem deixará de conhecer aqui a ternura e o afeto que eles nutriam pela glória de Deus? O convite de seu monarca não podia dobrar os fortes princípios de sua fé, para não cometerem idolatria. Falando agora da obrigação
263 - que tem o homem que teme a Deus e sabe as contas que lhe há de dar, deve fazer muito por acertar em qualquer cargo ou poder em que se vê constituído, para não

incorrer no pecado de comissão, nem experimentar o rigor com que Deus promete julgar as justiças: Cum ecce per tempus ego justitias judicabo (Ps 74-3). Eu tomarei tempo, disse Deus, para julgar as justiças. Se Deus, para julgar as consciências dos que governam, disse que há de to-

264 - mar tempo: como poderão escusar-se os homens de tomar tempo para com acerto obrarem aquilo que Deus e o monarca lhes têm encarregado por obrigação de seus ofícios e cargos, em que lhes não vai menos que a sua salvação ou sua condenação eterna? Porém, o que mais estranho e tomara que se emendassem, é o que hoje vejo tão praticado no mundo, vem a ser: uns

265 - certos juízos com capa de virtude, os quais muitas vezes tiram a justiça a quem a tem para darem a quem não tem. Ação digna de um grande castigo e repreensão, tanto pela ofensa a Deus, como do próximo. Como se há de ajustar à lei divina e, ainda, às humanas, o que só põe os olhos no interesse e os cuidados nos respeitos humanos? Atrapalham a lei divina e negam o sentido das leis humanas, sendo que foram e são

266 - fundadas muitas razões em justiças, como podem ver quem as ler com atenção. Honrosa causa é o ofício do juiz e assim deve cumprir com os seus deveres. Se o juiz teme a Deus, logo faz boa justiça e todos o temem e faz venerar a Deus e guardar as leis. O primeiro juiz que houve no mundo, de vara vermelha, foi Moisés: porque nos quis Deus mostrar que assim como deu a lei, que são os dez mandamentos, era necessário que houvesse ministro que a fizesse guardar e observar

267 - os seus preceitos. E que fosse Moisés juiz de vara vermelha, e por isso o mais rigoroso, porque foi grande executor da lei pelos castigos que fez a Faraó, e ainda ao seu mesmo povo, como consta da Sagrada Escritura: e por isso a Deus chamavam Deus das vinganças. Não faltava Moisés às obrigações de seu cargo, porque não se deixava levar dos respeitos humanos, trabalhando muito para julgar com acerto, subindo ao Monte e

268 - tratar com Deus, já descendo ao vale a castigar e a repreender o povo. E que título vos parece lhe deram? Não foi menos que dizer-se "Deus", que a tanto como isto chegam os homens pela boa justiça que fazem. Outro juiz, o primeiro de vara branca que houve no mundo, foi Nosso Senhor Jesus Cristo, o qual veio do céu a tomar natureza humana, concebido no seio da

santa Virgem Maria, nascido em Belém, e logo mandou apregoar pelos anjos paz aos homens porque os
269 - vinha governar de boa vontade, despachado da Mesa do Paço da Santíssima Trindade, trazendo o poder, o saber e o amor. Foi assistido dos anjos, adorado dos reis e visitado dos homens; os quais lhe tributaram e ofereceram muitas ofertas, nem por isso deixou de ser o mais humilde, desprezando a soberba, reto em fazer justiça. Veio pobre, viveu independente, morreu despido e partiu-se para a sua pátria com muitas enchentes de Graças; pelos merecimentos que fez na terra em to-
270 - do tempo do seu bom governo, levando o título de rei.

3º Mandamento

271 - Que ofensa gravíssima cometem neste preceito aqueles que não santificam o domingo e o dia santo de guarda, à vista da qualidade da belíssima pessoa que sofre esta ofensa, que é um Deus de majestade infinita, a quem os anjos não levantam a vista. Não se pode qualificar o procedimento daqueles que praticam desse modo, que parece não haver neles a menor sombra de
272 - temor do Onipotente. Quem, pois, não pasma à vista de tão degradante procedimento? Sim, eles devem considerar atentamente que têm seis dias para o seu trabalho, o domingo é o dia do Senhor, é o dia que Ele descansa, é o dia enfim que Ele abençoa e santifica, como memória de suas obras. Se querem ser glorificados com Ele para gozar de sua glória, honrem ao Senhor santificando o domingo e dia santo de guarda,
273 - ouvindo missa, lendo livros espirituais, rezando o rosário e assistindo aos atos da religião. Se a lei de Nosso Senhor Jesus Cristo é verdadeira, que os homens devem guardar irrepreensivelmente para a sua salvação. Porque, suposto que logo no princípio do mundo houve a lei da natureza, que guardaram Adão e seus descendentes, e depois Deus deu a Moisés a lei escrita, foram ambas a respeito da lei da graça como um regimento por onde os homens governassem para se não perde-
274 - rem, até que viesse ao mundo Jesus Cristo, verdadeiro Messias prometido por Deus aos patriarcas, profetizado pelos profetas, e por um e outro tão esperado. O qual, depois que chegou e aparecendo no mundo com verdadeira luz para exterminar das almas

as trevas da culpa: uma e outra lei encheu e reformou, fazendo-a verdadeira lei da graça, por ser este Senhor o último fim no complemento da lei, como lhe chamou São
275 - Paulo. Porque toda a lei antiga se referia e encaminhava ao Filho de Deus como ao seu objeto, esperando finalmente sua santa vinda para aperfeiçoá-la, encher e mudar na lei da graça como este mesmo Senhor disse: Non veni solvere legem, sed adimplere eam (Mat. 5, v. 17). E assim vos digo que todas as mais leis e seitas que o demônio tem introduzido no mundo por seus sequazes são falsas e errôneas e só
276 - a lei da graça é verdadeira, como tudo podemos ver das Sagradas Letras, e se tem comprovado pelos grandes prodígios que se viram na consumação desta santíssima lei da graça, quando seu legislador, Jesus, verdadeiro Filho do Padre Eterno, a consumou e rubricou com o seu preciosíssimo sangue em toda a sua santíssima paixão: cruz bendita, na qual quis morrer crucificado para remir o gênero humano; árvore da vida, finalmente em contraposição da queda em que Adão con-
277 - traiu na culpa original infeccionando a todos os seus descendentes. O que tudo fez e obrou este amorosíssimo Deus feito Homem para mostrar aos homens o seu grande amor; que se dignou remir o gênero humano que estava cativo pelo pecado cometido por Adão contra Deus. E para que os homens, penetrados de reconhecimento o amassem com a fé na sua palavra, obediência aos seus mandamentos e a imitação de seus
278 - exemplos. Como são injustos aqueles que ofendem a honra de Deus, que pode lançá-los vivos no inferno: se eles trouxessem gravados em seus corações o preceito da Santa Igreja, quando o Ministro no dia de cinzas pronuncia estas palavras: Memento homo quia pulvis es et in pulverem reverteris! Certamente eles não cometeram tão gravíssima ofensa. Como cobrirá Deus com o manto de sua infinita misericórdia a tais ho-
279 - mens morrendo eles em tais pecados? O doutor angélico Santo Tomás afirma que o pecado é quase infinito por ser feito contra a majestade infinita. Aumenta sua graveza pela vileza da pessoa que o comete, por ser um vil bichinho da terra, contra o seu criador, benfeitor e Redentor. Não devem proceder de semelhante modo que revela ingratidão, que excede a compreensão

humana! Correspondam generosamente aos benefícios de Deus, que para tirar-nos das mãos de Lúcifer deu sua vida divina. Considerem quem poderia fazer morrer um Deus Todo-poderoso, se por sua livre vontade Ele não quisesse dar por nós a vida? Por isso nota São João que foi por sua morte que Jesus nos deu a maior prova que podia dar-nos de seu amor. Por sua morte, diz um piedoso autor, Jesus nos deu uma prova tão grande de seu amor, que depois dela nada mais restava a fazer para nos mostrar quanto nos ama. Onde está a vossa fé? Não tendes tantas vezes ouvido a palavra do Senhor e ainda não querem cumpri-la? Entretanto, vejam a resposta que Jesus Cristo deu àquela mulher que, ouvindo a sua doutrina, levantando a voz lhe disse: Beatus venter qui te portavit et ubera quae suxiste (Luc. 11, v. 27). Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos a que foste criado. E Jesus Cristo lhe respondeu: Quinimo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud. Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem por obra. Quem teria nunca imaginado que tais homens, sabendo perfeitamente que Nosso Senhor Jesus Cristo veio ao mundo, que foi crucificado e morto por nossa salvação, vivam ofendendo a sua santa lei? Oh! quanta falta de religião, que parece não terem sido educados em tão santos e salutares princípios. Vejam e admirem o brilhante sinal de fé que deixaram os varões, que muitos séculos antes da vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo ao mundo, ouvindo os oráculos dos profetas que anunciavam a sua vinda, acreditaram n'Ele de modo que o levaram à Lei que foi dada a Moisés para que os homens se governassem. Que fim ditoso tiveram eles, que deixando a presente vida, foram para o seio de Abraão. Antes de Nosso Senhor Jesus Cristo subir ao céu, desceu ao inferno, chamado seio de Abraão, a tirar aquelas almas dos santos padres que lá estavam esperando pelos tesouros de seus divinos merecimentos para poderem ir gozar da bem-aventurança! Porque nos quis mostrar este amorosíssimo Deus, que também devemos nos lembrar das almas do purgatório, na representação daqueles que estavam no seio de Abraão, com as nossas deixas e sufrágios, inumeráveis benefícios que disso resulta a quem as faz.

Vejam ainda o que disse nosso amável Jesus: *Qui habet mandata mea et servat ea: ille est qui diligit me. Qui autem diligit me diligetur a Patre meo: et ego diligam eum et manifestabo ei meipsum* (Jo 14, v. 21). Aquele que tem os meus mandamentos e que os
286 - guarda, esse é o que me ama. E aquele que me ama será amado de meu Pai e eu o amarei também e me manifestarei a ele. Mandou Deus a Noé que aconselhasse o povo, porém eles fecharam os olhos às admoestações de Noé e davam-se a toda sorte de divertimentos e devassidões, comendo, bebendo e folgando como se nada fosse com eles, até que foram todos abismados no dilúvio. Por este tremendo exemplo se mostra que Deus é, sim, paciente; mas que sua misericórdia
287 - tem enfim um termo onde há lugar à sua justiça para punir o pecador que não for penitente e que, depois de menoscabar a sua lei, despreza os seus avisos. Deus ainda usou de bondade, porque podendo num instante inundar toda a terra e abismar seus habitantes, quis que as águas fossem cercando pouco a pouco para que à proporção que o medo da morte ia aumentando, fossem os homens arrependendo-se de suas maldades e
288 - pedissem perdão a Deus, querendo por este modo que não morressem eternamente aqueles que para o tempo não podiam mais viver. Há cristãos tão carregados de pecados que vivem como cegos, ainda quando mais claramente se lhes mostra com toda a evidência esta verdadeira luz da santa doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo, e só depois lhes anoitece com as trevas da morte e conhecem e vêem o erro em que andavam nesta
289 - vida, deslumbrados da verdadeira luz. Parece que eles são imitadores daqueles que fecharam os olhos, nem conheceram o que lhes havia de suceder, movidos pela incredulidade, não obstante serem advertidos por Nosso Senhor Jesus Cristo, quando disse: *Quia si cognovisses et tu, et quidem in hac die tua, quae ad pacem tibi, nunc autem abscondita sunt ab oculis tuis* (Luc. 19, v. 42). Ah! se ao menos neste dia que agora te foi
290 - dado conhecesses ainda tu o que te pode trazer a paz, mas por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos. Também vos advirto que se não tomares os meus conselhos não terão motivos para justificar o vosso procedimento; convertam-se, compadecendo-se das vossas

almas. Como tantos séculos advertiu Jeremias, repreendendo aos homens os seus vícios, por desperdiçarem o tempo que Deus lhes dava para o emprego de seu santo serviço e bem da sua salvação. Assim, pois,
291 - não deixem para a hora da morte um negócio de tanta importância como é o da vossa salvação. Combatam contra o pecado para alcançarem os bens da glória, que são de valor tão preciosíssimo que não há quem possa aclarar sua grandeza. Porque ainda é glória e riqueza em casa de Deus, sem que ali se padeça necessidade alguma: tudo é um bem acumulado de todos os bens, sem receio de jamais perdê-lo. Lá não há noite
292 - nem calor, nem frio nem mudança do ar, sim um perfeito dia, alegre, claro, sereno e cheio de toda segurança para sempre.

4º Mandamento

293 - Os filhos devem amar a seus pais, respeitando, obedecendo e socorrendo-os em suas necessidades temporais e espirituais: pobreza, velhice, enfermidades e qualquer trabalho. Procurar-lhes o socorro da Igreja no perigo da vida: sufragar suas almas e executar sua última vontade. Se eles desviam da religião, devem exortá-los com toda mansidão e paciência. E assim
294 - procedendo os bons filhos, terão os prêmios que são a bênção e a graça de Deus, que cercando-os de felicidades neste mundo, alcançarão a glória eterna. Os pais devem cuidar muito na educação de seus filhos, dando-lhes o sustento e o necessário para se vestirem, além da boa doutrina; e, obrando o contrário, pecam mortalmente neste preceito. E sobretudo devem ter muito cuidado e zelo na guarda de suas famílias como jóias de grande valor precioso, que Deus lhes tem en-
295 - carregado, e que lhes há de pedir estreitas contas, se se deixarem perder. Quanto mimo com que muitos pais tratam os filhos tem sido a causa de os deitarem a perder e virem neles lastimosos sucessos acontecidos por não os repreenderem, nem lhes darem boa doutrina enquanto pequenos: como se conta daquele que cortou o nariz com os dentes à mãe, ao pé da forca, pelo deixar enquanto pequeno furtar e obrar mal sem repreensão nem castigo. E que direi eu de muitos pais e supe-

riores que sabendo dos vícios e pecados de seus filhos e súditos, os não repreendem e talvez estejam dissimulando, principalmente no pecado do concubinato? Devem saber que não há de haver filho família, que tendo pai e estando em seu pátrio domínio, nem súdito tendo superior alento porque tais pais e superiores têm obrigação de os evitar deste pecado, conforme o poder que Deus lhes tem dado. E quando se não queiram emendar com a palavra, executem-nos com o castigo e por isto terão de Deus o prêmio. O pai que não cumpre com suas obrigações, além de expor seus filhos ao risco de lhe tirarem a vida, lhes faz perder a alma. Não cuide algum que por jejuar e fazer alguma obra de virtude, que fica livre de ser castigado de Deus, faltando com as obrigações de seu estado: Job, falando dos pecadores, disse que Deus há de castigar, fazendo que vejam os pais padecer a seus filhos e morrer à sua vista. São os filhos obrigados a casar a contento dos pais, para com acerto contraírem aquele estado, como diz Sancho (De Matrim., Lib. 6, desp. 33, nº 10). Os que se casam contra vontade de seus pais, com pessoas desiguais, pecam gravemente (Fagundes, Decálogo, Lib. 4., cap. 4, v. 3). Porém, tendo tomado conselho, e sendo pessoa digna, ainda que seus pais os contradigam, podem contrair matrimônio (Sanches e outros muitos). E ao filho obediente a seus pais nunca lhe pode suceder mal. E, pelo contrário, sabemos que muitos filhos por não serem bem ensinados por seus pais, vêm depois a experimentar o mesmo quando têm filhos. Como se conta daquele pai, a quem o filho trouxe pelos cabelos a empuxões pela escada abaixo e chegando a certo lugar lhe disse o pai: Basta, filho; que até aqui trouxe eu também deste modo a teu avô em certa ocasião. Finalmente, não há maior glória para um pai do que ver seu filho obediente, nem maior felicidade para um filho, do que ser obediente e honrar a seu pai. Por esta certeza recomendou Salomão aos filhos a observância dos preceitos paternos (Prov. 6, v. 20). Mais glorioso foi para Enéas o nome de piedoso, salvando nos ombros a seu pai; que o de valoroso, tendo a seus pés seus inimigos. Ditosos chamou Eurípedes aos pais que têm filhos obedientes. E pelo contrário, se podem intitular desgraçados os que têm filhos descomedidos aos conselhos e preceitos justos de

296 – 297 – 298 – 299 – 300 – 301 –

seus pais. Por isso, como diz Quintiliano, são os filhos a esperança dos pais, quando obram bem e virtuosamente. Porém, falando agora da obrigação que eles têm de guardar este quarto mandamento de honrar pai e mãe, não só se deve entender dos filhos para com os pais; mas também do cuidado que hão de ter os pais para com os filhos na boa educação, dando-lhes boa dou-
302 - trina, ou sejam legítimos ou naturais. De duas cousas, pela maior parte, sucedem nos filhos quando abandonam a casa de seus pais, para se lançarem aos vícios: a primeira é o mau exemplo e a segunda a má inclinação. Alguma força tem na criatura a má inclinação; porém, pela maior parte semelhantes vícios procedem do mau exemplo e falta de doutrina. Pode haver maior descuido que deixar um pai e uma mãe sair uma filha
303 - só em companhia de uma pessoa desonesta por caminhos, fontes, roçados, sem disto não fazerem caso? Sendo que devem isto evitar com grande cuidado, para conservação de sua honra e serviço de Deus. Pode haver maior martírio para uma donzela honesta e virtuosa do que levá-la à casa de uma prostituta? Foi este um gênero de tormentos com que aquele tirano quis atormentar santa Luzia, para ver se podia desviá-la
304 - do santo temor de Deus, para que deixasse de ser mártir e completasse o seu santo desejo; Deus acudiu em a livrar, para que conseguisse o seu glorioso e santo martírio. Tomem o exemplo, ó mães de família, da mãe de são Luis, rei de França, que o recebia nos braços sendo menino, lhe disse: que antes o queria ver morto do que vê-lo ofender a Deus: motivo por que foi Deus servido que ele viesse a ser santo. Oh! que
305 - brilhante efeito produziu aquela virtuosa doutrina! Entretanto, quem desconhecerá o terrível efeito que produz o escândalo? Vários são os exemplos que acerca de semelhante procedimento se contam e se têm visto. E basta para a confirmação de tudo o que disse Nosso Senhor Jesus Cristo, julgando por menos mal a qualquer homem ser lançado com uma pedra ao pescoço no fundo do mar, do que dar escândalo aos outros de
306 - pecados; porque a maior glória e honra que se pode dar a Deus é o bom exemplo e ensinar os ignorantes. Não é dito mui; mas de alguns Santos da Igreja. Nosso Senhor Jesus Cristo venceu e convenceu os pecadores

com o bom exemplo. Porque é certo que o que trata com o bom, bom fica e o que trata com perverso, perverso fica e distraído. E assim digam-me o que há de fazer o filho ou súdito, vendo que seu pai ou superior
307 - caminham para o pecado? Necessariamente há de segui-lo; o pai de família há de ser como um espelho limpo e sem mancha, para sua família se ver nele e se emendar de suas faltas. Como pode repreender quem se acha compreendido e talvez na mesma culpa? Imitem filhos procedimento do mais obediente de todos os filhos. Jesus obedecia não só ao castíssimo são José, mas também à sua santíssima Mãe, mas esta dependência em Maria motiva uma dor profunda, visto como
308 - sabia perfeitamente quem era aquele que se dignou de ser seu filho. Se por um lado se alegrava de ser o seu querido Jesus satisfeito de estar em sua companhia, exercendo os ofícios mais insignificantes, por outro lado não podia deixar de ter pena ver tão abatida aquela soberana majestade, diante da qual se prostram os anjos e os homens e de quem tremem os demônios. Quantos atos de verdadeira humildade não faria a Senhora
309 - diante deste Deus de amor, mas quanto lhe custava a necessidade de mandar a seu Filho? É assim, pois, como Maria se prostra para com Jesus em sua vida particular. O doce Jesus tendo de dar princípio à sua pregação antes de retirar-se ao deserto, para ali se exercitar em asperíssimas penitências, tinha de declarar à querida Mãe o seu desígnio e era mister obter o seu consentimento; lançando as vistas para Maria e meditando na sua partida, teria o cuidado de ocultar a co-
310 - moção do seu coração, as próprias lágrimas, para não penalizar antes da hora aquela santíssima criatura. Mas enfim era preciso declará-lo, era necessário dar-lhe parte da sua disposição. Nestes momentos, pois, em que Jesus se aproximava de sua Mãe para falar-lhe, como estaria aquele coração filial? Maria o recebe com um respeito e amor desconhecido no mundo, ouve
311 - silenciosa a notícia da partida e o motivo dela. Minha querida Mãe, diria Jesus, sabeis que vim à terra cumprir uma missão; o tempo é chegado e eu devo preparar-me com penitência para ela. Consenti, pois, que para este fim eu me retire ao deserto. Ouvindo Maria estas palavras, lavou-se em lágrimas e dando o seu consentimento, as suas expressões eram interrompidas com soluços

e suspiros. Jesus ainda pediu à sua Mãe permissão para suportar a morte. Jesus queixa-se por boca
312 - do profeta, que morrendo sobre a cruz e procurando alguma pessoa que o consolasse, não achou. Pelo contrário, no momento mesmo em que expirava, os judeus e os romanos lançavam contra Ele maldições e blasfêmias. Maria, sua santíssima mãe, conservava-se é verdade ao pé da cruz, a fim de procurar-lhe algum alívio se pudesse, mas esta Mãe terna e aflita contribuiu antes
313 - pela dor e compaixão que a oprimia a aumentar a pena deste Filho que tanto amava. São Bernardo diz positivamente que as dores de Maria contribuíram todas a afligir mais o coração de Jesus. De tal sorte que quando o Salvador lançava os olhos para sua Mãe tão aflita, sentia o coração mais penetrado das dores de Maria do que das suas, como a mesma beatíssima Virgem o revelou a Santa Brígida. A cujo respeito São
314 - Bernardo exclama: Oh! Bom Jesus, vós sofreis grandes dores em vosso corpo; mas vós as sofreis ainda maiores à vista das de vossa Mãe. Que desgosto profundo deveriam provar sobretudo estes doces corações abrasados de Jesus e Maria, no momento em que o Filho, antes que expirasse, devia despedir-se de sua Mãe? Eis as últimas palavras por que Jesus disse adeus neste mundo à sua Mãe: Mulher, eis aí vosso Filho, mos-
315 - trando-lhe são João que lhe deixava por filho em seu lugar; e a Senhora, ouvindo tão ternas expressões, compreendeu que o seu Jesus ia morrer. Ah! há pouco a Mãe e o Filho se tinham conservado em perfeito silêncio, porque nem Jesus se queixava à sua Mãe dos tormentos que sofria, nem a Senhora lhe dirigia palavra para o consolar; e isto não só porque a crueldade dos judeus tirava-lhes a ocasião de o fazer, como por-
316 - que as horas eram de padecer sem trocar entre si uma só expressão. Agora, porém, Jesus é quem fala à Virgem Mãe em um sentido todo claro de amor e de compaixão, dando-lhe assim a prova mais completa do seu afeto. Maria, ouvindo seu Filho, não desconhece que estas eram as únicas palavras que da Cruz lhe endereçaria, visto como a morte já principiava a desfigurar aquele rosto divino. Nesta suprema disposição do Sal-
317 - vador ficou Maria na pessoa do discípulo amado constituída verdadeira Mãe segundo a divina vontade. Mas

se esta vontade do Senhor, muito consola a Virgem Santíssima, Ela sente e sentirá, porque muitos desprezarão o sangue inocente, tornando-se assim sem fruto tanto padecer, tanto penar de seu Filho Jesus: o que com efeito sangra-lhe de novo o coração e aviva-lhe a dor. Assim, pois, convertam-se, com a mais firme
318 - disposição da vossa parte, para merecerem o fruto da Redenção.

5º Mandamento

319 - Quantas lágrimas arranca o assassino de uma família como ofensa da lei divina e humana; a miséria a que ficam expostos a esposa e seu filhinhos, se deixar sofrer semelhante golpe com a necessária resignação? Ainda que tal homem fosse vítima de muitas injúrias de seu inimigo, não era motivo suficiente para tirar-lhe a vida, visto ser um dano irreparável: deven-
320 - do receber essas injúrias pelo amor de Deus, para imitar o seu exemplo, que sofre ultrajes no seu maior grau como disse santo Tomás. Se ele considerasse que enquanto Jesus estava moribundo na cruz, não cessavam os homens de atormentá-lo com exprobrações. Uns diziam, ele salvou os outros e não pode salvar-se a si? Se é rei de Israel, que desça agora da cruz. E que fazia Jesus do alto da cruz, enquanto eles o insultavam?
321 - Pedia talvez a seu Eterno pai que os punisse? Não; mas que os perdoasse. Sim, diz santo Tomás: o salvador para mostrar o imenso amor que tinha pelos homens pediu perdão a Deus para seus próprios algozes. Ele pediu e obteve, de tal sorte que quando o viram expirar, eles se arrependeram de seus pecados. E ao retirar-se feriam o peito. Oh! o sangue do Redentor clama bem melhor misericórdia em nosso favor do que o
322 - sangue de Abel clamava por vingança contra Caim. A minha justiça, disse Deus a santa Madalena de Pazis, se há mudado em clemência pela vingança que tenho exercido sobre a carne inocente de Jesus Cristo. O sangue de meu filho não me pede vingança como o de Abel; ele me pede pelo contrário misericórdia e compaixão; e a esta voz a minha justiça não pode deixar de apaziguar-se: este divino sangue mitiga as mãos,
323 - de sorte que não pode por assim dizer usar delas para tirar dos pecados a vingança que tinha resolvido. Con-

siderem que não imitando o exemplo de Nosso Senhor Jesus Cristo, que nos forneceu um remédio tão salutar para cura da soberba, de sorte que não aceitando-o, fica ele incurável. E se Jesus, o justo por essência, sendo vítima de tantas afrontas, as sofreu pacientemente, oferecendo tudo a seu Eterno Pai, para nos obter o per-
324 - dão dos nossos pecados, abandonem a soberba, visto que a Escritura nos mostra que Deus não usará de misericórdia para com os soberbos, pelo contrário se conhece que os castigará com todo o peso de sua justiça. Davi com espírito profético pedia a Deus que lhe tirasse o véu dos olhos para que pudesse conhecer as maravilhas dos seus mistérios (Ps. 118, v. 18). Isto é, a cegueira da soberba e de todos os mais vícios e pe-
325 - cados que nos privam e cegam, para não podermos ver os infinitos benefícios que atualmente nos está Deus fazendo; e pela névoa da culpa não podemos ver nem enxergar. Não se deve proteger o assassino que deve expiar o seu crime na cadeia para não sair dela, para servir de exemplo àqueles que o queiram imitar. Para que foi constituída a lei, senão para garantir o direito do homem? Aquele, porém, que não quer sofrer injú-
326 - rias por Nosso Senhor Jesus Cristo, cujo exemplo deve imitar, então recorra à lei, para punir aquele que o injuriou, porque só assim evitará de tirar a existência do próximo e arrancar tantas lágrimas de uma família. Não se pode explicar o procedimento do soberbo; se vos digo que recorram à lei, é porque me parece que muitos de vós não querem fazer a vontade de Deus; deixam-se vencer da soberba. Assim, pois, se haveis de
327 - lavar as mãos no sangue do próximo ide à presença da autoridade para aí, se proceder contra ele, na forma da lei, de cuja execução o Bom Jesus deixou-nos o exemplo. Bem sabia Ele que na antiga lei se mandava os pais circuncisar seus filhos, oito dias depois de nascidos, e esta cerimônia era dolorosa; porque o menino que o recebeu sofria uma ferida da qual naturalmente saía sangue. A cumprir esta lei, nossa carinhosa
328 - Mãe humildemente se sujeita, entregando o seu doce Jesus; e enquanto o ministro faz o seu dever, o mimoso Filho estende os bracinhos para Ela, querendo consolar-se na complacência que tem para com esta alma bendita: Ao mesmo passo que, como cordeirinho dá

balidos tão tocantes, que penetram o sagrado coração da grande Senhora. Oh! como enternece ver o Filho
329 - neste estado, como é doloroso ver a Mãe chorar! Aproximemo-nos portanto desde quadro repassado de ternura e de instrução para nós. Se a circuncisão foi instituída como sinal distintivo do povo de Deus, Jesus que é o mesmo Deus de modo algum estava sujeito a esta lei; mas voluntariamente se submete ao seu cumprimento, nos instrui com o exemplo antes de o fazer
330 - com a palavra, que Ele é o Legislador suspirado há tantos séculos, e que assim principia a sua carreira sobre a terra, sofrendo por nosso amor. Maria, meditando profundamente nestas verdades se sujeita em tudo à ordem do céu, e na mais perfeita resignação encara tranqüila o que sofre a inocente vítima em seus braços colocada. Maria procura afagar a Jesus, e por entre estes mútuos transportes de ternura, as lágrimas do
331 - Filho se confundem com as da Mãe. É preciso, querido Filho, dizia Ela, cumprir-se a lei, de cuja execução vós mesmo me dais o exemplo. E se me vir enfim chorar, é essa a linguagem da Natureza de mãos dadas com fortíssimo amor, que me faz já estar sentindo, em vista de vosso sangue derramado. O homem não pode pois justificar o seu procedimento acerca de qualquer injúria, por mais grave que receba do próximo, para
332 - puni-lo, ainda que seja pelos meios legais, se considerasse profundamente que Deus sofreu tantas afrontas pacientemente, dando-nos assim o exemplo para que fosse imitado. Nosso Senhor Jesus Cristo disse a seus discípulos: Tendes ouvido o que foi dito aos antigos: Amarás a teu próximo e aborrecerás a teu inimigo. Mas Eu vos digo: amai a vossos inimigos, fazei bem aos
333 - que têm ódio; e orai pelos que vos perseguem e caluniam: *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros, benefacite his, qui oderunt vos et orate pro persequentibus et calumniantibus vos* (Mat., c. 5, v. 44). Para serdes filhos de vosso Pai que está nos céus: o qual faz nascer o seu sol sobre bons e maus e vir chuva sobre justos e injustos. Porque se vós não amais senão aos que vos amam, que recompensa haveis de ter? Não fazem os publicanos também o mesmo? E se vós sau-
334 - dardes somente os vossos irmãos, que fazeis nisto de especial? Não fazem também assim os gentios? A dou-

trina do Altíssimo nos está ensinando que ainda que nos digam muitas ignomínias, ainda que o nosso rosto se veja coberto de confusão, nem por isso devemos molestar nem tomar satisfações, mas sim fazermos bem àquele que nos injuriou. E São Paulo diz: que
335 - vencemos o mal com o bem. E se não obramos assim, procedem as iras, os ódios e as vinganças contra o nosso próximo. Vejam agora a que desatino maior pode chegar uma criatura que, por satisfazer uma paixão, se priva de tanto bem, e corte por tantas obrigações o preceito divino de amar a Deus sobre todas as cousas e ao próximo como a si mesmo. O homem que verdadeiramente ama a Deus não pode ofender ao pró-
336 - ximo; porque conseqüentemente o ama. A razão é clara: porque assim como não há fruto sem raiz, também não pode haver amor do próximo sem que proceda do amor de Deus. Isto se entende, falando espiritualmente e deixando o amor profano, que tem os cúmplices e cooperadores em qualquer ofensa de Deus; porque também é caridade impura e falsificada aquela que fazemos ao próximo, por conveniências
337 - próprias, violando a obediência que racionavelmente manda o preceito divino: e só a vontade de Deus é regra certa de toda virtude. Este preceito de ser amado, escreveu Deus com o seu mesmo dedo no princípio de toda a sua santa lei. Diligis Dominum Deum tuum ex toto corde tuo ex tota anima tua ex tota mente tua. Disse Davi (Ps. 33, v. 3): Espera no Senhor e obra bem. Por isso bem é que por graves pecados que um haja cometido, não desespere de
338 - que Deus lhe perdoe, mas há de fazer penitência. Espera, diz o mesmo Davi, em o Senhor; mas com as disciplinas na mão: isto é, dando execução à penitência e propósito de emenda. O que pecou, necessariamente se se quiser salvar, há de fazer penitência, e se a faz, por mais graves que sejam seus pecados, pode contar com a misericórdia de Deus, que lh'os perdoará. Palavras tem dado Deus por Ezequiel (c. 33, v. 11), dizendo: Não quero a morte
339 - do pecador, senão que se converta a mim e que viva. E diz: logo o pecado não danará ao pecador em o dia que se converter e deixar de me ofender. Grave foi o pecado de Davi por haver cometido adultério com a

mulher de Urias, seu fiel vassalo; e não só fez adultério, mas também lhe tirou a vida. Mandou Deus repreendê-lo pelo profeta Natan; arrependeu-
340 - se Davi e disse mui de coração: Pequei; e pronunciando esta palavra, lhe disse o profeta da parte de Deus que também o Senhor lhe perdoava o seu pecado e concedia vida, que bem merecia haver perdido. Diz o profeta Isaías: que a grandeza que Deus mostra é quando aos pecadores perdoa. E assim se vê que esta foi a razão por que disse Nosso Senhor Jesus Cristo: que assim haverá maior júbilo no céu
341 - por um pecador que fizer penitência, que por noventa e nove justos que não hão mister de penitência (Luc., c. 15 v. 7). Diz Davi: Misericordioso e suave é o Senhor e suas misericórdias são em todas as suas obras: isto é, que se preza grandemente de misericordioso. O homem que vive no pecado é um grande impedimento para ser de Deus ouvido, Deus não ouve os pecadores, diz a Sagrada Escritura (Jo., c. 9, v. 31). Isto é: enquanto o pecador não se arrepen-
342 - de, não o ouve Deus. Mas na hora em que de coração lhe pede perdão se justifica, e é de Deus ouvido.

6º Mandamento

343 - Os dias do homem se desvanecem como a sombra; ele seca como as ervas; mas vós, Senhor permaneceis eternamente. Foi no meio das enfermidades de um leito, acercado da sombra da morte, que soava outrora este oráculo do profeta do Altíssimo. Oráculo geral e universal, que se realiza debaixo da púrpura do rei coroado do diadema, até o mais humilde pobre abatido na indigência. Oráculo
344 - terrível, a natureza se horroriza dele, a humanidade o teme, o orgulho procura dissimulá-lo: mais toda esta dissimulação não serve senão para confirmar sua existência. Quantos que hoje pisam as sepulturas de seus pais e com poucos dias as suas são pisadas por seus filhos, cuja verdade não necessita de prova. Permitiu Deus que a vida do homem fosse
345 - breve, para que ele nem com as prosperidades se ensoberbecesse, vendo o pouco tempo que as havia de gozar, nem com as adversidades perdesse o âni-

mo, vendo que em breve haviam de acabar e para que se resolvesse a mortificar-se em viver conforme os preceitos divinos, tendo por grande ventura os trabalhos de uma breve vida, os gozos da eterna glória, onde deve ter o pensamento e o coração. Que é a vida do homem neste mundo? Não é mais que
346 - mera peregrinação, que vai caminhando com tanta pressa para a eternidade. E assim não há no homem firmeza, nem estabilidade, que por muito tempo dure. O homem deve, pois, resolver-se definitivamente sobre sua conversão; porque não sabe a hora em que a morte o arranque do leito. Onde está aquele homem que gozando tanta saúde, satisfeitíssimo, talvez pela falsa aparência de gozar tanto na vida, a
347 - morte o arrebatou a ponto de não poder pronunciar uma só palavra? Onde está aquele outro, que lhe aparecendo pequeno incômodo, que havia esperança de em breves dias restabelecer-se, sucumbiu dele? A experiência ordinariamente nos está mostrando que a criatura, depois que morre, com uma das duas eternidades se vai encontrar: ou com a da glória, cuja grandeza é inexplicável, pelo incomparável bem de
348 - que gozam os que a ela vão; ou com a do inferno, a qual são Gregório papa chamou morte sem morte, porque morrendo-se sempre nela pelas penas, não acaba nunca de morrer por serem eternas na duração. Contemplem estas verdades aqueles que ainda estão dando ouvidos à voz de suas paixões a ponto de darem escândalos ofendendo não só a Deus como à moral. Ah! se eles pensassem acerca do caso tris-
349 - te e horroroso que refere a história sobre o arcebispo Udo, que, depois de Deus ter justificado para com ele a sua divina misericórdia, não se converteu, a mancebia levou-o ao inferno, não tendo ele cometido outra culpa, como refere a mesma história. Ainda não se penetram de arrependimento, vivendo tantos anos ofendendo a um Deus infinitamente bom, que com tanta paciência vos tem esperado? Movido de
350 - ternura vos chama ainda ao arrependimento, tudo efeito da sua bondade e misericórdia: Mas, se ainda não prende a vossa atenção, continuando na mesma carreira, ver-se-á o Senhor obrigado pela sua justiça de pôr termo à sua misericórdia. Ouvireis naquele

momento horrível, que a morte vos arrebata, aquelas palavras do Senhor, dizendo: Chamei, não
351 - me ouvistes, eu também em vossa morte rir-me-ei de vós. Sendo a Redenção humana obra da caridade e da misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo (esta virtude é a única recomendada e de preferência a todas as outras), claro é que, sem haver emenda, transtornam o plano de benéfica providência, inutilizando a morte do Salvador, e ao mesmo tempo que,
352 - moralmente falando, atormentam o seu terno coração, sendo impossível haver mais ardente caridade. Como é possível que Deus vos dê o auxílio para vos livrar dessa culpa e das mais, se vós não lho pedirdes com arrependimento delas e vontade de vos aproveitar deste auxílio? Porque é sem dúvida que ainda cá nas cousas do mundo, estamos vendo e experimentando que só quem faz por elas as tem e, pelo
353 - contrário, não lhe vêm às mãos, se as não procura; Perguntou a santo Tomás, uma sua irmã: o que faria para se salvar? Respondeu-lhe o santo: *querer*; porque sabia que é necessário haver de nossa parte vontade e diligência para alcançarmos a graça divina. Diz santo Agostinho que, como aquele que peca, ofende a um Deus infinito, também, se morre em pecado, para sempre será sua pena infinita. A culpa que comete contra Deus, por isso, se chama pecado mortal: e bem sabem
354 - que tanto mata uma só ferida, sendo mortal, como mil, chegada ao número dela. É o pecado por sua má qualidade tão venenoso mal, que ninguém o pode declarar, ainda que todas as criaturas se fizessem em línguas, por não se poder medir, nem tomar o peso de sua graveza, senão depois que se vê executado na alma. E é certo que quem não conhece o dano que resulta do pecado não faz diligência para sair
355 - dele: quem não sabe da sua doença não trata de lhe buscar a medicina. E que direi dos que o apetecem? É, sem dúvida, que nem fogem dele, nem solicitam o remédio. Ainda para a conservação da mesma saúde corporal, devia o homem fugir de semelhante vício, pelos horrendos, atrozes casos e sucessos que têm acontecido neste mundo por causa deste pecado, como são: doenças, mortes repentinas, desonra, des-
356 - crédito e infinitas penalidades, que se infligem e por isso se diz: Supplicium est pena peccata. Donde São

Jerônimo tirou por conseqüência que dos pecados ordinariamente procedem as enfermidades. Como esperais que Deus ponha os seus divinos olhos de misericórdia em vós, quando assim o estais ofendendo, sem lhe pedir perdão dos vossos pecados com um ato de amor e contrição? Grande é a cegueira dos
357 - (...) nem só de nós; porém sim do concurso de Deus, com o seu auxílio e juntamente de nossa parte, pedindo-lhe e abraçando-o. Porque ainda que Deus sempre nos queira salvar pelo que tem de bom e misericordioso; contudo há de preceder da nossa parte a vontade de o buscarmos, pedindo-lhe e rogando-o como tão necessitados para lhe merecermos seu agrado. Disse
358 - Deus a Moisés: Extende manum tuam; extendam manum meam (Ex. cap. 4, v. 4; cap. 3, v. 20). Estendei a vossa mão que eu também estenderei a minha; mas sabeis que a minha sem a vossa não vos há de valer para vos salvar. Entretanto, que dificuldade para obter-se a salvação daqueles que se conservam tíbios, que não fazem a diligência para alcançar a verdadei-
359 - ra ventura que é a glória do Onipotente Deus. Como é possível que venha o seu poderoso auxílio àqueles que procedem de semelhante modo? E que direi eu ainda daqueles que com o seu escândalo atacam fortemente a moral? Que horror inspira esse procedimento, que tanto resistem à vontade de Deus, que pacientemente tem dilatado os dias de tais criaturas, esperando que se convertam, justificando assim a sua infinita misericórdia e bondade? Não era pois
360 - para se conceber que tais cristãos, que receberam mais graça do que o antigo povo, que por um indeclinável dever deviam penetrar-se de reconhecimento aos benefícios de Deus, ao passo que eles inutilizam a sua salvação. É evidente que eles estão com o véu nos olhos, que não querem jamais abandonar tanta miséria. Ah! se eles lançassem as vistas
361 - sobre o que diz o santo Evangelho, que nenhuma esperança dá Nosso Senhor Jesus Cristo de usar da sua infinita bondade e misericórdia para aqueles que, deixando a presente vida, permanecerão no escândalo. Bem podem avaliar quanto pesa diante de Deus tão horroroso procedimento! À vista pois destas verdades inclina a crer que aqueles que vivem dando expansão a tanta imoralidade que demonstra a toda

362 - luz não terem em mira a sua salvação, mais cedo ou mais tarde sentirão o efeito de tão degradante procedimento. Na hora tremenda em que a morte o vem arrancando de seus prazeres, é irremediável o seu arrependimento, visto que Deus descarregará sobre eles os raios da sua ira.

7º Mandamento

363 - Que ofensa terrível comete neste preceito aquele que furta qualquer cousa do próximo. Se a criatura considerasse na gravíssima responsabilidade de semelhante dano, nunca o haviam de cometer. Se o primeiro passo dado pelo ladrão na carreira do crime fosse logo rigorosamente punido, a ponto de não sair da ca-
364 - deia, não haviam de se ver tantas desgraças. Fujam deste pecado que é enorme. Para maior luz e inteligência deste sétimo mandamento, vejam o que diz santo Agostinho: que se não perdoa o pecado sem se restituir o furto. Antes deveis pedir (no caso de achar-vos sem meios de subsistência para vós e a vossa família), do que tirar a mínima cousa do próximo. Nosso Senhor Jesus Cristo diz no Evangelho: Dá a todos o
365 - que te pedir (Luc. cap. 6, v. 30). E nesta doutrina nos está ensinando que não devemos excluir a pessoa alguma para deixarmos de a socorrer. Porque todo o próximo tem direito natural de pedir e ser remediado. Tomem o exemplo de são Luís rei de França que, quando distribuía as esmolas com os pobres, não fazia exceção de pessoas, até aos infiéis socorria; e por essa causa muitos se converteram a nossa santa fé: por
366 - verem a grande caridade com que um rei cristão procedia para com eles. Quem à vista destas verdades se negará de socorrer ao próximo? Quem será tão insensível que vendo o seu semelhante a ponto de morrer de golpe mortal, que certamente lhe descarregará a miséria, se desse não for desviado pela sua beneficência? Considerem o valor que tem a caridade diante de Deus, para não deixarem de praticá-la pelo incompa-
367 - rável bem que dela resulta. Um brado unânime se deve pronunciar contra os ladrões, pelos prejuízos que causam com tão enorme procedimento. Sim, não se deve protegê-los para exemplo daqueles que os

queiram imitar. Quem desconhecerá que a impunidade daquele que comete o furto serve de animação aos outros para cometê-lo? O homem não pode pois
368 - justificar o seu procedimento a respeito de tirar o alheio por mais pobre que ele seja, deve atirar-se ao trabalho para dali tirar o meio da sua subsistência e de sua família. Diz São João Crisóstomo (Ep. aos Coríntios): que os que furtam os bens alheios são piores que as feras e que os demônios; e como tais os deviam riscar do catálogo dos homens. Porque as feras, quando acometem aos outros animais, estando satisfeitas os deixam; porém os que furtam, de nenhum rou-
369 - bo ficam satisfeitos, porque ficam com fome para fazerem outro: e quanto mais roubam mais sede têm de furtar. Os demônios não fazem mal uns aos outros, mas só aos homens que não se comunicam com eles: os ladrões a tudo furtam e fazem dano aos parentes, amigos e conhecidos. Vejam ainda o que diz santo Tomás: que o alheio convém que se restitua logo, quando o que tomou injustamente tem bens com que
370 - possa fazer. Finalmente não fica escuso o que injustamente possui e tem furtado com usuras, tratos e destratos, tendo fazendas; senão quando restitui: por ser o furto pecado mortal, de sua natureza oposto à virtude e contra a Justiça. Acham-se nela dois agravos, um que se faz a Deus quebrantando sua santa lei; e outro ao próximo, tirando-lhe a sua fazenda. O agravo que se faz a Deus em furtar, perdoa-se
371 - por meio da confissão e penitência; o que se faz ao próximo, só se repara com a restituição. E não basta confessar a culpa, se não restituir, podendo: nem se satisfaz só com restituir, sem confessar o furto. Não só está obrigado a restituir o que faz o furto, mas também os que cooperam no dano, como são os que mandam furtar ou aconselham e consentem no furto, tendo por obrigação de seu ofício evitá-lo. Também está
372 - nesta obrigação o que guarda e encobre a cousa furtada, e o que participa daquilo que se furtou. E não vos pareça que, por furtadas pequenas quantidades, não fazeis um furto grande. Porque dizem os autores que escreveram desta matéria, que para um furto ser pecado mortal, não é necessário que se tome quantidade notável de uma vez; mas basta que se tome
373 - muitas vezes, como costumavam fazer os criados a seus amos e os vendedores ao povo. E por isto per-

mite Deus que se vejam em evidente castigo para confusão destes e emenda de todos. E senão, vejam o caso que conta Cesário (Lib. 10, c. 31) de um destilador d'água, que vendia água da chuva por destilada. Estando este para morrer, mandou chamar um escrivão e testemunhas e ordenou seu testamento nesta forma. Deixo todos os meus bens a minha mulher e
374 - o corpo à terra e aos bichos; porém a alma ao diabo para que a atormentem perpetuamente. Ficaram pasmados os circunstantes e o advertiram que não fizesse tal testamento, mas ele o sustentou. Perguntaram-lhe porque dava sua alma ao demônio? Respondeu: porque enganei muitas vezes ao meu próximo, vendendo-lhe água da chuva por destilada e assim não
375 - tenho esperança de remédio: encomendando-se a satanás, expirou. Foi seu corpo sepultado em um lugar imundo, onde o demônio faz tais cousas e tão horrorosas que ninguém se atreve a chegar àquele lugar. Um grande erro em que costuma cair a maior parte dos cristãos é fazerem por adquirir muitos cabedais com grandes encargos de suas consciências; para depois os deixarem, talvez a quem os desperdis-
376 - sem, podendo em suas vidas restituí-los a quem os tirara tão mal e indevidamente. O homem que verdadeiramente deseja salvar-se procede como Zaqueu, que sendo rico deu metade de seus bens aos pobres, e naquilo que teve defraudado pagou quadruplicado! E assim alcançou o perdão de seus pecados. Por esse mundo cometem-se furtos e roubos. Furta o negociante que oculta os defeitos da fazenda na vara, no
377 - côvado, no peso, na medida, misturam a bebida com água. Quando o objeto não tem pronta venda, deixa de vender para aproveitar a ocasião da falta, para exigir mais do por que pode vender. Aproveita-se da ignorância do vendedor e comprador. O juro excessivo que exige daqueles que estão na precisão. O marido furta da mulher para gastar na taverna, no jogo e outros vícios. A mulher furta do marido para
378 - gastar nos luxos e vaidades. Os filhos furtam cousas de casa. Furta o artista quando não trabalha com a precisa diligência, assim como furta aquele dono de obras, aproveitando-se da necessidade do operário não lhe pagando seu trabalho como deve. Furta o vaqueiro,

quando não cumpre com seu dever, assim como também seu amo quando não faz a partilha como deve. Furta o criado e a criada, dizendo que lhe dá pouca
379 - soldada. Furta aquele homem que achando qualquer objeto alheio não o restitui a seu dono, ou não aplicou sua importância em missa por sua alma. Também é furto que comete aquele artista que, por exemplo, recebeu qualquer objeto concernente à sua arte para fazer uma obra e a fez com menos do que recebeu, e não restituiu o resto a seu dono, não havendo declaração de lhe dar este resto. Nas louvações, partilhas, repartições, quando há dolo, más intenções, desejo
380 - de vingança, graves prejuízos nesses tribunais, juízes, advogados, escrivães, testemunhas, que danos cometem que são responsáveis por eles. Oh! homens que olham por um prisma com consciência pesada, devem restituir o dano que tendes causado ao próximo, compadecendo-vos assim das vossas almas.

8º Mandamento

381 - Que ofensa gravíssima comete neste preceito aquele que diz de outrem aquilo que ele não fez. Se com este procedimento ocasionou algum dano, deve satisfazê-lo, retratando-se à pessoa que sofreu essa calúnia, pedindo-lhe perdão: devendo também retratar-se àquele a quem manifestou semelhante calúnia, pois só assim pode satisfazer o dano. Não murmurem do próximo;
382 - se comete alguma falha, use para com ele da caridade, relevando-a. Considerem a tremenda responsabilidade que compreende o dano por via da murmuração. A murmuração é tão contra Deus e contra o próximo que, ainda que não fosse proibida no Decálogo, devia ser abandonada de toda criatura, pela grande vileza que a todos causa. O apóstolo São Paulo afirma que os murmuradores são aborrecidos de Deus. E enquanto as
383 - criaturas considerem poder haver cousa do que mais se ofenda a um homem que de ouvir dizer que dele se fala mal, diminuindo-se-lhe o crédito e a honra. Por isso disse Santo Agostinho que mais ofenderam a Nosso Senhor Jesus Cristo seus inimigos, quando d'Ele murmuraram do que quando o crucificaram. Deu o santo a razão; porque seu santíssimo corpo padeceu o tormento da cruz; porém a murmuração atendia a deslus-

384 - trar-lhe a honra, e por conseguinte a alma era quem sentia essa pena. Quantas mentiras cometem os murmuradores e por fim vêm a ser confundidos e envergonhados todos aqueles que lhe deram ouvidos; e, para prova do que vos digo, vejam o que sucedeu a Nosso Senhor Jesus Cristo. Disse o mesmo Senhor, falando Santíssimo Sacramento: Se qualquer comer deste pão,
385 - viverá eternamente: e o pão que darei é a minha carne para ser a vida do mundo. Murmuraram os judeus de Nosso Senhor Jesus Cristo, diz (São Jo., cap. 6, v. 53) que eles disputaram entre si, dizendo: Como pode Ele dar-nos a comer a sua carne? E Jesus lhe disse: Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes da carne do Filho do Homem e beberdes o seu sangue
386 - não tereis a vida em vós. E que lhes resulta dessa murmuração e calúnia? Digam-nos eles mesmos que têm experimentado. Murmuram estes homens dos milagres de Deus. Lembre-se do que lhes sucedeu quando murmuraram contra Moisés, e dos castigos que lhes vieram e das mais vezes que murmuraram contra a Divina Providência. Porque consta da Sagrada Escritura que trouxe Moisés do Egito seiscentos mil homens, não contando as mulheres e nem os homens de
387 - vinte anos para baixo. E de todo este número só dois chegaram à terra da Promissão, Josué e Calib. E qual foi a razão? A sua murmuração contra Deus. Diz São Jerônimo que se não houvesse quem desse ouvidos a murmuradores não haveria murmuração. E assim parece porque, se bem deseja alguém falar e murmurar,
388 - porém como não o querem escutar, cala-se por força. Por isso nos quis Nosso Senhor Jesus Cristo dar esta doutrina, quando estavam os judeus murmurando contra a sua santíssima inocência e dirigindo-lhe tantas ignomínias. Perguntou-lhe Pilatos: Não vês quantas testemunhas contra ti? Como te não defendes? Foi misterioso o silêncio com que Nosso Senhor Jesus Cristo então se houve: porque, como a culpa daqueles homens era a murmuração sacrílega, não quis responder;
389 - para que se não dissesse no mundo que dava ouvido a murmuradores. E já em outra ocasião os havia repreendido o mesmo Senhor, dizendo: Não sejais murmuradores entre vós outros (Jo., cap. 6, v. 43). Cometem os murmuradores muitos prejuízos pelas ca-

lúnias causadas da inveja que fabricam em ódios dos homens, como experimentaram os nossos primeiros pais
390 - com a serpente infernal, logo no princípio do mundo. E foi o caso: que saindo Eva ao vergel do Paraíso, toda trajada de glória, convidada do sítio foi estendendo o passeio por entre plantas e flores e muito vistosos pomos, vendo as cristalinas águas. As árvores lhe faziam verde dossel de esmeraldas; as flores lhe alcatifavam o prado e os pomos a convidavam à fonte; já de admirada parava para se ver retratada em seus cristais: os animais absortos de verem tanta be-
391 - leza lhe rendiam adorações: as aves com sonora melodia a festejavam, por cuidarem que era a Aurora que por aquele horizonte vinha subindo, resultando-lhe tudo isto ser uma criatura tão perfeita e bela feita pelas mãos de Deus, competindo nela o assombro com a admiração, a gala com a graça, condigna por certo de toda veneração, pois era uma maravilha que
392 - se via naquele alegre jardim. E vendo o demônio tantas adorações feitas a uma criatura, cheio de raiva e inveja, começou a murmurar com seus sequazes e maquinar uma refinada traição contra Eva por vê-la com tantas excelências, entregue a toda a lisonja e logo supôs que lhe havia de dar ouvidos, porque tanto folgava de aparecer. E transformando-se numa serpente, porém com boa cara (que é o que costumam fazer os murmuradores para melhor encobrirem as
393 - suas diabólicas tentações) metendo a Eva em conversação, lhe perguntou porque não comia do fruto da árvore da ciência do Bem e do Mal? Respondeu-lhe Eva: porque Deus no-lo tem proibido. Replicou-lhe a serpente: sabeis porque Deus lho proibiu? porque comendo-o vós e vosso esposo haveis de ficar semelhantes a Ele Deus. Creu Eva de ligeiro como mulher
394 - o que a serpente lhe tinha dito enganosamente e foi logo com o alvitre a Adão a persuadi-lo para que comesse do fruto vedado, comendo-o ela primeiro. E como Adão tanto amasse a Eva, sem reparar no preceito que lhe havia posto Deus, comeu do pomo e por esta causa se viu logo despido da graça de que Deus o tinha vestido e foi logo lançado do Paraíso, fazendo-nos a todos ficar sujeitos ao pecado original, expostos a padecer tantos trabalhos e infortúnios. Que

de a boleca: tentação) de mettar
do a Eva em conversação: Hue
perguntou: porque não comi
a do fructo da arvore da sciencia
cia do Bem e do Mal? Res-
pondeu Eva. Eva. porque Deus
me-o tem prohibido. Replicou
-lhe a serpente: sabeis porque
Deus lh'o prohibio? porque
comendo-o vós e vosso esposo
vos ficar semelhante a Elle
Deus. Então Eva deligeiro: co-
mo mulher, o que a deripente
lhe tinha dito enganosamente

ruína têm padecido as famílias, que aborrecimento as gerações, que desgraça aos inocentes por causa da murmuração. Que honras, vidas e fazendas têm destruido as línguas dos murmuradores, por um falso testemunho. São tais os murmuradores que até das obras de Deus murmuram: queixam-se dos tempos, da pouca saúde e de serem pobres. E se vêem alguém com algum defeito natural ou moral, já deles falam e murmuram e se diz o murmurado que cada um é como Deus o fez, respondem os murmuradores: pois se Deus te fez assim, te quero desfazer e aniquilar. Pode haver maior atrevimento que chegar um homem a murmurar daquilo que Deus fez? O murmurador com um golpe de língua faz três feridas, ofende a Deus, ofende ao próximo e ofende a si. Ofende a Deus porque quebra o seu divino preceito. Ofende ao próximo porque falta à caridade em declarar a falta alheia, ainda que a tenha, não sendo obrigado por direito a bem da cousa. Ofende a si porque todos fogem dele, vendo-se envergonhado diante dos que tem ofendido. Disse o Senhor pelo profeta Oséias: levará a alma ao deserto e lhe falarei do coração (Oséias, cap. 2, v. 14). Vejam se pode haver mais sólida verdade para desengano dos murmuradores. Diz São João Crisóstomo que não tem o demônio instrumento mais a propósito para nos fazer pecar do que a nossa língua. Diz São Basílio que o silêncio é a escola onde se aprende a falar acertadamente. São Paulo, admoestando aos faladores e curiosos de darem novas, disse: Que tratassem de suas vidas trabalhando em silêncio. Que irreparáveis danos faz a língua, quando levanta um falso testemunho na honra, crédito ou fama do próximo. E como vos parece cousa leve, não fazeis caso disso. Sendo que sem só desdizer e satisfazer não é possível haver perdão; porque como é em dano de terceiro, enquanto este não está satisfeito, não assenta o perdão ou absolvição, ainda que se confesse com dor e arrependimento. É erro daquele que lhe entra no pensamento, que pode obrar cousa alguma boa sem mui especial graça e favor de Deus, como fonte de toda a Sabedoria, que muitas vezes dá a conhecer os seus segredos aos mais humildes para que aproveitem no mundo, o que grandes talentos não podem alcançar.

Porque é certo que não bastam forças humanas para poder conhecer seus Divinos Segredos, como consta de vários livros e lugares da Sagrada Escritura (Jo., cap. 15, v. 5). *Sine me nihil potestis facere.* É conselho de todos os mestres de espírito que dão para nos livrar
401 - do vício da murmuração, usando da virtude do silêncio, evitando as ruins conversações de pessoas ociosas, de mau exemplo. Porque não há cousa que mais nos faça distrair do que semelhantes conversações, desnecessárias para o bem espiritual. E se não se pode com palavras encarecer o seu proveito e o quanto é agradável a Deus uma criatura que se mortifica na virtu-
402 - de do silêncio: porque verdadeiramente quem assim se mortifica tem muitas aparências e visos na terra com os espíritos angélicos e bem-aventurados que estão no céu. Porque, segundo a opinião mais provável dos santos doutores da Igreja, na bem-aventurança não se articulam palavras e tudo se faz por concerto, e estes tão acertados como nascidos da luz da sabedoria, que é o mesmo Deus. E por contraposição, no inferno, tudo são vozes, gritos, blasfêmias e gemidos
403 - tão tristes como lamentáveis, pelo que consta de muitas revelações e afirma a Sagrada Escritura.

9º Mandamento

404 - Do preceito do Senhor se conhece a toda evidência quanto é grave a culpa daquele que comete o adultério: a Deus e ao próximo. Todos devem fugir deste pecado. Porque se bem considerasse um homem e uma mulher o dano que resulta dessa culpa, por ser irreparável, nunca o havia de cometer pelos estragos,
405 - mortes e desamparo dos filhos. Seria bem útil que tal mulher meditasse profundamente nestas verdades, tendo em mira a importância de seu estado, obedecendo a seu esposo, relevando as suas faltas com paciência, aconselhando-o com boas expressões, cumprindo com diligência seus deveres, não se deixando vencer por qualquer convite que ocasione uma ofensa contra seu estado. Considerem acerca dos castigos que têm su-
406 - cedido neste mundo por causa do adultério, como consta de vários exemplos. Na lei de Moisés se mandava que morresse a adúltera apedrejada. Quase todas as na-

ções têm este delito por culpa grave, que tão abominável é. E assim todas as mulheres que se quiserem conservar em virtude para com Deus e paz com seus maridos, não só fujam de cair em tão horrível culpa, mas nem ainda dêem a menor desconfiança a seus maridos, porque muitas vezes dissimulam com
407 - prudência o que depois vêm a executar apaixonadas, com razão. E tomem a exemplo daquela discreta matrona Helena, que chegou a dizer: Antes mil vidas perder que ofender a Deus e a meu marido. E senão, vejam o que sucedeu a Hipo, matrona tão falada por sua grande formosura, pois antes quis perder a vida que violar a virtude da castidade que tanto amava. E por isso fujam de todo trato de conversação com ho-
408 - mem e de lhes aparecer, ainda que sejam parentes. Guardem-se quanto for possível, de ter amizade com mulheres desonestas. Não digam mal de seus maridos em presença de outrem para não incorrerem na nota de que os não amam como devem e são obrigadas. E se seus maridos lhes derem exemplo neste particular, nem por isso lhes venha tal tentação de os ofender com outra semelhante injúria; porque além da ofensa
409 - que fazem a Deus, põem as suas vidas em perigo de serem castigadas pela justiça ou mortas por seus maridos. Porque destas desatenções e modo de vingança têm sucedido grandes males e desgraças lamentáveis. De nenhum modo aceitem dádivas sem causa muito urgente, de homem algum. Não queiram em suas casas aparatos, mais do que as suas posses alcançarem, porque para cobiça cairão no laço do demônio,
410 - o qual lhe mostrará que lhe sendo necessário dinheiro para esse fim, sobre o penhor da vossa honra não faltará quem o empreste. Também devem ser muito honestas no vestir. E assim as mulheres casadas devem ser fortes, discretas e prudentes: dentro em suas casas zelosas, fora delas recatadas; e em todas as ocasiões exemplares; e mais prezadas de sofridas que de agastadas; porque pela maior parte todas as desordens que sucedem entre os casados são por falta de sofri-
411 - mento e impertinentes suspeitas. Dos livros humanos com tão vários sucessos que no mundo houve entre os casados, por desconfianças zelosas, por cuja causa aconteceram muitas desgraças e talvez por falta de ver-

dadeiro exame e certeza. Ocupem-se as mulheres em bons exercícios e não estejam ociosas. Devem evitar os passeios, tomando assim o exemplo do lastimoso caso que sucedeu a nossos primeiros pais. Por-
412 - que se Eva estivesse em companhia de seu esposo, nem o demônio teria ocasião de a enganar, nem ela teria sido causa de fazer pecar a Adão. E assim as mulheres casadas que se quiserem conservar em serviço de Deus e em paz para com seus maridos, fujam de semelhantes passeios e conversações de gente de mau procedimento. Se alguém vos solicitar para o pecado, ainda que para o conseguir vos ameacem com a morte, resistam, embora que sofram golpe mortal.
413 - Entenderão porventura que o ensino desta moral é excessivamente rígido? Certamente que não; se tiverem em mira a salvação da vossa alma. Imitem, pois o exemplo de Susana, que sendo solicitada pelos velhos para cometer o pecado, a ponto de a terem ameaçado, que se ela não fizesse o que eles desejavam, que denunciariam ao juízo, que a tinham encontrado em
414 - seu jardim cometendo adultério. Susana, porém, como era temente a Deus, não se deixou vencer por essa ameaça, pronunciando estas palavras: eu antes quero morrer inocente nas tuas mãos, do que tornar-me culpada diante d'Aquele que me vê. Não foi debalde a sua confiança, indo Daniel em seu socorro, que naquele tempo tinha doze anos de idade, mas era cheio do Espírito de Deus; interrogou separadamente os dois anciãos, a ponto de ter mostrado a contradi-
415 - ção de seus ditos, livrando, assim, Susana daquele falso.

10º Mandamento

É uma ofensa que comete neste preceito aquele
416 - que cobiça as cousas do próximo. A cobiça do alheio, diz São Paulo, é a raiz de todos os males. Se bem considerasse a criatura estas expressões, certamente não cobiçaria a mínima cousa do próximo. É certo que cada um deve conformar-se com o seu estado; se vive oprimido do peso da indigência, deve sofrer
417 - pacientemente. A felicidade do homem consiste em conformar-se com a vontade de Deus. E quanto à inveja, vejam o que sucedeu a Caim, que pela inveja

matou a seu irmão Abel e Deus permitiu que ele desesperasse. Datan e Abirão tiveram inveja a Moisés e a terra os tragou vivos. Os judeus tiveram inveja a Jesus Cristo. Bem pode à vista destas verdades a criatura conformar-se com a sua estrela, por mais desprezível
418 - que ela seja aos olhos, mas morrerão impenitentes do mundo. Deus muito nos encarregou a guarda de seus preceitos e mandamentos com toda exatidão; e que os não havemos de desprezar com qualquer capa de necessidade, se não temê-los e amá-los. Reparem no que diz por Davi: Tu mandaste, *mandata tua custodire nimes* (Ps. 118). Em outro lugar (Ps. 93, v. 20). O mesmo rei Davi, como se dissesse e falasse para o caso presente, diz: É possível que a tanto chegue a tua mal-
419 - dade (falando com qualquer pecador) que finge dificuldade na observância da lei e preceitos divinos, quando estes devem guardar a troco de todos os incômodos temporais pelo grande perigo da salvação. Diz São Jerônimo que a vida dos cristãos não olha Deus para os princípios dela; porém, sim, para os seus progressos e fim. E por isso convém e importa a todo cristão que, se se quiser salvar, ponha termo em seus
420 - pecados, pedindo muito a Deus que lhe dê forças para abraçar as suas santas inspirações, para se poder tirar da ocasião da culpa; pois para isso nos deixou Deus o livre alvedrio nas nossas mãos. Porque é certo que não querer largar a culpa é sinal de precito; e deixar-se estar nela é querer ir para o inferno. É a oração poderoso auxílio contra o demônio, visto que não há cousa que mais tema uma alma neste mundo do que as
421 - sugestões e tentações do demônio. Diz Santo Tomás que mais tinha aprendido orando que estudando; do que se conhece o grande proveito que se alcança por meio da oração. Nosso Senhor Jesus Cristo deixou aos homens o remédio na oração para os livrar das tentações, naquelas palavras do Padre Nosso. E não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal, Amém (Mat. cap. 6, v. 13). É por isto que diz São João
422 - Crisóstomo que a tentação não se atreve a chegar à alma que tem oração. E o que resta para serem ouvidos os homens de Deus é que façam muito por lhe merecer a sua graça. Porque, como será possível aceitar Deus a oração daquele que não guarda os seus man-

tações do demonio. Diz Santo
Thomaz que mais tinha apren-
dido orando, que estudando; do
que se conhece o grande pro-
veito que se alcança por meio
da oração. Nosso Senhor Jesus
Christo deixou aos homens ora-
medio na oração para os livrar
das tentações, n'aquellas palavras
do Padre Nosso. E não nos deixes
cahir em tentação, mas livra-nos
do mal Amem. (Matth. Cap 6,
v. 13) O por isto que diz Santo
ão Chrisostomo que a tentação

damentos? Por isso Davi dizia: Bem sei que não me ouvirá Deus se eu tiver pecado no meu coração. *Iniquitatem se as pixe in corde meo ex audiet Dominus* (Ps 63, v. 18). O primeiro moto do pensamento
423 - é a sugestão que nos faz o demônio; passa ao apetite natural; daqui entra no entendimento; depois, na vontade, e se nesta há consentimento em matéria grave, é pecado mortal. E muito mais se duplicam e aumentam estes pensamentos, quando temos à vista estes objetos. E quanto mais tivermos repugnância e resistência a eles, teremos maior merecimento. E assim fica claro que o pensamento é o primeiro móvel que faz ou deixa de fazer a culpa. E que das vistas e ou-
424 - vidos se gera no entendimento o pecado para depois se pôr em execução. Posto que ninguém se possa livrar dos maus pensamentos, também, à nossa mão está o fugir deles, usando dos remédios que nos ensinam os livros espirituais e os mestres de espírito. E naquelas palavras do Padre Nosso nos deixou Nosso Senhor Jesus Cristo que peçamos a Deus que não nos deixe cair em tentação, mas livre-nos do mal,
425 - Amém. Quem se não quiser achar afligido de pensamentos desonestos, tenha os olhos castos e faça concerto com eles de não olhar o que lhe não é lícito desejar. A muitos tem a vista sido causa de adultério, além de outros enormes pecados que por ela se têm introduzido no mundo. E, se não, vejam o que sucedeu a Davi, àquele pasmo de força, assombro de saber, exemplo de virtude e tão amigo de Deus: bastou
426 - uma só vista de olhos, quando se deixou embelezar de Betzabé, para cair em tão enorme culpa. Se não fora repreendido por mandado de Deus pelo profeta Natan; se não tomasse o conselho e repreensão, vejam o que lhe sucederia. Porém Davi, como era homem de muito claro entendimento, conheceu o erro e logo se arrependeu, fazendo penitência, e Deus lhe perdoou o seu pecado.

PARTE TERCEIRA

427 - *Et ingressus Angelus ad eam, dixit: Ave, gratia plena; Dominus tecum; Benedicta tu in mulieribus* (Luc., cap. I, v. 28). Entrando pois, o anjo onde ela estava disse-lhe: Deus te salve, cheia de graça; O Senhor é contigo; Benta és tu entre as mulheres. *Et respondens Angelus dixit ei: Spiritus Sanctus superveniet in te, et, virtus Altissimi obumbrabit tibi. Ideoque et quod nascetur ex te Sanctum, vocabitur Filius Dei*
428 - (Luc., cap. I, v. 35). E respondendo o anjo lhe disse: O Espírito Santo descerá sobre ti e a virtude do Altíssimo te cobrirá da sua sombra. E por isso mesmo o Santo, que há de nascer de ti, será chamado Filho de Deus. Grande desejo que Jesus teve de sofrer e morrer por nosso amor. *Ignem veni mittere in terram, et quid volo nisi ut accendatar?* (Luc., cap. 12, v. 49). Que
429 - tinha vindo à terra para trazer às almas o fogo do divino amor, e que não tinha outro desejo senão de ver esta santa chama acender em todos os corações dos homens. *Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, et tollat crucem suam et sequatur me* (Mat., cap. 16, v. 24). Se alguém quer vir após de mim, negue-se a si mesmo e tome a sua cruz e siga-me. *Christus passus est pro nobis, vobis relinquens exemplum*
430 - *ut sequamini vistigia ejus* (São Pedro I, cap. II, v. 21). Jesus Cristo sofreu por nós, deixando-vos o seu exemplo para que sigais os seus vestígios. *Pater mi, si possibile est transeat a me calix iste: verum tamem mom sic et ego volo, sed sicut tu* (Mat., cap. 26, v. 39). Pai meu, se é possível, passe de mim este cálix: todavia, não se faça nisto a minha vontade, mas sim a tua. *Majorem hac dilectionem nemo habet, ut animam*
431 - *suam ponat quis pro amicis suis* (Jo., cap. 15, v. 13). E que maior sinal de amor, diz o mesmo Salvador, pode dar um amigo ao seu amigo, que sacrificar a sua vida por ele? *Ego autem sum vermis et non homo: opprobrium hominun et abjectio plebis* (Ps. 21, 7). *Et cum sceleratis reputatus est* (Isaías. 53, 11). Que na sua paixão viria a ser opróbrio dos homens e o desprezo da plebe, e morreria coberto de pejo, supli-
432 - ciado por mão de verdugo sobre patíbulo infame. Posto como malfeitor entre dois ladrões. *Non sicut delictum, ita et donum. Ubi autem abundavit delictum, superabundavit gratia* (São Paulo, Rom., cap. 5, vs.

15 e 20). O apóstolo diz aos Romanos: Não foi tão grande o pecado como o benefício. Onde o pecado abundou, superabundou a graça. *Diliges Dominum Deum tuum ex toto corde tuo, et in tota anima tua, et in tota mente tua* (Mat., cap. 22, v. 37). Amarás ao
433 - Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma e de todo o teu entendimento. Este é o máximo e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este: Amarás a teu próximo como a ti mesmo. *Non servum, non angelum, sed Filium suum donavit.* Não é um servo, não é um anjo, é o próprio Filho que ele nos deu - diz São João Crisóstomo. *Vocavi et non audistis, ego quoque interito vestro ridebo.* -
434 - Chamei-vos e não me ouvistes, eu também em vossa morte rir-me-ei de vós. *Patitur mala qui patitur idem post patitur bona* - Aqueles que sofrem com valor os males, depois gozam dos bens. *Haec est autem voluntas Patris mei, qui misit me: ut omnis, qui vidit Filium, et credit in eum, habeat vitam aeternam, et ego resussitabo eum in novissimo die* (Jo., cap. 6, v. 40). É a
435 - vontade de meu Pai, que me enviou, que todo o que vê o Filho e crê nele tem a vida eterna, e eu ressuscitarei no último dia. *Tu es Petrus et super hanc petram edificabo Ecclesiam meam, et porta inferi nom prevalebunt adversus eam* (Mat., cap. 16, v. 18). Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. *Pater, imitte illis: nom enim sciunt quid faciunt* (Luc., cap. 23, v. 34). Pai, perdoa-lhes porque não sabem o
436 - que fazem. *Pater, in manus tuas commendo spiritum meum. Et haec dicens, expiravit* (Luc., cap. 23, v. 46). Enfim, o nosso amável Salvador, depois de haver encomendado sua santa alma ao Eterno Pai, deu um grande brado; depois, inclinando a cabeça em sinal de obediência e oferecendo sua morte pela salvação dos homens, expira e entrega a alma nas mãos de seu Pai
437 - bem amado! *O vos omnis qui transitis per viam attendite et videte si est dolor sicut dolor meus* (Ihren 12): Ó vos todos que passais pelo caminho, olhai e vede se há uma dor como a minha dor. *Haurietis aquas in gaudio de fontibus salvatoris. Et decitis in die illa: Confitemini Domino et invocate nomen ejus: notas facite in populis ad inventiones ejus* (Is. 12).
438 - Ide, dizia o profeta Isaías, ide publicar por toda parte

as invenções do amor de Nosso Deus para se fazer amar dos homens. *Corpus meum de percutientibus est jenas mea evilentibus, faciem meam non adverti a bencrepantibus et conspuentibus* (Ps. L 6). Eu entreguei o meu corpo aos que me feriam, minhas faces aos que as despedaçavam, não desviei a minha face dos que me diziam impropérios e cobriam de escárnios.
439 - *Haurietis aquas de fontibus salvatoris et dicetis in die illa: Confitemini Domino et invocate nomen ejus* - (Is. 12). Vós tirareis água da fonte do salvador e direis nesse dia: Louvai o Senhor e invocai o seu Nome. *Et ecce ego vobiscum sum omnibus diebus usque ad consummationem seculis* (Mat., cap. 28, v. 20). Estai certos de que eu estou convosco todos os dias até a consumação do século. *Discedite a me maledictis*
440 - *ignem eternum, qui paratus est diabulo et angelis ejus* (Mat., cap, 26, v. 41). Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, que está aparelhado para o diabo e para seus anjos. Uma mulher, ouvindo a doutrina de Jesus Cristo, levantou a sua voz e disse para ele: *Beatus venter qui te portavit et ubera que suxiste* (Luc., cap. 11, v. 27). Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos a que fostes criado. E Jesus Cristo lhe
441 - respondeu: *Quinimo beati qui audiunt verbum Dei et custodiunt illud.* Antes bem-aventurados aqueles que ouvem a palavra de Deus e a põem por obra. *Omnis ergo, qui confitebitur me coram hominibus, confitebor et ego eum coram Patre meo qui in celis est* (Mat., cap. 10, v. 32). Todo aquele, pois, que me confessar diante dos homens também eu o confessarei diante de meu Pai que está nos céus. *Qui autem negaverit me*
442 - *coram hominibus, negabo et ego eum coram Patre meo qui in celis est.* E o que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai que está nos céus (idem, 33). *Facilius est camelum per foramen acus transire quam divitem intrare in regnum celorum* (Mat., cap. 19, v. 24). Mais fácil é passar camelo pelo fundo de uma agulha do que entrar um
443 - rico no reino dos céus. *Quaerite ergo primum regnum Dei et justitiam ejus: et haec omnia ad jicientur vobis* (Mat., cap. 6, v. 33). Buscai, pois, primeiramente o reino de Deus e a sua justiça; e todas estas cousas se vos acrescentarão: *Ego autem dico vobis: diligite inimicos vestros, benefacete his qui odesunt vos et orate*

pro persequentibus et calumniantibus (Mat. cap.
444 - 5, v. 22). Mas eu vos digo: Amai a vossos inimigos, fazei o bem a quem vos tem ódio e orai pelos que vos perseguem e caluniam. *Qui credit in Filium habet vitam aeternam: qui autem incredulus est Filio, non videbit vitam, sed ira Dei manet super eum* (Jo., cap. 3, v. 36) O que crê no Filho tem a vida eterna; e o que, porém, não crê no Filho não verá a vida, mas permanece sobre ele a ira de Deus. *Quia si cognovisses*
445 - *et tu, et quidem in hac die tua, quae ad pacem tibi, nunc autem abscondita sunt ab oculis tuts* (Luc., cap. 19, v. 42). Ah! Se ao menos neste dia que agora te foi dado conhecesses ainda tu o que te pode trazer a paz; mas por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos. *Et quodcumque petieritis Patrem in nomine meo, hoc faciam: ut glorificitur Pater in Filio* (Jo., cap. 14, v, 13). E tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome eu
446 - vo-lo farei: para que o pai seja glorificado no Filho. *Qui se exaltat, humiliabitur et qui se humiliat, exaltabitur* (Luc., cap. 14, v. 11). Todo o que se exalta será humilhado; e o que se humilha será exaltado. *Hosanna, Filio David: benedictus qui venit in nomine Domini, Hosanna in altissimis* (Mat., cap. 21, v. 9). Hosana ao Filho de Davi: bendito o que vem em nome do
447 - Senhor: hosana nas maiores alturas. *Dies mei sicut umbra declinaverunt, ego autem Domini eternam permanecem (Oráculo do profeta).* Os dias do homem se desvanecem como a sombra; seca como as ervas, mas vós, Senhor, permaneces eternamente. *Qui Habet mandata mea et servat ea: ille est qui diligit me. Qui autem diligit me, diligitur a Patre meo: et ego diligam*
448 - *eum et manifestabo ei meipsum* (S. Jo., cap. 14, v. 21). Aquele que tem os meus mandamentos e que os guarda: esse é o que me ama. E aquele que me ama será amado de meu Pai e eu o amarei também, e me manifestarei a ele. Porque o Filho do homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada um a paga segundo as suas obras. *Sic ergo omnis ex vobis, qui non renuntiat omnibus, que possi-*
449 - *det, non potest meus esse discipulos* (Luc. cap. 14, v. 33). Assim pois qualquer de vós que não der de mão a tudo o que possui, não pode ser meu discípulo. *Qui manducat meam carnem et bibit meum sanguinem in me manet, et ego in illo* (Jo., cap. 6, v. 57). O que

come a minha carne e bebe o meu sangue, esse fica em mim e eu nele. *Ego sum lux mundi: qui sequitur*
450 - *me, non ambulat in tenebris, sed habebit lumen vite* (Jo., cap. 8, v. 12). Eu sou a luz do mundo: o que me segue não anda em trevas, mas terá o lume da vida. *Qui apud illos sunt: dignus est enim operarius mercede sua* (Luc., cap. 10, v. 7). Porque o trabalhador é digno do seu jornal. *Non omnis qui dicit mihi Domine, Domine, intrabit in regnum celorun: sed qui facit voluntatem Patris mei, qui in celis est, ipse*
451 - *intrabit in regnum celorum* (Mat. cap. 7, v. 21). Nem todo o que me diz "Senhor, Senhor", entrará no reino dos céus: mas sim o que fez a vontade de meu Pai que está nos céus, esse entrará no reino dos céus. *Si diligitis me: mandata meas servate* (Jo., cap. 14, v. 15). Se me amais: guardai os meus mandamentos. *Amen, amen dico vobis: si quid petieritis Patrem in nomine meo, dabit vobis* (Jo., cap. 16, v. 23). Em
452 - verdade, em verdade vos digo, se vós pedirdes a meu Pai alguma cousa em meu nome, ele vo-la há de dar. *Ubi enim est thesaurus tuus, ibi est et cor tuum* (Mat., cap. 6, v. 21). Porque onde está o teu tesouro, aí está também o teu coração. *Venit enim Filius hominis salvare quod perierat* (Mat., cap. 18, v. 11). Porque o Filho do homem veio salvar o que havia perecido.
453 - *Venite benedicte Patris mei, possidete paratum vobis regnum a constitutione mundi* (Mat., cap. 26, v. 34). Vinde benditos de meu Pai, possuí o reino que vos está preparado desde o princípio do mundo. *Tollite jugum meum super vos, et discite a me, quia mitis sum et humilis corde: et invenietis requiem animabus vestris* (Mat. cap. 11, v. 29). Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim que sou manso e humilde de
454 - coração e achareis descanso para as vossas almas. *Jugum enim meum suave est, et onus meun leve* (Mat., cap. 11, v. 30). Porque o meu jugo é suave e o meu peso leve. *Amen dico vobis, quecumque alligaveritis super terram, erunt ligata et in celo: et quecunque solveritis super terram, erunt soluta et in celo* (Mat., cap. 18, v. 18). Em verdade vos digo
455 - que tudo o que vós ligardes sobre a terra será ligado também no céu: e tudo o que vós desatardes sobre a terra será desatado também no céu. *Celum et terra transibunt: verba autem mea non transibunt* (Luc., cap.

21, v. 33). Passará o céu e a terra: mas as minhas palavras não passarão. *Ecce agnus Dei, ecce qui tollit peccata mundi* (Jo., cap. 1, v. 29). Eis aqui o Cordeiro de Deus, eis aqui o que tira o pecado do
456 - mundo. *Ego sum resurrectio et vita qui credit in me, etiam si mortuus fuerit vivet* (Jo., cap. 11, v. 25). Eu sou a ressurreição e a vida, o que crê em mim, ainda que esteja morto, viverá. *Et omnis qui vivit et credit in me, non morietur in eternun. Credis hoc?* (Jo., cap. 11, v. 26). E todo o que vive e crê em mim não morrerá eternamente. Crês isto? *Non amplius facies Domine Jesu sed hominis nacariate videtur* (S. Boa-
457 - ventura). Não era já o belo rosto do Senhor que se via, mas o rosto de um homem esfolado. *Beati eritis cum vos oderint homines, et cum separaverint vos et exprobraverint, et ejecerint nomen vestrum tamquam malum propter Filium hominis* (Luc., cap. 6, v. 22). Bem-aventurados sereis quando os homens vos aborrecerem e quando vos separarem e carregarem de
458 - injúrias e rejeitarem o vosso nome como mau, por causa do Filho do homem. *Non veni vocari justos, sed peccatores ad penitentiam* (Luc., cap. 5, v. 32). Eu virei chamar não os justos mas os pecadores à penitência. *Filius enim hominis venturus est in gloria Patris sui cum angelis suis: et tunc reddet unicuique secundum opera ejus* (Mat., cap. 16, v. 27). Porque o
459 - Filho do homem há de vir na glória de seu Pai com os seus anjos: e então dará a cada um a paga segundo as suas obras. *Surgite, eamus. Ecce qui me tradet prope est* (Marc., cap. 14, v. 42). Levantai-vos, vamos: eis aí o que me entregou que se aproxima. *Sermo meus et predicatio mea non in persuasibilibus humane sapientie verbis, sed in ostensione spiritus et virtutis* (I. Corint. 2.4). Os meus sermões (diz o santo
460 - Apóstolo) não se fundam em palavras vãs da humana sabedoria, mas sim em espírito e virtude. Nas quais palavras condena a eloqüência humana e inculca a eficácia necessária para repreender os vícios e mover o coração ao santo temor e amor de Deus. Diz São João no Apocalipse (cap. 14, v. 13); Bem-aventurados são os mortos que morrem no Senhor. A pa-
461 - lavra de Deus tem tanta eficácia de alumiar e esquentar as almas, que muitos ouvindo-a reformaram suas vidas e, abrasados do amor divino, havendo sido

grandes pecadores, ficaram justos e acabaram santamente. E pelo contrário, tem acontecido a muitos que por não quererem ouvir e abusarem das inspirações divinas, experimentaram várias desgraças, e finalmente vieram a perder a mesma alma. E por isso vos advir-
462 - to que vos não aconteça seguir os ditames de alguns presumidos de sábios, que só vão buscar aqueles pregadores de grande fama pelos subidos conceitos e floridos no estilo. Porque estes tais ouvintes, como não são homens de espírito, não gostam do espiritual e só tratam do temporal: como se a santa doutrina não fora cousa tão necessária para a salvação dos homens e a não ditara e ensinara o mesmo Nosso Se-
463 - nhor Jesus Cristo. Vejam o que sucedeu na morte de Cristo, estando ele pendente da árvore da vera cruz, depois de ter experimentado tantos tormentos na sua sacratíssima paixão. Tremeu a terra, quebraram-se as pedras, abriram-se as sepulturas, moveram-se os montes, cobriu-se de luto o mundo, eclipsou-se o sol e a lua, dando sinais e demonstrações de sentimento pela morte do seu Criador. Estes prodígios e outros
464 - muitos se viram não só na Judéia, onde padeceu o Salvador, mas também em toda a terra. S. Dionísio Areopagita, famoso astrólogo e matemático, sendo ainda gentio, sem ter luz da fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, estando em Hierópolis, cidade do Egito, e vendo uma cousa tão nova e prodigiosa, como foi escurecer-se o sol e eclipsar-se milagrosamente com a interposição da lua, contra toda a ordem natural; ad-
465 - mirado deste sucesso, exclamou: Ou Deus, autor da natureza, padece ou a máquina do mundo se desfaz! Porque hão de saber todos os que isto sabem, que o eclipse do sol não pode acontecer senão em conjunção do sol e da lua, por se pôr esta entre a nossa vista e o sol. E o que sucedeu na morte de Nosso Senhor Jesus Cristo foi em ocasião que estava a lua cheia de todo, e distava do sol cento e cinqüenta graus, em
466 - outro hemisfério inferior à cidade de Jerusalém, como referem vários autores. Os sábios de Atenas, vendo este admirável prodígio, fizeram então um altar para o Deus não conhecido, e pregando depois São Paulo, naquela cidade, disse que o Deus não conhecido por eles era Cristo Deus e Homem verdadeiro: e com esta pregação converteu a muita gente. Também se

rasgou o véu do Templo de alto a baixo; e caiu a pedra superior da porta do mesmo Templo.
467 - E os anjos, que nele estavam, disseram estas palavras, que muitos ouviram: Vamos-nos desta casa e desta moradia. Dando a entender àqueles cegos e desgraçados moradores, que, como já havia outro templo, que era a Igreja Católica, naquele que tinha sido a sinagoga não deviam residir mais. Além destes evidentes prodígios e outros muitos, que se viram por
468 - todo o mundo naquele dia da morte do Redentor: o centurião, capitão da gente de guerra, confessou a Nosso Senhor Jesus Cristo, por verdadeiro Filho de Deus. Longuinhos, depois que feriu o lado de Nosso Senhor Jesus Cristo, vendo-se restituído da vista, por ter sido cego, se converteu e confessou a Nosso Senhor Jesus Cristo por verdadeiro Deus. Finalmente, foi Nosso Senhor Jesus Cristo morto e sepultado: e ao terceiro dia ressuscitou com brilhante resplendor e majestade e
469 - glória, e foi visto, por muitas vezes, de sua santíssima Mãe e depois apareceu a seus discípulos e às santas mulheres. E tudo isto que vos tenho dito o afirmaram vários autores; e os santos evangelistas o confirmam como testemunhas de vista (Mat. 28, marc. 15, Luc. 24, Jo. 21). E porque vos não fique a menor dúvida desta verdade, de como Nosso Senhor
470 - Jesus Cristo foi e é o verdadeiro Salvador e Redentor do mundo: ouvi o que dele disseram os patriarcas e profetas, muitos séculos antes de sua vinda ao mundo. Primeiramente consta da Sagrada Escritura aquela grande promessa, que Deus fez a Abraão, a Isaac e a Jacó, na qual lhes prometeu que seria deles descendente o verdadeiro Messias, Cristo JESUS: *Benedicentur in semine tuo omnes gentes terrae* (Gen., cap. 22, v. 18, cap. 26, v. 4, e cap. 23, v. 14). Isaías
471 - dá testemunho desta verdade em três lugares da sua profecia: No Capítulo 25, v. 9, *Ecce Deus noster iste: expectavimus eum et salvabit nos:* Eis aqui este, é Nosso Deus, que esperamos, e ele nos há de salvar. No Capítulo 35, v. 4, Deus ipse veniet et salvabit vos: O mesmo Deus em pessoa há de vir salvar-vos. E no capítulo 45, v. 15, não só chama a Nosso Senhor Jesus Cristo Salvador, mas juntamente, duas vezes, Deus verdadeiro:
472 - *Vere tu est Deus Absconditus, Deus Israel salvator:*

O santo Jó diz: *Redemptor meus vivit: et in carne mea videbo Deum salvatorem meum* (cap. 19, vs. 25 e 26): O meu Redentor vive: e neste meu corpo hei de ver a meu Deus. Oséias, ou Deus em seu nome: *Et salvabo eos in Domine Deo suo:* Eu os salvarei no Senhor Deus (cap. 1, v. 7). Zacarias: *Et salvabit eos Domine Deus eorum:* E salvá-los-á o Senhor seu
473 - Deus (cap. 9, v. 16). Habacuc: no cap. 3, v. 2, onde falando de Nosso Senhor Jesus Cristo, diz: Que há de consumar a obra de Redenção, padecendo no meio dos anos a morte para restituir a vida: *Domine opus tuum in medio annorum vivifica illud.* E no mesmo capítulo, v. 18, diz: *Ex ullabo in Deo JESU meo:* Darei saltos de prazer no Senhor JESUS Deus meu Salvador. Davi, no salmo 24, v. 5: *Tu es Deus salvator*
474 - *meus:* Vós Senhor, sois Deus meu Salvador. Miquéias, no Capítulo 7, v. 7: *Expectabo Deum salvatorem meum:* Esperarei a Deus meu Salvador. Além de outros muitos lugares da Sagrada Escritura, nos quais se vê conhecida esta verdade. Finalmente, de todo o Testamento Velho e Novo, e dos Santos Padres, a quem venero como colunas da Igreja Católica Apostólica Romana e luz do Cristianismo, se vê a toda
475 - luz da verdade que o Nosso Senhor Jesus Cristo é o verdadeiro Redentor e Salvador do gênero humano. E por isso só a sua santa lei devem guardar irrepreensivelmente todos aqueles que se quiserem salvar: porque, além de ser mui verdadeira, são suaves os seus santos preceitos, como o mesmo Senhor diz: *Jugum meum suave est* (Mat., 11.30). Deste grande bem e luz se não aproveitaram muitos dos miseráveis e perti-
476 - nazes judeus, por estarem cegos e cheios de culpas e pecados. O demônio é criatura tão mofina, vil e miserável, que ainda o mais pobre mendigo necessitado, que há e pode haver, é mais rico que o demônio: porque, além de viver o mendigo nas esperanças de gozar da eterna Glória, pois está em via de merecer, vive fora do inferno. Porém, o demônio tem perdido toda esperança de ver a Deus: mora no mais ínfimo lu-
477 - gar da terra, que é o centro do inferno: e tem perdido tudo porque perdeu a graça divina. Finalmente, só Deus é a suma verdade e nunca falta no que prometeu, nem há de faltar. Só Deus é rico e Todo-

Poderoso, por ser Senhor do céu e da terra, do mar e de todos os mais bens e haveres deste mundo; porque os fez e permitiu que se produzissem para conservação das criaturas os quais bens pode dar e repartir com que sua divina providência quiser: e é tão bom
478 – pagador que dá cento por um. Quando Nosso Senhor Jesus Cristo vier a julgar a todos os homens, dos bens e males que fizeram em suas vidas, dando a cada um o prêmio e o castigo, segundo os seus merecimentos. E então se cumprirá o que disse o anjo, tendo um pé no mar e outro na terra e, jurando pelo Criador vivente para séculos dos séculos: que não haveria mais tempo: *Quia tempus non erit amplius* (Apoc. 10.6), porque
479 – dali por diante não haverá mais que eternidade, a qual permanece para sempre, sem fim. É mui útil considerar-se a eternidade e essa consideração foi a que fez a muitos varões sábios e prudentes encher as religiões, povoar os desertos, deixar as riquezas e desprezar o mundo. Assim sucedeu a Thomás Moro, Chanceler-mor da Inglaterra, reinando Henrique VIII. Foi este ministro condenado à morte por não querer
480 – seguir a heresia: e indo lhe falar ao cárcere sua mulher para o perverter, lhe perguntou aquele sábio varão: Quantos anos poderei viver? Respondeu ela que vinte e ainda mais. Concluiu ele assim: Vindes-me logo persuadir que troque vinte anos de vida por uma eternidade de penas. Se dissésseis vinte mil anos, dirieis muito, mas a respeito da eternidade era nada. E assim sacrificou a vida pela defesa da religião católica. Moisés, tinha-lhe Deus revelado todos os misté-
481 – rios da encarnação, paixão, morte e ressurreição de seu unigênito filho. Consta da Sagrada Escritura (1. Reg. 24.5) que em certa ocasião cortou Davi um retalho da capa de Saul para lhe mostrar que, podendo matar, o deixava ir com vida, onde parece que não houve a mínima culpa: contudo Davi, como era homem justo, por este golpe deu muitos no seu coração
482 – (ibid., v.6). Pelas lições dos bons Livros vêm os homens ao conhecimento de toda a verdade para melhor se aproveitarem no serviço de Deus. E por isso diz São João Crisóstomo que é mui importante a lição dos Livros Sagrados, pois por meio deles recebe a alma a santificação e graça do Espírito Santo (Homil.,

31). E são Pedro Damião afirma serem estas as mais fortes armas contra o inimigo infernal (Lib. 6, epist. 3). Finalmente, são muitos os louvores que dão os
483 - Santos aos livros espirituais. Santo Agostinho lhes chamou cartas que vêm aos homens do Paraíso. São Basílio lhes chama dons, que manda Deus do céu e sustento das almas. São João Crisóstomo diz que ao lê-los se abrem os céus aos homens. E Cassiodoro lhes chamou utilidade do cristianismo, tesouro da Igreja e luz das almas. De Santo Ignácio de Loiola sabemos que o ler ele o Flos Sanctorum bastou para dar princípio aos grandes progres-
484 - sos de suas virtudes e santidade. E outros muitos e inumeráveis Varões, pela lição dos bons livros vieram a ser tão grandes santos, como tereis lido e ouvido contar. Vejam o que aconselha o Espírito Santo sobre o enterramento dos mortos. *Secundum judicium contege corpus illius* (Eccl., 38. 16). Que dizer: Que enterremos os mortos conforme o uso dos fiéis, como é em cada terra costume, para que não haja no en-
485 - terramento cousa que se note ou escandalize. Apareceu um religioso de boa opinião depois da morte, a um seu companheiro e lhe disse: Que estava no purgatório padecendo grandes tormentos por umas graças que dissera no púlpito em uma manhã da Ressurreição.

PARTE QUARTA

Prédicas de circunstância e discursos

Sobre a cruz

486 – *Si quis vult post me venire abneget semetipsum et tollat crucem suam et sequatur me* (Mat., cap. 16, v. 24). Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me. Assim disse Nosso Senhor Jesus Cristo. O homem deve carregar sua cruz debaixo de qualquer forma que se apresente, deve penetrar-se assim de júbilo, sabendo que em virtude dela
487 – vai ao céu. Também deve render as devidas graças ao Senhor por lhe haver feito tão grande benefício. Ora, podem crer que lhes têm verdadeiro amor aqueles que renunciam à cruz que o Senhor lhes envia? Jesus Cristo não buscou nem a sua vontade nem as suas comodidades, diz Cornélio Alapide, mas sacrificou tudo isto e a própria vida para a nossa salvação. Jesus,
488 – pelo amor que nos tinha, não buscou os prazeres da terra, mas os sofrimentos e a morte, e, entretanto, era inocente. Que buscamos nós pelo amor de Jesus Cristo? Quem poderá escusar-se de obedecer com o pretexto de qualquer incômodo, havendo-se Jesus feito obediente até a morte? Quem poderá fugir às ignomínias vendo a Jesus tratado como louco, como rei de teatro, como malfeitor escarnecido, coberto de escarros e preso a um patíbulo? Quem poderá mais amar outro
489 – objeto do que a Jesus, vendo-o cercado de tantas dores e desprezos a fim de cativar nosso amor? Um piedoso solitário rogava a Deus que lhe ensinasse o que poderia

visivelmente aparece na linha equinocial para o sul, da parte do oriente. Foi também venerada a cruz
491 - no mundo em todos os tempos: tanto na lei da natureza, como na lei escrita, e agora na lei da graça pelos cristãos. Foi estimada e venerada na lei da natureza pelos santos patriarcas, quando com ela abençoavam seus filhos e faziam alguma cousa de maior estimação no serviço de Deus. Assim se viu figurada no cajado com que Jacó, perseguido, passou as águas do Jordão. Também se representou nas mãos do mesmo Jacó tro-
492 - cada sobre Efraim e Manassés, onde, escolhendo o mais moço, retratou o Espírito Santo a nova eleição que em virtude da cruz de Jesus se havia de fazer da gentilidade. Foi também representada a cruz no pau com que o profeta Eliseu tirou do Jordão o ferro do machado que nele tinha caído. Outra figura da cruz foi o sacrifício de Isaac pelo que depois se viu em Nosso Senhor Jesus Cristo no Monte Calvário. Na
493 - lei escrita foi venerada a cruz na figura da vara de Moisés, como dizem e entendem os santos padres. E o mesmo Moisés não escaparia de ser afogado no rio Nilo, quando nele o lançaram seus pais para o livrarem do Faraó e de seus editos, se não fora dentro daquela cestinha de junco, tecida e feita de muitas cruzes. Além de outras muitas figuras da cruz, que nesse tempo se viram. Na lei da graça teve e terá
494 - a cruz estimação até o fim do mundo por ser o instrumento da nossa redenção e pelas importantes maravilhas com que obrou Nosso Senhor Jesus Cristo no seu amor para conosco, consumando tudo quanto os profetas tinham escrito e dito de seus milagres. O que tudo fez para remédio da nossa salvação, tomando a cruz por instrumento de sua sagrada paixão, pois dela, como de cadeira, deu ao mundo tanta doutrina: dela,
495 - como de altar, sacrificou sua sagrada pessoa em satisfação das nossas culpas: dela, como de baluarte fortíssimo, pelejou contra os inimigos mortais, apoderados do mundo pelo pecado: dela, finalmente, aperfeiçoou o que convinha para nosso remédio. E daqui veio ao nosso adorável Jesus aquele nome que (como diz o Apóstolo) é sobre todos os nomes e a Ele se prostram e ajoelham os anjos, os homens e os demônios. Estas
496 - glórias, estas ditas logram sim os fiéis cristãos de verem a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Porém,

para os pertinazes judeus e os mais inimigos da nossa santa fé, em vez de glória lhes causa maior pena verem e ouvirem falar na cruz, eles hão se ver nas mãos de Deus, de seu castigo. E para o demônio e todo o inferno não pode haver maior terror que verem a cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo. Assim o publica ele e por larga experiência o sabemos todos os cristãos. E
497 - isto se comprova com aquele caso que sucedeu a um judeu, o qual anoitecendo longe do povoado, se recolheu a um templo derribado de ídolos, onde juntos os demônios, como a fazer audiência, ou resenha dos seus sucessos, viram entrar o judeu que, com grande medo, tinha feito o sinal da cruz, benzendo-se. Mandou o maioral aos outros que vissem o que era aquilo.
498 - O demônio, que chegou a reconhecê-lo, disse a grande brado. Ai, ai, que este vaso está vazio, mas bem calado! Motivo por que o deixaram e dali se converteu o judeu, que experimentou se ver livre pela cruz. E que pouca devoção têm muitos cristãos à santa cruz, a qual deviam prezar tanto como arma com que nos livra Deus de todos os perigos. E para maior inteligência deste mistério da cruz e suas excelências, digo-vos:
499 - que três foram as bênçãos que Deus fez em forma de cruz. A primeira foi a da natureza, a segunda a da graça e a terceira há de ser no fim do mundo, quando em corpo e alma formos gozar da bem-aventurança. Todas as três nos mostrou Deus por figura e realidade, na criação do primeiro homem Adão, quando o fez em figura de Cruz: depois quando lhe infundiu a alma com os dotes da graça e ultimamente quando em companhia de Eva os abençoou em figura da res-
500 - surreição, em que haviam de ressuscitar. Estas bênçãos se vêem lançar os papas, cardeais, bispos e todas mais pessoas constituídas em dignidade eclesiástica, no fim da missa e mais cerimônias da Igreja, quando abençoam o povo cristão, invocando nela as três Pessoas da Santíssima Trindade, que as formou e dirigiu para nosso bem. Na vara do sumo pontífice se vêem expressamente estas três cruzes, símbolo do supremo
501 - poder daquele supremo ministro de Deus. Esta cruz se vê levarem todos os arcebispos e bispos diante de si nos seus arcebispados: aos primazes por todo o reino onde o são. E ainda em muitas religiões em ato de comunidade, quando administram os ofícios divinos a

levam alçada para nos mostrarem que, com aquele estandarte, nos remiu Nosso Senhor Jesus Cristo do
502 - cativeiro de nossos pecados. E por isso quem não ama a cruz, praticamente nega a fé. O que os homens menos entendem é a doutrina da cruz, para os Judeus escândalo, para os gentios loucura. Que um Deus morresse para salvar os homens, mistério é profundo perante o qual se inclinara a razão. Porém que deve associar-se a este grande sacrifício, morrendo a si mesmos, às suas paixões, eis o que os escandaliza e lhes
503 - faz dizer como os cafaurnitas: esta palavra é dura e quem pode ouvi-la? Forçoso é, porém, que a ouçamos, pois dela depende nossa salvação. A cruz reconciliou o céu com a terra, que estava em guerra. Da árvore da cruz brota o pomo de vida que se perdeu no paraíso terreal; de seu tronco misterioso rebentam viçosos ramos que se elevam até o céu. Abracemo-nos pois, com o lenho sagrado em que esteve pendente o Salva-
504 - dor do mundo; seja Ele neste desterro nossa consolação, assim como é nossa fortaleza e nossa esperança. Quando, por sua bondade, Deus nos envia alguma tribulação, digamos como Santo André: O' doce cruz! por mim tão desejada e agora preparada para esta alma que por ela tão ardentemente suspira! Todos os santos sentiram este abrasado desejo, todos falaram a mesma linguagem. "Sofrer ou morrer" repetia a miúdo Santa
505 - Teresa! e nos sofrimentos achava mais quietação e ventura que não gozam nunca os que o mundo chama felizes. Uma só lágrima derramada aos pés de Jesus Crucificado é mil vezes mais deliciosa que todos os prazeres do século. Formosa cruz, mais resplandecente e rica como sangue do divino cordeiro que formosos rubis. Tu foste o fim de seus trabalhos, tu o começo de seu repouso, tu a vitória de sua batalha, tu a en-
506 - trada de sua glória e posse de seu reinado. Tu és a minha herança, que deste Senhor me ficou: adoro-te, recebo-te por meu rico tesouro. Oh! mais formosa que todas as estrelas, mais forte que todos os exércitos, triunfadora de todos os inimigos. Tu és minha coroa, minha glória, minha riqueza e minha esperança no tremendo dia do juízo. Amém. Cruz estandarte da
507 - glória, símbolo da fé, chave do paraíso, divino arco-íris da paz entre Deus e os homens, terror do inferno, espada contra o demônio, alegria dos Cristãos, esforço

dos fracos, escudo dos fortes justificados na graça de Deus, cruz bendita, sempre estimada de Deus, desde o princípio do mundo, no fim do qual haveis de aparecer como estandarte real nas mãos do verdadeiro Deus, castigando com a sua justiça os maus, e triunfo
508 - de glória para os bem-aventurados.

Sobre a missa

509 - Se bem soubera um cristão o que lucra em assistir e ouvir a missa todos os dias, deixaria os maiores negócios deste mundo para não faltar a tão grande bem espiritual. Primeiramente, a missa é a melhor cousa e mais sagrada que Deus deixou à sua Igreja, por ser a representação da paixão e morte de Nosso
510 - Senhor Jesus Cristo para que, lembrando-nos do que por nós padeceu, nos seja essa repetida memória um despertador grande para amar a Deus e servi-lo. É a cousa mais agradável e aceita a este Senhor, que quanto pudemos fazer e cobrar os anjos e os santos. E quando se está à missa, é o tempo mais oportuno que há para a oração e para se falar com Deus, pedir-lhe mercês em companhia de milhares de anjos, que lhe assistem,
511 - ajudando-o: por ser a oração um dos maiores remédios que há para destruir os vícios, chegarmos a Deus e granjear virtudes: faz abater a soberba, deixar a avareza, aplacar a ira, esquecer daquela, extinguir a inveja e finalmente de tíbios e preguiçosos nos faz diligentes no serviço de Deus. Também a missa é a melhor obra, de mais proveito, que podemos oferecer pelas almas do purgatório, e não há palavra, nem sinal, nem cerimô-
512 - nia nela que não tenha significações e mistérios. Diz São Lourenço Justiniano que agrada mais a Deus a missa, que todos os merecimentos dos anjos e santos da terra. E são Bernardo diz que em uma missa oferecemos muito mais a Deus que se déramos tudo quanto temos aos pobres, ainda que fôssemos Senhor do universo e déramos de esmola toda ao mundo, com suas rendas. E a razão é: porque neste sacrifício oferecemos
513 - a Deus seu Filho, e Este e seus merecimentos excedem infinitamente a todos os bens da fortuna e da graça. N'Ele apresentamos ao Padre Eterno o mais e o melhor que lhe podemos dar e sua divina majestade nos pode pedir. Desde que saímos de casa para ouvir

missa (conforme o que diz Santo Agostinho), logo nosso anjo da guarda começa a contar nossos passos e es-
514 - crever no livro das boas obras. E além das muitas e grandes indulgências que os sumos pontífices têm aplicado aos que ouvem missa, os papas Urbano IV, Martinho V e Eugênio IV, concederam duzentos anos de indulgência a quem devotamente ouve missa, ou a diz, ou dá esmola para ela, como consta de suas bulas. Vejam agora o que perde um cristão por um breve tempo que deixa de ouvir à missa. Nosso Senhor Jesus
515 - Cristo disse (São Mat., cap. 6, v. 33) : Buscai pois primeiramente o reino de Deus e a sua justiça e todas estas cousas se vos acrescentarão. Finalmente, neste sagrado sacrifício da missa se acha para os aflitos alívio, para os tristes consolação, para os atribulados remédio, para os combatidos socorro, para os consolados esperança e toda mais paciência, fortaleza, graça por meio desse divino sacrifício se alcança porque é
516 - fonte, luz, graça, indulgência para os vivos, e também para as almas do purgatório.

Sobre a confissão

517 - Não há cousa mais útil ao cristão nem indispensável para comungar dignamente do que descer à sua consciência e escrutar, com saudável severidade, seus tristes esconderijos. Temos em nós mesmos como a imagem do reino das trevas ali vive, cresce e se propaga a inumerável família dos vícios, nascidos da tríplice concupiscência que infetou a vida humana em sua ori-
518 - gem. Quem examinar diariamente o seu coração, nele achará germe de tudo que é mau, uma soberba ora atrevida e violenta, ora disfarçada e astuciosa, uma curiosidade desmedida, apetites insaciáveis, o ódio acompanhado da injúria, do ultrage e da calúnia, a inveja mãe do homicídio, avareza que diz continuamente: traze, traze; a dureza da alma, as alegrias culpáveis do espírito: e posto que estas sementes de mor-
519 - te não se desenvolvam em cada homem no mesmo grau, todos as têm em si e só a graça as pode mais ou menos domar e reprimir. Tal é, depois do pecado original, a herança dos filhos de Adão (Prov. XXX, v. 15). Quem não exclamará a Deus do fundo desta grande mi-

das muitas e grandes indulgencias
as que pellos Summos Pontifices
tem applicado aos que ouvem
a Missa os Papas Urbanos IV,
Martinho V e Eugenio IV, cond
deram dusentos annos de indul
gencias a quem devotamente ou
ve Missa, ou a diz, ou dar es
mola para ella, como de suas Bu
las consta. Vejão agora o que
perde um christão por ouvir
de tempo que deixa de ouvir
Missa. Nosso Senhor Jesus
Christo disse por (São Matheus

séria para implorar d'Ele auxílio e misericórdia? Deus abandona os que escondem os seus crimes e perdoa aos que o acusam. Movido de compaixão
520 - a favor dos pecadores, instituiu Jesus Cristo o sacramento da penitência, que os regenera no sangue do cordeiro e os reveste da inocência primitiva. Eis a veste nupcial necessária para assistir ao banquete do Esposo. Vos que andais oprimidos com o peso de vossos pecados, dai-vos pressa, ide, com dor sincera e amorosa esperança, aliviar-vos dele aos pés daquele que faz as vezes do Filho de Deus; ide e humilhai-vos, ide e
521 - chorai; a mão divina enxugará vossas lágrimas e, restabelecidos em graça com Deus, em paz convosco, cantareis com alegria o hino do perdão. Ditosos aqueles cujas iniqüidades foram perdoadas e cobertos seus pecados! Feliz aquele a quem o Senhor não imputou seu crime e cujo coração não é fraudulento! (Ps. cap. XXX, I e I e 2.). Admira o procedimento daqueles que deixam de confessar-se ao menos uma vez cada ano. Ainda que eles observassem religiosamente este pre-
522 - ceito da santa Igreja não seriam dignos de ter em si a Jesus, este Deus imenso, que o universo não pode conter, tornado nosso hóspede inseparável logo que o recebemos em nosso coração na sagrada comunhão. Por esta razão, considerando este excesso de amor, com que afeto e fervor de coração não se nutre aquele que fielmente o recebe? Oh! Prodígio de vossa ternura
523 - para com os homens! São Paulo considera o tempo em que Jesus nos concedeu este dom da Eucaristia, dom que excede a todos aqueles que pode dar um Deus Todo-Poderoso. Oh! Senhor, o mais digno objeto da nossa ternura, vós viestes ganhar nossos corações pela vossa paixão, na qual fizeste resplandecer o amor imenso que nos tendes, consumando a obra de nossa Redenção, que tem sido para vós um oceano
524 - de dores e ignomínias. Nosso Senhor Jesus Cristo está na sagrada comunhão, com tantas perfeições, como esteve no seio da Virgem Maria, e acha-se à direita do Eterno Pai. Confessem-se pois ao menos uma vez cada ano, não abandonem o benefício de Deus que, movido por tão ardente amor, quis deixar-se a si mesmo aos homens, no santíssimo Sacramento

do altar. Como é que, com tanto indiferentismo, muitos deles deixam de confessar-se? Como é que a memória de um tão grande benefício não fica viva entre eles?

525 - Que origem de amargura para o terno coração de Jesus, vendo o desprezo que eles fazem de tão salutar benefício! A confissão é incontestavelmente necessária para a Salvação eterna; em virtude dela são perdoados os pecados. E para confirmação, digo-vos que a criatura depois que morre contrita e confessada de seus pecados, mas que não fez penitência, nem boas obras,

526 - por isso vai pagá-los por aquele tempo que Deus tem determinado e depois de ter purgado a última culpa vai para o céu acompanhado dos anjos. Os justos que tiverem a felicidade de morrer tão justificados vão logo para o céu. Para fazer uma confissão bem-feita é necessário que preceda o exame de consciência: discorrendo pelos mandamentos da lei de Deus, pecados mortais, obras de misericórdia e pecados de omissão,

527 - que versam sobre aquele que não obra como deve em qualquer cargo ou poder em que se vir constituído. Devem declarar todos os pecados cometidos com as circunstâncias que os acompanharam, não ocultando um só, por mais horroroso que seja. Também devem penetrar-se de viva dor de haver cometido tantas misérias, e daí por diante fazerem firme propósito de emenda,

528 - assim como satisfazerem a penitência que for imposta pelo confessor.

Sobre as maravilhas de Jesus

529 - Sucedeu que na ocasião que Jesus vinha para Jerusalém, foi o povo ao seu encontro e por onde quer que ele passava estendiam os seus vestidos no caminho. Todos os seus discípulos transportados de gosto, começaram de chusma a louvar a Deus em altas vozes por todas as maravilhas que tinham visto, dizendo: Bendito o reino que vem em Nome do Senhor, paz

530 - no céu e glória nas alturas. Então alguns dos fariseus, que se achavam entre o povo, disseram-lhe: Mestre, repreende teus discípulos. Aos quais Ele respondeu: Seguro-vos que se eles se calarem, clamarão as mesmas pedras.

531 - No quarto ano de seu reinado, começou Salomão a construir um templo ao Senhor, em Jerusalém, no monte Moria. Havia 70.000 operários carregadores de material e 80.000 a cortarem pedra nos montes e 3.600 feitores inspecionando as obras, e 2.000 israelitas andavam pelo Líbano, cortando ce-
532 - dro e faias. Assim se levantou aquele majestoso e riquíssimo Templo, com 60 côvados de comprido, 20 de largo e 30 de alto, sem contar os espaçosos alpendres que o cercavam e os grandes adros para os sacerdotes e para o povo. As paredes de dentro eram forradas de retábulos de cedro, de primorosa e finíssima escultura, representando querubins, palmas e flores variadas. Todas as alfaias do culto, entre as quais 10 mesas, candelabros e 100 taças ou cálices,
533 - eram de ouro puríssimo, e o Santuário e o Santo dos Santos, de alto a baixo chapeados de lâminas de ouro, pregados com cravos também de ouro. Quando Salomão, no fim de sete anos, concluiu esta grande obra, convocou os Príncipes e anciãos do povo para trasladarem a Arca da Aliança da montanha de Sião para o novo Templo. Iam todos caminhando devotamente, adiante da Arca, e imolavam ovelhas e novilhas sem
534 - número. Tocavam os levitas atabales, saltérios e cítaras, 120 sacerdotes embocavam suas trombetas e romperam todas as vozes neste festim o cântico: Bendizei ao Senhor porque é bom e sua misericórdia é eterna. No instante em que a Arca entrava no Santo dos Santos, uma nuvem cobriu a casa do Senhor e Salomão, pondo-se de joelhos e levantando as mãos para os céus, disse: Senhor Deus de Israel! Não há
535 - quem convosco se possa comparar, nem os céus dos céus podem conter vossa infinita majestade, quanto mais esta casa. E todavia a edifiquei para que ouvísseis as orações do vosso povo. Ouvi, pois, Senhor, a todos os que neste lugar orarem e sede-lhes propício. Ao acabar esta oração desceu fogo do céu e consumiu as vítimas e todo o povo, prostrado com a face em terra, adorou o Senhor. Apareceu depois
536 - disto o Senhor segunda vez a Salomão e disse-lhe: Ouvi a tua oração, santifiquei esta casa e meus olhos

e meu coração aqui estarão sempre atentos para todos os que me invocarem. O Templo de Salomão é, como o antigo Tabernáculo, uma figura das nossas Igrejas.

Sobre o recebimento da chave da Igreja de Santo Antônio, Padroeiro do Belo Monte

Seria sem dúvida uma consideração mui mal entendida, se eu me conservasse em silêncio com relação ao assunto que a faz objeto de tanto júbilo no dia de hoje, como indigno encarregado da construção da Igreja de Santo António, padroeiro deste lugar, cuja obra se acha feita em virtude do poderoso auxílio do
538 - Bom Jesus, se no ato de receber a chave da Igreja do seu servo eu deixasse de publicar as maravilhas de tão belíssima pessoa. Sim, fiéis, Deus, pela virtude de seu poder, tirou todas cousas do nada; porque só a sua divina vontade é regra certa de toda virtude. Contemplamos com pleno júbilo as maravilhas que o Onipotente Senhor está fazendo aqui, por tanta glória, louvor e honra ao nosso amável Jesus, cujo nome (co-
539 - mo diz o Apóstolo) é sobre todos os nomes e a ele se prostram e ajoelham os anjos e os homens e os demônios. Foi o Bom Jesus (nutro a mais íntima satisfação de declarar-vos) que tocou e moveu os corações dos fiéis para me prestarem as suas esmolas e os seus braços a fim de levar a efeito a obra do seu servo. Maravilhosas, como dizia Moisés nos transportes do seu júbilo, são as tuas obras, justos são os teus juízos. Impossível seria, fiéis, eu fazer a Igreja de Santo António
540 - se o Bom Jesus deixasse de prestar-me o seu poderoso auxílio. Aqueles, porém, que concorreram com as suas esmolas e com os seus braços, podem estar certos que o Bom Jesus os recompensará generosamente; eles devem ficar plenamente satisfeitos por terem concorrido para a construção da Igreja do servo do Senhor, na doce esperança de um dia serem participantes da sua glória, à vista do seu testemunho que demonstra o zelo religioso que tanto os caracteriza. O
541 - dia de hoje, fiéis, nos vem comemorar tão belo acontecimento para a nossa religião santa, quando se trata de realização de um templo tão útil, tão aceitável e agradável a Deus. E para confirmação desta verdade,

digo-vos que muitos séculos antes da vinda do Filho do Homem ao mundo, Deus deu a Moisés outros preceitos para o povo com relação ao culto divino; e tudo quanto o Senhor lhe ordenou, Moisés
542 - executou ponto por ponto. Construiu Moisés uma imagem sagrada que é a figura da nossa Igreja. A igreja católica, porém, é obra de Aquele que diz não ter vindo destruir a lei, mas aperfeiçoá-la. Deste grande bem e luz não se aproveitaram os pertinazes judeus, por estarem cegos, cheios de culpas e pecados, por que ainda hoje só acreditam na lei de Moisés, a qual foi aperfeiçoada em virtude da santíssima lei da graça,
543 - como tudo se pode ver das sagradas Letras, e se tem comprovado pelos grandes prodígios, e os que virão na consumação desta santíssima lei da graça, quando seu legislador Jesus, verdadeiro Filho do Padre Eterno, a consumou e rubricou com o seu preciosíssimo sangue de toda a sua santíssima paixão. Cruz bendita, na qual quis morrer crucificado para remir o gênero humano, árvore da vida, finalmente em contraposição
544 - da queda em que Adão contraiu a culpa original infeccionando a todos os seus descendentes. O que tudo fez e obrou este amorosíssimo Deus, feito Homem para mostrar aos homens o seu grande amor, que se dignou remir o gênero humano, que estava cativo pelo pecado cometido por Adão contra Deus. E para que os homens, penetrados de reconhecimento, o amassem com fé na sua palavra e obediência aos seus manda-
545 - mentos e a imitação de seus exemplos. Os judeus, porém, corresponderam com monstruosa ingratidão aos benefícios do Bom Jesus, e ainda hoje permanecem na mesma maldade, a ponto de só acreditarem na lei de Moisés. Movidos pela incredulidade que tem atraído sobre eles toda sorte de dúvida com relação à santíssima lei da graça, porquanto só esta lei é a verdadeira e indispensável para a salvação eterna.
546 - Bem vos conheço, disse o Bom Jesus, no seu santo Evangelho, que não tendes em vós a dileção de Deus. Como podeis crer - Vós que recebeis a glória uns dos outros: e que não buscais a glória que só vem de Deus? Não julgueis que eu vos hei de acusar diante de meu Pai; o mesmo Moisés em que vós tendes as esperanças é quem vos acusa. Por que se vós crêsseis a Moisés, certamente me creríeis também a mim;

porque ele escreveu de mim. Porém, se vós não dais
547 - crédito aos seus escritos como dareis crédito às minhas palavras? Quem teria nunca imaginado que no século dezenove, cujo povo foi educado nos santos salutares princípios da religião cristã, que muitos deles deixassem de se nutrir do verdadeiro sentimento do amor de Deus; além de darem tão triste testemunho, ocorre que se movem pela incredulidade, imitando assim os judeus, idéia horrorosa, pensamento
548 - ingrato; que eles não ligam a menor importância pela sua salvação, como são os maçons, protestantes e republicanos, porque eles também só acreditam na Lei de Moisés, espalhando doutrinas falsas e errôneas aos ignorantes, arrastando assim tantas almas para o inferno, além das perseguições que eles fazem à religião do Bom Jesus, nunca eles hão de triunfar, porque Deus protege a sua obra. Jesus é a única espe-
549 - rança da nossa salvação; fora dele não há salvação em parte alguma. Ele mesmo nos diz: *Ego sum ostium. Per me si quis introierit, salvabitur* (Jo., cap. 10, v.9). Eu sou a porta e se alguém por mim entrar será salvo. Acreditem, pois, fiéis, na lei da graça, que é a verdadeira lei que devem observar irrepreensivelmente para vossa salvação. Considerem, portanto, que desta santíssima lei da graça a sua observância revela
550 - o amor de Deus, como o mesmo Senhor disse a seus apóstolos (Jo., cap. 14, v. 15): *Si diligitis me mandata mea servate.* Se me amais, guardai os meus mandamentos. Foi Nosso Senhor Jesus Cristo, fiéis, que fundou a sua Igreja e conseqüentemente só ela é a verdadeira, cujo ensino vem do mesmo Senhor: nela não há erro, porque o seu fundador é a fonte de toda sabedoria, santidade e perfeição. Portanto, a Igreja é a
551 - congregação dos fiéis que, por dever indeclinável, devem curvar-se reverentemente diante de Deus, rendendo-lhe as devidas adorações, invocando seu nome com amorosa confiança, tendo por certo que Deus lhe será propício. Vejam, fiéis, se não é de grande utilidade e agradável aos divinos olhos do nosso Bom Deus a construção dos templos. À vista destas verdades quem deixará de concorrer para a construção dos
552 - templos? Quem ainda se nutrirá da tibieza e indiferentismo para fim tão útil e importante, que se

bem considerasse a criatura os merecimentos que em vida mesmo alcança de Deus, certamente não deixaria de concorrer com suas esmolas e com os seus braços para construção de tão belas obras. Cabe-me ainda o prazer de declarar-vos que já rendi as devidas graças ao Bom
553 - Jesus por me ter prestado o seu poderoso auxílio a fim de eu levar a efeito a obra do seu servo, que a não ser tão belíssima pessoa, certamente não conseguiria realizá-la. Praza aos céus que os habitantes de Belo Monte saibam agradecer cordialmente os benefícios que acabam de receber do Bom Jesus, que é uma prova que atesta do modo mais significativo os tesouros da sua infinita bondade e misericórdia.

554 - *Sobre a parábola do Semeador*

Saiu o que semeia a semear o seu grão: e, ao semeá-lo, uma parte caiu junto ao caminho e foi pisado e a comeram as aves do céu. E a outra caiu sobre pedregulho: e quando foi nascida secou porque não tinha umidade. E a outra caiu entre espinhos e logo os espinhos que nasceram com ela a afogaram. E outra caiu em boa terra: e depois de nascer deu
555 - fruto, cento por um. Dito isto, começou a dizer em alta voz: Quem tem ouvidos de ouvir, ouça. Então os seus discípulos lhe perguntaram que queria dizer esta parábola. Ele lhes respondeu: A vós foi-vos concedido conhecer o mistério do reino de Deus, mas aos outros se lhes fala por parábolas para que vendo não vejam e ouvindo não entendam. É pois este o sentido da parábola: A semente é a palavra de Deus. A que
556 - cai à borda do caminho são aqueles que a ouvem, mas depois vem o diabo e tira a palavra do coração deles, porque não se salvem, crendo. Quanto à que cai em pedregulho: significa os que recebem com gosto a palavra, quando a ouviram; e estes não têm raízes, porque até certo tempo crêem, e no tempo da tentação voltam atrás. E a que caiu entre espinhos: estes são os que a ouviram, porém indo por diante,
557 - ficam sufocados dos cuidados e das riquezas e deleites desta vida, e não dão fruto. Mas o que caiu em boa terra: estes são os que ouvindo a palavra com coração bom, e muito são, a retêm e dão fruto pela paciência.

Ninguém pois acende uma luzerna e a cobre com alguma vasilha, ou a põe debaixo da cama: põe-na sim sobre um candieiro para que vejam a luz os que entram. Porque não há cousa encoberta que
558 - não haja de ser manifestada; nem escondida, que não haja de saber-se e fazer-se pública. Vede pois como ouvis. Porque àquele que tem, lhe será dado; e ao que não tem ainda aquilo mesmo que entende ter, lhe será tirado.

Quando deres algum jantar, ou alguma ceia, não chames nem teus amigos nem teus irmãos, nem teus parentes, nem teus vizinhos, que forem ricos: pa-
559 - ra que não aconteça que também eles te convidem à sua vez e te paguem com isso; mas, quando deres algum banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos: e serás bem-aventurado, porque esses não têm com que te retribuir: mas ser-te-á isso retribuído na ressurreição dos justos.

Sobre a República *

560 - *A Companhia de Jesus - O casamento civil - A família imperial - A libertação dos escravos*

Agora tenho de falar-vos de um assunto que tem sido o assombro e o abalo dos fiéis, de um assunto que só a incredubilidade do homem ocasionaria semelhante acontecimento: a república, que é incontestavelmente um grande mal para o Brasil que era outrora tão bela a sua estrela. Hoje, porém, foge toda a
561 - segurança, porque um novo governo acaba de ter o seu invento e do seu emprego se lança mão como meio mais eficaz e pronto para o extermínio da religião. Admiro o procedimento daqueles que têm concorrido com o seu voto para realizar-se a república, cuja idéia tem barbaramente oprimido a Igreja e os fiéis: chegando a incredubilidade a ponto de proibir até a Companhia de Jesus; quem pois não pasma à vista de tão degra-
562 - dante procedimento? Quem diria que houvesse homens que partilhassem de semelhante idéia. A república é o ludíbrio da tirania para os fiéis. Não se pode qualificar o procedimento daqueles que têm

* Título introduzido pelo autor, Ataliba Nogueira.

concorrido para que a república produza tão horroroso efeito!! Homens que olham por um prisma, quando deviam impugnar generosamente a república, dando assim brilhante prova de religião. Demonstrado, como se acha, que a república quer acabar com a
563 - religião, esta obra-prima de Deus que há dezenove séculos existe e há de permanecer até o fim do mundo; porque Deus protege a sua obra: ela tem atravessado no meio das perseguições; mas sempre triunfando da impiedade. Por mais ignorante que seja o homem, conhece que é impotente o poder humano para acabar com a obra de Deus. Considerem, portanto, estas verdade que devem convencer àquele que
564 - concebeu a idéia da república, que é impotente o poder humano para acabar com a religião. O presidente da república, porém, movido pela incredulidade que tem atraído sobre ele toda sorte de ilusões, entende que pode governar o Brasil como se fora um monarca legitimamente constituído por Deus; tanta injustiça os católicos contemplam amargurados. Oh! Homem incrédulo, quanto pesa a tua incredulidade
565 - diante de Deus! E, para fazê-la mais patente, vejam o que diz Nosso Senhor Jesus Cristo (Mat., cap. 16, v.16). O que crê e for batizado será salvo, o que, porém, não crê será condenado. Parece-me que há homens que olham indiferentemente estas verdades; tirem o véu dos olhos, penetrando-se do profundo arrependimento de terdes concorrido para consumar a obra da iniqüidade, que alguém deseja levar a efeito
566 - sobre o título república. Todo poder legítimo é emanação da Onipotência eterna de Deus e está sujeito a uma regra divina, tanto na ordem temporal como na espiritual, de sorte que, obedecendo ao pontífice, ao príncipe, ao pai, a quem é realmente ministro de Deus para o bem, a Deus só obedecemos. Feliz aquele que compreende esta celestial doutrina, livre da escravidão do erro e das paixões, dócil à voz de Deus
567 - e da consciência, goza da verdadeira liberdade de Deus. É evidente que a república permanece sobre um princípio falso e dele não se pode tirar conseqüência legítima: sustentar o contrário seria absurdo, espantoso e singularíssimo; porque, ainda que ela trouxesse o bem para o país, por si é má, porque vai de encontro à vontade de Deus, com manifesta ofensa de sua divi-

na lei. Como podem conciliar-se a lei divi-
568 - na e as humanas, tirando o direito de quem tem para dar a quem não tem? Quem não sabe que o digno príncipe, o senhor Dom Pedro 3º, tem poder legitimamente constituído por Deus para governar o Brasil? Quem não sabe que o seu digno avô, o senhor Dom Pedro 2º, de saudosa memória, não obstante ter sido vítima de uma traição a ponto de ser lançado fora do seu governo, recebendo tão pesado golpe, que preva-
569 - lece o seu direito e, conseqüentemente, só sua real família tem poder para governar o Brasil? Negar estas verdades seria o mesmo que dizer que a aurora não veio descobrir um novo dia. O sossego de um povo consiste em fazer a vontade de Deus e para obter-se a sua glória é indispensável que se faça a sua divina vontade. Corrobora-se melhor esta verdade pelo que diz Nosso Senhor Jesus Cristo (Mat., cap. 7, v. 21).
600 - Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas sim o que faz a vontade de meu pai que está nos céus; esse entrará no reino dos céus. Nosso Senhor Jesus Cristo deixou-nos o exemplo desta verdade, quando o anjo apresentou o cálice, no fundo do qual estava a sua morte; Ele dirigiu esta oração: meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia não se faça a minha vontade, mas sim a tua
601 - (Mat., cap. 26, v. 39). Entretanto, Ele era inocente, não tinha necessidade de sofrer ultrajes no seu maior grau, como diz Santo Tomás, e uma morte, a mais amarga e dolorosa que podia dar-se aos homens, pois que o Salvador morreu na cruz sem o mais pequeno alívio, como diz São Laurenço Justiniano. É necessário que se sofra para obter a verdadeira felicidade, que é a glória de Deus. É necessário que se sustente a
602 - fé da sua Igreja. É necessário, enfim, que se faça a sua divina vontade, combatendo o demônio que quer acabar com a fé da Igreja. A religião santifica tudo e não destrói cousa alguma, exceto o pecado. Daqui se vê que o casamento civil ocasiona a nulidade do casamento, conforme manda a santa madre Igreja de Roma, contra a disposição mais clara do seu ensino (sempre benigna, sempre caridosa e sábia no seu en-
603 - sino) vêm os homens ao conhecimento de toda a verdade para melhor se aproveitarem no serviço de Deus. Persuadido que a unção que respira neste ensino,

o direito de quem bem, para dar
aquem não tem? Quem não
sabe que o digno Príncipe o Se-
nhor Dom Pedro 3.º tem todo
legitimamente constituido por
Deus para governar o Brazil
Quem não sabe que o seu dig
no Avô o Senhor Dom Pedro 2º
de saudosa memoria não obs-
tante ter sido Victima de uma
traição atroz de ser lançado
fora do seu Governo recebendo
tão fruzido galardão que foi regra
se o seu direito é consequente

e ser ele ditado e ensinado pelo fundador da Igreja, que é Nosso Senhor Jesus Cristo, verdadeira lei da sabedoria, fonte de toda a santidade e perfeição, o que tudo fez para a salvação dos homens. Quando Deus
604 - autorizou com a sua presença o primeiro estado que houve de casado no mundo, foi para nos mostrar as grandes excelências e perfeição que nele se encerram e as obrigações que os casados têm de viver conforme os preceitos divinos, unindo-se ambos numa só vontade, fundando-se nela mui diversas e copiosas virtudes, mostrando-se mui agradecido a um Senhor que tanto os honrou com a sua presença e tanto os ali-
605 - menta e favorece com a sua Providência e misericórdia. Porque é o casamento (como todos sabem) um contrato de duas vontades ligadas com o amor que Deus lhes comunica, justificados com a graça que lhes deu Nosso Senhor Jesus Cristo e autorizada com a cerimônia que lhes juntou a santa madre Igreja, que este é o efeito de um verdadeiro desposório: unir duas almas em um corpo; porém importam obri-
606 - gações dos preceitos divinos, que devem guardar em primeiro lugar e muito à risca: todos os casados têm obrigação de viver perfeitamente no seu estado, sem embargo de qualquer encargo ou desgosto. Em razão dos respeitos humanos, são necessárias muitas circunstâncias para se guardar este perfeito estado, tanto para segurança da honra e descaso da vida. Estas ver-
607 - dades demonstram que o casamento é puramente da competência da santa Igreja, que só seus ministros têm poder para celebrá-lo; não pode, portanto, o poder temporal de forma alguma intervir neste casamento, cujo matrimônio na lei da graça Nosso Senhor Jesus Cristo o elevou à dignidade de sacramento, figurando nele a sua união com a santa Igreja, como diz São Paulo. Assim, pois, é prudente e justo que os pais de família não obedeçam à lei do casamento civil, evi-
608 - tando a gravíssima ofensa em matéria religiosa que toca diretamente a consciência e a alma. Quem não se comove, quem não sente estremecer-se, ouvindo esta verdade? O pai de família, porém, que tem obedecido à lei do casamento civil, se não nota esta comoção bem própria da natureza humana: nesse coração não entra a ternura nem a compaixão. Considerem a gravíssima ofensa que tendes para com Deus,

da competencia da Santa Igr.ja, que só seus Ministros tem poder para celebrar: não pode portanto o poder temporal de forma alguma entervir neste casamento, cujo matrimonio na Lei da graça Nosso Senhor Jesus Christo elevou a dignidade de Sacramento Siguran. do nelle a sua uniaõ com a Santa Igreja, como diz S. Paulo. Assim pois é prudente e justo que os paes de familia naõ obedeção a lei do casamento

civil, evitando a gravissima
offensa em materia religiosa
que toca directamente a cons-
ciencia e a alma. Quem não
se commove, quem não sente
estremecer-se vendo esta
verdade? Pae de familia
jurem, que tem obedecido a
lei do casamento civil, não se
nota esta commoção bem pro-
pria da natureza humana:
neste coração não entra a cle-
mencia nem a compaixão. Con-
siderem a gravissima offensa

609 - se obedecerdes semelhante lei. Como pode dominar em vós a fé tão preciosa diante de Deus, se obedecerdes a semelhante lei? Como pode conciliar-se o afeto que deveis às vossas filhas, entregando-as ao pecado proveniente de tal lei? Plenamente certo de que, se cometerdes tal procedimento, tendes negado a fé: que peso enorme não deveis sentir na vossa cons-
610 - ciência e alma como jóia preciosa diante de Deus? Para que a ternura desta verdade domine no vosso coração é preciso sustentar a fé. O casamento civil é incontestavelmente nulo, ocasiona o pecado do escândalo, que segundo diz o Evangelho, Deus não usará de sua misericórdia quando dá ocasião ao escândalo. Nosso Senhor Jesus Cristo, falando de semelhante
611 - procedimento, lamentou a sorte daquele que comete escândalo, dizendo: Ai daquele por quem vem o escândalo; melhor fora ser lançado com uma pedra ao pescoço no fundo do mar do que dar ocasião ao escândalo. Bem podem avaliar quanto pesa diante de Deus aquele que comete tão abominável procedimento. Sem afeição legítima e natural que devem ter a vossas famílias, chama a vossa atenção nesta quadra
612 - que vamos atravessando, que a corrupção vai invadindo, terrível efeito que produz a incredulidade. É nessa crise que mais se aumentam as vossas obrigações como guardas de vossas famílias; como se neste momento houvesse uma voz dizendo: sustentai ó pai de família a moralidade de vossas famílias. Figurei esta comparação como incentivo para maior luz e inteligência do fiel desempenho dos vossos deveres para com vossas famílias, sem embargo de qualquer sofrimento.
613 - São Paulo escrevia que Jesus Cristo quis morrer consumido de dores para obter o paraíso a todos os pecadores arrependidos e resolutos a corrigir-se. Pelo que, acrescenta o Apóstolo: Vamos com coragem combater os nossos inimigos com os olhos fixos em Jesus Cristo, que pelos merecimentos da sua paixão nos oferece a vitória e a coroa. Quem à vista destas
614 - verdades será tão falto de fé que não sinta penetrar-se de júbilo para sustentá-la ainda que sofra os maiores trabalhos? Onde está a vossa fé? Não tendes paciência para esperar a promessa que o adorável Jesus faz a São Pedro, dizendo: tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do

inferno não prevalecerão contra ela (Mat., cap. 16, v. 18). Afirmo-vos, penetrado da mais íntima certeza, que o Senhor Jesus é Todo-Poderoso e fiel para cumprir a
615 - sua promessa. É erro de aquele que diz que a família real não há de governar mais o Brasil: se este mundo fosse absoluto, devia-se crer na vossa opinião; mas não há nada de absoluto neste mundo, porque tudo está sujeito à santíssima Providência de Deus, que dissipa o plano dos homens e confunde do modo que quer, sem mover-se do seu trono. A república há de cair por terra para confusão daquele que concebeu
616 - tão horrorosa idéia. Convençam-se, republicanos, de que não hão de triunfar porque a sua causa é filha da incredulidade, que a cada movimento, a cada passo está sujeita a sofrer o castigo de tão horroroso procedimento. Para prova destas verdades vejam o que sucedeu aos habitantes de Jerusalém, que fecharam os olhos e nem conheceram o que lhes havia de suceder movidos
617 - pela incredulidade, não obstante serem advertidos por Nosso Senhor Jesus Cristo que, olhando para aquela cidade, chorou a destruição dela e desgraça do seu povo, dizendo - Ah! Se ao menos neste dia que agora te foi dado conhecesses o que te pode trazer a paz, mas por ora tudo isto está encoberto aos teus olhos (Luc., cap. 19, v. 42). Dá a Deus o que é de Deus, dá a Cesar o que é de Cesar. Mas este sublime sentimento não domina no coração do presidente da repú-
618 - blica, que a seu talante quer governar o Brasil, praticando tão clamorosa injustiça, ferindo, assim, o direito mais claro, mais palpável da família real, legitimamente constituída para governar o Brasil. Creio, nutro a esperança de que mais cedo ou mais tarde há de triunfar o seu direito, porque Deus fará devida Justiça, e nessa ocasião virá a paz para aqueles que generosamente têm impugnado a república. É preciso,
619 - porém, que não deixe no silêncio a origem do ódio que tendes à família real, porque sua alteza, a senhora Dona Isabel, libertou a escravidão, que não fez mais do que cumprir a ordem do céu; porque era chegado o tempo marcado por Deus para libertar esse povo de semelhante estado, o mais degradante a que podia ver reduzido o ente humano; a força moral (que
620 - tanto a orna) com que ela procedeu à satisfação da vontade divina constitui a confiança que tem em Deus

com cebeu tão horrorosa idéa
Convençam-se republicanos, que
não hão de triumphar, porque
a sua causa é filha da incre-
dulidade, que a cada momen-
to, a cada passo está sujeita a
soffrer o castigo de tão horroroso
procedimento. Para prova des-
tas verdades Vejam o que succe-
deu aos habitantes de Jerusa-
lém, que dichavam os velhos
nem entendéão o que lhes
havia de succeder mortos pe-
la incredulidade não sobre-

para libertar esse povo, não era motivo suficiente para soar o brado da indignição que arrancou o ódio da maior parte daqueles a quem esse povo estava sujeito. Mas os homens não penetram a inspiração divina que moveu o coração da digna e virtuosa princesa para dar semelhante passo; não obstante ela dispor do seu
621 - poder, todavia era de supor que meditaria, antes de o pôr em execução, acerca da perseguição que havia de sofrer, tanto assim que na noite que tinha de assinar o decreto da liberdade, um dos ministros lhe disse: Sua Alteza assina o decreto da liberdade, olhe a república como uma ameaça; ao que ela não liga a mínima importância, assinando o decreto com aquela dispo-
622 - sição que tanto a caracterizava. A sua disposição, porém, é prova que atesta do mundo mais significativo que era vontade de Deus que libertasse esse povo. Os homens ficaram assombrados com tão belo acontecimento, porque já sentiam o braço que sustentava o seu trabalho, donde formavam o seu tesouro, correspondendo com ingratidão e insensibilidade ao trabalho que desse povo recebiam. Quantos morriam debaixo
623 - dos açoites por algumas faltas que cometiam; alguns quase nus, oprimidos da fome e de pesado trabalho. E que direi eu daqueles que não levavam com paciência tanta crueldade e no furor ou excesso de sua infeliz estrela se matavam? Chegou enfim o dia em que Deus tinha que pôr termo a tanta crueldade, movido de compaixão a favor de seu povo e ordena para que se liberte de tão penosa escravidão.

624 - **Despedida**

Praza aos céus que abundantes frutos produzam os conselhos que tendes ouvido; que ventura para vós se assim o praticardes; podeis, entretanto, estar certos de que a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo, nossa luz e força, permanecerá em vosso espírito: Ele vos defenderá das misérias deste mundo; um dia alcançareis o prêmio que o Senhor tem preparado (se converterdes sinceramente para Ele) que é a glória eterna.
625 - Como não ficarei plenamente satisfeito sabendo da vossa conversão, por mim tão ardentemente desejada. Outra cousa, porém, não é de esperar de vós à vista do fervor e animação com que tendes concorrido para

- 6.ª 2.ª -

Despedida

Praza aos Céos que abundantes
frutos produzam os conselhos
que vos dei ouvido; que ventura
para vós se assim o praticardes!
Sabem entretanto estar certa
a luz de Nosso Senhor Jesus Chris-
to, nossa luz e força permanecerá
em vosso ouvido. Elle vos
perdoará das missurias deste mun-
do; uma dia alcançareis afirmo
que o Senhor tem preparado
(e os verdadeiros sinceramente pe-
ra Elle) que é a gloria eterna.

ouvirdes a palavra de Deus, o que é uma prova que atesta o vosso zelo religioso. Antes de fazer-vos a minha despedida, peço-vos perdão se nos conselhos vos tenho ofendido. Conquanto em algumas ocasiões pro-
626 - ferisse palavras excessivamente rígidas, combatendo a maldita república, repreendendo os vícios e movendo o coração ao santo temor e amor de Deus, todavia não concebam que eu nutrisse o mínimo desejo de macular a vossa reputação. Sim, o desejo que tenho da vossa salvação (que fala mais alto do que tudo quanto eu pudesse aqui deduzir) me forçou a proceder daquela maneira. Se, porém, se acham ressentidos de mim, peço-vos que me perdoeis pelo amor
627 - de Deus. É chegado o momento para me despedir de vós; que pena, que sentimento tão vivo ocasiona esta despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim, bastantemente! São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento! Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai a
628 - minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino, que aspira ansiosamente a vossa salvação e o bem da Igreja. Praza aos céus que tão ardente desejo seja correspondido com àquela conversão sincera que tanto deve cativar o vosso afeto.

IV

A ECONOMIA NA VIDA DOS CANUDENSES

Biografias sem abono histórico

Para que possa avaliar devidamente o sentido da vida de António Vicente Mendes Maciel, importa ter sempre presentes os fatos. As conjecturas e interpretações, ordinariamente subjetivas, não devem afastar os fatos.

Assim, vemos que seu pai conta com a sua ajuda na casa de comércio e nos cuidados das irmãs mais moças, todos órfãos de mãe. É para auxiliá-lo no armazém que António Vicente permanece atrás do balcão até 1857. Continua ainda por dois anos após a morte do pai.

Recorde-se que foi cuidada a sua instrução, tendo estudado com outros colegas português, latim e francês.

Não há nenhum indício de que, por vontade paterna, fosse destinado ao sacerdócio. Só por mandá-lo aprender latim? Nenhum dos seus condiscípulos foi sacerdote.

O latim, àquele tempo, era a base dos estudos de humanidades e não iniciação à vida eclesiástica. Em face da escassez do clero, seria fácil encaminhá-lo gratuitamente ao seminário de Olinda, donde saíram todos os sacerdotes cearenses até a criação do seminário de Fortaleza, no mesmo ano do casamento de António Vicente.

Já historiamos a sua vida daí por diante, trabalhosa, mas de ascensão, até se tornar advogado provisionado. A seguir, atribuladíssima, na perseguição dos que lhe cortaram o fio da felicidade.

Não se sabe de contato seu com missionários no Ceará, nem, portanto, de influência de algum deles na sua vida. A afirmação em contrário é suposição destituída de base.

A última notícia a seu respeito, na cidade natal e no Ceará, é documentada: certo processo civil movido contra ele em 1871, em Quixeramobim, e que propositadamente deixa correr à revelia. Já de há muito é devedor insolvente.

Somente então é que tem necessidade de encontrar trabalho para viver. Com este intuito caminha para o sul e penetra na província de Pernambuco.

Por que construir cemitérios?

Logo nos primeiros povoados e vilas pernambucanas em que pisa, vê em dificuldades as autoridades locais para execução da lei relativa aos cemitérios.

É este o caso: segundo o direito reinol, o enterramento dos cadáveres era feito nas capelas e igrejas, sob a laje ou o assoalho, bem como nas paredes do templo, no adro ou imediações. A competência, portanto, era dos párocos, quer para autorizar a inumação, quer para administrar as sepulturas.

Há muito tempo, desde a lei imperial de 1º de outubro de 1828 (art. 66) e de dispositivos das *Constituições primeiras do arcebispado da Bahia,* aliás modificados posteriormente, às câmaras municipais competia entrar em acordo com os párocos para a construção de cemitérios públicos.

Em geral não se tomava providência para modificar o que tão arraigado estava nos usos e costumes, até que surgem os decretos nºs 583, de 1850, e 2.812, de 1861, disciplinando a matéria e proibindo, assim, a prática fundada em legislação extinta. Referiam-se ambos os decretos ao Município Neutro, mas tornaram-se extensivos a todas as províncias por força de avisos do ministério do império, entre os quais o aviso de 5 de julho de 1871.

António Vicente Mendes Maciel propõe-se construir o cemitério de uma daquelas localidades. Levanta os muros na altura regulamentar, alinha as ruas, reparte simetricamente o terreno para cada sepultura e constrói a capelinha do campo santo.

Não há dificuldades invencíveis nem quanto às questões legais entre câmara municipal e pároco, pois sendo advogado sabe dirimi-las, nem em relação à arquitetura e engenharia, pois se desempenha magnificamente bem. E a notícia corre pelos municípios vizinhos.

É convidado para idêntica tarefa em outros povoados. Mais tarde, para reforma ou construção de capelas e igrejas, por toda parte da longa caminhada pelas províncias de Pernambuco, Sergipe e nordeste da Bahia.

Além disso, constrói açudes em muitos lugares.

Duas oportunidades se lhe oferecem neste mister a que se dedicou por acaso, como vimos: tal ocupação, em contato com as manifestações religiosas do povo e autoridades, leva-o a voltar à crença antiga em que nascera e se educara.

Passa a ser não apenas o trabalhador peregrino, mas também o penitente, homem exemplar por suas virtudes. O povo admira-o e estima-o.

Muitos, movidos por este respeito e afeto, confiantes lhe desvendam o coração, quanta vez cheio do fel da vingança pelas injustiças curtidas.

É esta a outra oportunidade apresentada amiúde no exercício da sua profissão de construtor. Demove-os do erro de desafrontarem-se e oferece-lhes trabalho na

construção que dirige. Cresce assim o número dos que o ajudam e o seguem de localidade a localidade. E em cada qual delas o povo todo o cerca de excepcional consideração.

Devido à já recordada escassez do clero, preside às orações da tarde e, já agora, conhecendo melhor a doutrina católica, prega com freqüência.

De tudo isto resultou o tratamento que lhe dão de *Conselheiro*.[104] Não é verdade que houvesse no sertão confraria hierarquizada: irmão, beato, conselheiro. Mera fantasia.

Ausência de símiles nacionais ou estrangeiros

O seu caso é singular, distinto, único; não se prende a qualquer uso ou costume, nasceu tudo assim espontaneamente, com o correr do tempo e a superveniência dos fatos. Não é preciso recorrer-se a teorias, a lucubrações cerebrinas, aliás afastadas dos acontecimentos históricos.

Sem dúvida sempre houve pregadores leigos. É da história do cristianismo. Cada qual, porém, com a respectiva crônica.

Daí o erro dos que invocam símiles estrangeiros ou nacionais para cotejá-los com a missão de António Conselheiro.

Em vão vai buscá-lo Euclides da Cunha nas lições de Renan, nos primórdios do cristianismo.[105] Em vão ele e outros buscam analogia com o Padre Cícero.

Quanto a este último inventam até a recíproca troca de emissários antes e durante a guerra. Aliás, é radical a diferença entre ambos. Basta analisar ponto por ponto a biografia de cada qual dos dois cearenses: diverso o início do largo prestígio popular de ambos. Quanto a um, relatam milagres; nenhum milagre existe, porém, na vida do Conselheiro. Este não recorre nunca à política. Nem mesmo para beneficiar o seu povo.

Padre Cícero (1844-1934) é preclaro político. Por mais de uma vez eleito vice-presidente do estado; eleito deputado federal não assume a sua cadeira, que permanece vaga até expirar o prazo; com seu imenso prestígio depõe um presidente do estado. É consultado em política pelo governo federal.

Podemos concordar em que a atuação de António Conselheiro, afinal de contas, é política. Nunca, porém, de política partidária, nem no império, nem na república.

---

104. "Simples... modesto, sem aspirações no mundo, humilde e bom, ele sabia consolar os desesperados e aconselhar para o bem." (Manoel Benício. *O rei dos jagunços*. Crônica histórica e de costumes sertanejos sobre os acontecimentos de Canudos. Documentada e comentada por ... ex-correspondente do *Jornal do Comércio* junto às forças legais contra António Conselheiro. Rio de Janeiro, Tip. do Jornal do Comércio, de Rodrigues & Cia., 1899, p. 399).

105. Euclides da Cunha. *Os Sertões, cit.* p. 169, 191 (injúria à memória do Conselheiro).

Não havia obrigatoriedade do voto. Não precisam os seus, por isto, comprometer-se de alguma maneira.

Afirma-se, levianamente, que favorece nas eleições republicanas o partido do governador ou um ou outro candidato. Não há prova. Apoiar a república, jamais.

Por mais de uma vez escrevem a respeito do Conselheiro tanto Rui Barbosa como César Zama, não apenas adversários políticos, mas inimigos figadais. Não referem, entretanto, qualquer atividade político-partidária de António Vicente Mendes Maciel.

Quanto à última fase da sua vida, então, desconhecem-se geralmente dados elementares, até mesmo o número de habitantes de Canudos. Engana-se também Euclides, ao calcular em cerca de duas mil casas as existentes no fim da guerra.[106] Nem o governo avalia que possa ser tão elevado o número. E o exército conta 5.200 casas. É que os canudenses vivem isolados, em paz, trabalham e constroem despreocupadamente.

Participar de eleições em outras localidades? Pensem um minuto apenas nas distâncias e nos princípios do Conselheiro. Meras fantasias quanto escrevem sobre tal participação em eleições. Nem ninguém disputa os votos dos conselheiristas, essa a verdade. Menos, ainda, existem ali capangas para recrutá-los os políticos.

O Conselheiro desde que penetra em Pernambuco tem profissão certa, conhecida e honesta e que lhe dá o suficiente para viver com decência, estudar e comprar livros. É autodidata. Aliás, das poucas notícias que chegaram até nós, sabe-se que, entre os salvados da destruição de Canudos, além dos dois manuscritos, havia um livro de medicina.[107]

Já não se duvida mais que seja "sertanejo letrado, capaz de exprimir-se correta e claramente na defesa de suas concepções políticas e sociais e de suas crenças religiosas".[108]

Fundador de cidades

No começo do período republicano, demoravam cerca de 220 quilômetros ao norte do Salvador as fazendas abandonadas Dendê de Cima e Dendê de Baixo. Naquela, junto a uma santa cruz, que rememora antigo assassínio, o Conselheiro localiza parte dos seus numerosos auxiliares e as respectivas famílias, em edificações

106. Dia 19 de setembro. "Observei então pela primeira vez Canudos. Surpreendente! Tem mais de duas mil casas." (Euclides da Cunha. *Caderneta de Campo*. Introdução, notas e comentários por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo, Editora Cultrix, 1975, p. 54).

107. Professor José Pedro de Sousa Braga, *Lições de patologia cirúrgica*. Salvador, 1892 a 1894, 1º e 2º vol.

108. Douglas Teixeira Monteiro, "Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado". in *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro/São Paulo: Difel, 1977. t. III, v. 2º, p. 65.

por eles mesmos construídas. Reduz assim o número dos acompanhantes. Faz plantar, trazer alguma criação, escavar um tanque e edificar a bela igreja, dando-lhe por orago o Bom Jesus, da sua especial devoção. É assim fundado o arraial do Bom Jesus, como narra o ilustre historiador José Calasans, e que é hoje o próspero município de Crisópolis.[109]

Ao partir do arraial do Bom Jesus é que decide localizar-se com o restante do seu grupo na fazenda também abandonada de Canudos.

Sem mais demora, passo à narração da vida econômica dos canudenses, valendo-me das poucas fontes de que se dispõe presentemente.

A principal nota, a que mais impressiona, do futuro Belo Monte, é a do desamparo completo em que jaz no momento da chegada de António Conselheiro à fazenda de Canudos. Nenhum habitante. A casa grande da sede e a capelinha, em ruínas. Três casinhas, caindo aos pedaços. Nenhuma plantação, nenhum cultivo. Únicos animais, as cabras. É o quadro da decadência absoluta. Por que tal declínio e tão miserável situação? Não é possível conhecê-lo, hoje. E por que a preferência? Contento-me com tal decisão provir de António Conselheiro, inteligente, vivo, experiente, conhecedor de longa data de toda aquela região. E conhecedor perfeito. Não lhe oferece segredos o nordeste da Bahia.

Está em condições, portanto, de avaliar o que poderá fazer ali, daquele momento por diante.

Primeiramente, conta com a sua gente. Povo ordeiro, trabalhador, numeroso. Famílias e não indivíduos. E com auxiliares inteligentes, decididos e experimentados.[110]

Depois, a terra boa, não obstante a aparência de sáfara, aliás pelo descultivo em que se encontra de longa data. Na região não são más as terras; boas até para pastagem do gado.[111]

O rio Vaza-Barris, ao menos três meses cada ano, com os seus cem metros de largura, oferece água abundante. É a salvação do vale. Na maioria do período restante do ano, escavam-se três ou quatro palmos e surge a água.[112] São as cacimbas. Ao lado, uma lagoa formada também pela água do rio, mas "que sempre se conserva cheia".[113]

Há cabras de todos os lados, soltas, selvagens, "a peste da região", segundo analista minucioso.[114] Ora, a cabra é a vaca do pobre.

Há por ali sal da terra, salitre e até algum enxofre. E matas à margem das estradas.[115]

A este propósito refere-se o estudo da Escola de Comando do Estado-Maior do Exército, se bem que lhe emprestando outro sentido, que certamente não esteve nos desígnios de António Conselheiro. Diz assim: "As margens das estradas, na proximidade da serra de Cocorobó, apresentavam matas espessas, que se prolongavam pelos desfiladeiros das serrarias, tornando assim a região eminentemente apta a emboscadas e propícia à resistência. Terreno apropriado à guerrilha, permitia não só a proteção de numeroso exército, como também a possibilidade de um grupo de homens poder barrar força ponderável."[116]

Este relato precede a notícia do combate em que foi ferido gravemente o general Claudio do Amaral Savaget, comandante da segunda coluna.

Mas não devo desviar-me do assunto.

Voltando ao que dizia, reafirmo que o Conselheiro não é nenhum inexperiente e conhece de sobejo a região, para escolher acertadamente a outrora fazenda de "abastada família deste Estado".[117]

Sem perda de tempo, os novos habitantes da nova Belo Monte vão organizando cercado para reunir cabra selvagem. Limpam os pastos.

Manoel Benício, durante a guerra, "viu as margens frescas do rio cultivadas com plantações e diversos legumes, milho, feijão, grogotuba, favas, batatas, melancias, girimuns e melões e canas".[118]

Nos vales mais fundos e úmidos[119] (aliás a fazenda chama-se Canudos em virtude do "terreno em derredor ser completamente acidentado, formando verdadeiros *canudos*"[120]) "viam-se matumbos donde brotava o talo tenro das mandiocas e outros com estacas de diversos tamanhos".[121]

Em Belo Monte "havia carne para o açougue, os paióis continham provisões, as roças estavam plantadas".[122]

---

114. Manoel Benício, op. cit., p. 166.
115. Manoel Benício, op. cit., p. 233
116. Escola de Comando do Estado-Maior do Exército, *Guerras insurrecionais no Brasil* (Canudos e Contestado). Rio de Janeiro, SMG Imprensa do Exército, 1966, p. 24.
117. Horcades, op. cit., p. 177
118. Manoel Benício, op. cit., pp. 171 e 405.
119. Manoel Benício, op. cit. pp. 171.
120. Horcades, op. cit., p. 118.
121. Manoel Benício, idem, ibidem.
122. Abelardo F. Montenegro, *António Conselheiro*. Fortaleza, 1954, p. 33.

Do Riacho do Vigário até Canudos, ao tempo da última expedição militar, Horcades encontra "casinhas e roças abandonadas".[123]

Em trabalho sucinto, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército estuda, em 1966, em trinta e cinco páginas, a guerra de Canudos.[124]

Menciona-se ali que "se estabelecera comércio interno de gêneros essenciais. Nas vizinhanças do burgo havia regulares culturas de mandioca, milho, feijão, batatas e criação de vacas, cabras e carneiros".[125]

Quanto ao gado vacum, encontra o Conselheiro dificuldades tais, que não consegue nunca trazê-lo de longe em quantidade suficiente. Não existe no território de que se apossa, aliás não propício à sua criação. Em nenhum momento Belo Monte tem mais que algumas cabeças de gado vacum.

Ainda quando se dirige para Canudos, vindo do Bom Jesus, escreve carta a Felisberto de Morais, datada de Amparo,[126] 26 de abril de 1893, em que se verifica a falta absoluta de gado vacum na zona em que vai estabelecer-se, pois implora que lhe mande uma rês "de que tenho precisão".

Esta carta, em moldura bem simples, pende da parede da sala de sessões do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. É de próprio punho e a sua letra e a sua assinatura por extenso são as mesmas que constam do manuscrito de suas prédicas. Isto prova, mais uma vez, que todo o volume manuscrito é do seu próprio punho e não obra de algum copista.[127] Na mesma parede, quando lá estive, figurava outra sua carta manuscrita e por ele assinada, endereçada a Paulo José da Rosa, um dos seus auxiliares.[128]

Desde que estou tratando de aspecto da cultura material de Belo Monte, desejo desfazer um erro que se vai perpetuando e a que me referi anteriormente, à p. 24. É o aludido à casaria de Canudos. O ilustre historiador Duglas Teixeira Monteiro a este respeito poderia classificar como mera anedota a descrição que dela faz Euclides da Cunha.[129] O referido historiador poderia usar da mesma cortesia com que qualifica as referências de Euclides aos pretensos milagres do Conselheiro.[130]

Afirma a este propósito o "caráter anedótico" da narração d'*Os Sertões*.[131]

---

123. Horcades, op. cit., p. 28.
124. Escola de comando do Estado-Maior do Exército. *Guerras insurrecionais do Brasil* (Canudos e Contestado). Rio de Janeiro, SMG Imprensa do Exército, 1966.
125. Op. cit., pp. 9, 15 e 25.
126. Ribeira do Amparo.
127. O texto é transcrito em Abelardo F. Montenegro, *Antônio Conselheiro*, Fortaleza, 1954, p. 32.
128. José Calasans, *Notícias de Antônio Conselheiro*. Bahia, Publicação Salvador, 1969, nº 56, p. 9.
129. *Os Sertões*, 18ª ed. Rio, Liv. Francisco Alves, 1945, pp. 184 e 185.
130. Duglas Teixeira Monteiro, "Confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado", in *História geral da civilização brasileira*. Rio de Janeiro – São Paulo, Difel, 1977, t. III, v. 2º, pp. 61 e 70.
131. Idem, op. cit., p. 70

Canudos nem foi "Tróia de taipa", nem "*urbs* de barro". É como a denomina Euclides, depois de assim descrevê-la: "Olhada sem a alvura reveladora das paredes caiadas e telhados encaliçados, a certa distância era invisível. Confundia-se com o próprio chão".[132]

"Tinha o aspecto perfeito de uma cidade cujo solo houvesse sido sacudido e brutalmente dobrado por um terremoto."[133]

A explicação é que Euclides da Cunha se engana aqui como se iludiu quanto ao próprio número das casas: "Surpreendente! Tem mais de duas mil casas", anotou na sua *Caderneta de Campo*.[134]

Quem nos deve informar sem erro é Alvim Martins Horcades, que permaneceu em Belo Monte *até o último dia da guerra* e ainda assistiu, no dia seguinte, à exumação do cadáver de Conselheiro (dia 6 de outubro). Portanto, viu de longe e viu de perto a vila mártir.[135]

Descreve minudentemente a vila e a casa do canudense. As casas "cobertas de barro *branco*. Os tetos de algumas eram de folhas de icó e palha cobertos de barro também *branco* com pedrinhas roliças".[136]

A cabra na economia canudense

António Conselheiro é o chefe daquele grande aglomerado humano que para ali conduziu e cresce de maneira vertiginosa.

Depois de quanto já referi, importa conhecer como vivem todas aquelas famílias. Constroem igreja grande em lugar da capelinha encontrada. Ao receber as chaves do templo, o Conselheiro profere o discurso aqui publicado com as suas prédicas.[137] Inicia logo nova igreja, cuja construção, em ritmo acelerado, foi bombardeada pelo exército. O pároco de Cumbe, a que pertence Belo Monte, tem casas aqui. A escola localiza-se na rua da professora.[138]

As mulheres, velhas e moças, têm ocupação afanosa. Com o que encontram na caatinga fabricam tecidos para roupa, redes etc.[139] "Malhos de ferreiro batendo

132. *Os Sertões*, p. 186.
133. *Os Sertões*, p. 184.
134. Euclides da Cunha, *Caderneta de Campo*, Introdução, notas e comentário por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo, Editora Cultrix, 1975, p. 54.
135. Op. cit., pp. 93, 96 e 98.
136. Op. cit., p. 179.
137. *Sobre o recebimento da chave da igreja de Santo António, padroeira de Belo Monte*, obra manuscrita, pp. 537 e 553.
138. Manoel Benício, op. cit., p. 361.
139. Manoel Benício, op. cit., p. 172.

em bigorna na fabricação de facas, foices, chuços, machados" etc.[140] Enfim, não falta o essencial à população de Belo Monte.

Donde lhe vem a renda necessária às despesas de tão grande população?

Só um ingênuo dirá que vive de esmolas ou do pouco que acaso dão ao Conselheiro os que chegam trazendo o magro produto da venda das suas propriedades. E não são muitos. Ora, o que se sabe é que acorrem à sua proteção os despojados dos seus bens pelo fisco, por chefetes políticos, por soldados. Conservam consigo o que acaso escapa àquela violência. O Conselheiro nada lhes pede.

Asseveram outros que os canudenses pilham fazendas vizinhas, onde gatunam, impondo-se pelo terror. Não é possível manter quase vinte e cinco mil habitantes com o produto do saque.

Alvitram alguns que lhes rende o trabalho nas fazendas da cercania de Canudos, donde sairiam os "bóias-frias" daqueles tempos. As enormes distâncias não possibilitam semelhante processo.

Essas últimas conjecturas não deixam de expor os "fugitivos da justiça", sujeitos a serem presos, segundo o juízo que deles exaram os escritores de má vontade e nenhuma verdade. Lá não há fugitivos.

César Zama, político bem informado e de todo desapaixonado, registra com absoluta verdade que os habitantes de Belo Monte têm como renda principal o produto da exportação de peles para o exterior.[141]

Manoel Benício assevera que "o maior comércio era o de couro, especialmente de bode e carneiro, que abundam como peste pelas caatingas".[142]

Ainda o mesmo fiel cronista: "Há ali o sal da terra em quantidade suficiente para tempero e para suprir os inúmeros curtumes que ladeavam à beira do Vaza-Barris".[143]

Este Manoel Benício, cuja obra volumosa (409 pp.) publicou em 1899, era capitão honorário do exército. É o primeiro jornalista a afirmar, logo na sua segunda correspondência para o *Jornal do Comércio,* do Rio de Janeiro, que nada havia de monarquismo na guerra de Canudos. E faz críticas acerbas às operações militares.

Em sessão do Clube Militar foi aprovado, por unanimidade, veemente protesto dos florianistas contra tal afirmação, o que obrigou o referido conceituado jornal a substitui-lo por outro cronista, como publicou o próprio diário.[144]

---

140. Idem, p. 173.
141. P. 25 deste livro: *Wolsey, Libelo republicano acompanhado de comentários sobre a campanha de Canudos*. Bahia, Tip. do Diário da Bahia, 1899, pp. 22 a 24.
142. Manoel Benício, op. cit., p. 166.
143. Manoel Benício, op. cit., p. 173.
144. Manoel Benício, op. cit., p. 370.

Leio no já referido opúsculo da Escola de Comando e Estado-Maior do Exército que as cabras faziam parte da "principal atividade econômica da região", "grande parte em estado selvático".[145]

Se tais fontes de informação referem a abundância de cabras naquele sertão da Bahia, muito melhor que elas o sabe António Conselheiro, velho conhecedor de todo o nordeste do estado há pelo menos vinte anos.

Uma das fontes de Euclides, o tenente-coronel da força pública baiana Durval Vieira de Aguiar, em 1888, depois de referir-se ao Conselheiro cheio de má vontade e de falsidades, manifesta o seu desagrado inclusive pela carne de "bodes que por lá muito se criam".[146]

Menciona que a indústria de Itapicuru (na mesma zona que Canudos) "consiste no curtimento de couros e seus respectivos artefatos".[147] O mesmo verifica em Tucano.[148]

A cabra é, por assim dizer, nativa naquela região. Introduzida pelos primeiros colonizadores portugueses, adapta-se de tal modo ao meio que é o único animal que a tudo resiste, à seca, à falta de vegetais, ao clima, desde o calor tórrido até o extremo frio, nas vinte e quatro horas. É a riqueza na miséria do sertanejo.

António Conselheiro valeu-se desta fonte de riqueza e dela fez o esteio da vida econômica de Belo Monte.

Já escrevera Antonil no seu célebre livro *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*, publicado em 1711 e logo a seguir confiscado por ordem del rei: "As fazendas e currais de gado se situam onde há largueza de campo e água sempre manente de rios ou lagoas".[149] Refere Antonil "os rios em cuja borda se acham os currais da Bahia". É expressamente mencionado o rio Vaza-Barris. Acrescenta que na região "a carne e o leite hé (*sic*) ordinário alimento de todos".[150]

Por fim, consigna a renda para a fazenda real proveniente da exportação dos couros: "Importam os meios de sola em réis 201:800$000", figurando logo depois do açúcar, do tabaco e do ouro. Os couros rendem, em seu tempo, mais de quatro vezes o que dá o pau Brasil.[151]

---

145. *Guerras insurrecionais do Brasil* (Canudos e Contestado). Rio de Janeiro, SMG Imprensa do Exército, 1966, p. 7.
146. Durval Vieira de Aguiar, *Descrições práticas da província da Bahia*. Bahia, Tip. do Diário da Bahia, 1888, p. 69.
147. Idem op. cit., p. 82.
148. Idem, op. cit., p. 77.
149. André João Antonio, *Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas*. São Paulo, Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1923, p. 262. cf 2ª ed., vocabulário e índices de Leonardo Arroyo, mesma editora, 1976, pp. 199, 101, 104 e 120.
150. Idem, op. cit., p. 266, 2ª ed. cit., p. 201.
151. Idem, op. cit., p. 271; 2ª ed., cit., pp. 203 e 215.

O gado caprino é o mais fecundo e mais resistente às variações do clima. A cabra concebe aos sete meses de idade. A gestação é de cinco meses e pare ordinariamente duas crias. Alimenta-se por assim dizer de qualquer coisa.

A pele da cabra do Nordeste do Brasil é das melhores do mundo.[152] Concorrem para tanto o sol, o calor, a luz e a liberdade pela ausência de cercas de arame farpado, que por vezes furam a pele do animal, tornando-a imperfeita. É grande a sua exportação para o estrangeiro. A indústria européia e a americana com a pele da cabra preparam couro finíssimo como o *chagrin*, o marroquim, a camurça, o conhecido couro da Rússia e o pergaminho.

A cabra, diz Silva Melo, "refugiou-se nas paragens mais incultas para viver à lei da natureza".[153]

Não requer cuidados especiais; as plantações e roças e roupas é que delas devem ser protegidas.

A cabra integra e vai além daquele período que mestre Capistrano de Abreu denomina *civilização do couro*.[154]

O grosso da população de Belo Monte trabalha na indústria da pele de cabra. É ocupação para muita gente pelos dias a fora. Para isto, uns empregam o tempo no campo ou nos currais. Outros no abate dos animais e no cuidado de extrair o couro sem danificá-lo, perfeito. O surrador de pelames prepara-os para a secagem ao sol. Das redondezas vem o sal para suprir os numerosos curtumes à beira do Vaza-Barris.[155]

Num dos morros do povoado vão buscar a casca da favela.[156] Por extensão de sentido aplica-se ao morro o nome dessa árvore ali abundante e cuja casca tem bom emprego na indústria do curtume. E após a guerra de Canudos, no Rio de Janeiro, passaram a denominar favela a toda e qualquer casaria paupérrima situada no dorso dos morros.

É também nativa ali a faveleira, de folhas urticantes, mas que, depois de secas, o gado aceita-as como alimento.[157]

---

152. Nos dois maiores mercados de peles de cabra do mundo, o americano e o alemão, os tipos preferidos de peles caprinas são justamente denominados *Uauá e Caraçá*, provenientes daquelas cidades baianas, na região de Canudos.

153. A. da Silva Melo. *Nordeste Brasileiro*. Prefácio de E. Roquete Pinto, 2ª ed., Rio de Janeiro, Livraria José Olympio, 1964, p. 361. Devo esta citação ao meu ilustre confrade do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Álvaro do Amaral.

154. J. Capistrano de Abreu. *Capítulos de história colonial* (1500-1800). Rio, Civilização Brasileira

Às tarefas do surrador e do curtidor segue-se a arrumação em fardos, uma vez as peles salgadas e secas. Buscam agora o caminho da exportação, transportados no lombo de jegues.

Ao que parece não é nunca regateado o estipêndio do trabalho. É compensador e vem coroar o esforço do povo laborioso, que tudo deve ao governo do Conselheiro, junto à paz e segurança desfrutadas.

A importância de Juazeiro da Bahia

O destino imediato só pode ser Juazeiro, o empório do sertão do São Francisco, como o denomina Teodoro Sampaio.[158] É a capital do comércio de toda a zona e onde está a estação de embarque por estrada de ferro para o porto do Salvador.

Teodoro Sampaio insiste: "Cresceu e se constituiu o foco mais poderoso da civilização e da riqueza desta parte do Brasil."[159]

"As suas construções, em que se procura observar certo gosto arquitetônico, a sua nova e boa igreja matriz, o teatro, uma grande praça arborizada, ruas extensas, comércio animado, porto profundo e amplo, exibindo verdadeira frota fluvial, população alegre e ativa de mais ou menos três mil habitantes, davam-nos a impressão tão favorável de progresso, de riqueza e de atividade que nos alegrava.[160]

"Apesar da distância e dos meios de transporte e das dificuldades vencidas chegam aqui as mercadorias européias por preços bem razoáveis e ainda suportam com vantagem o frete adicional para lugares mais distantes".[161] O rio tem 750 metros de largura.

Em Juazeiro reside e exerce suas atividades comerciais o benemérito e benquisto cidadão coronel João Evangelista Pereira e Melo. É ele comissário de António Conselheiro. Para a primeira igreja de Belo Monte compra o taboado encomendado, paga-o e despacha a madeira pelo rio de São Francisco abaixo, até o Jacaré, sítio que dista de Juazeiro cerca de cem quilômetros. "Ali o Conselheiro aguardava a chegada de sua encomenda, que fez transportar para Canudos à cabeça dos devotos (*sic*), desde muito dispostos a semelhante sacrifício".[162]

O mesmo comissário comercial de António Conselheiro compra e paga a madeira para a igreja nova, a segunda igreja construída em Canudos pelo Conselheiro.

---

158. Dr. Teodoro Sampaio, *O rio de São Francisco*. Trechos de um diário de viagem e a *Chapada Diamantina*, 1879-80. Publicados pela primeira vez na *Revista Santa Cruz*, São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1905, p. 36.
159. Idem, op. cit., p. 37
160. Idem, op. cit., p. 36.
161. Idem, op. cit., p. 37.
162. Aristides A. Milton, *"A campanha de Canudos"*. Memória lida no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, *In Revista Trimensal do Instituto*, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902, p. 32.

Não pode haver dúvida de que o mesmo coronel João Evangelista Pereira e Melo é que se incumbe de negociar e despachar para Salvador as remessas de peles de cabra de seu comitente.

Convém, neste passo, recordar duas circunstâncias importantes, elucidativas do início da guerra de Canudos.

O dr. Arlindo Batista Leoni (1869-1936), juiz de direito, ao ser removido para Juazeiro, em 1896, conta vinte e sete anos e ali permanece somente até o ano seguinte. Foi o causador da guerra, como vimos neste livro.

O coronel João Evangelista Pereira e Melo é natural de Juazeiro, pessoa estimadíssima e respeitada pela posição elevada que soube conquistar na sociedade e no comércio da sua terra, diretor das principais associações recreativas, literárias, comerciais e de assistência social. Em sua casa foram fundadas algumas destas sociedades. Salienta-se na presidência do Clube Comercial. Antes da guerra de Canudos, já é dada a uma rua de Juazeiro o nome do coronel João Evangelista.[163]

Pois é ele que tudo faz para destruir o malévolo boato espalhado pelo juiz de direito, de suposto ataque dos canudenses à cidade. Além do mais, conhece bem a têmpera do seu comitente. Aristides Milton, que estuda o assunto detidamente, diz que o coronel é que está com a razão: "Apesar do que fica exposto" – escreve em sua memória – "o coronel João Evangelista Pereira e Melo e outros cidadãos qualificados do Juazeiro não acreditavam nos boatos, que por toda parte circulavam, de intenções hostis atribuídas ao Conselheiro e seu séquito". Tentando acalmar os ânimos, excitados por novas progressivamente alarmantes, o referido coronel assegurava que o asceta de Canudos não penetraria na cidade, pois, "ainda quando acompanhasse a sua gente, seria com certeza para aguardar a remessa do taboado *em Jacaré*, como já de outra feita havia praticado".[164]

O comissário tem conhecimento comprovado da paz reinante em Canudos, da vida de trabalho produtivo que leva aquela gente e da integridade moral do Conselheiro, seu comitente na compra da madeira.

Os fardos de peles são embarcados para a capital e é preciso que se descubra quem seria o exportador para o estrangeiro.

Francisco Marques de Goes Calmon, na preciosa monografia publicada no *Diário Oficial da Bahia,* em comemoração à data baiana da independência, 2 de julho de 1923, estuda a vida econômica do estado, a partir da abertura dos portos do Brasil até o fim do século.[165]

---

163. Edson Ribeiro, *Juazeiro na esteira do tempo.* Suas origens, sua política administrativa e social. Salvador. Editora Mensageiro da Fé, 1968, pp. 245, 248, 250.

164. Aristides Milton, op. cit., p. 33.

165. Francisco Marques de Goes Calmon, *Vida econômico-financeira da Bahia.* Elementos para a história de 1808 a 1899. Bahia, Imprensa Oficial do Estado, 1925. A indicação deste trabalho devo-a ao ilustre dr. R. Berbert de Castro, diretor do Arquivo Público da Bahia.

O ilustre e operoso então futuro governador da Bahia deixa-nos neste retrospecto da vida econômica e comercial do seu estado grande número de informações valiosas. Nele recolhemos alguns dados que poderão guiar o pesquisador na descoberta das provas da exportação da pele de cabra, indústria talvez única dos canudenses.

"Em 1897" - escreve - "atravessamos o mais triste momento da guerra de Canudos. O comércio importador soube auferir imensos lucros, com as necessidades urgentes que se fizeram sentir com o fim da provisão do exército nacional e da forças policiais de outros estados que aqui estiveram para a ingrata campanha".[166]

O couro de cabra não deixou nunca de dar boa receita ao estado da Bahia. No princípio da república é grande a renda da exportação em geral. As mercadorias de exportação são guardadas no Trapiche Novo, que é alfandegado.

Existem, em 1892, na praça da Bahia, onze casas exportadoras, das quais uma nacional, quatro alemãs, três inglesas e três americanas, estas "negociando somente em peles, principalmente de cabras". Funcionam também trinta casas de comissões que comerciam por conta própria e de terceiros.[167]

É bem organizada a venda por conta dos comitentes e a função de intermediário dá compensadores resultados.

Goes Calmon arrola mais de uma centena de comissários em Salvador.

Torna-se difícil encontrar o nome do exportador ou o do comissário de António Vicente Mendes Maciel ou o do representante do coronel João Evangelista Pereira e Melo. Deve figurar, porém, nalgum documento do Arquivo Público da Bahia, onde foram depositados os antigos papéis da alfândega naquele estado.

Mais uma informação: "Há quatro depósitos de couro, sem incluir as três casas que exportam peles de cabra e outras peles".[168]

Parece-me que a tarefa do historiador é difícil, mas não impossível. Confio em que este ponto também há de ser esclarecido. Não é em vão que o preclaro César Zama, de tamanha atuação na vida pública nacional, afirma peremptoriamente, referindo-se a António Conselheiro e sua gente: "brasileiros que se entregavam à indústria agrícola e pastoril. Canudos era a povoação mais numerosa talvez da Bahia, depois da Capital".[169]

E acrescenta: "Aquela povoação proporcionava ao estado *pingue fonte de receita* do imposto de exportação sobre peles".[170]

Na discriminação de rendas da Constituição Federal de 1891, cabe aos estados o imposto de exportação.

---

166. Op. cit., p. 120.
167. Op. cit., p. 115.
168. Op. cit., p. 116
169. Wolsey, *Libelo republicano acompanhado de comentários sobre a campanha de Canudos*. Bahia, Tip. do Diário da Bahia. 1899, pp. 22 a 24.
170. Op. cit., p. 54.

A figura verdadeira de Antônio Conselheiro

É bem diversa a figura realmente histórica de Antônio Conselheiro da outra que se criou à revelia dos documentos e demais fontes indispensáveis ao juízo crítico.

Até a própria iconografia se encarrega de deturpar-lhe a imagem. A única verdadeira representação gráfica do grande brasileiro é a fotografia tirada após a sua exumação. E esta mesmo pouco nos revela a seu respeito. Entretanto, em vida e depois de morto, artistas tão imaginosos quanto os escritores idealizam o seu retrato que só desfeia o peregrino para assim apresentá-lo à aversão de quantos querem conhecê-lo.

Ao cabo desse estudo não se deve mais permanecer no desprezo das fontes históricas. Não só é erro, mas ainda injustiça à sua memória. Demais, importa restaurar uma página da história do Brasil, corrigindo-lhe os erros, e satisfazer àquele apelo do ínclito Machado de Assis, durante a guerra, quando sugere que algum repórter vá a Canudos e traga de lá fotografias, se possível, desenhos, informação segura. Hoje o historiador é que é o repórter.

Antônio Conselheiro foi grande homem, grande chefe, grande benfeitor. Soube agir com discernimento e descortino.

Pelo perfeito conhecimento do sertão baiano escolhe a fazenda abandonada de Canudos. Nela reúne as famílias que o acompanham nas numerosas construções e que não ficaram no Bom Jesus. Novas levas vêm agregar-se-lhe ao saberem do gênero de vida que levam os canudenses, a organização do trabalho, a ordem reinante, a paz tão almejada pela Bahia convulsa.

Pelo perfeito conhecimento dos políticos, isola Belo Monte da politicalha e do abuso de soldados, de chefetes e de magistrados maquiavélicos.

Pelo perfeito conhecimento da religião, afasta o seu povo de crendices, beatices e do ateísmo.

Leia-se o juízo que recolhe no próprio palco dos derradeiros acontecimentos o ex-correspondente do *Jornal do Comércio*.[171] Escreve Manoel Benício, em 1899, no último capítulo do seu livro: "O Conselheiro era simples... modesto, sem aspirações no mundo, humilde e bom, ele sabia consolar os desesperados e aconselhar para o bem.[172]

---

171. "O capitão honorário Manoel Benício, que acompanhara a força na marcha e assalto, nivelando-se aos soldados em pleno fogo, no exercício de suas funções de representante do *Jornal do Comércio*. Esse cidadão também prestou bons serviços, exercendo por vezes o mister de combatente". (*A Guerra de Canudos*, por Henrique Duque-Estrada de Macedo Soares, tenente de infantaria, 2ª ed., prefaciada pelo general Jonas Correia, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Editora, pp. 219 e 220).

172. Op. cit, p. 399.

"O seu nome será inolvidável na crônica nacional".[173]

No entanto, para o destruírem e à sua obra, as forças legalistas levam doze mil homens, cuja metade perece.[174]

Encontro o trecho seguinte, em carta do mestre Capistrano de Abreu ao ilustre historiador cearense Guilherme Studart: "Não achei nada de interessante no trabalho de Nina Rodrigues sobre Palmares; em geral não posso tolerá-lo depois que profanou o crânio do Conselheiro, felizmente desagravado pelo incêndio, e afirmou que o nosso patrício queria passar por novo Messias".[175]

A revisão histórica de Antônio Conselheiro afasta definitivamente a seu respeito o emprego dos vocábulos *atavismo, bronco, monarquista, fanático, messiânico, carismático, milagreiro, vesano e vesânico* (aliás, feias dicções latinas) e outros termos que desvirtuam ou eliminam todas as benemerências da grande figura histórica para somente apresentá-lo como beato, aquele que esconde com santimônias a própria ruindade.

A história veraz de Antônio Conselheiro e de Canudos distancia-se da anterior. É nova fase dos conhecimentos a seu respeito. "Quantos têm estudado o homem e o episódio, são agora forçados a rever a idéia feita sobre o episódio e o homem. Antônio Conselheiro ressurge afinal da condição miseranda para plano respeitável"[176] a que o levantaram as últimas pesquisas.

Eis a conclusão de Pedro Calmon.

Outro grande historiador, Leopoldo Ranke, sem dúvida o maior entre os alemães do século XIX, termina deste modo os seus longos estudos de revisão histórica: "Causa dó ver perdido tanto e tão nobre trabalho".

---

173. Idem, ibidem.
174. Tomaram parte na guerra o marechal Carlos Machado Bittencourt, generais Artur Oscar de Andrade Guimarães, Claudio do Amaral Savaget, João da Silva Barbosa, Miguel Maria Girad e Carlos Eugênio de Andrade Guimarães; dezenas de coronéis e centenas de outros oficiais do exército e das forças públicas estaduais. "As forças no dia do assalto de 1º de outubro compunham-se de 5.871 combatentes". (Horcades, op. cit., p. 56). Na madrugada do dia seguinte, "o frio era demasiadamente forte" (idem, pp. 65 e 76). Para se avaliar da intensidade dos combates, basta salientar que, num único dia (6 de setembro), em seis horas de fogo gastaram-se setecentos tiros de artilharia. Nesse dia conseguiram derrubar as torres da igreja nova, "contra as quais particularmente se dirigiu o bombardeio" *(Guerras insurrecionais,* cit. p. 30; Macedo Soares, op. cit., p. 289).
175. J. Capistrano de Abreu, "Carta de 26 de abril de 1906", in *Correspondência de Capistrano de Abreu.* Edição organizada e prefaciada por José Honório Rodrigues, 2º ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, v. I, p. 174.
176. Pedro Calmon, Carta, no início desta edição

Principais obras de Ataliba Nogueira

Trabalhos jurídicos

A reforma da Constituição Federal, 1926
Combate às publicações imorais, 1929
As loterias estaduais e o fisco, 1930
Medidas de segurança, 1937
Pena sem prisão, 1938
O Estado é meio e não fim, 1940
As medidas de segurança em espécie, 1941
Estabelecimento e regimes para execução das medidas de segurança, 1943
O município e os munícipes na Constituição, 1947
O pan-americanismo e o superestado, 1947
Rui Barbosa e as fontes do Direito Constitucional Brasileiro, 1949
O crime do Tenis Clube, 1948
Majoração dos subsídios de prefeito, 1953
As Nações Unidas e a definição de agressão, 1957
Adaptação do sistema parlamentar aos estados federados, 1962
A nação, sua teoria, 1967
Teoria do Município, 1968
Lições de Teoria Geral do Estado, 1969
Falecimento do Estado, 1971
Rui Barbosa e a ciência jurídica, 1973

Trabalhos parlamentares

Faculdade de Ciências Políticas, 1946
A Federação e o Município, 1946
O divórcio, 1946
O ensino religioso, 1946
A Constituição e os partidos não democráticos, 1947
Sobre o projeto de reconhecimento dos filhos naturais, 1947
Efeitos civis do casamento religioso, 1950

Trabalhos literários e históricos

Santo Antonio na tradição brasileira, 1933
Um inventor brasileiro, 1934
Elogio histórico a D. João Neri, 1945
Três poetas (discurso de posse na Academia Paulista de Letras), 1961
Rui Barbosa e o cinqüentenário da Oração aos moços, 1971
Antônio Conselheiro e Canudos, 1974



EDIÇÃO COMEMORATIVA
CENTENÁRIO DE
CANUDOS
1897 - 1997

ANTÓNIO CONSELHEIRO E CANUDOS

Não apenas na época de Canudos, mas ao longo das décadas seguintes, António Conselheiro era tido como um fanático ignorante e revoltoso, uma verdadeira ameaça à estabilidade do governo. A pesquisa apresentada neste livro, no entanto, mostra um António Conselheiro piedoso, líder natural de um povo abandonado pelas autoridades e que se organiza de maneira convincente para garantir sua própria subsistência. Mostra o Conselheiro religioso e conhecedor dos ensinamentos religiosos, uma pessoa de inegável nível cultural, como se nota pela qualidade de sua caligrafia. Um Conselheiro muito diferente daquele pintado por pessoas que não o conheceram bem, mas a quem um líder religioso numa vila fora de circulação poderia representar uma ameaça.

NOTA SOBRE O AUTOR

ATALIBA NOGUEIRA nasceu em Campinas, Estado de São Paulo, em 1901, sendo filho da primeira família a se instalar na região. Foi professor catedrático de Direito Constitucional e, mais tarde, quando da reformulação do curso de Direito, de Teoria Geral do Estado da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo, onde lecionou durante 34 anos, aposentando-se em 1971. Desde 1915, colaborou na imprensa, ocupando cargos de jornalista, redator, colaborador e diretor de vários jornais de São Paulo e Rio de Janeiro. Foi fundador da *Revista de Direito Público* e diretor da *Revista da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo*. Suas obras receberam diversos prêmios, entre os quais se destacam o Prêmio Jabuti e o da Academia Brasileira de Letras pela publicação deste *António Conselheiro e Canudos*. Seu livro de pesquisa histórica *Um inventor brasileiro*, que relata os esforços do paraibano Francisco João de Azevedo, inventor da máquina de escrever, recebeu o Prêmio Governador do Estado.

publicação atlas

ISBN 85-224-1665-6
9 788522 416653